MICK FINLAY

ARROWOOD

Sherlock Holmes pode solucionar um problema... mas Arrowood pode salvar sua vida.

HarperCollins

MICK FINLAY

ARROWOOD

Tradução de
Guilherme Kroll



Rio de Janeiro, 2018

Título original: ***Arrowood***

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005
Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3175-1030

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F535a

Finlay, Mick
Arrowood/Mick Finlay; tradução Guilherme Kroll. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

Tradução de: Arrowood
ISBN 9788595082991

1. Ficção escocesa. I. Kroll, Guilherme. II. Título.

17-46320 CDD: 828.99113
CDU: 821.111(411)-3

Sumário

Para Anita, John e Maya

Capítulo Um

Sul de Londres, 1895

Assim que cheguei naquela manhã, pude ver que o chefe estava de mau humor. O rosto estava lívido, os olhos inchados e os cabelos, pelo menos o que restava naquele nódulo cicatrizado de cabeça, presos em cima de uma orelha e alisados com sebo até o outro lado. Ele era uma visão feia, sim. Eu me demorei na porta, caso me jogasse a chaleira outra vez. Mesmo dali, eu podia sentir o cheiro de uma noite de gim naquele mau hálito.

— Maldito Sherlock Holmes! — berrou ele, batendo com o punho na mesinha de canto. — Para todo o lado que olho, estão falando desse charlatão!

— Eu entendo, senhor — respondi, tão manso quanto pude.

Meus olhos seguiram suas mãos enquanto elas se moviam de um lado para o outro, sabendo que uma xícara, uma caneta, um pedaço de carvão poderiam rapidamente, num átimo, serem apoderados e lançados através da sala em minha cabeça.

— Se nós tivéssemos esses casos, estaríamos vivendo na Belgravia, Barnett — declarou com o rosto tão vermelho que achei que pudesse estourar. — Teríamos uma suíte permanente no Hotel Savoy!

Ele caiu na cadeira como se de repente se afastasse. Na mesa ao lado de seu braço, espiei o que tinha causado o temperamento ruim: a revista *The Strand*, aberta na última das aventuras do dr. Watson. Temendo que me notasse olhando, voltei minha atenção para o fogo.

— Vou preparar o chá — avisei. — Temos algum compromisso para hoje?

Ele assentiu, gesticulando no ar de uma maneira derrotada. Ele havia fechado os olhos.

— Uma dama vem ao meio-dia.

— Muito bom, senhor.

Ele esfregou as têmporas.

— Traga-me algum láudano, Barnett. E se apresse.

Peguei um frasco de perfume da prateleira e pulverizei a cabeça dele.

Ele gemeu e acenou para que me afastasse, estremecendo como se eu estivesse lancetando um furúnculo.

— Estou doente — reclamou ele. — Diga a ela que estou indisposto. Diga para voltar amanhã.

— William — falei, limpando as placas e os jornais espalhados sobre a mesa dele. — Não temos um caso há cinco semanas. Tenho aluguel para pagar. Vou ter que ir trabalhar nas carruagens de Sidney se não levar dinheiro para casa em breve, e sabe como não gosto de cavalos.

— Você é um fraco, Barnett — gemeu, afundando mais na cadeira.

— Vou limpar a sala, senhor. E nós vamos vê-la ao meio-dia.

Ele não respondeu.

• • •

Às doze em ponto, Albert bateu à porta.

— Uma dama para vê-lo — anunciou na sua habitual forma triste.

Eu o segui pelo corredor escuro até a loja de pudim que ficava na frente das salas do chefe. Em pé, diante do balcão, havia uma jovem mulher com touca e saia ondulada. Ela tinha a aparência de mulher rica, mas as mangas estavam desgastadas e sujas, e a beleza do rosto amendoado era corrompida por um dente frontal lascado. Ela sorriu um sorriso rápido, infeliz, então me seguiu até os aposentos do chefe.

Eu pude vê-lo enfraquecer no instante em que ela entrou pela porta. Ele começou a piscar, levantou-se e baixou a cabeça quando pegou a mão sem força dela.

— Madame.

Ele indicou o melhor assento — limpo e ao lado da janela, então havia um pouco de luz sobre o físico bonito dela. Os olhos da mulher rapidamente foram até as pilhas de jornais velhos que alinhavam as paredes e chegavam em alguns lugares até a altura de um homem.

— O que posso fazer por você?

— É o meu irmão, sr. Arrowood — começou. Estava claro pelo sotaque que ela era do continente. — Ele desapareceu. Disseram-me que o senhor poderia encontrá-lo.

— Você é francesa, *mademoiselle*? — perguntou ele, de pé, de costas para o fogo de carvão.

— Sou.

Ele olhou para mim, as têmporas carnudas vermelhas e pulsantes. Não era um bom começo. Dois anos antes, nós tínhamos sido jogados na cadeia em Dieppe quando o magistrado local decidiu que estávamos fazendo muitas perguntas a respeito do cunhado. Sete dias de pão e caldo frio tinham acabado com toda a admiração que ele tinha pelo país, e, para piorar, o nosso cliente tinha se recusado a nos pagar. O chefe tinha preconceito contra os franceses desde então.

— Sr. Arrowood e eu temos grande admiração pelos seus, senhorita — falei antes que ele tivesse uma chance de botá-la para fora.

Ele franziu o cenho para mim, depois perguntou:

— Onde ouviu falar de mim?

— Um amigo me deu seu nome. Você é um agente investigador, não é?

— O melhor em Londres —respondi, esperando que um pequeno elogio o acalmasse.

— Oh — replicou ela. — Pensei que Sherlock Holmes…

Pude ver que o chefe ficou tenso de novo.

— Dizem que ele é um gênio — continuou ela. — O melhor em todo o mundo.

— Talvez você devesse consultá-lo então, *mademoiselle*! — o chefe se zangou.

— Não posso pagá-lo.

— Então sou o segundo melhor?

— Não quero ofendê-lo, senhor — respondeu ela, notando a irritação na voz dele.

— Deixe-me contar uma coisa, senhorita…

— Cousture. Srta. Caroline Cousture.

— As aparências enganam, srta. Cousture. Holmes é famoso por causa de seu assistente que escreve histórias e as vende. Ele é um detetive com um cronista. Mas e quanto aos casos de que nunca ouvimos falar? Aqueles que não são transformados em histórias para o público? E quanto aos casos em que as pessoas são mortas por seus erros estúpidos?

— Mortas, senhor? — perguntou a mulher.

— Você está familiarizada com o caso Openshaw, srta. Cousture?

A mulher balançou a cabeça em uma negativa.

— O Caso das Cinco Sementes de Laranja?

Mais uma vez ela negou com a cabeça.

— Um jovem que foi mandado para a morte pelo Grande Detetive. Sobre a ponte de Waterloo. E esse não foi o único. Você deve conhecer o Caso dos Dançarinos? Estava nos jornais.

— Não, senhor.

— Sr. Hilton Cubitt?

— Eu não leio os jornais.

— Tomou um tiro. Tomou um tiro e morreu, e a esposa quase foi morta também. Não, não, Holmes está longe de ser perfeito. Você sabia que ele tem meios secretos, senhorita? Bem, ouvi dizer que ele recusa tantos casos quanto aceita, e por que você acha? Por quê, eu me questiono, um detetive recusa tantos casos? E, por favor, não pense que eu o invejo. Não faço isso. Tenho pena dele. Por quê? Porque é um agente dedutivo. Ele toma pequenas pistas e faz grandes coisas delas. Frequentemente erradas, em minha opinião. Aí está. — Ele lançou as mãos ao ar. — Falei. Claro que ele é famoso, mas temo que não entenda as pessoas. Com Holmes, sempre há pistas: marcas no chão, a bituca fortuita da cinza em cima da mesa, um tipo singular de argila no barco. Mas e quanto aos casos sem pistas? São mais comuns do que você pensa, srta. Cousture. Então é a respeito das pessoas. A respeito de ler as pessoas. — Gesticulou para prateleira que segurava a pequena coleção de livros sobre a psicologia da mente. — Sou um agente emocional, não dedutivo. E por quê? Eu vejo as pessoas. Vejo dentro de suas almas. Sinto a verdade com o meu nariz.

À medida que ele falava, com o olhar fixo nela, notei que ela enrubesceu. Os olhos dela caíram em direção ao chão.

— E às vezes esse cheiro é tão forte que se entoca dentro de mim como um verme — continuou ele. — Eu conheço as pessoas. Eu as conheço tanto que isso me atormenta. É assim que resolvo meus casos. Posso não ter minha fotografia no *Daily News*. Posso não ter uma empregada e quartos na Baker Street nem um irmão no governo, mas, se eu optar por aceitar seu caso, e não garanto até ouvir o que você tem a dizer, se optar por aceitá-lo, então você não vai encontrar nenhum erro em mim nem no meu assistente.

Eu o observava com grande admiração: quando pegava o ritmo, o chefe era irreprimível. E o que ele disse era verdade: as emoções eram sua força e sua fraqueza. Era por isso que precisava de mim mais do que às vezes podia compreender.

— Sinto muito — desculpou-se a srta. Cousture. — Eu não queria insultá-lo. Não sei nada sobre esse negócio de detetives. Só sei de como falam do sr. Holmes. Perdoe-me, senhor.

Ele assentiu e pigarreou; finalmente, recostou-se na cadeira perto do fogo.

— Conte-nos tudo. Não deixe nada de fora. Quem é seu irmão e por que você precisa encontrá-lo?

Ela apertou as mãos sobre o colo e se compôs.

— Somos da cidade de Rouen, senhor. Eu vim aqui apenas dois anos antes para trabalhar. Sou fotógrafa. Na França, não aceitam uma mulher como fotógrafa, por isso meu tio me ajudou a arrumar um emprego aqui, na Great Dover Street. Ele é um negociador de arte. Meu irmão, Thierry, trabalhava para uma confeitaria em casa, mas houve um pequeno problema.

— Problema? — demandou o chefe. — Que problema?

Ela hesitou.

— A menos que me conte tudo, não posso ajudar.

— Eles o acusaram de roubar da loja — respondeu ela.

— E ele roubou?

— Acho que sim.

Ela olhou humildemente para ele, então os olhos miraram os meus. Tenho vergonha de confessar que, embora estivesse casado havia mais de quinze anos com a mulher mais razoável em toda Walworth, aquele olhar despertou um impulso em mim que não tinha sido agitado havia algum tempo. A senhorita com rosto amendoado e um dente lascado possuía uma beleza natural.

— Continue — disse ele.

— Ele precisou partir bem rápido de Rouen, então me seguiu até Londres. Encontrou um emprego em um restaurante de carne. Quatro noites atrás, voltou do trabalho com muito medo. Ele me implorou um pouco de dinheiro para voltar para a França. Não me disse o porquê. Nunca o vi tão assustado. — Ela pausou aqui para recuperar o fôlego e secar os olhos com o canto de um lenço amarelo. — Eu neguei. Não podia deixá-lo voltar para Rouen. Se retornasse, estaria em apuros. Eu não quero isso.

Ela hesitou mais uma vez, uma lágrima apareceu em seu olho.

— Mas talvez eu o quisesse mais aqui em Londres comigo. Esta é uma cidade solitária para um estrangeiro, senhor. E perigosa para uma mulher.

— Respire fundo, *mademoiselle* — meu empregador falou de forma nobre.

Ele se sentou para a frente na cadeira, com a barriga apoiada nos joelhos.

— Meu irmão partiu com muita raiva. Eu não o vi desde então. Não está no trabalho. — As lágrimas começaram a fluir de verdade nesse momento. — Onde ele está dormindo?

— Agora, minha querida — disse o chefe. — Não precisa de nós. Seu irmão sem dúvida está se escondendo. Ele vai procurar por você quando se sentir seguro.

Ela segurou o lenço sobre os olhos até que tivesse controle de si mesma. Assoou o nariz.

— Eu posso pagar, se é o que o preocupa — ela disse por fim, puxando uma bolsinha do casaco e retirando um punhado de guinéus. — Veja.

— Guarde isso, senhorita. Se ele está tão assustado, provavelmente voltou para a França.

Ela balançou a cabeça em uma negativa.

— Não, senhor, ele não está na França. No dia seguinte que me recusei a ajudá-lo, voltei do trabalho e vi que meu relógio se fora, e meus sapatos reservas e um vestido novo, que comprei neste último inverno. A senhoria me disse que ele esteve lá naquela tarde.

— Aí está! Ele os vendeu para pagar a passagem.

— Não, senhor. Os documentos dele, as roupas, ainda estão no meu quarto. Como pode entrar na França sem os documentos? Algo aconteceu. — Enquanto ela falava, jogou as moedas de volta na bolsa e retirou algumas notas. — Por favor, sr. Arrowood. Ele é tudo que tenho. Não tenho ninguém a quem recorrer.

O chefe observou conforme ela desdobrou duas notas de cinco libras: fazia algum tempo desde que tínhamos visto notas naquele aposento.

— Por que não vai à polícia? — perguntou ele.

— Eles dirão o que você disse. Eu imploro, sr. Arrowood.

— Srta. Cousture, eu poderia tomar o seu dinheiro, e sem dúvida há muitos agentes particulares em Londres que fariam isso com alegria. Mas é um dos meus princípios nunca tomar dinheiro se não acho que haja um caso, especialmente de uma pessoa com meios limitados. Não quero insultá-la, porém tenho certeza de que o dinheiro que tem aí é poupado ou emprestado. Seu irmão provavelmente está escondido com uma mulher em algum lugar. Espere mais alguns dias. Se ele não voltar, então retorne e nos procure.

O rosto pálido dela corou. Ela se levantou e foi até a lareira, segurando as notas perto dos carvões incandescentes.

— Se não aceitarem meu caso vou colocar este dinheiro no fogo — ela disse bruscamente.

— Por favor, seja razoável, senhorita — pediu o chefe.

— O dinheiro não é nada para mim. E eu acho que você prefere no seu bolso do que no seu fogo, não?

O chefe grunhiu, os olhos fixos nas notas. Ele se inclinou para a frente na cadeira.

— Eu farei isso! — ela afirmou em desespero, movendo as notas para perto das chamas.

— Pare! — ele gritou quando não pôde suportar mais.

— Você vai aceitar o meu caso?

Ele suspirou.

— Sim, sim. Eu suponho.

— E vai manter meu nome em segredo?

— Se é esse o seu desejo.

— Cobramos vinte xelins por dia, srta. Cousture — atalhei. — Cinco dias de pagamento de antecedência para um caso de desaparecimento.

O chefe se virou e começou a encher o cachimbo. Embora estivesse geralmente sem dinheiro, sempre se sentia desconfortável ao recebê-lo: era uma admissão de necessidade demasiado aberta para um de sua classe.

Uma vez que o negócio foi conduzido, ele se voltou para nós.

— Agora precisamos dos detalhes — falou, sugando o cachimbo. — A idade dele, a aparência. Você tem uma fotografia?

— Ele tem 23 anos. Não tão encorpado quanto o senhor — disse ela, olhando para mim. — Fica entre o sr. Arrowood e você. O cabelo é cor de trigo e ele tem uma longa queimadura na orelha, deste lado. Não tenho foto. Sinto muito. Mas não há muitos em Londres com o nosso sotaque.

— Onde ele trabalha?

— No Barril do Bife, senhor.

Meu coração se apertou. A quente nota de cinco libras que eu segurava parecia fria como repolho. A mão do chefe, segurando o cachimbo, caiu. Ele se voltou para o fogo. Balançou a cabeça e não falou nada.

A srta. Cousture franziu o cenho.

— O que foi, senhor?

Eu estiquei o dinheiro de volta para ela.

— Pegue, senhorita. Não podemos aceitar o caso.

— Mas por quê? Tínhamos concordado.

Olhei para o chefe, esperando que ele respondesse. Em vez disso, os lábios dele emitiram um rosnado baixo. Ele pegou o atiçador e começou a cutucar os carvões incandescentes. Enquanto eu segurava o dinheiro para ela, a srta. Cousture olhou para mim.

— Há algum problema?

— Temos uma história com o Barril do Bife — eu disse por fim. — O dono, Stanley Cream... você provavelmente já ouviu falar dele?

Ela assentiu.

— Fomos atrás dele alguns anos atrás — continuei. — O caso correu muito mal. Havia um homem que estava nos ajudando, John Spindle. Um bom homem. A gangue de Cream o espancou até a morte e nós não pudemos fazer nada a respeito. Cream jurou que nos mataria se nos visse de novo.

Ela permaneceu em silêncio.

— Ele é o homem mais perigoso do sul de Londres, senhorita.

— Então vocês estão com medo — ela disse com amargura.

De repente, o chefe se virou. O rosto brilhando de olhar tão intensamente para o fogo.

— Vamos pegar o caso, senhorita — declarou. — Eu não volto atrás na minha palavra.

Mordi a língua. Se o irmão da srta. Cousture estava ligado ao Bife, havia uma boa chance de realmente estar em apuros. E uma boa chance de já estar morto. Naquele momento, trabalhar nas carruagens parecia o melhor serviço de Londres.

Quando Caroline Cousture partiu, o chefe caiu pesadamente na cadeira. Ele acendeu o cachimbo e encarou o fogo enquanto pensava.

— Essa mulher — ele falou por fim — é uma mentirosa.

Capítulo Dois

Estávamos terminando a torta e as batatas que eu tinha buscado para o jantar quando a porta abriu de supetão. Na soleira, carregando uma bolsa de viagem em uma mão e uma caixa de tuba na outra, estava uma mulher de meia-idade. Ela usava roupas pretas e cinza; o porte indicava uma alma viajada. O chefe ficou imediatamente mudo. Pulei de pé e me inclinei, limpando depressa a gordura dos dedos na parte de trás da calça.

Ela assentiu de forma breve para mim, depois se voltou para ele. Por um longo tempo, olharam um para o outro: ele com uma aparência de surpresa vergonha, ela com uma superioridade justa. Enfim, ele conseguiu engolir a batata que segurava dentro da boca.

— Ettie — falou. — O quê…? Você está…

— Posso ver que cheguei bem a tempo — respondeu ela, os olhos nobres viajando lentamente sobre os frascos de pílula e garrafinhas de cerveja inglesa, as cinzas derramando do fogo, os jornais e livros empilhados em todas as superfícies. — Isabel ainda não voltou, então?

Os lábios grandes dele se franziram e ele sacudiu a cabeça.

Ela se virou para mim.

— E você é?

— Barnett, madame. Funcionário do sr. Arrowood.

— Prazer em conhecê-lo, Barnett.

Ela devolveu meu sorriso com uma carranca.

O chefe saiu com calma da cadeira e escovou os flocos de massa de seu colete de lã.

— Eu pensei que estava no Afeganistão, Ettie.

— Parece que há muito bom trabalho a ser feito entre os pobres desta cidade. Eu me juntei a uma missão em Bermondsey.

— O quê, aqui!? — exclamou o chefe.

— Vou ficar com você. Agora, por favor, diga onde vou dormir.

— Dormir? — O chefe olhou de relance para mim com medo no rosto. — Dormir? Você certamente tem algum tipo de alojamento para enfermeiras disponível, certo?

— Por enquanto sou funcionária do Senhor, irmão. Não é nenhuma coisa ruim, pela aparência deste lugar. As montanhas de papéis são um perigo, para começar. — Os olhos dela foram para a pequena escadaria no fundo da sala. — Ah. Vou ver o espaço agora. Não há necessidade de me acompanhar.

Ela colocou a tuba no chão e marchou em direção à escada.

Eu fiz chá para o chefe enquanto ele se sentou olhando pela janela escura como se estivesse prestes a perder a vida. Quebrei um pedaço de caramelo que tirei do bolso e lhe ofereci; ele o colocou avidamente na boca.

— Mais cedo, por que você disse que srta. Cousture é uma mentirosa? — perguntei.

— Você deve observar mais de perto, Barnett — ele disse enquanto os dentes trabalhavam no caramelo. — Houve um momento em meu discurso quando ela corou e se recusou a me olhar nos olhos. Apenas um. Foi o momento que eu disse a ela que podia ver na alma de uma pessoa. Que cheirava a verdade. Você não notou?

— Você fez isso deliberadamente?

Ele negou com a cabeça.

— Penso que é um bom truque. Posso usá-lo de novo.

— Não estou certo disso. Mentir é um modo de vida de onde venho.

— É em toda parte, Barnett.

— Quero dizer, não vão corar se você acusá-los.

— Mas eu não a acusei. Este é o truque. Estava falando de mim mesmo.

Ele estava trabalhando duro naquele caramelo, e um pouco de sumo escapou pelo canto da boca. Ele limpou tudo.

— Sobre o que ela estava mentindo, então?

Ele ergueu o dedo, fazendo uma careta enquanto tentava soltar o caramelo do molar.

— Isso eu não sei — respondeu assim que conseguiu. — Agora, devo permanecer esta tarde e descobrir o que diabos a minha irmã pretende fazer aqui. Sinto muito, Barnett. Você terá de visitar o Barril do Bife sozinho.

Não fiquei muito satisfeito.

— Talvez devêssemos esperar até que você possa ir — sugeri.

— Não entre lá. Espere do outro lado da rua até que um trabalhador saia. Um ajudante de cozinha ou uma garçonete. Alguém que fale por uma moeda. Veja o que pode descobrir, mas não faça nada que o coloque em risco. Acima de tudo, não deixe os homens de Cream notarem sua presença.

Eu assenti.

— Estou falando bem sério, Barnett. Duvido que você teria uma segunda chance desta vez.

— Não pretendo chegar perto daqueles homens — afirmei, infeliz. — Tanto quanto não gostaria de sequer ir até lá.

— Apenas tome cuidado — reforçou ele. — Volte aqui quando tiver algo.

Quando me preparei para ir, ele olhou para o teto, de onde barulho de móveis sendo arrastados podia ser ouvido.

• • •

O Barril do Bife era um edifício de quatro andares na esquina da Waterloo Road. À noite, era frequentado principalmente por homens jovens que chegavam em carruagens de dois lugares vindas do outro lado do rio, procurando alguma vida depois que os teatros e as reuniões políticas tinham fechado para a noite. Descendo as escadas, na frente, havia um pub, um dos maiores de Southwark, com dois andares de salas de jantar acima. As salas eram geralmente reservadas para jantares de sociedades, e, em noites de verão, quando as janelas estavam abertas e a música tinha começado, poderia ser como andar por um mar revolto. No quarto andar, ficavam as mesas de jogos, e essas eram bem exclusivas. Esta era a face respeitável do Barril do Bife. Próxima à parte de trás, para baixo de uma pista fedorenta de mendigos e transeuntes, ficava a Borda do Bife, uma taberna tão escura e tão abafada com fumaça que bastava pôr um pé lá dentro para começar a chorar.

Era um julho frio até então, mais como uma primavera tardia, e eu amaldiçoei o vento gelado enquanto me dirigi ao outro lado da rua, desabando em uma porta como um vagabundo ao lado do carrinho quente de um vendedor de batata, o chapéu puxado para baixo sobre o meu rosto, o corpo coberto em um saco velho. Eu sabia muito bem o que os homens de Cream fariam se me descobrissem observando o lugar de novo. Lá, esperei até que os jovens voltassem para as carruagens e a rua ficasse quieta. Logo um grupo de garçonetes em roupas cinza monótonas saiu e marchou para o leste na direção de Marshalsea. Quatro garçons saíram em seguida, um par de chefs atrás. E então, por fim, o tipo exato de velho companheiro que eu estava procurando. Usava um casaco comprido e desgrenhado

e botas muito grandes, ele se apressou e tropeçou pela rua como se necessitasse urgentemente de um banheiro. Eu o segui pelas ruas escuras, sem me preocupar em ficar escondido: ele não teria razão para suspeitar que alguém estaria interessado nele. Uma chuva leve começou a cair. Logo ele chegou ao Águia Branca, um palácio de gim na Friar Street, o único lugar para beber ainda aberto naquela hora tardia.

Esperei até que ele tivesse uma bebida na mão. Então entrei e fiquei parado no balcão ao lado dele.

— E pra você? — perguntou o barman gordo.

— Uma porter.

Eu tinha uma sede bastante justa e bebi metade da cerveja em uma única golada. O velho bebericou o gim e suspirou. Os dedos dele estavam franzidos e rosados.

— Problemas? — perguntei.

— Não consigo mais beber isso — grunhiu, com um meneio de cabeça em direção ao meu copo. — Me faz urinar algo podre. Gostaria de poder, no entanto. Costumava amar uma cervejinha. Acredite em mim, eu amava.

Sentado em um banquinho alto atrás de uma divisória de vidro estava um homem que eu reconheci da rua do lado de fora do Bife. Ele usava um terno preto, gasto nos cotovelos e esfarrapado nas pernas, e não havia um fio de cabelo em sua cabeça. Seu negócio de venda de fósforos sofreu por causa do hábito dele de explodir em uma série de empurrões e tiques que fizeram as pessoas que passam por ele se sobressaltar para trás, assustadas. Agora estava murmurando sozinho, olhando para um meio copo de gim, uma mão agarrada ao pulso da outra como se prendendo seus movimentos.

— Dança de São Vito — o velho sussurrou para mim. — Um espírito pegou seus membros e não os largou mais… pelo menos é o que dizem.

Expressei simpatia com ele a respeito de beber a cerveja e começamos a falar sobre como era envelhecer, assunto sobre o qual ele tinha muito a dizer. Em dado momento, comprei outra bebida, que ele aceitou com avidez. Perguntei-lhe qual era a sua ocupação.

— Eu sou chefe da copa — replicou. — Suponho que você conheça o Barril do Bife?

— Claro que conheço. É um ótimo lugar, senhor. Um lugar muito bom.

Ele endireitou as costas batidas e inclinou a cabeça com orgulho.

— É sim, e como é. Eu também conheço o dono, sr. Cream. Você o conhece? Eu sei de tudo como são feitas as coisas lá. Ele me deu, no último Natal, uma garrafa de conhaque. Só veio até mim quando eu estava saindo e disse: “Ernest, isso é por

tudo o que você fez pra mim nesse ano", e deu pra mim. Especialmente pra mim. Uma garrafa de conhaque. Este é o sr. Cream, você o conhece?

— Sei apenas que é o dono do lugar.

— Era uma ótima garrafa de conhaque. A melhor que se pode comprar. Tinha gosto de ouro, seda ou algo do tipo. — Ele deu um gole do gim e fez uma careta, sacudindo a cabeça. Os olhos dele eram amarelos e chorosos, os poucos dentes restantes na boca eram tortos e castanhos. — Estou lá há mais ou menos dez anos. Ele nunca teve uma razão para se queixar do meu trabalho durante todo esse tempo. Oh, não. O sr. Cream me trata bem. Posso comer qualquer coisa que sobrar no final da noite, desde que não leve nada pra casa comigo. Tudo o que eles não vão precisar. Bife, rins, ostras, carne de carneiro. Eu mal gasto dinheiro com comida. Guardo meu dinheiro para os prazeres da vida, guardo sim.

Ele terminou o gim e começou a tossir. Eu lhe comprei outro. Atrás de nós, uma transeunte parecendo cansada discutia com dois homens em aventais marrons. Um deles tentou pegar o braço dela e ela o afastou com um empurrão. Ernest olhou para ela com ar de saudade senil, depois voltou-se para mim.

— Os outros não — continuou ele. — Só eu, por estar lá mais tempo. A costela do bife. Um pouco de bacalhau. Bucho, se precisar. Eu me alimento como um lorde, senhor. É um bom acordo. Eu tenho um quarto em uma sobreloja aqui. Você conhece o padeiro? Penarven, o padeiro? Tenho um quarto lá em cima.

— Eu conheço um camarada que trabalha lá, por coincidência — afirmei. — Um rapaz francês chamado Thierry. Irmão de uma amiga minha. Você provavelmente o conhece.

— Terry, é ele? Que faz doces? Ele não trabalha mais conosco. Não desde a semana passada, mais ou menos. Saiu ou foi mandado embora. Não me pergunte por quê.

Ele acendeu um cachimbo e voltou a tossir.

— Só estou tentando encontrá-lo — continuei quando ele terminou. — Você não teria ideia de onde eu possa encontrá-lo?

— Perguntou pra irmã dele?

— E ela quem está procurando por ele. — Baixei a voz. — A verdade é que poderia me fazer um pouco de bem se eu ajudá-la. Sabe o que quero dizer?

Ele riu. Eu lhe dei um tapinha nas costas; ele não gostou, e um olhar suspeito surgiu no rosto dele.

— Uma boa coincidência, não é? Você acabar falando comigo assim?

— Eu o segui.

Ele levou um minuto para processar o que eu tinha dito.

— Então foi assim, né? — grunhiu.

— Foi assim. Você sabe onde posso encontrá-lo?

Ele coçou a barba no pescoço e terminou o gim.

— As ostras são boas aqui — afirmou.

Chamei a atendente e pedi uma porção.

— Tudo o que posso dizer é que ele era muito simpático com uma atendente de nome Martha, pelo menos era o que parecia a qualquer pessoa com os olhos abertos — contou ele. — Às vezes, saíam juntos. Você pode perguntar a ela. Cabelo encaracolado vermelho, não tem como errar. Uma belezinha, se não se importar com ela ser católica.

— Ele está em algum apuro?

Ele drenou o copo e balançou de repente, agarrando o balcão para se estabilizar.

— Eu mantenho meu nariz fora de tudo o que acontece lá. Você pode se encontrar em apuros muito rápido com algumas das coisas que se passam naquele edifício.

As ostras chegaram. Ele olhou para elas com o cenho franzido.

— Qual é o problema? — perguntei.

— É só que elas descem melhor com um golinho, senhor — replicou com uma fungada.

Pedi outro gim para ele. Quando acabou com as ostras, perguntei-lhe novamente se Thierry estava em apuros.

— Tudo o que sei é que ele saiu um dia depois de o americano chegar. Um cara grande, esse americano. Eu só sei porque o ouvi gritar com o sr. Cream, e ninguém grita com o patrão. Ninguém. Depois disso, Terry nunca mais voltou.

— Por que ele estava gritando?

— Não pude ouvir — contou, jogando a última concha de ostra no chão. Ele se segurou no balcão e o olhou como se não tivesse certeza de que poderia soltar dali sem cair.

— Você sabe quem ele era?

— Nunca tinha visto antes.

— Você deve ter ouvido algo... — insisti.

— Eu não falo com ninguém e ninguém fala comigo. Só faço o meu trabalho e vou pra casa. Essa é a melhor maneira. Esse é o conselho que darei aos meus filhos se algum dia eu tiver algum.

Ele riu e chamou a atendente.

— Oi, Jeannie. Ouviu essa? Eu falei que é o conselho que darei aos meus filhos se algum dia eu tiver algum!

— Sim, muito engraçado Ernest — concordou ela. — Uma pena que seu pinto não sobe mais.

A cara dele caiu. O barman e um condutor de carruagem ao fim do balcão riram alto.

— Eu poderia dar-lhe alguns nomes pra jurar como o meu pinto tá aqui e trabalhando muito bem, obrigado — grunhiu de volta.

Mas a atendente não estava mais ouvindo; estava falando com o condutor. O velho olhou fixamente para eles por alguns momentos, depois terminou a bebida e bateu nos bolsos do casaco. A pele caía do queixo eriçado; os pulsos pareciam finos como vassouras sob as mangas do sobretudo grosso.

— Pra mim, chega.

— Você consegue descobrir onde ele está, Ernest? — perguntei quando saímos para a rua. — Eu pagaria bem.

— Encontre outro tolo, senhor — ele respondeu, suas palavras se enrolando no ar frio. — Eu não quero acabar no rio com o pulmão cheio de lama. Não mesmo.

Ele olhou amargamente pela janela onde a atendente estava rindo com o condutor, depois se virou e pôs o pé na estrada.

Capítulo Três

A sala do chefe foi transformada. O chão tinha sido varrido até ficar sem migalhas, as garrafas e os pratos desapareceram, os cobertores e as almofadas foram alinhados. Somente as torres de jornais contra as paredes permaneceram. Ele estava em sua cadeira com o cabelo escovado e uma camisa limpa. Na mão, o livro que o ocupou nos últimos meses: *A expressão das emoções no homem e nos animais* do infame sr. Darwin. Alguns anos antes, a srta. Barnett se enfureceu com esse sujeito por ele parecer sugerir, ou pelo menos ela disse, que ela e suas irmãs eram as filhas de um macaco grande em vez da generosa criação do bom Deus do céu. Ela nunca lera seus livros, é claro, mas havia pessoas em sua igreja muito contra a ideia de que o bom Deus não tinha feito uma mulher de uma costela e um homem de uma partícula de poeira. O chefe, que não tinha chegado a uma conclusão sobre o assunto até onde eu sabia, estava lendo o livro com muito cuidado e bem lentamente, e deixando todo mundo saber que ele estava lendo ao longo do processo. Parecia pensar que tinha segredos que o ajudariam a ver além das ilusões que eram a parte cotidiana de nosso trabalho. Eu não pude deixar de notar, também, que outra das histórias de Watson estava aberta na mesa ao lado.

— Estou esperando a manhã inteira por notícias, Barnett — declarou ele, parecendo tão desconfortável quanto um porco usando um chapéu. — Tomei o café da manhã há horas.

— Eu não cheguei em casa até ter passado das duas da manhã.

— Ela me levantou cedo já que queria limpar a cama de alguma forma — continuou ele, resignado. — Bem cedo. Mas o que você descobriu?

Expliquei o que eu tinha descoberto e imediatamente ele fez com que eu mandasse vir o rapaz do café para encontrar Neddy. Neddy era um garoto por quem o chefe tinha se afeiçoado alguns anos antes, quando sua família tinha se mudado para um quarto na rua. O pai dele tinha morrido havia muito tempo, a mãe era uma lavadeira bastante desastrosa. Os ganhos dela não eram suficientes

para a família, mal davam para pagar o aluguel, então Neddy vendia bolinhos na rua para apoiá-la e aos dois irmãos mais jovens em casa. Ele tinha nove, dez ou onze anos talvez.

O rapaz chegou logo depois, carregando a cesta de bolinhos debaixo dos braços. Ele precisava muito de um corte de cabelo, e tinha um rasgo no ombro do casaco branco.

— Você tem algum sobrando, garoto? — perguntou.

— Só dois, senhor — respondeu Neddy, levantando o paninho. — Os últimos dois.

Eu fiquei maravilhado com a magnífica e grossa sujeira escura que emoldurava aquelas pequenas pontas de dedos, e sob a touca marrom podia distinguir claramente o avanço de uma cabeleira. Oh, a vida despreocupada de uma criança!

O chefe grunhiu e pegou os bolinhos.

— Você já comeu, Barnett? — indagou enquanto mordia o primeiro.

Com a boca cheia de massa, deu a Neddy suas instruções. Ele teria de ficar do lado de fora do Bife naquela noite até que a garçonete Martha saísse, e então segui-la até em casa e trazer de volta o endereço. Ele fez o garoto prometer ser extracuidadoso e não falar com ninguém.

— Vou pegá-lo, senhor — disse o garoto com sinceridade.

O chefe jogou o último pedaço de bolinho na boca e sorriu.

— Claro que vai, rapaz. Mas olhe para o seu rosto sujo. — Ele se virou para mim e piscou. — Você não prefere um garoto com cara suja, Barnett?

— Eu não tenho a cara suja — protestou o garoto.

— Seu rosto está coberto de sujeira. Aqui, dê uma olhada no espelho.

Neddy franziu o cenho para o vidro pendurado na parede.

— Não está.

O chefe e eu caímos na risada; ele puxou o menino contra si e abraçou-o apertado.

— Saia agora, rapaz — ele disse ao soltá-lo.

— Você vai pagar pelos bolinhos? — perguntei.

— Claro que vou pagá-lo! — gritou o chefe, a testa tomando um rubor. Tirou uma moeda do colete e jogou-a no cesto de Neddy. — Eu não pago sempre?

O menino e eu olhamos um para o outro e sorrimos.

Quando Neddy tinha ido e o chefe tinha escovado as migalhas do colete para o chão, eu falei:

— Ela fez um bom trabalho nesta sala, senhor.

— Mm — murmurou ele, olhando morosamente ao redor. — Devo dizer, não tenho esperança de uma solução feliz para este caso. Temo o que pode ter acontecido ao rapaz francês se ele tiver encontrado problemas com Cream.

— Receio o que pode acontecer conosco se acharem que estamos fazendo perguntas demais.

— Temos que tomar cuidado, Barnett. Eles não podem descobrir.

— Podemos devolver o dinheiro dela? — perguntei.

— Eu dei a minha palavra. Agora, preciso de uma soneca. Retorne amanhã, cedo. Teremos trabalho a fazer.

• • •

Quando cheguei, na manhã seguinte, Neddy havia retornado com o endereço. A pensão onde Martha vivia era logo na saída da Bermondsey Street, e chegamos lá em vinte minutos. Não era um lugar bonito: a tinta branca na porta estava suja e descascando, as janelas estavam embaçadas por todo o caminho até o edifício, e uma terrível fumaça negra se derramava pela chaminé. Ao som de gritos lá dentro, o chefe estremeceu. Ele era um cavalheiro que não gostava de nenhum tipo de agressão.

A mulher que abriu a porta não parecia muito feliz de ser perturbada.

— Segundo andar — murmurou, virando-se para longe de nós e marchando de volta para a cozinha —, quarto dos fundos.

Martha era tão bonita quanto o velho tinha falado. Ela chegou à porta enrolada em dois velhos casacos, o sono ainda nos olhos.

— Eu conheço vocês? — perguntou ela.

O chefe respirou fundo: ela tinha uma semelhança com Isabel, sua esposa, exceto que era mais jovem e mais alta. Os longos cachos de bronze eram os mesmos, os olhos verdes, o nariz virado para cima. Só o lento sotaque irlandês era diferente da cadência interiorana de Isabel.

— Madame — respondeu o chefe, um tremor na voz —, desculpe incomodá-la. Precisamos falar com você por um momento.

Olhei por cima do ombro dela e em direção ao quarto. Havia uma cama no canto e uma pequena mesa com um espelho. Dois vestidos pendiam de uma prateleira. Sobre uma cômoda, uma pilha de jornais.

— O que você quer? — perguntou ela.

— Estamos procurando por Thierry, senhorita — respondeu o chefe.

— Quem?

— Seu amigo do Barril do Bife.

— Eu não conheço nenhum Thierry.

— Conhece sim — ele disse na sua voz mais amigável. — Sabemos que ele é um amigo seu, Martha.

Ela cruzou os braços.

— E o que vocês querem dele?

— A irmã dele nos empregou para encontrá-lo — replicou o chefe. — Ela acha que ele pode estar em apuros.

— Eu acho que não, senhor — disse ela, e tentou fechar a porta.

Consegui colocar minha bota no caminho bem a tempo. Seus olhos caíram no meu pé, então, vendo que não íamos embora, ela suspirou.

— Precisamos saber onde ele está — afirmei. — Pretendemos ajudá-lo, só isso.

— Não sei onde ele está, senhor. Ele não trabalha mais lá.

— Quando você o viu pela última vez?

Uma porta foi batida acima e passos pesados começaram a descer pela escada empoeirada. Martha rapidamente puxou a cabeça de volta para a sala e fechou a porta. Era um homem alto com uma mandíbula saliente e proeminente, e, quando eu o reconheci, era tarde demais para virar a cabeça. Eu o tinha visto circular pelo Barril do Bife quando estávamos trabalhando no caso Betsy quatro anos antes. Nunca soube qual era o trabalho dele – estava lá, o tempo todo, à espreita e observando.

Ele deu uma olhada para nós enquanto passava, em seguida desceu a escada pisando duro. Quando finalmente ouvimos a porta da frente abrir e fechar, Martha reapareceu.

— Não posso falar aqui — sussurrou ela. — Todo mundo trabalha no Bife. Encontre-me mais tarde, no meu caminho para o trabalho.

Seus olhos verdes olharam para a escada de relance e ela parou, ouvindo. Um homem começou a cantar na sala ao longo do corredor.

— Do lado de fora da igreja St. George the Martyr — continuou ela —, às seis da tarde.

Com um último olhar preocupado para a escada, ela fechou a porta. Eu tinha chegado ao primeiro patamar quando percebi que o chefe não estava atrás de mim. Ele ainda olhava para a porta fechada, pensando profundamente. Chamei seu nome, então ele se prontificou e começou a me seguir escada abaixo.

Quando ganhamos a rua, quebrei o silêncio.

— Ela é um pouco como…

— Sim, Barnett — interrompeu ele —, ela é sim.

Ele não voltou a falar no caminho de volta para casa.

• • •

Tinham-se casado havia pouco tempo quando conheci o sr. Arrowood. A sra. Barnett sempre se perguntou como uma mulher tão bonita tinha se casado com um cabeça de batata como ele, mas, do que vi, eles pareciam se entender muito bem. Ele ganhava a vida de forma razoável como jornalista, trabalhando para a revista *Lloyd's Weekly*, e sua casa era feliz. Isabel era amável e atenta, e havia sempre visitantes interessantes em seu lar. Eu o conheci na corte de justiça, onde eu ganhava a vida como um funcionário júnior. Eu o ajudava a obter certas informações sobre algumas histórias que estava escrevendo, e muitas vezes ele me convidava para seu alojamento para comer uma carne de carneiro ou uma tigela de sopa. Mas a revista foi vendida a um novo proprietário, que instalou um primo na posição do chefe e lhe dispensou.

O sr. Arrowood tinha então algum renome em desenterrar o tipo de verdade que outros gostariam de ver permanecido enterrado, e não demorou muito para que um conhecido lhe oferecesse uma soma de dinheiro para resolver um pequeno problema pessoal envolvendo sua esposa e outro homem. O jovem o recomendou a um amigo que também tinha um pequeno problema pessoal, e foi assim que o trabalho de investigação começou. Mais ou menos um ano depois, eu também estava sem trabalho por ter perdido a paciência diante de um magistrado que tinha o hábito de prender jovens que precisavam de ajuda muito mais do que precisavam de tempo na prisão para adultos. Fui demitido sem nem mesmo um aperto de mão ou um relógio de bolso, e quando o chefe ouviu o que tinha acontecido ele me procurou. Depois de uma entrevista com a sra. Barnett, ele me ofereceu trabalho como assistente no caso em que estava trabalhando. Esse foi o caso da bigamia de Betsy, meu batismo de fogo, onde uma criança perdeu a perna e um homem inocente perdeu a vida. O chefe se culpa por ambos — de forma correta. Fechou-se em seus aposentos durante a maior parte de dois meses, só voltando quando o dinheiro estava esgotado. Nós pegamos um serviço, mas estava claro para qualquer um que ele tinha começado a beber. Desde então, os casos eram irregulares e o dinheiro era sempre curto. O caso Betsy pairava sobre nós como uma maldição, mas o que tínhamos visto me ligou a ele tão forte como se fôssemos irmãos.

Isabel aguentou a bebida e o trabalho irregular por três anos antes de ele chegar um dia em casa para descobrir que a roupa dela não estava mais lá e que havia um bilhete sobre a mesa. Ele não tinha tido notícias dela desde então. Havia escrito

para os irmãos dela, para os primos, tias, mas não lhe contaram onde ela estava. Uma vez eu sugeri que ele usasse suas habilidades investigativas para encontrá-la, mas ele apenas balançou a cabeça em negativa. Ele me disse na época, os olhos fechados para que não me visse olhando para ele, que perder Isabel era seu castigo por deixar o jovem morrer no caso Betsy, e que deveria encarar isso por quanto tempo Deus, ou o diabo, quisesse. O chefe não era geralmente um homem religioso, e fiquei surpreso ao ouvi-lo dizer isso, mas ele estava tão ferido quanto um homem poderia estar depois que ela saiu, e quem sabe onde a mente de um homem vai quando fica de coração partido e matutando tudo noite após noite? Estava esperando que ela voltasse desde o dia em que ela partiu.

Capítulo Quatro

Estávamos atrasados. Era uma tarde suja, com chuva, vento e lama nas ruas. A praça St. George's Circus estava movimentada, e o chefe, cujos sapatos estavam bem apertados, coxeava com muitos grunhidos e suspiros. Ele tinha comprado os sapatos usados e baratos da lavadeira e se queixou no dia seguinte porque eram muito pequenos para seus pés inchados. Ela não os aceitaria de volta, então o chefe, tendo cuidado com seus cobres, tinha se resignado a usá-los até o momento em que se abrissem ou perdessem um salto. Estava levando mais tempo do que esperava.

Quando finalmente chegamos à igreja, pudemos ver nossa Martha logo adiante, envolta em uma capa preta e um capuz. Ela estava segurando o corrimão do pátio, logo dentro do portão, olhos varrendo para cima e para baixo na rua. Ela estava claramente ansiosa para nos encontrar, então o chefe beliscou meu braço e se apressou. Uma multidão estava reunida do lado de fora de um dos restaurantes; enquanto caminhávamos para atravessá-lo, um homem tímido empurrou-nos por trás e se lançou diante de nós, com as caudas do velho casaco de inverno batendo ao vento, o chapéu voltado para trás da cabeça.

O chefe xingou e resmungou quando um carvoeiro despejou um saco de seu carrinho para a calçada em frente de nós.

Bem então, houve um grito à frente.

Uma mulher com um bebê parou à porta da igreja olhando freneticamente ao redor enquanto o homem baixo que nos empurrara corria para o rio.

— É o Estripador! — berrou ela.

— Chamem um médico! — outra pessoa gritou.

Nós dois começamos a correr. Agora havia muitos outros também correndo para o portão da igreja para ver o que tinha ocorrido. Avançamos no meio da multidão e vimos Martha deitada e esparramada no chão molhado, o cabelo espalhado pelo pavimento como um derramamento de bronze derretido.

O chefe soltou um gemido e caiu de joelhos ao lado dela.

— Vá atrás dele, Barnett! — ele me incitou enquanto levantava a cabeça dela do chão.

Eu saí, deslizando e esquivando-me através da multidão. O homem baixo atravessou a rua à minha frente. O casaco dele, muito grande, ondulava atrás, pernas arqueadas se movendo mais rápido. Ele acelerou para o próximo cruzamento. Conforme dobrou a esquina da Union Street, eu vi o rosto dele de perfil, cabelos grisalhos oleosos presos à testa, um nariz com um gancho proeminente. Um minuto depois, cheguei à mesma esquina, mas fui retardado por uma massa úmida e cheia de pessoas e cavalos. Não podia vê-lo em lugar nenhum. Eu me apressei, meus olhos procurando freneticamente pelo casaco escuro na multidão, meu caminho entrecortado o tempo todo por carrinhos e ônibus e vendedores de rua; ele cada vez mais longe.

Corri cegamente, por instinto, até ver um pedaço de casaco preto dobrando a esquina logo adiante. Eu me enfiei entre as carruagens até o cruzamento. Diante de mim, um agente funerário que batia em uma porta. Não havia mais ninguém na passagem estreita. Meu peito arfava; voltei para a movimentada Union Street, sem saber para onde ir. Não adiantava. Eu o tinha perdido.

Quando voltei para o cemitério, a multidão ainda estava lá. Um cavalheiro caminhava para cima e para baixo no caminho, balançando a cabeça. O chefe estava ajoelhado no chão, a cabeça de Martha embalada em seu colo. O rosto dela estava cinza, a ponta da língua descansando ao lado da boca. Debaixo da grossa capa preta, sua blusa de serviço branca estava ensopada de vermelho.

Ajoelhei e verifiquei o pulso dela, mas podia ver pela forma como o chefe sacudiu a cabeça, pelo olhar desolado em seus olhos, que já estava morta.

Naquele momento, chegou um policial.

— O que aconteceu aqui? — perguntou ele, a voz sonora sobrepondo-se ao barulho da multidão.

— Esta jovem foi morta — afirmou o cavalheiro. — Agora mesmo. Aquele companheiro perseguiu o homem.

— Ele correu pela Union Street — contei, levantando-me. — Eu o perdi na multidão.

— Ela é uma prostituta? — perguntou o tira.

— O que isso tem a ver? — retrucou o cavalheiro. — Ela está morta, meu Deus. Assassinada.

— Só estava pensando no Estripador, senhor. Ele só mata prostitutas.

— Ela não era uma prostituta! — rosnou o chefe, o rosto dele queimando em fúria. — Era uma garçonete.

— Alguém viu o que aconteceu? — perguntou o policial.

— Eu vi tudo, vi sim — afirmou a mulher com o bebê, de forma importante e ofegante. — Eu estava aqui, bem ao lado do portão, quando ele apareceu e esfaqueou a senhora através de seu manto. Assim: uma, duas, três. Assim, pobre menina. Então ele fugiu. Ele era estrangeiro, eu diria, pela aparência. Um judeu. Pensei que ele viria atrás de mim depois, mas apenas correu para longe, como eles disseram.

O policial assentiu e finalmente se ajoelhou para checar o pulso de Martha.

— Ele não tinha olhos humanos — continuou ela. — Eles estavam brilhando como os de um lobo, como se quisesse me rasgar também. A única coisa que o impediu foi que todas as pessoas se aproximaram quando ela gritou. Foi isso que o assustou. Tarde demais para ela, pobrezinha.

O policial se levantou de novo.

— Alguém mais viu o incidente?

— Eu me virei quando ouvi a garota gritar — disse o cavalheiro. — Vi o sujeito sair apressado também. De onde eu estava, ele parecia irlandês, mas não dá para afirmar ao certo.

O policial encarou o chefe.

— E onde você estava, senhor?

— Ele chegou depois — disse a mulher.

— Eu a reconheci do Barril do Bife. — A voz do chefe estava sem expressão. — Eu não a conheço.

O policial pegou uma descrição da mulher e do cavalheiro, que concordaram que era um estrangeiro, mas não concordaram se era judeu ou irlandês, e depois de mim. Uma vez que enviou um menino para a estação atrás do cirurgião da polícia, ele nos dispersou.

— O que nós sabemos? — perguntei enquanto caminhávamos de volta.

O chefe amaldiçoou, ignorando-me.

— Maldito Cream! — exclamou ele. — Ele vai matar quem bem entender.

— Não sabemos se ele está por trás disso.

Ele bateu com a bengala contra o meio-fio, um olhar de extremo sofrimento no rosto.

— Levamos essa menina para a sua morte. Aquele valentão do Bife nos viu na casa dela. Poderíamos a ter matado nós mesmos.

— Nós não sabíamos que todos trabalhavam no Bife.

— Maldição, Barnett. Está começando de novo. Todo o maldito negócio do Cream.

— Talvez devêssemos deixar isso para a polícia — sugeri.

— Aquele idiota do Petleigh nunca vai encontrar o assassino.

O chefe olhou de relance para a igreja. Quando viramos a esquina, estendeu um pequeno lenço torcido.

— Isso estava preso na mão dela — falou. — Tenho certeza de que ela segurou para nós.

Ele abriu o lenço. Dentro havia uma única bala de bronze.

Capítulo Cinco

Chegamos à Great Dover Street tarde naquela noite, onde uma fila de lojas de chapéus, roupas e calçados estava iluminada para o comércio noturno. No final, havia um moedor de café, e a brisa carregava os cheiros ricos dos grãos torrados. Havia apenas um estúdio de fotografia, chamado O Fontaine. Um homem com uma jaqueta de veludo verde com os cabelos chegando ao colarinho estava na mesa, construindo uma moldura. Ele segurava um martelinho na mão e um alfinete na boca.

— Bom dia, senhores — disse com um sorriso insincero. — Como posso ajudá-los? Estão atrás de um retrato?

— Estamos procurando pela srta. Cousture — disse o chefe, olhando ao redor para os retratos pendurados nas paredes. — Ela está aqui?

— Ela está no trabalho — o homem respondeu, puxando para trás a cabeça comprida desdenhosamente. — Eu sou o proprietário, sr. Fontaine. Quer agendar um retrato?

— Você que tirou estes aqui? — perguntou o chefe, indicando as fotos. — São muito bons.

— São mesmo. Todos são trabalhos meus. Eu poderia tirar uma foto boa de você, senhor, se não se importa de eu dizer. Seu perfil é muito maravilhoso.

— Você acha? — perguntou o chefe, com o peito inflado. Ele alisou o cabelo ao redor do cocuruto. — Há algum tempo que estou pensando em encomendar uma foto. Acho que minha irmã gostaria muito de um retrato acima da lareira.

Olhei para ele, incapaz de reprimir um sorriso ao pensar em tal presente.

— Podemos agendar agora mesmo, senhor. Que tal segunda-feira pela manhã? Às onze?

— Sim… Ah. Espere. Pensando bem, é melhor esperar que eu consiga comprar meu terno novo. Mas podemos falar com a srta. Cousture agora? Um assunto pessoal.

O artista olhou para baixo; o longo nariz pousou em nós por algum tempo.

— É importante, sr. Fontaine — afirmei, ficando impaciente. — Ela está aqui?

Com um suspiro teatral e uma sacudida do cabelo preto e lânguido, ele desapareceu atrás de uma cortina na parte de trás da loja. Um momento depois, a srta. Cousture apareceu.

— Bom dia, sr. Arrowood — disse ela calmamente enquanto passava pelas cortinas. Estava usando uma saia preta de cintura alta, uma blusa branca enrolada nas mangas, o cabelo preso na cabeça. Ela assentiu com a cabeça para mim. — Sr. Barnett.

O sr. Fontaine apareceu atrás dela e ficou junto à cortina, com os braços cruzados.

Ela lançou os olhos para o empregador como que para nos avisar que não falássemos demais. Então seguiu-se um silêncio. Suas bochechas pálidas tinham ficado coradas.

Ela olhou para as próprias botas.

— Você se importaria se tivéssemos um momento em particular com a dama, senhor? — o chefe perguntou finalmente. Percebendo que sua gravata tinha sido soprada por sobre o ombro dele pelo vento da rua, eu me aproximei e a virei de volta. Ele me afastou rápido.

— Este é o meu estúdio, senhor — o homem respondeu com um fungado. Ele coçou o longo nariz rapidamente. — O nome na entrada é meu, não o da dama. Se tem algo a dizer, prossiga e diga.

— Então você poderia ir lá fora, madame?

— Oh, *putain*, Eric! — ela xingou, virando-se para seu empregador. — Só por um momento!

Nos lábios dessa bela mulher, a profanidade gelou o ar. Fontaine jogou a cabeça para trás e se abaixou atrás da cortina. Ouvimos seus passos zangados nas escadas.

O chefe puxou uma cadeira detrás do balcão e abaixou-se com um estremecimento. Ele esfregou os pés através de suas botas apertadas. Por algum tempo, não falou.

— Precisamos fazer-lhe mais algumas perguntas, senhorita — ele disse afinal.

— Claro, mas eu contei tudo o que sabia.

— Precisamos saber em que problema seu irmão estava metido — ele falou com um sorriso dolorido no rosto vermelho. — Qualquer coisa pequena que ele possa ter dito. Por favor, seja bastante honesta conosco.

— Claro.

— Você conhecia a amiga dele, Martha?

Ela negou com a cabeça.

— A namoradinha dele. Você não sabia dela?

— Nunca ouvi falar.

— Bem, srta. Cousture, temo dizer que ela foi assassinada esta tarde.

Vimos como seu rosto foi de surpresa para tristeza.

Ela agarrou o balcão e se abaixou sobre o banquinho.

— Tínhamos marcado de encontrá-la, mas alguém chegou primeiro — explicou o chefe.

Ela assentiu lentamente.

— Nós também descobrimos que houve algum problema no Barril do Bife logo antes de Thierry desaparecer. A única pista que temos é que pode envolver um americano. Thierry mencionou qualquer coisa do tipo para você?

— Um americano? — indagou ela, um tom decepcionado na voz. — Não, nunca. Qual é o nome dele?

— Não descobrimos o nome. Tudo o que sabemos é que no dia em que seu irmão desapareceu, houve uma discussão envolvendo um americano. Nem sabemos ao certo se Thierry estava envolvido. Mas, por favor, pense novamente. Alguma coisa aconteceu antes de ele desaparecer? Houve alguma mudança nele?

— Apenas quando veio atrás de mim para pedir dinheiro. A última vez que o vi, eu contei que ele estava com medo. — Ela parou os olhos, indo e voltando rapidamente de um lado para o outro entre o chefe e mim. — Acha que ele está morto? É isso o que você quer dizer com "problema"?

O chefe pegou a mão dela e a segurou.

— É muito cedo para pensar nisso, senhorita.

Ela estava prestes a falar de novo quando o sr. Fontaine passou de volta pela cortina. Dessa vez, ele não seria tocado dali.

• • •

Caminhamos de volta até Waterloo. O ar estava quieto e uma neblina havia descido.

— Barnett — chamou o chefe. — Houve algo que o marcou como estranho sobre o que acabamos de ver?

Pensei por um pouco de tempo, tentando adivinhar o que ele tinha notado.

— Não que eu possa dizer — afirmei, por fim.

— Diga-me: se a sra. Barnett tivesse desaparecido sem levar suas roupas ou documentos, e você tivesse contratado um detetive, e vamos imaginar que dois dias

depois o detetive viesse vê-lo. Você estaria louco de preocupação.

— Sim, senhor.

— Qual seria a primeira coisa que você diria a ele?

— Acho que eu perguntaria se ele a encontrou.

— Exatamente, Barnett. — Sua testa ficou tensa. — Exatamente.

• • •

O chefe continuou para casa pois queria ponderar sobre o desenvolvimento, enquanto eu retornei para o Águia Branca. Comi uma tigela de ostras e, em seguida, um prato de carneiro enquanto eu esperava, e, em seguida, um copo de porter, e, em seguida, outro. Era uma noite barulhenta, e estava feliz o suficiente para me sentar no canto e ver os meus concidadãos se divertindo sob o grande espelho esticado por todo o comprimento do teto. Mais tarde, o vendedor de fósforos entrou. Ele não olhou para ninguém enquanto atravessava o piso de madeira, mas segurava o rosto em um ritual, caso ele se lançasse numa pantomima anárquica. Ele pagou, pegou o copo e foi esconder-se no seu canto habitual atrás da divisória de vidro.

Quando a multidão começou a diminuir, Ernest tropeçou e pôs-se no mesmo local no bar como anteriormente. Pegou um gim e bebeu-o depressa, com as costas curvadas sobre o balcão. Ele usava a mesma roupa grossa de antes, e não parecia ver ninguém ao redor exceto a garçonete, que largou a bebida diante dele como se tivesse insultado sua mãe.

— Bom vê-lo de novo, meu amigo — saudei, colocando um segundo copo na frente dele. — Venha se sentar na minha mesa. Eu apreciaria um pouco de companhia.

Ele olhou para cima, com confusão no olhar. Viu o gim de relance, depois a mim. Um gotejamento de sangue de suas gengivas correu para baixo de seu único dente frontal.

— Ah? — ele disse por fim.

— Nos encontramos outra noite, Ernest. Aqui. Duas noites atrás.

Lentamente, os olhos lacrimejantes se dissiparam e ele pareceu se lembrar de mim. Ele se levantou. Então ficou desconfiado.

— Eu não tenho dinheiro — declarou ele, antes de engolir rapidamente o copo inteiro.

— Venha cá. Eu peço algumas ostras pra você.

— O que é que você quer?

Baixei a voz. O condutor de carruagens que eu tinha visto antes estava se inclinando contra o balcão no canto, falando com a atendente.

— Quero algumas informações, só isso.

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Eu não sei nada. Nunca deveria ter falado com você da primeira vez.

Ele se afastou de mim. De trás da divisória de vidro, um braço balançou, seguido por um grunhido irritado. Um grupo de rapazes, com os rostos e as mãos pretas com poeira de carvão, aproximou-se para ver a fonte, e a visão do atormentado vendedor de fósforos tentando suprimir sua mania os fez rir. Eles voltaram para a mesa, mas o tumulto continuou por minutos. De trás do vidro, apareceu outro gemido estrangulado e um xingamento desagradável do homem com os tiques, o que fez os rapazes irromperem em uma segunda risada mais alta.

— Deixe-me pagar-lhe outro drinque — eu disse para o trabalhador da copa.

Antes que ele pudesse recusar, gesticulei para a atendente e coloquei uma boa caneca de gim em suas mãos ásperas.

— Vamos nos sentar. Parece que você precisa tirar o peso das costas. Tem trabalhado duro, Ernest.

Ele me seguiu mansamente até a mesa.

— Você chegou a ver a irmã de Thierry no Bife? — perguntei quando já estávamos sentados. — Bonita, cabelo escuro? Francesa, como pode supor.

Ele respirou fundo, engoliu depressa o gim.

— Não que eu tenha reparado. Nunca o vi com nenhuma mulher além de Martha.

— E quanto ao americano? O que ouviu falar a respeito dele?

— Você falou alguma coisa sobre ostras? — indagou ele, dobrando os braços sobre o casaco amarfanhado.

Fui pegar para ele uma tigela e outra caneca de gim. Ele já tinha consumido metade disso e sobrevivido a um curto arroto antes de eu perguntar de novo.

— O sr. Cream tem muitos conhecidos de negócios — respondeu. — Eles estavam lá dia após o dia. Alguns deles você reconheceria, mas este eu nunca vi antes. Calvo, com cabelo preto ao redor da careca. Barba preta. Olhos azuis que perfuravam você. Levei um café e ele quase olhou diretamente para mim. Havia um irlandês com ele. Eu o vi no lugar algumas vezes antes. Um tipo baixo com voz alta. Cabelo amarelo e espesso. Uma de suas orelhas foi cortada. Ele era um feioso.

— E suponho que você não saiba qual era o negócio deles.

— Eles falam de negócios no escritório, não na copa.

— Eu preciso saber de alguém de quem Thierry era próximo, Ernest. Com quem ele falava? Me dê alguns nomes.

— Eu dei um nome da última vez. Martha. Pergunte a ela.

— Preciso de outro nome.

— Eu já dei um nome! — protestou ele, nervoso agora que estava alterado pelo gim. — Pergunte a Martha. Se alguém souber alguma coisa, será ela.

Eu me inclinei para ele e sussurrei:

— Ela está morta, Ern. Assassinada no caminho para o trabalho esta noite.

O queixo dele caiu; ele me encarou com olhos marejados. Parecia que seu cérebro embargado não podia absorver o que eu lhe tinha dito.

— Você me ouviu? Assassinada. É por isso que preciso falar com outra pessoa.

Lentamente, o medo tomou controle dele. O braço tremia, olhos piscavam com velocidade. Ele engoliu o gim; gesticulei pedindo mais outro.

Quando chegou, ele negou com a cabeça.

— Preciso ir, senhor — falou com a voz tensa. — Não sei de nada.

Ele fez um movimento para subir; eu segurei rápido seu pulso.

— Um nome, Ern. Um nome. Alguém com quem ele possa ter falado. Quem trabalhava perto dele? Com quem no Bife ele passava a maior parte do tempo?

— Acho que com Harry. — Ele estava falando rápido agora, olhando ao redor para cada ruído. — Você pode tentar falar com ele. Um dos cozinheiros iniciantes. Trabalhava na mesma parte da cozinha.

— E como ele é?

— Bem magro. Ele é magro até demais e suas sobrancelhas são escuras, mas o cabelo é amarelo. Você não tem como errar.

Soltei o pulso dele.

— Obrigado, Ernest.

Num instante, ele ficou de pé e correu para fora do estabelecimento. Conforme me levantei, senti os olhos de alguém em mim. Eu me virei. A cabeça calva do vendedor de fósforos tinha aparecido na lateral da divisória de vidro, e ele estava me encarando com curiosidade. Ele fungou, os ombros se contraíram, e ele desapareceu de volta em seu buraco.

Capítulo Seis

Na manhã seguinte, encontrei o chefe sozinho na sala. Seu rosto estava vermelho e tinha um brilho peculiar, como se tivesse sido polido por uma faxineira.

— Ela saiu — declarou no instante em que eu entrei. — Está em uma reunião de organização com os outros.

— Organização? O que ela está organizando?

— Eles devem visitar os pobres. Agora, o que você descobriu ontem à noite?

Falei para ele sobre o cozinheiro iniciante, Harry. Uma vez que nenhum de nós tinha qualquer inclinação particular em aparecer no Barril do Bife, ele convocou Neddy e instruiu-o a levar um bilhete. Estava assinado por "Sr. Locksher", o pseudônimo habitual do chefe, e prometeu uma recompensa de um xelim por um "trabalho bem rápido, mesmo". Harry deveria ir aquela noite, depois que seu trabalho terminasse, para a cafeteria da sra. Willows em Blackfriars Road, a única que ficava aberta até tão tarde. "Seu amigo do outro lado do Canal sugeriu seu nome." Essa foi toda a explicação oferecida. Neddy estava sob a instrução de segurar firmemente esse bilhete e não dá-lo a ninguém além do sujeito chamado Harry. Nós lhe dissemos para procurar o homem magro com sobrancelhas pretas e cabelo amarelo, e caminhar direto para a cozinha e não dizer a ninguém quem o tinha enviado.

O menino saiu correndo enquanto o chefe enchia seu cachimbo. Quando terminou, olhou para mim com tristeza.

— O que você acha da morte da garota, Barnett? Você acha que foi Jack à espreita novamente?

— Não parece ser coisa dele.

— De fato. Esse assassinato não foi o trabalho de Jack. Suas mortes foram todas de caráter semelhante. Ele faz seu trabalho em lugares solitários. Prefere estripar os corpos, e isso leva tempo.

Eu esperei, sabendo pela maneira como ele olhava para o ar que havia mais por vir.

— Tenho pensado a respeito desse homem — continuou. — Primeiro, há a precisão dele. Corre para a igreja, dá três estocadas mortais e depois corre para a multidão. Não deixa nada, nenhuma dúvida, nenhuma faca. Ele é rápido e cuidadoso, então podemos assumir que não é um ato de paixão. Nem roubo. Um ladrão não escolheria uma pobre garota como sua vítima, não à luz do dia, e não em uma rua movimentada.

— Ele não teria tempo de procurar nos bolsos dela.

— Pois é. — Ele soprou o cachimbo e pensou. — E as roupas dele. Usava um casaco de inverno quando é verão. E um muito grande. Portanto, ou é um homem de poucas posses ou estava disfarçado. Diga-me, enquanto você o perseguia, ele olhou para trás?

— Nem uma vez. Mantive meu olhar nele até que o perdi. Só vi a lateral do rosto dele quando dobrou a esquina.

— Ele não virou a cabeça uma vez para determinar se estava sendo perseguido?

Neguei com a cabeça.

— Diga-me, se tivesse assassinado uma pessoa em uma rua movimentada e fugido, como se sentiria?

— Meu sangue estaria fervendo, suponho. Estaria ansioso para não ser pego.

— Sim, sim, e você viraria a cabeça para ver se estava sendo perseguido?

— Acho que sim.

— Você não seria capaz de evitar, Barnett. Suas fortes emoções o obrigariam. Esse homem não é como você. Está acostumado a controlar suas emoções. Então, quem é ele? Um assassino contratado? Um policial?

— Um soldado?

Ele assentiu, colocando o cachimbo no cinzeiro e empurrando-se para fora da cadeira.

— Isso é um começo. E agora vamos visitar Lewis. Eu não quero estar aqui quando Ettie retomar sua reorganização da minha vida, e é melhor você não estar aqui ou ela começará com a sua.

• • •

Lewis Schwartz era proprietário de uma loja de armas do mercado negro não longe da ponte de Southwark. Era onde as pessoas iam com pistolas e espingardas que desejavam vender; era onde as pessoas iam quando precisavam comprar

alguma autoproteção. Não era um negócio em que eu gostaria de estar: só conseguia imaginar os tipos de criminosos que entravam e saíam dessa boutique, mas Lewis era tão sólido e seguro de si como as paredes do rio que filtravam seu pus amarelo nos tijolos da loja escura. Ele era um homem gordo com um braço faltando e cabelos grisalhos que caíam sobre o colarinho sujo. O chefe e ele eram velhos amigos. Ele costumava ir a Lewis quando precisava de informações para o jornal e, desde que nos tornamos agentes particulares, ele continuou a nos ajudar de vez em quando. O chefe sempre trazia um pacote de carne de carneiro ou carne assada ou um pouco de fígado do mercado, que ele iria jogar na mesa manchada de gordura. Eu tinha o hábito de ficar para trás nessas ocasiões, como agora, imaginando todas as doenças cujos vestígios, sem dúvida, podiam ser encontrados nas mãos escuras de nosso amigo.

Naquele dia, Lewis comeu com cuidado, mastigando em apenas um lado da boca.

— Está com algum problema nos dentes? — perguntei.

— Um que o diabo tá arrumando pra mim.

— Deixe-me ver — demandou o chefe.

Lewis abriu a boca e inclinou a cabeça para trás. O chefe estremeceu.

— Esse dente está preto. Você deve arrancá-lo.

— Estou reunindo coragem.

— Quanto antes, melhor — disse o chefe.

Foi só quando a carne foi terminada, e os dedos esfregados nas calças desses dois velhos amigos, que o chefe pescou no bolso do colete e tirou a bala.

— Alguma ideia de quem poderia ter usado tal bala, Lewis?

Lewis colocou o monóculo e a segurou sob uma lâmpada.

— Muito bom — murmurou, girando a bala, esfregando o eixo com os dedos. — É uma .303. Pólvora sem fumaça. Mas como você arrumou algo do tipo, William?

— Uma garota moribunda deu para mim — contou o chefe. — Uma jovem inocente, assassinada diante de nossos olhos. E queremos descobrir quem a matou. Você sabe que tipo de arma é, Lewis?

— Os novos fuzis de repetição da Lee-Enfield. — Lewis devolveu a bala. — Fuzis militares, disponíveis apenas para alguns regimentos até agora. Não é um fuzil de caçador. Ela deve tê-lo obtido de um soldado. Ela tinha um namorado?

— Ele não era um soldado.

— Então outro homem. Era uma prostituta, William?

— Ela não era uma prostituta! — gritou o chefe.

Lewis olhou para ele, surpreso.

— Por que você está bravo? — perguntou. — Você a conhecia?

— Eu não entendo por que todo mundo assume que ela era uma prostituta. Trabalhava no Barril do Bife.

— Ela poderia ter recebido de um cliente — falei, compreendendo que o chefe tinha ligado à Martha a mesma pureza que apegava à esposa.

— Por que um cliente daria uma bala a uma garota? — perguntou Lewis, o nariz se contorcendo. — Uma gorjeta, seria uma coisa. Mas por que uma bala?

O chefe balançou a cabeça e se levantou.

— É isso o que temos de descobrir —afirmou.

Quando chegamos à porta, um fósforo brilhou. O chefe voltou-se. Lewis estava encolhido em sua cadeira na parte de trás da loja, cercado por caixas de balas e feixes de pólvora, um cachimbo brilhante na boca.

— Algum dia você vai acabar explodindo a si mesmo — o chefe falou para o amigo. — Venho avisando há anos. Por que você nunca escuta?

Lewis o dispensou.

— Se eu for começar a me preocupar agora, teria de vender esta loja e me tornar um comerciante de batata. Você devia ver alguns dos indivíduos com quem eu tenho que tratar. Uma faísca e eles explodiriam. Perto deles, isto não é nada.

• • •

Mais tarde naquela noite, esperamos na cafeteria da sra. Willows. Observei o vaivém da rua, na lama e na chuva marrom, as pessoas noturnas cambaleando e soltando sons agudos, os cavalos trotando, as cabeças baixas e cansadas. Meia-noite passou e o novo dia escuro tomou seu lugar pela janela suja. O chefe leu os jornais como um glutão. Começou com o *Punch*, guardando o *Lloyd's Weekly* e o *Pall Mall Gazette* sob as coxas. Na mesa ao lado, um sujeito delgado com o uniforme de um funerário comeu um prato de mariscos e o observava, infeliz, esperando a chance de uma leitura antes que vagasse para casa. Mas o chefe se demorou, lendo cada coluna, cada página, então, quando parecia que tinha acabado, ele voltou ao início e começou a passar pelas colunas novamente.

— Veja isso, Barnett — disse ele, levantando uma charge. Era de um grande camponês irlandês segurando uma faca sobre um cavalheiro inglês. O texto dizia: "O Frankenstein irlandês". — Eles estão imprimindo essas charges de novo. Você vê o que estão fazendo? Os irlandeses têm caras de macacos peludos. O inglês é indefeso. Nossa Senhora, por que isso não muda nunca? Por que não veem a nossa própria agressão?

— Suponho que não querem ver, senhor.

O agente funerário pigarreou e acenou com a cabeça para o jornal. O chefe acendeu o cachimbo e sem dizer uma palavra empurrou o jornal para o homem, antes de levantar a perna e continuar para o *Gazette*.

Finalmente, a porta se abriu e entrou nosso homem. Ele estava na porta, braços longos e finos salientes de um casaco de lã marrom muito comprido no corpo e muito curto nos membros. Os cabelos amarelos estavam enfiados num boné de pano cinzento puxado por cima das orelhas. Olhou para o empresário, para a sra. Willows, de pé, na porta da cozinha, depois para nós. Suas sobrancelhas escuras se contraíram.

— Sr. Harry — falei, levantando-me. — Este é o sr. Locksher. Sente-se. Quer um café?

Ele assentiu e sentou-se em um banco.

— Qual é o serviço? — perguntou ele.

— Temos uma encomenda para o seu amigo, Thierry — o chefe falou mansamente, inclinando-se contra a mesa. — Só que não conseguimos encontrá-lo.

Harry se levantou.

— Vocês disseram que era um serviço. Isso não é um serviço, até onde eu sei.

— Nós o pagaremos pela informação.

Ele alternou o olhar entre nós por um momento, mordendo o lábio.

— Não.

Estava se virando para sair quando agarrei seu braço.

— Solte-me — exigiu, e o rosto hirsuto se contorceu. Sob a grossa lã do casaco, eu podia sentir os ossos do braço: ele era tão magro quanto um mendigo de albergue. A pele era cinzenta, as bordas dos olhos, vermelhas. Os ossos da mandíbula eram afiados como um crânio.

Não foi problema empurrá-lo de volta para baixo no banco. Ele era alguns centímetros mais alto que eu, mas fraco como um pardal.

O agente funerário levantou-se rapidamente, enfiou os mariscos restantes no bolso e saiu. A sra. Willows trouxe o café, o rosto dela estava calmo como se nada tivesse acontecido.

— Seja bonzinho, sr. Barnett — murmurou ela.

— Pretendemos ser muito bonzinhos com o cavalheiro, Rena — disse o chefe.

— Eu não sei nada — afirmou o homem. — É sério. Não posso ajudá-los. Ele se foi. Partiu há alguns dias. Provavelmente voltou para a França. Isso é tudo no que consigo pensar. — Ele olhou de relance para mim. — Isso é tudo o que posso dizer, senhores.

— Você é um sujeito magro para um cozinheiro — o chefe observou.

— Ajudante de cozinha. Eu descasco coisas na maior parte do tempo. Arranco espinhas de peixes. Não sou um grande cozinheiro.

O chefe se inclinou sobre a mesa de repente e enfiou a mão no bolso do casaco do homem. Antes que Harry pudesse responder, puxou um pacote gorduroso e o deixou cair sobre a mesa.

— É um pudim — disse Harry, em um tom defensivo. — Meio pudim.

— O que tem aí dentro? — perguntou o chefe, indicando o outro bolso.

— Um par de batatas. Um pouco de osso de presunto. Eles iam jogar fora.

— Duvido — disse eu, dando uma olhada no bolso dele. — Não tem nada de errado com essa comida. Mesmo que estivesse para estragar, teriam vendido na Borda do Bife, ou lá fora, para aqueles dormindo no beco.

— Não conte, senhor. Por favor. Eu levo tudo de volta. A última coisa de que preciso agora é perder o emprego.

— Não há necessidade disso, senhor — disse o chefe. — Não estamos em termos amigáveis com o seu empregador.

— Por que você está tão magro? — perguntei. — Está doente?

— Se seis filhos puderem ser chamados de doença. E um deles completou apenas dois anos este mês.

— Mas você tem um emprego regular — o chefe constatou. — Sua esposa está viva?

O homem assentiu, olhos se contorcendo em direção à janela, onde uma carruagem passou veloz.

— Ela não o alimenta?

O nó na garganta de Harry subiu quando ele engoliu.

— Não posso ajudá-los — insistiu ele.

— Nós pretendemos lhe dar um xelim, Harry — disse o chefe com a voz gentil. — Somos agentes investigativos, trabalhando para a família do sr. Thierry. Dizem que ele está desaparecido. Estão preocupados.

Harry continuou a encarar a janela, sem ter certeza se podia confiar em nós.

— Não podemos ir até o Bife porque o sr. Cream desgosta particularmente de nós — continuou o chefe. — Foi por isso que mandamos o menino.

Por mais um minuto, Harry considerou. Depois se levantou.

— Eu não posso ajudar. Thierry apenas se foi. Eu não ouço falar dele desde então, e, mesmo se eu soubesse algo, não sei se diria a vocês. Não quero me misturar no que não tem nada a ver comigo.

Mas ele não foi embora. O chefe olhou para ele em silêncio, o rosto enrugado em pensamento.

— Nós estávamos no lugar onde Martha foi esfaqueada, Harry — ele disse por fim. — Ela estava esperando para nos encontrar. Eu a segurei até que o policial chegou.

O cozinheiro ficou congelado. Seus olhos encheram-se com lágrimas. Eu coloquei minha mão em seu ombro, e ele me deixou apoiá-lo enquanto se sentava de volta.

— Achamos que isso tem alguma relação com o desaparecimento de Thierry — o chefe prosseguiu. — Vamos descobrir quem a matou. Mas precisamos de informações.

— Vocês estavam lá?

— Ela pediu para a encontrarmos. Queria nos contar algo.

De repente, Harry começou a falar rápido. Ele se inclinou sobre a mesa, a voz baixa, como se não desejasse que a sra. Willows ouvisse.

— Algo estava acontecendo no Bife — afirmou ele. — Não o habitual. Algo maior. Eu não sei o quê, ao certo, mas havia uma gangue deles entrando e saindo de lá. Sr. Cream pediu que Terry fizesse uma entrega semana passada. Eu falei para ele não ir, mas nunca se diz não para o sr. Cream. Não se você quiser continuar a trabalhar lá, não pode. Um dia eles chegaram, dois deles, foram até o escritório do sr. Cream e começaram a destruí-lo. Deu para ouvir da cozinha. Nenhum dos homens do sr. Cream foi impedi-los. Nem o sr. Piser, nem Lenny Longo, nem o Botas. Todos ficaram ao lado do bar da frente, quietos como ratos.

— Quem eram?

Harry balançou a cabeça em uma negativa.

— Eram americanos?

— E irlandeses, mas é tudo o que sei. Era um segredo. Entraram e foram direto para cima, nunca disseram uma palavra para ninguém, como se estivessem no comando.

— Vamos, Harry — disse o chefe. — Pense. Você deve ter ouvido algo.

— Houve alguma conversa sobre serem assaltantes. Você sabem que o sr. Cream negocia coisas roubadas, suponho? Alguém achou que estavam saqueando as casas grandes em Bloomsbury e assim por diante. As casas grandes ao redor do Hyde Park também, as casas dos ministros, assim como as embaixadas. Joalherias e prataria. Sabe, coisas fáceis de passar adiante. É aí que entra o sr. Cream. Esse é o sussurro que ouvi. Não ouvi nenhum nome.

— Por que eles reviraram o escritório?

Ele deu de ombros.

— Não faço a menor ideia. Ele os roubou. Deixou vazar algo para os tiras. Fez uma promessa que não podia cumprir. Poderia ser qualquer coisa.

— O que Martha tinha a ver com isso?

— Nada, até onde eu sei. Exceto que o sr. Piser sempre era gentil com ela. Essa é a única conexão que posso ver. Mas ela era gentil com Terry. O sr. Piser, bem, ele não gostava.

— Eles chegaram a brigar? — o chefe perguntou.

— O sr. Piser nunca brigou com ninguém. Ele não fala o bastante para chegar a brigar.

— Por que você acha que ela foi assassinada, Harry?

Ele secou o café e endireitou as costas.

— Provavelmente por conta de conhecer vocês — disse ele, mantendo contato visual com o chefe. — Esse seria o meu palpite, senhor.

Parecia que o chefe tinha perdido o ar. Eu não sei por quê. Ele sabia tão bem quanto eu, no instante em que vimos a garota caída na frente da igreja. Certeza de que a tínhamos levado à morte.

— Conte-nos a respeito dos amigos de Terry — falei. — Conhece algum?

— Eu só o conheço da cozinha. Não sei o que faz do lado de fora.

— Vocês nunca conversaram sobre a vida dele?

— Eu sei que ele sai pra beber, mas eu não poderia dizer com quem. Nunca tive dinheiro pra sair pra farra.

— Aonde ele ia? A quais pubs?

— Sinto muito, senhor. Não me lembro de ele sequer ter dito.

Eu dei a Harry seu xelim junto com um pequeno bilhete com o endereço do chefe.

— Se ouvir mais alguma coisa.

— Sim, senhor — ele disse e se levantou. Apontou para o pudim. — Posso levar?

— Claro que sim. Leve tudo.

— E você não vai dizer a ninguém que falou comigo, vai?

— Damos nossa palavra — o chefe respondeu. — Mas me diga, Harry, há quanto tempo o problema com a bebida da sua esposa tem sido um fardo?

O queixo de Harry caiu.

— Ela… — começou ele, mas pareceu incapaz de continuar.

— Você tolerou até agora? — continuou o chefe. Então largou seu silêncio especial que eu já conhecia o suficiente para não preencher. Ele olhou gentilmente

para o homem magro, que pulava de um pé para o outro. Finalmente, Harry cedeu.

— Mas como sabe? Alguém contou?

— Ninguém me contou, meu amigo. Eu vi em você.

— Não é fácil, senhor. Eu não consigo dormir, assim como as crianças. Mas trabalho tantos dias, ela não tem ninguém pra discipliná-la. E o uísque vagabundo, ao lado, a leva a sair do caminho.

O chefe se levantou e agarrou a mão dele.

— Algumas coisas são mandadas para nos testar. Eu sei que você tem a força para passar no teste, Harry, mas deve nutrir-se. Está muito fraco para ser um pai adequado. Deve comer mais.

— Sim, senhor — concordou Harry, os olhos voltados para o chão, envergonhado.

— Obrigado pela ajuda.

Quando ele partiu, ficamos de pé e nos envolvemos em nossos casacos. O céu estava limpo, mas, embora fosse verão, o ar estava frio. A sra. Willows limpou, varreu e apagou as lâmpadas.

— Como você soube a respeito da esposa? — perguntei conforme saímos para a calçada. Do outro lado da rua, um tira andava no próprio ritmo.

— Eu senti, Barnett.

— Confesse, como sabia de verdade?

— Quanto acha que um cozinheiro ganha? Trinta xelins por mês? Quarenta? É o suficiente para alimentar a família e pagar pelo quarto sem que morra de fome. No entanto, ele rouba comida e arrisca um trabalho de que realmente precisa. Deve significar que o dinheiro está indo para outro lugar. Não tem dinheiro para ir beber, ele nos contou. Então onde?

— Muitos outros lugares. Talvez dívidas de jogo.

— Ele é muito sensível. Foi muito cuidadoso no que nos disse até que ganhássemos sua confiança. Isso não é típico de jogador. Mas você viu como ele desviou o olhar quando confessou que a esposa estava viva? Notou como ele mudou de assunto quando eu perguntei se ela o alimentava?

— Ela poderia ter ficado de cama. Poderia ter sido presa.

— Ele teria nos dito se ela estivesse doente. Não há vergonha na doença… metade de Londres está doente. Bebida foi um palpite, Barnett. Admito. Mas essa cidade está afogando na bebedeira. Foi um bom palpite.

— Foi sorte.

Ele riu.

— Sou um homem de sorte, Barnett. Em alguns aspectos.

Enquanto caminhávamos de volta pelas ruas da madrugada, passando pelas pilhas de corpos envoltos em farrapos em frente aos albergues e da estação de carruagens, onde um velho coletava uma grande pilha de estrume de cavalo, ele riu de novo. A risada seca ecoou como um trovão na rua tranquila.

Capítulo Sete

Cheguei na manhã seguinte para encontrar Ettie em uma fúria considerável.

— Você estava bebendo com ele? — ela exigiu saber. — Ele não volta para casa desde ontem!

— Não, Ettie, não estava.

Parecia que o quarto tinha crescido em tamanho desde a última vez, até que percebi que todas as pilhas de jornais tinham ido.

— Ele foi atrás de uma mulher? Foi isso?

— Nós encontramos um homem a respeito do caso por volta da meia-noite. Eu me separei dele na esquina da Union Street, nem cinco minutos de distância daqui. Ele disse que estava vindo para casa.

— De verdade? — ela perguntou severamente.

— De verdade.

Ela me olhou fixo nos olhos, narinas flamejando com cada entrada do ar fresco de Londres.

— Entendi — ela disse por fim. — Talvez ele tenha sido assaltado, então. Seria bom para ele.

Neguei com a cabeça.

— Há um lugar para onde ele vai quando está chateado. Ele chama de oásis noturno. Acho que estará lá.

Ettie levantou os olhos e suspirou.

— O que o aborreceu dessa vez?

— Ele se culpa pela morte de uma garota. O homem que questionamos na noite passada disse isso. Eu acho que ele não teria achado tão ruim se a menina não o lembrasse de Isabel. Sabe, ele a segurou nos braços até que o cirurgião da polícia chegasse… ele não poderia deixá-la no chão úmido. Quase chorou diante da multidão.

Ela pensou por algum tempo.

— Ele tem bebido desde que Isabel partiu?

— Não constantemente. É ocasional. Não é nem um pouco constante.

Ela balançou a cabeça com impaciência.

— Esta cidade está inundada com bebida. Garrafas e jarras são soldados de Lúcifer, Norman. Os pobres estão em seu encalço, de acordo com o reverendo Hebden. Os homens que trabalham bebem o que deveria ser o leite das crianças e batem-se e terminam caídos nas docas. As mulheres gritam e lutam. Elas perdem os maridos e andam pela rua. O Estripador é uma punição de Deus por causa da bebida, não pode haver dúvida quanto a isso. O gim chinês é a última moda, sabe? E homens bons como meu irmão caem em seus braços em momentos de vulnerabilidade. Você não bebe sozinho, espero?

— Moderadamente.

Ela assentiu com a cabeça, agachando-se para pegar uma pena do chão.

— Nós temos uma luta em nossas mãos, Norman. Estou com o reverendo Hebden. A cidade tem sido um monstro para os pobres. Você leu a respeito de Charles Booth?

— Não, senhora.

— Ele fala tudo isso. Estamos atualmente ministrando a um lugar imundo chamado Cutler's Court. Já ouviu falar?

Balancei a cabeça. Ficamos de pé no meio da sala, encarando um ao outro. Ela manteve as costas retas, os braços cruzados. Seu rosto estava solene enquanto explicou:

— Mais de quatrocentas pessoas vivem em vinte casinhas, e de cada lado um matadouro. Dez almas dormindo em cada quarto. Um cano para água e duas latrinas. Você pode imaginar? E em toda parte pilhas de conchas de ostras e ossos.

Conseguia imaginar. Eu mesmo tinha vivido em tal lugar cerca de vinte anos antes. Eu conhecia essa cidade. Conhecia todos os seus males e todos os seus jogos.

— Todos os ofícios sujos cercam estes quartos — prosseguiu ela. — Os resíduos dos matadouros afundam em uma vala que percorre o centro da quadra. E é aí que esvaziam os vasos sanitários. O fedor é um insulto a Jesus, Norman. Toda a quadra é de propriedade de um homem que se recusa a instalar mais saneamento. Um senhorio. Mas nós estamos lá.

Ettie falava com paixão. E, pela primeira vez, eu avistei o espírito que a impulsionava. Senti que a entendia um pouco melhor. Ela olhou para mim em silêncio, esperando uma resposta igualmente forte, mas eu sabia que sobre este assunto teria que falhar. Embora tivesse deixado essa vida de morador de cortiço há muito tempo, não conseguia falar dela como se fosse estranha a mim.

— O que vocês fazem lá? — perguntei, em vez disso.

— Fazemos campanhas por melhorias. Ajudamos. Rezamos pedindo orientação. Há um programa que nossa organização segue em Londres, ensinamos higiene básica; realizamos reuniões de oração e fornecemos medicamentos. A Associação das Senhoras para o Cuidado e a Proteção de Garotas trabalha bem próxima de nós. Você as conhece?

— Já vi as mulheres pela cidade.

— Eu tinha pouco senso da escala do problema antes de vir aqui. Você sabe que William e eu fomos criados em… — Ela hesitou, e então um rubor subiu em seu rosto. — Ou seja, nosso pai tinha meios.

— Sim, eu sei disso, Ettie.

— Claro. De todo jeito, metade das mulheres da quadra trabalha como prostituta. Em algumas famílias, tanto mães como filhas ganham dinheiro dessa maneira. Tentamos ajudar as mais jovens. Há santuários aonde podem ir para aprender um trabalho útil. Tentamos salvá-las antes que seja tarde demais.

— Um trabalho nobre, Ettie.

— Não é fácil. Os homens não gostam que elas sejam salvas, então há problemas às vezes, mas os pobres são nossa carga e nossa responsabilidade. Assim diz o bom livro, Norman. A guerra está aqui. A guerra está em nossas ruas e becos.

Seu peito ardia de paixão sob o corpete preto do vestido. A testa dela estava vermelha, e fiquei satisfeito quando ela hesitou e tomou um fôlego lento. Eu não queria ouvir mais sobre o pessoal do cortiço, meu povo, por todas as coisas ruins que fizeram, que eu tinha feito a mim mesmo, ou assistido, ou encorajado. Eu sabia tudo o que ela descrevia, mas sabia pelo outro lado.

— Mas agora estou preocupada com meu irmão. Você disse que sabe onde ele está?

— Não se preocupe. Vou trazê-lo de volta.

— Muito bem. — Ela se virou para a escada. — E diga a ele para trazer alguns bolinhos. Quentinhos, por favor. Diga para pagar o preço integral.

• • •

Havia apenas outro companheiro no Hog naquela manhã, um grande marinheiro *lascar* com uma faca no cinto e o cabelo amarrado para trás como um pirata. Ele havia adormecido em um banco junto ao fogo, roncando de boca aberta. Uma mulher gorda estava ao lado do balcão, enxaguando copos em um balde de lata. O local fedia à fumaça de tabaco e à cerveja derramada que jazia como uma

mancha sobre o chão de pedra. O chefe estava sentado a uma mesa no canto, de costas para a porta. Em suas mãos entrelaçadas, uma garrafa de porter. Somente quando cheguei perto, pude ver que seus olhos estavam fechados. Coloquei minha mão em seu ombro e o sacudi. Ele gemeu e protestou.

— Recebi instruções da sua irmã para levá-lo de volta.

Ele abriu os olhos baços por um segundo para olhar em minha direção, então imediatamente deixou a cabeça cair sobre a mesa.

Coloquei meu braço sob o dele e o levantei. Estava pesado. Cada vez mais pesado.

A mulher desdenhou e suspirou enquanto eu lutava com a carcaça de chumbo.

Lentamente, os pés dele começaram a se mexer em passos irregulares. Ele gemeu de novo e enxugou a boca; os olhos se abriram um pouco; o rosto vermelho crispou. Ele arrotou no meu ouvido. Mas pelo menos estava andando, de certa maneira.

— Foi um prazer conhecê-lo, Hamba — murmurou ao marinheiro, que continuava a roncar no banco de madeira.

— Por que não o leva junto com você? — riu a mulher.

O chefe se virou e se curvou de forma solta na direção dela.

— Um prazer, minha pétala — balbuciou.

— Espero que não esteja pensando em sair antes de dar a Betts a coroa que lhe deve, sr. Arrowood. Ela me fez prometer coletá-la.

— Ah — balbuciou ele, procurando por moedas no colete —, claro, sim.

As moedas caíram no chão. Peguei-as, dei uma coroa à mulher e enfiei o resto no bolso.

Sem soltar meu braço, ele curvou-se mais uma vez. Quando ganhamos a rua, ele grunhiu com a súbita luz e cobriu os olhos.

— Carregue-me, Barnett.

— Vá andando.

— Estou sofrendo.

— Assim como eu, mas eu não mereço.

Nós caminhamos penosamente e nos balançamos através das ruas movimentadas. Quando chegamos aos seus aposentos atrás da loja de pudim, Ettie estava sentado na posição vertical remendando uma meia na cadeira favorita dele. Uma expressão de grande desapontamento cruzou o rosto dela.

— Você precisa de ajuda para levá-lo lá para cima?

— Estou bem, irmã — grunhiu ele, só agora soltando meu braço e ficando sozinho. — Ajude-me a subir a escada, Barnett. — Foi uma luta para subir a escada

estreita, mas chegamos ao topo e ele caiu no colchão, ofegando e apertando a testa. Agora *eu* estava ofegando.

— Barnett — ele chamou quando voltei para a escada. — Nolan saiu da cadeia?

— Saiu semana passada.

— Vá vê-lo.

Eu tinha decidido o mesmo na noite anterior, quando achei que o chefe estaria inclinado a ir ao Hog depois de me deixar, porém não lhe contei isso. Não era o nosso jeito.

— Pegue-me o urinol — murmurou ele.

— Pegue você mesmo — respondi enquanto descia a escada.

Ele estava roncando antes que eu chegasse lá embaixo.

Ettie me observou em desespero.

— Um momento, Norman — pediu, conforme eu cheguei à porta. — Você pegou o bolinho que pedi?

— Sinto muito. Estava com as mãos ocupadas.

— Bastante.

Sua boca se virou em tristeza: Ettie gostava de comida quase tanto quanto o chefe.

— Você deve pedir à sra. Barnett para vir a alguma reunião — disse ela. — O reverendo Hebden está sempre à procura de novos recrutas. Ela acharia enriquecedor, tenho certeza. Vou dizer-lhe a hora do próximo.

— Obrigado, Ettie.

Seus olhos se estreitaram quando um estranho barulho veio de seu estômago. No momento seguinte, um rubor claro subiu até suas bochechas.

— Está combinado, então — falou ela, voltando a cerzir. Nós dois fingimos que não ouvimos o gorgolejo em suas entranhas.

• • •

Nolan vivia em dois quartos de uma casa de hospedagem na Cable Street. Ele era um velho amigo da minha época de Bermondsey. Seu negócio sempre foi apenas o outro lado da lei, e muitas vezes íamos atrás dele se queríamos saber sobre coisas que estavam acontecendo nas partes irlandesas da cidade. Alguns dias antes, ele saíra de uma reclusão de catorze meses por ter roubado o casaco de um chinês na Mile End Road. Agora estava de volta à sua velha vida: receptar relógios e porcelana das boas mulheres de Whitechapel.

— Você não parece muito bem — disse ele, conforme nos sentamos à mesa.

A esposa dele, Mary, a mãe e dois primos tinham sido despachados para a sala da frente para permitir a nossa conferência. Apesar da luz do sol do lado de fora, a sala dos fundos estava fria, a luz da janela cortada por um edifício nem cinco metros mais alto atrás. Ele usava óculos quebrados no nariz, uma das hastes sendo um lápis mastigado amarrado com fios de corda.

— Desculpe por não o ter visitado no xadrez, rapaz — falei. — Eu tenho uma aversão aos criminosos.

— Perdoado, Norman. Como está o outro?

— Sofrendo depois de uma noite no Hog.

Ele riu e bateu na coxa.

— Ele nunca conseguiu absorver. Corpo fraco, esse é o problema. Estômago fraco. Agora, meu velho companheiro, como você está depois de todo esse tempo?

— Você ouviu alguma coisa a respeito de uma gangue de irlandeses ou americanos? Assaltando casarões no West End?

Ele se levantou e fechou a porta. Quando voltou, o sorriso tinha desaparecido.

— Eu deixaria isso pra lá, meu amigo. Vocês dois não querem ir atrás deles.

— Está ligado a um caso.

— Bem, pode ser, mas não quer nada com eles. Fique longe.

— O chefe não fará isso. Uma garota foi morta. Ele levou para o pessoal. E parece que essa gangue está conectada…

— Não me conte mais nada! — exclamou, e os óculos caíram da cara. — Eu falei que queria saber?

Neguei com a cabeça.

— Certo, aqui vai. — Ele se inclinou e pegou os óculos no chão de madeira. — Esses caras são fenianos. Você se lembra deles?

Assenti. Quem no país não se lembrava dos fenianos? Dez anos antes, a cidade estava em pânico com bombas explodindo por toda parte. Havia histórias todos os dias de novos alvos e esquemas frustrados pela polícia. Explosivos foram plantados no metrô subterrâneo, na ponte de Londres, até mesmo no Parlamento. As pessoas ficaram tão assustadas que pararam de usar os trens. O chefe em pessoa escreveu mais de uma história para o jornal sobre a caçada dos guerrilheiros e dos americanos irlandeses por trás de tudo. Eles trouxeram a luta pela Irlanda ao coração da Inglaterra, e todos nós que vivíamos aqui sabíamos disso.

— Mas pensei que eles tinham desistido disso tudo?

— A maioria deles sim, mas alguns seguiram seu próprio caminho. Eles ainda acreditam que a única coisa que os britânicos vão ouvir é a guerra. Ouvi dizer que estavam ligados aos roubos de alguma forma. E isso é tudo que eu ouvi.

— Nomes?

— Eu só ouvi um nome. Um camarada chamado Paddler Bill. Um dos Invencíveis, como dizem. Você se lembra deles?

— Os assassinos?

— Esses mesmo. Ele foi um que partiu, nem sequer foi nomeado no julgamento. Um tipo grande, ruivo, eu mesmo nunca o vi. Dizem que ele cuida das execuções daqueles homens. É por isso que ele continua a luta. Matou o irmão por delatar, é o que dizem. Matou em uma fábrica de doce. O ferveu em uma panela de caramelo.

Estremeci.

— Nossa, Nolan. Não gosto desse caso.

— Essas são pessoas que você não quer irritar — afirmou ele. — Fique bem longe.

Ele me observou enquanto eu pensava no assunto, enquanto ponderava se poderia persuadir o chefe de que o caso era demais para nós. Mas eu sabia que era uma fantasia: uma vez que ele tinha dado sua palavra, nunca desistiria.

— Por que roubar casas? — perguntei por fim. — O que isso tem a ver com a campanha?

— Pelo dinheiro, suponho. Lutar uma guerra custa caro.

— E você não sabe mais nenhum nome?

— Eu não sei nada a respeito dos outros. E, antes que diga qualquer coisa, também não vou perguntar nada por aí. Esses caras não têm medo de amarrar uma pessoa e deixá-la cair no rio em uma noite fria, isso é fato.

— Eu não pediria se não fosse importante, Nolan.

Ele balançou a cabeça, apertando as mãos nos bolsos. Um gato apareceu por trás do forno e se aproximou dele, esfregando o lado na perna da calça. Ele o chutou para longe.

— A Mary é irlandesa também, não é? — perguntei.

— Ela nasceu aqui. Sua mãe e seu pai vieram depois da fome, mas não sabem nada sobre esses fenianos. A maioria deles é americana.

— O que ela pensa a respeito deles?

— A prima dela, a Kate, vai para todas as reuniões de reforma agrária. Mas o pedido inteiro deles é por uma Irlanda livre. O pai também queria isso, antes de morrer.

— Como não seriam, vivendo com você?

Mais de uma vez, Nolan me encheu falando sobre autonomia política. Ele mesmo veio durante a Depressão vinte anos antes; o irmão dele, que ficou para trás, foi jogado na prisão de Tralee por ajudar agricultores inquilinos a resistir ao

despejo. Quanto mais ele me contava sobre o que estava acontecendo na Irlanda, mais envergonhado eu ficava sobre o que meu povo estava fazendo. O chefe estava com Nolan nesse assunto, e essa foi uma das razões pelas quais passaram a nutrir tanto respeito um pelo outro.

— Muitos de vocês nos veem como não mais do que lixo — disse Nolan, assentindo. — Há uma abundância de irlandeses que cumprem as leis aqui, amigo. Não eu, claro, mas muitos outros. E mesmo assim, quando qualquer crime é cometido, dizem que somos nós. Se há trabalho, somos os últimos a ser empregados. Nosso povo tem uma boa causa para tomar contra vocês. Mas ouça, Norman, eu serei pela libertação de meu país até que eu morra, mas não vou junto com as bombas. Nunca fiz isso.

Ele cruzou os braços e balançou a cabeça, e pelo olhar em seu rosto era possível ver que estava prestes a começar alguma conversa mais séria. Naquele momento, porém, a porta se abriu e a cabeça de Mary apareceu.

— O rapaz das bebidas chegou, pessoal — anunciou ela.

Nolan fez um barulho como se estivesse segurando a respiração. Ele sorriu.

— Quer tomar um gole de porter comigo? — perguntou ele.

Tomei um pouco de cerveja com ele e Mary, então ela saiu para pegar mariscos. Ainda assim, não consegui convencê-lo a fazer perguntas. Ele estava com medo desses fenianos. E Nolan não costumava ter medo de nada.

Capítulo Oito

Tinha acontecido um acidente do lado de fora do Fontaine quando nós chegamos naquele princípio de noite. Um cavalo havia caído e morrido, puxando o carro para o lado. Uma dama estava sentada em um degrau, gritando, sangue por todo o rosto e um buquê de flores na mão, enquanto o condutor tentava desacoplar a carruagem do corpo do cavalo. Uma multidão se reuniu para cutucar o cavalo e olhar para a mulher que gritava. O chefe se inclinou para ela enquanto passávamos.

— Está ferida, senhorita? — perguntou ele, estendendo o lenço. — Aqui, pode usar.

O choro dela se acalmou conforme olhou através de lágrimas para o chefe, depois para o pano vermelho esfarrapado. Vendo as manchas de tabaco e os fios pendentes enrugados de sabe-se lá o quê, estremeceu e se afastou.

Rapidamente ele guardou o farrapo.

— Quer que eu busque alguém? — perguntou ele.

— Não me toque — ela sibilou e cobriu o rosto com as mãos. — Não preciso de ajuda.

Ele bateu com a bengala contra as botas e balançou a cabeça, uma aparência de tristeza no rosto. Ele não parecia saber o que fazer.

— Venha, senhor — falei, pegando-o pelo braço. — O condutor vai lidar com ela.

Eric estava na janela do estúdio, observando a multidão. À medida que abrimos a porta e entramos, ele foi rapidamente para trás do balcão. Usava uma gravata manchada e uma camisa de algodão de gola alta de algum tecido amarelo. Reconheceu o chefe de imediato.

— Ah, senhor, veio para marcar uma consulta para o retrato. Estou tão feliz. Eu adoraria a oportunidade de registrar suas características nobres para a posteridade. Você tem exatamente o perfil pelo qual estou neste negócio.

— Bem, sim, de fato — gaguejou o chefe, desaprumado pela rara lisonja. Eu nunca tinha ouvido ninguém descrever aquela cabeça de batata grande de tal forma antes. Nunca.

— Quando você pretende? — perguntou Fontaine. — Hein?

Abriu o livro de compromissos e pegou a pena para marcar.

— Mas primeiro nós gostaríamos de uma rápida reunião com a srta. Cousture, senhor — disse o chefe. — Se não for muito problema. Apenas uma breve reunião.

Os lábios firmes de Fontaine caíram, revelando dois dentes frontais que sobressaíam acima do lábio inferior como uma lebre.

— Ela não está aqui. Saiu para tomar sopa há várias horas e não voltou. Se você a vir, pode dizer-lhe que estou muito perto de encontrar outro assistente. Sabe, senhor, eu contratei uma mulher porque acredito na emancipação da espécie feminina.

— Minha irmã também acredita — o chefe respondeu com firmeza.

— Bem, e é assim que sou tratado.

Ele ficou irritado, apenas por um momento, e foi então que seu sotaque escorregou. Podia claramente ouvir um sabor de irlandês em suas vogais. O chefe me deu uma olhada.

— Certamente isso lhe dá crédito, senhor — respondeu o chefe. — Há quanto tempo diz que ela trabalha aqui?

Fontaine suspirou e levantou a pena.

— Você disse uma reunião?

O chefe assentiu e olhou ao redor para os retratos nas paredes.

— Você tem um olho muito bom — afirmou ele, coçando o queixo. — Eu vejo muita alma nessas pessoas.

— Esse é meu objetivo como artista — replicou Fontaine com seriedade. Ele apontou para um retrato de um soldado que pendia atrás do balcão. — Este é o meu melhor.

— Ah! De fato é uma obra de arte — declarou o chefe.

Fontaine olhou para aquilo por um tempo.

— O senhor também tem um bom olho — disse ele, voltando-se para o chefe.

— Eu me pergunto se talvez você possa ter tempo agora para o meu retrato?

— Ora, sim! Acredito que tenho. Acredito que tenho exatamente tempo o bastante antes do meu próximo cliente. Venha, venha. — Ele gesticulou para o chefe passar pela cortina preta. — Entre! Um homem como você absolutamente deve ter uma representação de seu rosto fino no seu corredor, ou na sua sala de estar, ou talvez sua biblioteca… absolutamente!

Ele ainda estava falando enquanto desaparecia atrás da pesada cortina. Eu esperei um momento ou dois antes de aproveitar a oportunidade para explorar as gavetas do balcão. Elas estavam cheias de parafusos, pratos e lâmpadas. Na gaveta inferior, encontrei seu livro de contabilidade, no qual soube que ele tinha começado a pagar a srta. Cousture em janeiro deste ano — não quatro meses antes. Procurei um endereço e eventualmente o encontrei escrito na folha de trás de um pequeno caderno.

O chefe apareceu vinte minutos depois, cabelos penteados e untados, os bigodes aparados, a gravata amarrada no pescoço.

— Sim, senhor — Fontaine estava dizendo. — Uma semana. E qual é seu endereço?

— Coin Street, no número 59. Atrás da loja.

— Vou colocar uma moldura, a mesma do retrato do soldado. Sua irmã ficará tocada com a foto, eu lhe asseguro. — Ele segurou a porta aberta. — Nenhuma dúvida disso, senhor.

— Bem, isso foi interessante, Barnett — disse o chefe conforme dobramos a esquina no fim da rua. — Parece que nosso cliente não foi introduzido por seu tio o negociante de arte como ela diz. De acordo com o sr. Fontaine, foi um reverendo da igreja que o abordou, no último Natal, se me permite dizer. O reverendo ofereceu a moça a Fontaine pela metade do pagamento que ele daria a qualquer outro. Ela não sabia nada da arte da fotografia, ao que parece. Nada mesmo. Mas, você sabe, um rosto bonito e a suave persuasão da Igreja podem compensar muito.

— E o trabalho mal remunerado.

— De fato.

— Ela começou a pagá-la apenas em janeiro — disse eu. — Pelo menos é o que diz a contabilidade.

— Vejo que você também esteve ocupado. E mais uma coisa: srta. Cousture recusou os avanços do sr. Fontaine, e ele ainda não vai desistir da possibilidade de levá-la para a cama.

Eu ri.

— Fico impressionado com o que as pessoas contam para você.

— Oh, ele não me contou. Eu li isso nele.

— Você leu isso nele?

— Sim, Barnett. Parece que esses desaparecimentos dela são bem regulares e inesperados. Isso ele me contou. Mais regulares do que alguém toleraria de um empregado. Ainda assim, ele não a dispensa, apesar da óbvia raiva. Por quê? Como o sr. Darwin nos fala, não precisamos olhar mais longe do que a essencial natureza

animal do homem. É porque ela é linda e ele anseia encontrar-se entre suas coxas, assim como muitos homens, tenho certeza. Sem dúvida, dada a sua posição, ele acredita que é seu direito. Não é sua culpa. É o direito do leão tomar as fêmeas de sua alcateia, e o sr. Fontaine é um leãozinho. Não tenho dúvida de que muitos lojistas dessa rua vão pra cama com suas assistentes. A cidade está cheia de pequenos leões. Ele deve ficar engasgado que ela não se oferece. É como se tivesse comprado um belo bolo, que fica o dia todo em seu balcão, mas não pode comê-lo.

— Talvez ele seja casado.

— Oh, Barnett, você é tão adorável às vezes.

— Como pode estar tão certo de que ele a deseja?

— Porque ela é linda. Eu a desejei. Você a desejou.

— Eu não.

— Você a desejou, sim, meu amigo. Eu vi você perder a habitual compostura bruta na minha sala. Apesar do seu compromisso com a formidável sra. Barnett, até mesmo você foi tomado por esta senhorita.

Nós tivemos que parar porque um vendedor de rua empurrou um carro largo empilhado com casacos através do pavimento e em um beco.

— Suas deduções são mais parecidas com as de Sherlock Holmes do que você pensa — eu disse a ele quando estávamos andando.

— Não, Barnett. Eu decifro as pessoas. Ele decifra códigos secretos e canteiros de flores. Esse homem e eu não somos iguais, e francamente estou ficando cansado de suas piadas sobre ele.

Eu ri comigo mesmo enquanto caminhávamos.

— Por que ela mentiu para nós? — perguntei quando passamos debaixo da ponte ferroviária.

— Não sei. E, já que o sr. Fontaine não quis concordar em contar onde ela mora, vamos ter que esperar até ela reaparecer para descobrir. Outro trabalho para você, Barnett, amanhã. Reze para que a chuva não volte.

Eu estendi o pedaço de papel no qual rabisquei o endereço.

— Que sorte que eu achei isso então, senhor.

Um sorriso percorreu o rosto avermelhado do homem. Ele me deu um tapinha nas costas.

— Excelente, Barnett. Vamos torcer para que ela esteja lá.

• • •

Notei o sujeito quando viramos na Broad Wall. Ele não teria sido um homem notável normalmente, exceto que tinha um pedaço de papel marrom rasgado preso à perna da calça. Eu tinha visto isso mais cedo no café, e me perguntei, enquanto bebia minha cerveja, se tinha ficado preso lá por ter caído melaço ou algo do tipo. E ali estava novamente, preso ao mesmo homem que caminhava ao longo do outro lado da rua olhando para as janelas altas.

— Vamos virar neste beco, senhor? — perguntei à medida que nos aproximamos de uma passagem estreita à nossa direita.

— Mas por quê?

— Há um homem que pode estar nos seguindo. Não olhe para trás. Ele está do outro lado da rua. Tamanho médio em um casaco cinza.

O chefe apertou as mãos e mordeu o lábio, ansioso para dar uma olhadinha enquanto seguíamos em frente.

— Não, não faça isso — falei. — Não olhe.

— Sim, sim, Barnett — respondeu ele, irritado com essa restrição e esforçando-se para manter seus olhos no caminho à frente. Ele estava mancando com seus sapatos apertados e bufando com seu peso. — Eu o ouvi da primeira vez.

— Você estava prestes a olhar.

— Não, eu não estava.

No presente momento, tínhamos chegado ao vale. Era uma trilha estreita e escura, os ateliês e fábricas de cada lado, construídos altos e inclinados uns para os outros enquanto subiam ao céu cinzento. A maioria estava fechada para a noite, mas alguns tinham luzes fracas atrás de suas janelas sujas. Pessoas cansadas passaram por nós, roupas grossas e desgastadas, olhos lançados para baixo. O solo abaixo de nós alternava entre cascalho e lama. Logo adiante, um carrinho estava sendo carregado com caixas. Continuamos passando por isso, depois voltamos para uma passagem ainda menor. Nós não olhamos para trás, e no final se transformou em outro beco, ainda mais escuro. Eu apontei para uma curva na estrada à frente, onde uma pequena parede se sobressaía.

— Sim, ideal — disse o chefe.

Corremos para aquela direção e nos escondemos lá; fiquei espreitando para fora o caminho pelo qual viemos, o chefe atrás de mim, encostado em uma porta, recuperando o fôlego.

Logo o homem apareceu, andando rápido na nossa direção.

— Ele está vindo — sussurrei.

— Aguenta aí — murmurou o chefe.

Houve um súbito barulho atrás da gente. A porta sobre a qual o chefe estava se inclinando foi escancarada e lá apareceu uma mulher em farrapas segurando um penico cheio até a borda com um guisado imundo. Parecia surpreendida ao ver dois cavalheiros em pé à sua porta esperando a entrega dos dejetos de sua família. Talvez incapaz de impedir seus músculos de fazer o que estavam acostumados a fazer em tal momento, ela balançou o pote para trás como se para mandá-lo para a rua.

O chefe, assustado, afastou-se rapidamente da mulher e em linha reta, direto na vista de nosso perseguidor. Ao vê-lo, o homem virou-se e correu de volta pelo caminho.

— Maldição! — o chefe exclamou, e enquanto falava recebia metade da entrega da mulher em suas calças.

Parti atrás do homem. Quando dobrei a primeira esquina, o vi correndo logo adiante, oculto ao lado do tijolo preto. Eu estava ganhando terreno sobre ele, de modo que, quando chegou ao próximo beco eu tinha certeza de que iria pegá-lo. Ele virou à direita, levando-nos mais longe das lâmpadas da Broad Wall, mais adiante no labirinto de edifícios úmidos. Fui retardado por um carrinho que tentava girar e o cavalo obstruiu meu trajeto.

— Espere, espere — resmungou o entregador. — Você vai assustá-lo.

Eu passei por cima do carrinho vazio.

— Maldito fanfarrão! — gritou o homem, dando um golpe no ar com seu chicote.

O beco estava vazio. Corri, logo chegando a um cruzamento. Por instinto, virei à esquerda novamente, vendo as lâmpadas de uma rua adequada um pouco à frente.

Foi quando estava percebendo isso que senti minhas pernas varridas de debaixo de mim e batendo duro para baixo sobre o cascalho. Bem quando meu quadril caiu no chão, outro golpe foi desferido sobre minha espinha. Gritei de dor, apenas conseguindo torcer a cabeça para ver o homem, seus olhos estreitos queimando naquele rosto barbudo, erguendo o cassetete para bater em mim novamente. Meus olhos se fixaram na mão apertando o cassetete, na unha machucada e esmagada de seu primeiro dedo, e naquele momento a unha arruinada parecia zangada e vingativa, como se o homem em si fosse sua própria ferramenta. Levantei a mão para impedir o golpe, recebendo-o no antebraço. Imediatamente, uma grande onda de náusea veio sobre mim e a força saiu do meu corpo. Meus ouvidos estavam badalando com os sinos da Igreja de Cristo; meus olhos estavam cheios de lágrimas.

Estava impotente. Enrolei-me firmemente em uma bola, apertando, apertando até mesmo os olhos, preparado para o próximo golpe.

Ele não veio. Com medo de virar a cabeça, caso fosse esmagada em uma massa, eu ouvi. Lentamente os sinos desapareceram e eu podia ouvir uma voz de mulher falando de dentro de um dos edifícios. Peguei a minha coragem e virei a cabeça. O homem tinha ido embora.

Eu me sentei, incerto de que poderia me levantar. Cada pequeno movimento me fez sacudir dolorido. Olhei para cima e para baixo pelo beco até garantir que ele tinha ido, então, encostado na parede, eu me empurrei para ficar de pé.

Uma dor forte em minhas costas fez com que eu me sentasse no chão de novo, onde descansava, esfregando meu braço, esperando o sentimento de dor deixar a barriga.

Uma mulher virou a esquina à frente, uma panela de cozinha pesada nas mãos.

— Você caiu, companheiro? — perguntou ela.

— Só um pouco, madame — respondi, tentando fazer minha voz soar normal. — Tropecei.

— Quer ajuda?

Ela colocou a panela de lado e me ajudou a ficar de pé. Ela era tão bem constituída quanto a sra. Barnett, e sua presença fez com que me sentisse mais forte.

— Você passou por um homem baixo com uma barba lá em cima? — perguntei a ela. — É provável que ele estivesse correndo.

— Ele estava bem apressado — replicou ela, pegando a panela. — Ele roubou você, não foi?

— Pode-se dizer que sim.

— Bem, você não quer se preocupar com a polícia, a menos que queira desperdiçar meio dia ou mais.

— Você viu como ele era?

— Não muito na luz. Olhinhos finos, parecendo suspeitos, eu diria. Mas, como digo, você não quer se incomodar com a polícia desta vez.

Nós caminhamos lado a lado. A cada passo eu sentia uma dor chocante nas costas.

— Pergunte-me por quê — disse ela.

— Por quê?

— Porque ele tinha um cassetete da polícia no cinto. E era um cinto de polícia, companheiro. No entanto, não estava usando um uniforme. Apenas as botas de padrão de tira.

— Você sabe bastante a respeito das roupas dos tiras, não é?

— Meu velho era um intendente — explicou ela. — Antes de morrer. Eu tinha que polir as botas todos os dias. Você é casado?

Assenti. Caminhamos juntos até chegar à estrada principal, de onde ela bamboleou para a ponte. Quando estava fora de vista, eu me abaixei nos degraus da Home e Colonial para me dar descanso da dor. Passou-se uma hora antes que eu tivesse forças para seguir em frente.

Capítulo Nove

Quando cheguei aos aposentos do chefe, ele estava sentado com uma caneca na mão. Ettie estava na cadeira perto da janela, com a mão espalmada sobre a testa. Ela me cumprimentou rapidamente, depois fechou os olhos. O chefe balançou a cabeça em uma negativa como se para me avisar, então, ainda agitando seu grande nabo, deu um longo gole na cerveja. Ele parecia culpado pelo que aconteceu, mas, como era o jeito dele, não me ofereceu nenhum pedido de desculpa.

Eu me abaixei com cuidado até o sofá. Com certeza devia ter um grande hematoma em toda a minha espinha. O chefe notou minha mão inchada.

— Deus do céu, Barnett! O que diabos aconteceu com você? Devo chamar um médico?

— Suponho que isso sairia do meu pagamento também, não é? — repliquei, mais afiado do que pretendia.

Ele pareceu magoado.

— É só um machucado leve — falei mais gentilmente.

Eu me perguntei se Ettie, por ser uma enfermeira, poderia dar uma olhada, mas ela não se moveu detrás de sua mão.

— Você precisa de algum cuidado — insistiu ele. — Posso fazer com que o médico veja Ettie ao mesmo tempo. Vai ser mais barato assim.

— Eu não preciso — ela respondeu rápido, os olhos ainda fechados.

— Nem eu — falei. — Embora uma bebida possa acalmar os meus nervos.

Ele me passou uma pequena garrafa azul.

— Clorodina — explicou. — Um remédio bastante mágico. Vai ajudar.

Tomei um gole quando o chefe derramou-me uma caneca de cerveja inglesa. Sentindo a boa medicina aquecer a garganta, contei como tinha sido espancado no beco.

— Puxa, Barnett — ele disse quando eu terminei. — O caso se torna mais complicado a cada dia. Estive sentado aqui intrigado sobre por que a srta. Cousture

mentiria para nós. Ela veio aqui enquanto estávamos fora, sabe. Minha irmã falou com ela. Parece que está de repente impaciente para saber se nós fizemos qualquer progresso. Mas não deixou um endereço. Isso não parece estranho, Barnett?

— Não tem nada a respeito desse caso que não pareça estranho.

— E agora um policial nos segue, dá uma surra em você, mas não tenta questioná-lo.

Ettie soltou um suspiro e se moveu na cadeira, uma careta no rosto pálido.

— O que aflige a sua irmã? — sussurrei.

— Ela está fraca e indisposta. — A voz do chefe aumentou em volume enquanto ele falava. — Ela não vai para a cama. Apenas fica sentada lá.

Eu detectei uma ligeira cintilação nas pálpebras dela. Estava claro que ela ouvia, mas estava resolvida a não responder.

O chefe levantou os olhos para o teto e bateu o cachimbo.

— A primeira coisa que vamos fazer amanhã de manhã é visitar a srta. Cousture, antes que ela saia para o trabalho. Vamos vasculhar o quarto dela em busca de provas.

— Você acha que ela permitiria?

Ele riu.

— Tenho certeza de que não vai permitir, mas pode pelo menos provocar que ela nos diga a verdade.

O sino da loja começou a tilintar. Com muita dor, eu me levantei e fui até lá para encontrar o inspetor Petleigh à porta. Atrás dele estava o jovem intendente com a voz ressonante que tomara conta da cena do assassinato na igreja St. George the Martyr. Eu os guiei para o salão onde o chefe estava sentado sozinho. As tábuas rangendo acima me disseram que Ettie tinha se recolhido.

— São esses os homens? — Petleigh perguntou ao policial.

— Eles são os homens, senhor — berrou o jovem. — Ele e ele.

— Eu sabia — disse o inspetor. — No momento em que você os descreveu, sabia que eram esses dois.

Ele riu de forma desagradável. Tínhamos lidado muitas vezes com o inspetor Petleigh ao longo dos anos, algumas das quais tinham ido bem, outras nem tanto. Ele não aprovava o trabalho que fazíamos, mas sabia que não havia polícia suficiente para examinar todos os crimes da nossa região. Ele não era um tipo ruim, embora fosse impossível o chefe admitir isso.

— O alto foi que saiu em perseguição — disse o policial. — O outro estava segurando a cabeça dela. Eles a conheciam. Disseram isso.

Petleigh se sentou sem ser convidado ou sem que o chefe se dirigisse a ele.

— Estou desapontado com você, William. Muito desapontado. Pensei que tivesse aprendido sua lição. Concordou em ficar com saqueadores e infidelidades. Agora encontro você na cena de um assassinato novamente.

Ele torceu o bigode e esticou as pernas. Estava usando botas novas de couro, as solas molhadas com lama fresca. Eu notei que o jovem intendente, que estava perto da porta segurando o capacete ao lado dele, também não limpou os pés. Fui até o armário para pegar a vassoura.

— Estou feliz por terem tido uma mente tão afiada quanto a sua neste caso — afirmou o chefe, reacendendo o cachimbo. — Diga-me, pegaram o demônio?

— Estamos investigando. Parece com um assalto na rua que azedou, embora a menina não tivesse muito o que ser roubado. Existe também a possibilidade de o Estripador estar de volta. O comissário está de olho nisso.

— Oh, por favor, Petleigh! — gritou o chefe. — Isso é ridículo. Jack nunca atuou na luz do dia com a rua cheia de gente.

— É verdade. Estamos trabalhando em várias pistas. Mas estaríamos mais perto de nossa solução se a informação não estivesse sendo retida.

— Posso perguntar quais são essas pistas?

Petleigh suspirou e balançou a cabeça em uma negativa. Um sorriso dolorido abriu os lábios finos.

— Você me toma por um idiota? — perguntou ele.

— Nem um pouco, senhor. Eu o tomo por um imbecil.

As narinas de Petleigh se dilataram e ele falou bruscamente:

— Sabe, senhor, posso levá-lo ao magistrado por obstruir a investigação.

— Eu não fiz nada, inspet…

— Você está trabalhando em um caso conectado ao assassinato — interrompeu Petleigh, falando alto. — Estou errado?

— Não.

— Portanto, tem informações sobre as quais não nos informou no momento relevante. Vários dias já se passaram, tempo suficiente para o culpado fugir. Um magistrado pode dizer que você estava protegendo o assassino.

— Nós não sabemos quem é o assassino — respondeu o chefe. — Ele passou correndo por nós. Barnett o perseguiu, mas o perdeu.

— Em que caso você está trabalhando?

— Estamos tentando encontrar o namorado da garota. Nós deveríamos encontrá-la na igreja.

— Ela os contratou — declarou Petleigh.

— Não.

— Então quem foi?

— Não posso dizer a você — respondeu o chefe, balançando a cabeça. — Cliente pediu privacidade.

— Contem ao inspetor! — latiu o policial. — Caso contrário, vamos transportá-lo para passar a noite no xilindró.

Petleigh levantou a mão para o jovem.

— Nós podemos ajudá-lo a pegar o assassino, inspetor — disse o chefe.

— Você se tem em muita alta conta, sr. Arrowood — disse Petleigh, cruzando as pernas. — Quem você pensa que é? Sherlock Holmes?

O chefe bufou.

— Vou deixar claro. Nós somos a polícia. Nós lidamos com assassinatos, violações, assaltos. Homens perigosos. Você procura advogados que tenham processado seus contratos. Você busca os maridos que fugiram com a empregada doméstica. Nós não fornecemos informações… vocês fornecem para nós. Então, mais uma vez: para quem estão trabalhando e o que sabem a respeito do assassinato?

— Eu vou dizer o que posso se descobrir o nome do oficial que deu uma sova em Barnett esta tarde — disse o chefe.

Eles olharam para mim.

— Ele estava nos seguindo, inspetor — contei. — Eu me pergunto se talvez tenha sido você que o colocou na nossa cola?

Petleigh olhou para o intendente.

— Você sabia disso? — perguntou ele.

O intendente negou com a cabeça.

Mostrei-lhe o braço inchado, então levantei a camisa para revelar o machucado nas costas.

— Ai! — exclamou o chefe, inclinando-se na cadeira. — Que coisa horrível! Isso deve estar dolorido. Está da cor de rins, Barnett. Acho que devemos chamar o médico, afinal.

— Não, senhor. Não posso pagá-lo. — Coloquei a camisa de volta e me dirigi a Petleigh: — Era um tira, contudo. E você não respondeu a pergunta. Você que o colocou para fazer isso?

— Não, Norman — negou Petleigh. — Eu juro. Conte-me o que aconteceu.

Quando expliquei e descrevi o homem o melhor que pude, ele disse:

— Você tem certeza de que era um oficial?

— Ele usava um cinto da polícia, e foi um cassetete policial que me acertou.

— Eu não reconheço a descrição. Intendente?

— Tem um que trabalha na região de Elephant and Castle que casa com a descrição — respondeu o jovem. — Eu não sei o nome dele. Mas não consigo pensar que um dos nossos homens faria tal coisa.

— Se é um oficial, e não sabemos disso com certeza, mas, se for, deseja fazer uma queixa? — perguntou Petleigh.

— Queremos o nome — o chefe disse, olhando para mim. — Isso é tudo por enquanto.

Petleigh considerou por um tempo.

— Nós faremos as perguntas. Agora conte-nos o que vocês sabem.

O chefe o preencheu com todos os fatos que sabíamos. Petleigh rabiscou um caderno enquanto conversava, tentando repetidas vezes obter os nomes de nossos clientes e nossos informantes. O chefe resistiu.

— A garota tinha isso nas mãos — disse ele, pescando a bala de dentro do casaco. — Acredito que queria entregar para nós.

Petleigh segurou contra a lâmpada e inspecionou. Então colocou sobre a mesa.

— Pode ter sido o namorado que deu isso a ela. Ou ela pode ter pegado de algum lugar. Não acho que seja importante.

— Oh, sério? — indagou o chefe. — Bem, suponho que devemos confiar no seu julgamento quanto a isso. Então, qual é sua teoria, inspetor?

— Oh, não, não — Petleigh disse em uma voz cansada. — Você nos conta a sua, Arrowood.

O chefe pigarreou e se sentou mais para a frente.

— A história mais simples é que o rapaz francês estava envolvido em alguma coisa entre Cream e a gangue feniana. Algo deu errado e o menino fugiu ou foi morto. Martha foi assassinada porque estava prestes a me dar uma informação, o que significa que é algum assunto sério. Mais sério do que imaginávamos quando aceitamos o caso. É o meu melhor palpite. Agora, o que vocês descobriram?

Petleigh levantou-se, escovando uma poeira imaginária da jaqueta.

— Mais ou menos isso — respondeu ele enquanto examinava as mangas. — Ou similar.

Não consegui evitar o riso. O rosto de Petleigh azedou.

— Preciso dos nomes dos seus informantes — insistiu ele.

Eu pisei na beira da lareira e comecei a despertar as últimas brasas do fogo. O chefe exclamou impaciente e fuçou nos bolsos em busca de fósforos. Ele não disse nada.

— Você me causa muita irritação, Arrowood — disse Petleigh por fim. Ele colocou o chapéu cuidadosamente na cabeça. — Deixe isso para a polícia, senhor.

Se Cream ou os fenianos escolherem se livrar de você, eles vão esmagá-lo como… como… — Ele estava diante de nós, a boca aberta, o peso do aviso perdido em sua incapacidade de encontrar uma descrição adequada. — Como uma vaca indo pro brejo — disse por fim. Ele se virou para mim. — Isso também serve para você, Norman.

— Também vou pro brejo, inspetor?

— Eles também vão quebrá-lo como um biscoito.

— Claro, senhor.

— Estou falando sério! — Petleigh gritou em fúria. — Vocês não são páreo para eles. Sabemos que os homens de Cream estão por trás de uma onda de mortes nos últimos anos, e parece que podemos adicionar o assassinato desta menina à lista. Vocês não sabem nem a metade, Arrowood. Afogamentos, espancamentos, incêndios… qualquer coisa que possa pensar. As coisas mais assustadoras. Eles vão matar qualquer um que se interponha no caminho, e tem pessoas tão assustadas que não conseguimos ninguém para atestar contra eles. Não preciso lembrar-lhes do caso Spindle, preciso? Viram o que fizeram com o homem!

O chefe assentiu.

— Quer que aconteça o mesmo com você? — demandou Petleigh.

O chefe sentou-se, pensando, com as mãos apertadas sobre a barriga, os olhos no fogo.

— Você vai me mandar o nome então, Petleigh? — ele perguntou por fim.

— Sim, eu lhe mando o nome — replicou o inspetor com um suspiro. — Mas deixe o assassinato da atendente para nós. Se você descobrir alguma coisa, deve me informar logo. Envie o garoto dos bolinhos com uma mensagem. Não siga essa trilha você mesmo. Estou avisando.

Quando eles se foram, e nós estávamos sentados no estúdio quente, tomando outra caneca de cerveja, o chefe deixou escapar uma risada sem graça.

— Mais ou menos isso! — declarou ele. — Mais ou menos isso, Barnett! Idiota. Ele sabe que, sem a gente, não tem chance de resolver este crime.

— E quanto a amanhã, senhor?

— Amanhã nós vamos ver a respeito dessa moça francesa.

Capítulo Dez

Não dormi muito naquela noite, embora estivesse cansado o suficiente e necessitasse de um descanso. Não conseguia ficar confortável com a contusão nas minhas costas, e meu braço estava ardendo. Meus pensamentos ficaram girando a noite toda; para cada direção que iam, havia homens prontos para nos matar. Se dependesse de mim, teríamos devolvido o dinheiro logo que a srta. Cousture mencionou o Barril do Bife, mas agora tínhamos que nos preocupar com os fenianos também. Uma garota já havia morrido e eu tinha tomado uma sova. Havia apenas um sentido para onde isso iria: quanto mais fundo chegássemos neste caso, pior ficaria.

Conforme seguimos pela velha Kent Road, passando pelas pessoas apressadas indo para o trabalho, as diligências públicas cheias a ponto de explodir, coloquei de forma simples:

— Nós provavelmente seremos mortos antes que este caso acabe.

— Não se tomarmos cuidado — o chefe replicou.

Pelo jeito que falava, não tive certeza se ele acreditava em si mesmo.

— Você deve estar preocupado com os fenianos, William — afirmei.

O rosto dele ficou soturno. Mesmo que argumentasse com força a respeito da independência da Irlanda, o bombardeamento feniano pelo qual tínhamos passado dez anos antes o tinha aterrorizado. Ele cobriu os atentados para o jornal, e acompanhou o julgamento dos Invencíveis, os bombardeadores da Mansion House, os atentados triplos. Ele tinha investigado o Fundo da Escaramuça e o Triângulo, e as conexões emaranhadas entre a organização Clan na Gael e Parnell. Ele se tornou um homem mudado nesses anos, e talvez isso o tenha feito perder seu trabalho no final. Antes, não tinha medo, perseguindo uma história aonde quer que ela o levasse. Mas os anos de pânico na cidade o afetaram. Ele parou de colocar leite no chá, acreditando nas histórias de que os fenianos envenenavam as garrafas de leite com estricnina. Depois que o plano a respeito do metrô foi descoberto, ele

não ia mais aos túneis, e até hoje só andava pela cidade de ônibus. Por um ano inteiro, como muitas outras pessoas assustadas, ele comprou sua água de um carrinho do campo no caso de terem envenenado os reservatórios. Nunca havia visto um homem com tanto medo. Foi em parte o que afastou Isabel, e demorou alguns anos antes de começar a recuperar seu antigo eu. Um pouco desse medo ainda permaneceu, contudo, e dava para vê-lo nos contornos dele às vezes, misturado com os ataques de cólera e a gentileza e a confusão de outras qualidades que compunham sua personalidade.

— Que tal pularmos fora agora? — perguntei. — Devolvemos o dinheiro para a senhorita. Algo mais vai aparecer com o tempo. Assim que Cream e os fenianos descobrirem que estamos interessados, vamos acabar no fundo de um rio. E agora temos um tira corrupto. Como não sabemos se tudo o que contamos para Petleigh não vai se voltar contra nós?

Ele estava em silêncio. Sem dúvida se recordava do caso de Betsy, quando John Spindle tinha sido espancado até a morte pelos homens de Cream. Parecia um trabalho simples quando nós o aceitamos. A srta. Betsy queria que observássemos seu marido, um estivador nas docas, por causa da diminuição significativa dos salários dele. Ela calculou que ele estava jogando, embora o dinheiro estivesse indo para uma segunda esposa que ele mantinha próximo da região de Pickle Herring Stairs. Pensamos que seria moleza. Um par de dias o seguindo quando terminasse o trabalho nas docas, depois para o próximo caso. E teria sido assim, exceto pelo fato de que o chefe se afeiçoou imediatamente à outra esposa de Bill Betsy, e ela o enganou para que ele ajudasse o primo dela com um problema em que tinha se metido. Foi desse modo que causamos a morte de John Spindle. Sem saber o que estávamos fazendo, nós o expusemos, então não havíamos chegado em uma carruagem para buscá-lo, como dissemos que faríamos. Nós o deixamos nas mãos do sr. Piser e de Boots, para que fosse espancado até a morte em uma cela fria da casa de hospedagem onde o escondíamos. A culpa pesou em nós desde então, e desde então tínhamos mantido a nossa promessa de nos afastarmos de serviços que poderiam se tornar ruins. Por quatro anos, mantivemos essa resolução, ainda assim a lembrança do caso podia fazer de nós os homens mais arrasados de Londres.

O chefe parou de andar.

— Barnett, escute-me — disse ele, a voz forte e feroz enquanto as pessoas passavam por nós no pavimento. — Cometemos um erro terrível antes, mas aprendemos com ele. Eu sabia que chegaria o dia em que teríamos que expiar o que aconteceu e teríamos que usar tudo o que aprendemos. — Ele ficou lá parado olhando para mim, óculos empoleirados no nariz vermelho. Enfiou as mãos nos

bolsos. — Este caso nos encontrou. Eles mataram Martha, aquela pobrezinha. Morta pelo segredo deles. Temos que seguir neste caso por causa dela. Eles não podem se safar de novo. Petleigh não vai resolver, você sabe. A menos que haja evidência clara, a polícia não pode fazer nada. Eles não têm o pessoal.

— Você tem uma moeda para o bebê, senhor? — murmurou uma mulher imunda em um embrulho grosso de panos que havia chegado atrás de nós. — Ele não está muito bem, pobrezinho.

O chefe pescou uma moeda e a entregou. Ele olhou para o rosto sujo do bebê, para o ranho que corria sobre os lábios e a remela amarela que colava seus olhinhos e tirou o novo lenço amarelo, que apareceu no bolso do colete no dia anterior.

— Limpe o rosto dele — ele disse para a mulher.

Ela olhou para o pano como se fosse um truque. Com um suspiro impaciente, ele mesmo esfregou o rosto da criança, depois enfiou o lenço novo no cobertor da criança.

— Não venda isso — ele disse para ela enquanto caminhava para longe. — Não é para você, é para o bebê.

Mais adiante, ele se virou para mim.

— Este caso nos escolheu, Barnett — reiterou ele. — Esta é nossa chance de acertar as coisas.

• • •

O endereço acabou por ser uma casa de campo de tijolos cinza em uma ampla avenida de casas confortáveis. Na parede, uma placa de latão com uma cruz e as letras SCJ. A porta foi aberta por uma matrona em um vestido preto, um lenço branco amarrado sobre a cabeça. Ela não estava muito satisfeita por ter visitantes tão cedo pela manhã e nos pediu para voltar em uma hora mais decente. Nós ficamos onde estávamos, e eventualmente ela nos permitiu entrar enquanto subia a escada para encontrar a srta. Cousture.

O salão era um quarto sombrio. Um piano estava em um canto, um sofá comprido ao longo da parede. Não havia ornamentos, exceto por um crucifixo de prata com a figura torcida de Cristo pendurada de suas asas. Nós nos sentamos em duas cadeiras pesadas perto da pequena lareira. Enquanto esperávamos, podíamos ouvir o movimento no fundo da casa, e o riso das mulheres no piso acima. Parecia haver uma série de mulheres no lugar.

— É uma casa respeitável o bastante para uma vendedora — comentou o chefe.

— Talvez o tio dela tenha arranjado.

— Se ela de fato tiver um tio.

Nós ouvimos o barulho de placas mais adiante na casa, e o cheiro de comida entrou em nossos narizes. Eu ainda não tinha comido e senti a boca encher de água. Um gemido surgiu da barriga do chefe como a boca de uma vaca em trabalho de parto.

Bem aí, a srta. Cousture entrou na sala.

O chefe e eu nos levantamos de uma vez, cheirando a pele recém-banhada, admirando a roupa perfeita e os cabelos que brilhavam mesmo naquele quarto escuro.

Ela nos fez sentar e se sentou em uma pequena cadeira com braços.

— Sua irmã contou que eu os procurei ontem? — perguntou ela.

— De fato — replicou o chefe. — Queremos lhes dar nossas notícias.

— Mas como me encontraram? Eu não deixei um endereço.

— Somos detetives, srta. Cousture — respondeu ele. — É nosso trabalho descobrir essas coisas.

— Vocês têm alguma notícia para mim?

— Antes de começarmos, é imperativo que examinemos a sala — disse o chefe, ficando de pé e indo até a porta. Eu fiz o mesmo. Era um truque dele: acreditava que era mais difícil recusar um ato que já tinha começado do que um meramente sugerido.

A moça não se moveu.

— Mas por quê? — demandou saber.

— Pode haver uma pista em suas posses. Algo que apenas um detetive notaria.

— Não há.

— Você quer dizer que não há nada que tenha notado, ou que não há nada?

— É a mesma coisa.

— Perdoe-me, srta. Cousture. Devemos certificar-nos de que é assim mesmo. — Ele levantou o braço em direção ao corredor. — Vamos?

Ela não se afastou do assento.

— Você quer encontrar seu irmão, não quer, srta. Cousture? — perguntei.

— Você não pode ir ao meu quarto. Homens não são permitidos no andar de cima.

— Mas permitiram seu irmão.

Um rubor de raiva atravessou as bochechas pálidas. Ela respirava pesadamente.

— Não permitiram. Esta é uma casa sagrada.

O chefe se sentou de novo. Ele olhou para ela gentilmente, usando outra de suas técnicas psicológicas: olhar generoso sobre uma boca retorcida.

A senhorita aguentou bem por um minuto, então ficou desconfortável. Olhou para mim, depois para a lareira, onde seus olhos permaneceram até que ela finalmente cedeu.

— *Putain!* — exclamou, batendo com a mão no braço da cadeira. — Sim, admito! Não falei a verdade antes. Ele não ficava aqui. Aí está. Era isso que vocês queriam que eu dissesse?

— Mas por quê, *mademoiselle*? — perguntou o chefe. — Estamos tentando ajudá-la.

Ela olhou para ele desafiadoramente, a raiva ainda nos olhos.

— Não me trate como uma criminosa — replicou ela. — Tinha medo de que você não levasse o caso a sério. Eu sabia que iria dizer que ele foi para a França, então falei que ele deixou os documentos.

— Ele sequer deixou os documentos!? — exclamou o chefe, lançando as mãos ao ar.

O olhar dela caiu.

— Eu não sei — admitiu ela.

— E eu não sei se devo acreditar em qualquer coisa que você tenha nos contado, srta. Cousture — ralhou o chefe.

— O resto é verdade — ela disse com urgência. — Tudo. Por favor, sr. Arrowood. Você deve encontrar meu irmão. Eu o paguei. Você me deu sua palavra. — O chefe agarrou a bengala e a encarou. — Por favor, sr. Arrowood. Sinto muito por enganá-lo.

O chefe olhou para mim e levantou as sobrancelhas. Eu podia ver o que ele estava pensando.

— Onde ele ficava, então, senhorita? — perguntei. — Se não estava com você?

— Hospedarias baratas. Pulava de uma para outra. Não sei qual foi a última.

— Você sabe de alguma?

— Não, senhor.

— Por que vocês não viviam juntos? — o chefe perguntou, afiado.

— Eu me sinto segura aqui. É uma casa da igreja, para moças sozinhas. Thierry não é bom com dinheiro. Ele bebe. Não posso pagar o aluguel dele e o meu também. — Ela se inclinou para a frente de forma muito repentina e segurou o pulso do chefe. — Por favor, senhor. Não abandone o caso. Eu sei que havia problemas. Ele estava assustado. Mais do que eu jamais tinha visto antes.

— E, sendo assim, ele pode ter ido para casa — sugeri. — Sem dúvida, isso é certo.

— Ele não me deixaria sem dizer para onde ia. Ele enviaria uma mensagem. Ele bebe, sim, mas é leal.

Ela relaxou a pegada e o chefe se sentou de volta na cadeira. Ele começou a arrumar o cachimbo. Lentamente, ele explicou o que descobrimos. Quando terminou, sentou-se na escuridão do salão, o rosto um amontoado de preocupações.

— Terrível — sussurrou ela. — Está muito ruim, não está?

— Devemos dar o seu nome para o inspetor Petleigh? — perguntou o chefe.

Ela negou com a cabeça.

— Então não daremos. Podemos saber por que você quer permanecer nas sombras?

Ela piscou e engoliu em seco. Pela primeira vez, parecia insegura. Depois de uma boa dose de arranhões, franzindo a testa e de torcer o nariz, ela respondeu:

— É o sr. Fontaine. Ele não ficaria feliz se eu levasse a polícia até a loja dele.

As sobrancelhas do chefe se ergueram.

— O sr. Fontaine não ficaria feliz?

Ela assentiu, avançando para nós. Ela passou a falar calmamente:

— Ele tira fotos de algumas coisas, de mulheres, sabe? Poderia ser um escândalo. Eu não sei.

— Que fotos?

— Para senhores.

— Você quer dizer fotos íntimas? — ele perguntou em um sussurro.

— Fotos de sexo, sr. Arrowood.

O chefe piscou violentamente, como se uma mosca tivesse entrado no olho dele.

— E você o ajuda com isso? — perguntou ele.

Ela não respondeu. A porta se abriu e a matrona entrou.

— Precisamos pedir aos senhores que partam, Caroline. Você é necessária na cozinha.

A senhorita se levantou.

— Sim, madame. Eu vou já. Os senhores estão de partida.

A matrona olhou para o chefe e para mim com irritação, depois voltou pelo corredor. A srta. Cousture fechou a porta e se dirigiu a nós.

— Você precisa encontrar meu irmão, sr. Arrowood. — A mão permaneceu na maçaneta da porta, a testa franzida com uma carranca. — Você precisa entrar no Barril do Bife e descobrir o que estão fazendo.

— Eles nos matariam se aparecêssemos lá — falei.

— Então vocês precisam invadir. Quando estiver fechado.

O chefe olhou de relance para mim, tão surpreso quanto eu por ouvir a senhorita dizer isso.

— Pode ser? — demandou ela.

O chefe assentiu. Eu pigarreei.

— Precisamos de um novo pagamento, senhorita — falei.

Ela puxou a bolsa de uma dobra na saia.

O chefe se levantou.

— Vou esperar lá fora, Barnett. Bom dia, srta. Cousture.

Capítulo Onze

Mais tarde naquela noite, eu me vi de volta ao Águia Branca. Ernest estava no mesmo lugar, encostado no bar, uma caneca de gim agarrada na mão nodosa.

— Nossa Senhora — resmungou ele. — Você de novo, não.

— Posso lhe comprar uma bebida, meu velho?

— Eu não vou responder mais nenhuma pergunta — anunciou alto, os olhos pulando de um lado para outro para se certificar de que estava sendo ouvido. — Você pode cair fora e me deixar sozinho.

A atendente se virou e franziu o cenho. Três prostitutas sentaram-se em uma mesa na janela, ignorando-nos. Atrás da divisória estava o vendedor de fósforos. Ele chamou minha atenção e segurou-a enquanto o lado esquerdo de seu rosto se contorceu e piscou. Lutando para controlar os movimentos, ele sorriu, então cobriu a bochecha com a mão.

Pedi bebidas.

— Eu não quero — disse Ernest.

— Só algumas poucas perguntas. Então eu te deixo em paz.

Coloquei um xelim na mão dele. Ele fez uma carranca, depois enfiou-o no bolso.

— Preciso de algumas informações a respeito de Martha. O que você sabe sobre ela?

— Nada. Ela era simpática com Terry. Só isso. Eles ficavam de risadinhas juntos.

— Eram amantes?

— Não sei com certeza. Parecia que ela achava que era boa demais para os gostos de todos que trabalhavam no Bife. Na esperança de que um cavalheiro viesse e a levasse para outro lugar, era o que eu achava. Esperando por um cavalheiro. Ela era agradável e correta. Achei que encontraria alguém de um andar de cima.

— Então ela não era uma mulher da vida?

— Muito particular para isso.

Ele derrubou o gim na boca.

— Você chegou a ver algum soldado com ela?

— Eu fico na cozinha. Não vejo nada que acontece lá em cima.

— Você ouviu qualquer conversa sobre um soldado ou um oficial ou algo assim ter entrado no lugar?

Ele fungou, então enxugou o nariz molhado na manga do casaco cinzento esfarrapado.

— Não ouvi nada.

— Há uma porta dos fundos na cozinha?

— Há uma porta que dá para o pátio.

— Você tem uma chave?

— Se tivesse, não daria a você. De todo jeito, eles bloqueiam essa porta de cima a baixo, então, mesmo que tivesse uma chave, não entraria.

Uma mulher estava gritando na rua do lado de fora, um tira segurava o braço dela torcido para trás. Ele a empurrou para a grande janela quando ela chutou e se contorceu.

— O que é que isso vai servir de qualquer maneira? — Os olhos dele se estreitaram. — Você está planejando alguma coisa?

— Preciso que me faça um favor, Ern. Deixe uma janela aberta nos fundos amanhã à noite, é tudo. Levará um minuto. Meio minuto.

— Sem chance — respondeu ele, olhos rosados lacrimejando. — O sr. Cream sempre foi correto comigo e eu serei correto com ele.

— Há meia coroa para você.

— Vá para o inferno. Você poderia me dar cinco libras e eu não faria isso.

Ele secou o copo. Conforme se virou, peguei o braço dele e o puxei de volta.

— Solte-me — falou ele, desta vez com raiva.

— Eu ainda não terminei, amigo.

Ele tentou se afastar, mas apertei. Senti o braço rígido através do casaco.

— Me solte! — gritou de novo, tentando libertar-se. — Solte, seu bastardo!

— O que está acontecendo? — perguntou a atendente, vindo até nós. — Espero que vocês dois estejam apenas com graça.

Eu o soltei.

— Assunto de família — falei, sorrindo tão bem quanto pude para a mulher. Eu escovei a frente do casaco do velho e endireitei as lapelas. — Como novo.

Ernest franziu o cenho para mim e fugiu do bar.

• • •

Quando cheguei à Coin Street na manhã seguinte, o chefe não ficou muito satisfeito em ouvir que eu tinha falhado.

— Diga-me o que ele falou — exigiu saber.

Ele se sentou em sua cadeira na sala de estar, agora perfeitamente arrumada. Comecei a contar, mas mal tinha iniciado o relato quando um dos livros de oração de Ettie veio voando através do ar úmido em minha direção.

— Não a noite passada! — gritou ele. — A primeira vez! Desde a primeira vez que você o encontrou! E quero cada uma das palavras que se lembrar.

Eu inspirei e expirei lentamente, acalmando-me. Nunca gostei de gente gritando comigo, e ele sabia disso. Olhei para ele, sentei-me na cadeira, o rosto vermelho e esponjoso. Seus ombros caíram.

— Peço desculpas, Barnett. Prometo que não vou pra cima de você de novo, sei que fiz isso. Minha irmã está me enlouquecendo. É tudo que posso dizer. Não farei de novo.

— Certifique-se de que não fará mesmo. Nem uma vez mais. Do contrário, vou enfiar este livro em sua garganta e você fará suas orações pelo seu traseiro.

Ele piscou, surpreso, então recuperou a voz.

— Você tem minha palavra, Norman. Agora me conte tudo — pediu ele —, o mais próximo possível das palavras dele que conseguir.

Quando passei por cada uma das três vezes que falei com o trabalhador da copa, ele me questionou mais sobre cada detalhe, sobre o quanto ele urinou quando bebeu cerveja, a respeito do presente que Cream tinha dado, a respeito do quanto a atendente e o condutor de carruagem tinham rido do pênis dele. Depois ficou em silêncio, fumando seu cachimbo, enquanto o relógio fazia tique-taque em cima da lareira. Por fim, ele falou:

— Tenho um plano. Agora, escute-me com atenção.

• • •

Quando cheguei ao Águia Branca mais tarde naquela noite, o chefe estava sentado sozinho em uma mesa próxima do bar, um prato de conchas de ostras na frente. Ele estava usando seu melhor terno, o cabelo penteado e perfumado, unhas limpas. Bebericava uma taça de vinho. Ernest estava encurvado no bar, o nariz escorrendo, o casaco esfarrapado nos joelhos. O mesmo condutor estava lá, falando com a atendente. Alguns outros ficaram olhando silenciosamente dentro de suas canecas. Eu andei e bati uma moeda no balcão.

— Uma cerveja para mim — pedi à atendente. — E o que quer que meu amigo aqui estiver bebendo.

O velho se sobressaltou como se eu o tivesse despertado de um sonho.

— Minha nossa. Não você de novo. Eu não vou fazer isso, já disse antes. Também não quero esta bebida.

Eu comprei um gim para ele, de todo jeito, e fiquei ali bebendo minha cerveja. O barman gordo chegou com uma caixa de garrafas.

— Ernest! — o condutor o chamou da outra ponta do bar.

— O que foi? — estalou o velho.

— Tem algo no jornal a seu respeito.

— É?

O condutor levantou o jornal e mostrou a manchete: HOMEM CAI EM LATRINA!

Todos no bar riram.

— Vá se ferrar — grunhiu Ernest.

Quando a atendente voltou, ele secou o copo e se voltou para a saída. Eu segurei o braço dele.

— Me deixe em paz! — cuspiu ele, um fio de baba caindo para fora da boca no casaco. A manga de lã estava úmida e gordurosa. — Estou farto de você!

— Só uma janela, amigo — sussurrei em sua orelha coberta. — É tudo o que quero. Eu farei valer a pena para você.

Ele puxou o braço, mas eu o segurei ainda mais forte.

— *Oh!* — gritou ele. — Solte-me, seu bastardo!

— Deixe-o! — comandou o chefe, levantando-se da mesa. — Ele não quer falar com você, senhor.

— Isso não é da sua conta — repliquei. — Sente-se de volta, senhor. Só estamos tendo uma conversinha.

O chefe levantou a bengala e a bateu com força no meu antebraço. Eu soltei o velho, amaldiçoando-o. Doía como as chamas: foi muito mais forte do que tinha dito que iria bater em mim e, mesmo que tivesse jurado que não faria, tinha sido o mesmo braço que o policial quase havia quebrado dois dias antes.

— Aí está, senhor! — exclamou o chefe. — E não me deixe ver você incomodar este homem de novo.

Eu me afastei dele como se tivesse medo, escondendo a fúria que senti.

— Agora você venha aqui e sente-se comigo — disse o chefe para Ernest. — Sente-se comigo até que esteja recuperado. Deve ter sido um choque horrível.

— Obrigado por sua ajuda e tudo mais, senhor — replicou Ernest. — Agradeço, mas eu também faria bem em ir embora agora. Em me afastar dele, ali.

— Claro. Claro — disse o chefe, entrando no caminho entre Ernest e a porta. — Mas posso incomodar você, senhor, para ficar mais alguns momentos? Eu não o deixarei se aproximar. Não sou desta região, sabe, só estou aqui por algumas noites, e tenho muito necessidade de um pouco de conselhos sobre esta parte da cidade. Estou pensando em investir em um negócio na estrada. — Ele se inclinou para perto do velho e sussurrou, gesticulando pelo bar: — Estes outros aqui tomam-me por tolo, alguns deles, mas parece que você é um homem que sabe o que é o quê. Estou certo quanto a isso, senhor?

— Bem, acho que você está certo, senhor. Vivo e trabalho por aqui há cerca de sessenta anos, então, se eu não souber, não sei quem vai saber. Apenas não quero estar perto dele, é tudo — disse ele, balançando a cabeça na minha direção.

— Certificarei de que ele não o incomode — disse o chefe, levando o velho até a mesa. — Por favor, sente-se comigo um pouco. Você me faria um grande favor.

— Bem, tudo bem, então — assentiu Ernest, sentando-se. — Suponho que posso fazer isso.

Dei as costas para eles e beberiquei minha cerveja. Por algum tempo, o chefe perguntou a opinião dele a respeito de assuntos locais. O quão longe estavam de West End, quais hotéis tinham a melhor reputação, a localização dos teatros e assim por diante. Quando a atendente chegou, o chefe a chamou.

— Outra pra mim, e um copo de gim para o meu amigo, por favor, madame.

— Bem, acho que outro copo não fará mal — disse Ernest.

— Eu não gosto de ver tirarem vantagem de um homem — continuou o chefe. — Não gosto disso. Tipos como esse não têm o direito de perturbar um homem trabalhador como você. Eu suponho que acabou de sair do seu trabalho. Isso está certo?

— Vim direto pra cá.

— E onde é o seu trabalho, senhor?

— Um lugar chamado Barril do Bife. Waterloo Road, se souber onde é.

— Ah! Já estive lá. Um lugar muito bom, de fato, é mesmo. Eu acho que é o melhor lugar para comer nesta parte da cidade, foi o que ouvi falar.

— Trabalho na cozinha, lá — contou Ernest, dando um gole no gim. — Estou lá há mais ou menos dez anos.

— Dez anos! Seu empregador deve valorizá-lo.

— Ele faz isso sim. O nome dele é sr. Cream. É um homem rico. Um dos mais ricos por aqui e não é mentira.

— Eu tenho um hotel em Gloucester — o chefe falou alto. — Vinte quartos. Tenho um homem exatamente como você lá, que está comigo desde o começo. Juro que eu me livraria de todos os outros antes que eu o perdesse. Nunca chegou tarde, nunca perdeu um dia, exceto por doença. Eu aposto que você é do mesmo jeito?

— Sim, senhor. Nunca faltei um dia.

— Eu sabia. Sabe, dá para perceber como é um homem bom só de olhar em seus olhos. Eu vi isso no instante em que falei com você. Veja, meu amigo, estou comendo um pouco de ostras. Posso convencê-lo a se juntar a mim?

Quando as ostras e mais bebidas foram encomendadas, o chefe retomou:

— Não, não gosto de ver tirarem vantagem de um homem. Um homem pensa que, por ser mais jovem e ter um pouco mais de força, é melhor. Mas ele não vê o que está por dentro. A sabedoria da idade. Quando vejo um homem mais jovem tirar vantagem de um homem mais velho, gostaria de quebrar seu braço. Isso me deixa furioso.

— É assim que vejo as coisas também, senhor.

— Vejamos, só estou pensando aqui. Você não viria trabalhar pra mim, viria? Eu lhe daria uma boa posição e um salário que lhe deixaria feliz. Preciso de outro homem de confiança.

— Bem…

— Claro — interrompeu o chefe. — Você nunca abandonaria seu empregador. Você não é esse tipo de homem. Não, não. Eu não deveria ter perguntado, peço desculpas por colocá-lo nessa posição. Ah! — Ali o chefe engasgou e agarrou a perna. — Droga! Oh, esse meu joelho é o inferno. Todas as minhas articulações parecem me causar nada além de dor nos dias de hoje. Não há prazer em envelhecer, não é, meu amigo?

— Nenhum, senhor — disse Ernest. — Vou ao penico cinco ou seis vezes por noite nos dias de hoje. Eu estou mais cansado quando acordo do que quando vou para a cama. A idade não é uma amiga para o corpo, com certeza.

— Ah, isso parece terrível — disse o chefe, balançando a cabeçorra, com pena. — Deve deixar a vida insuportável para você.

— Deixa sim, senhor. Mas não reclamo.

— Não é do tipo que reclama. Eu notei você segurando as costas quando entrou. Isso também o incomoda?

— A dor é constante. Eu tento não tomar muito ópio, já que me faz dormir, esse é o ponto. Mas eu uso bastante, e não é mentira.

— Eu não deixaria um homem trabalhar se ele estivesse com dores. Meu funcionário, aquele que mencionei, também tem dores nas costas. Quando o vejo com dor, digo-lhe que vá para a cama. E ainda pago. É uma questão de princípio. A idade nos leva ao fim. Suponho que seu empregador faça o mesmo?

— Bem, não, na verdade, ele espera que eu continue a trabalhar, com ou sem dor.

— O quê? Um homem leal como você?

— Sim, senhor.

O chefe balançou a cabeça em negativa.

— Devo dizer que estou surpreso.

As ostras e as bebidas chegaram e por alguns minutos não falaram. Então o chefe disse:

— Quanto ele lhe paga, este sr. Cream, se não se importa de eu perguntar, senhor?

Conforme Ernest respondeu, o chefe levou o copo aos lábios.

— Recebo seis xelins por semana.

O chefe engasgou com a bebida, cuspindo uma gota de cerveja na mesa. Ele apertou o peito, tossindo e sibilando, balançando a cabeça.

— Isso não pode ser verdade! — exclamou por fim, uma fúria correta no rosto. — Seis xelins para um funcionário leal e trabalhador como você? É um ultraje!

Ernest concordou com a cabeça.

— Estou perdendo o respeito por este sr. Cream, Ernest. Estou mesmo. Lamento dizer isso, com você sendo tão leal, mas parece-me que é maltratado de forma chocante por esse cavalheiro. Suponho que ele, pelo menos, lhe dá um aumento a cada ano?

— Nunca tive um aumento, senhor.

O chefe o encarou, boquiaberto. Ernest olhou ao redor desconfortavelmente, coçou o saco, depois engoliu o resto do gim.

— O quê, em dez anos? — o chefe perguntou finalmente.

— Nunca, senhor. Agora que você disse isso, eu suponho que deveria ter tido um.

— Não só um, meu amigo. Não posso acreditar nisso. Mas e quanto a folgas?

Ernest negou com a cabeça mais uma vez.

— Para visitar a família?

— Eu não tenho família.

— Não me admira que suas costas estejam lhe causando dor. Nenhuma folga?

— Ele deveria realmente me dar um dia de folga de vez em quando, não deveria?

— Ele está deixando você doente.

O chefe pediu mais bebidas para ambos. Quando chegaram, deu um longo gole e depois enxugou a boca.

— Meu funcionário recebe meia coroa por semana. Pelo mesmo trabalho que o senhor. Eu aumento um centavo a cada ano. Ele tem dois dias de folga por mês. Espero que não se importe que eu diga, Ernest, mas acredito, e muitos empregadores compartilham dessa crença, que todo homem merece respeito. Se um empresário tem um lucro saudável, deve tratar seus melhores trabalhadores com dignidade. Acredito que ele está abusando de você.

— Eu pensava que era assim que as coisas eram, senhor.

O chefe assentiu, olhando ternamente para o velho.

— Beba esta aqui. Vou pedir mais. Eu gosto de conversar com você, meu amigo.

Quando a próxima rodada chegou, o chefe disse:

— Desculpe por falar abertamente, senhor. Não consegui me conter. Espero não tê-lo ofendido.

— Se você diz que é verdade, então deve ser verdade, senhor — disse Ernest. Depois de ter tomado rápido três doses de gim, as palavras saíam soltas. — Você é um cavalheiro e um empresário e sabe o que é o quê, até onde posso ver. A verdade é que, às vezes, eu não acredito que ele me trate direito, senhor. Eu me sinto dessa maneira há algum tempo. Ele deixa seus homens me azucrinarem também por causa de minha idade e tudo. Um deles é o pior, chama-se Lenny Longo. Eu ficaria feliz em vê-lo em um rio, ficaria sim.

— Eu sei — respondeu o chefe, batendo com força na mesa. — Sua lealdade impediu que você me dissesse isso. Mas dava para ver que havia algo errado.

Ouvi o velho suspirar e sibilar ao mesmo tempo. A voz do chefe caiu:

— O que aquele cara no bar queria com você, meu amigo? Estava tentando te roubar?

— Não. Ele tem alguma palhaçada rolando. — Ernest estava bastante bêbado, e as palavras se enrolavam. — Ele quer invadir, entrar lá no pub. Quer que eu deixe uma janela aberta à noite, que abra uma janela. Isso mesmo, e me ofereceu meia coroa, ofereceu sim.

— É um ladrão? — o chefe sussurrou. Mal dava para ouvi-lo.

— Deve ser. Eu disse não, mas ele voltou. Não me deixa em paz.

— Viu o que eu falei? Você é exatamente o tipo de homem que um empregador deveria valorizar.

— Não me fez muito bem, pelo que parece — murmurou Ernest com um arroto.

— Honestamente, meu amigo, parece-me que o sr. Cream merece ser roubado, pela maneira como o trata, e que o Senhor me perdoe por falar de forma tão clara. Pelo dinheiro que deve ganhar naquele lugar e nunca te deu um aumento em dez anos! Bem, talvez você mereça um bônus depois de tudo isso, pelo menos porque seu corpo sofre com o excesso de trabalho.

— Talvez eu mereça. Estou com muita dor, senhor, não vou negar.

Olhei de relance de volta para eles. Ernest estava balançando no banquinho.

— Quanto mesmo você disse que ele lhe ofereceu?

— Meia coroa.

— Peça uma coroa.

Ernest respirou fundo e firmou-se na mesa. Seus lábios estavam batendo entre si, a língua molhada percorreu os dentes quebrados. Não parecia que ele pudesse conversar naquele momento.

— É só o que lhe é devido depois de todos esses anos — o chefe continuou. — Depois do jeito que foi enganado por esse homem. Depois que suas costas quase se quebraram devido a tanto trabalho. Parece justo o bastante deixar uma janela aberta. Ninguém vai saber. Veja, vou chamar o homem aqui.

O velho soltou outro arroto.

— Ai, sinto muito, senhor, apenas sai assim às vezes, do nada. Mas você… você reconhece que isso é… é certo, o que está dizendo a respeito da janela?

— É a coisa mais certa no mundo. Acredite em mim. Eu estou lhe dando conselhos de um empresário. O que é certo, é certo e você não pode argumentar.

— Bem, acho que sim.

O chefe se levantou e abotoou o casaco. Ele apertou a mão do velho com firmeza.

— Temo que meus joelhos estejam tão doloridos que devo me retirar agora, meu amigo. Tive a honra de conhecer um homem tão honesto e trabalhador. Realmente estou honrado. Foi um prazer falar com você. Se estiver em Gloucester, deve ir e me ver. Marcaremos um almoço.

— Eu…

— Sim, de fato. Será bom vê-lo de novo. Agora, olhe aqui. — Ele atravessou a sala e me bateu nas costas com a bengala. Eu me virei. — O preço é uma coroa, seu miserável. Nada menos que isso, entendeu? Meu amigo na mesa fará o que você pede, mas ele quer o dinheiro agora.

— Sim, senhor — disse enquanto pescava a moeda do bolso com um raio que passou pelo meu braço. Amaldiçoando, fui até Ernest e a coloquei em sua mão rosada.

— Ele fara isso amanhã à noite — continuou o chefe. — Qual janela, meu amigo?

Ernest piscou.

— Qual janela? — grunhi.

— No pátio do lado de baixo — murmurou Ernest. — Pequena do lado da porta da cozinha.

— Quão pequena?

— Imagino que vai precisar de um menino para entrar.

— Volto amanhã — o chefe se dirigiu a mim. — Se eu souber que você roubou esse dinheiro de meu amigo, você responderá a mim. Entendeu?

Olhei para baixo como se estivesse com medo dele e levantei a aba do meu chapéu.

— Boa noite, senhor — disse o chefe, e tropeçou para fora do estabelecimento.

Capítulo Doze

Na noite seguinte, quando todos os pubs e cervejarias estavam fechados, quando aqueles sem teto roncavam nos becos sob feixes de trapos velhos e apenas a passagem ocasional dos cavalos de carruagens incomodava as ruas, percorremos nosso caminho até o Bife. Faltavam três horas para o nascer do sol. Atrás de nós, tropeçando cansado ao longo das pedras de pavimentação, estava o pequeno Neddy. Não falamos muito pelo caminho: era a primeira vez em quatro anos que voltávamos lá para dentro. Eu fui para a pista na parte de trás, perto da entrada da Borda do Bife, e me escondi em uma porta onde tinha uma boa visão das janelas. O chefe levou Neddy para verificar a frente.

O prédio estava escuro e quieto. Quando tive a certeza de que não havia sinal de vida dentro, passei pela frente para encontrá-los. Descemos pelo estreito beco que corria pelo prédio até encontrar o portão. Ratos correram para longe quando entramos no pequeno quintal. No chão espalhavam-se cascas e peles, que derramavam das caixas transbordantes. Uma grelha de esgoto estava partida ao meio: pelo cheiro daquilo, era onde os trabalhadores da cozinha urinavam.

Ao lado de uma porta de carvalho pesada estava nossa janela. Eu a abri em um segundo.

Neddy estava perto do portão, tremendo.

— Está com frio, amigo? — perguntei o mais silenciosamente possível.

— Um pouco.

— Assustado, então?

— Nunca fiz um assalto antes.

— Não é um assalto, Neddy. Não vamos roubar nada. Estamos procurando provas.

— Eu sei. Mas os tiras não sabem, não é?

— Escute, Neddy, meu querido — o chefe sussurrou, sentado em uma caixa e apertando os ombros do garoto. Ele falou num tom muito baixo e tranquilizador.

— Você é um garoto valente, sei que sim. A primeira vez que te vi, pude notar que era especial. Eu disse algo para o sr. Barnett. Eu disse: “Este garoto vai longe”. É por isso que estamos ensinando você a ser um agente detetive.

— Eu sei, senhor.

— Esse é o espírito. Agora, só vai levar um minuto, talvez dois, então você estará do lado de fora de novo. Nós vamos levantá-lo. Quando você estiver do lado de dentro, destranque a porta. Haverá trincos na parte superior e inferior. Suba num banquinho se precisar. Assim que os tiver aberto, sairá de novo.

— E se tiver homens do lado de dentro? — perguntou Neddy. Ele se moveu de um pé para o outro. Uma bota era preta, a outra marrom. Eram botas duas vezes maiores que os pés.

— Não tem ninguém lá. Veja. Não há luzes lá dentro.

— Eles podem estar dormindo.

— Eles não dormem na cozinha — afirmei. — Agora vamos. Aqui, dê pra mim o seu chapéu.

O garoto era valente. Nós o levantamos até a janela e ele passou fácil. Nós o ouvimos cair de cabeça no chão do outro lado com um pequeno grunhido. Não demorou mais do que alguns segundos até que a porta fosse aberta e Neddy voltasse a sair.

— Bom garoto — falei. — Você nos deixou orgulhosos.

Ele fungou, e pude ver na luz fraca que seus olhos tinham ficado cheios de lágrimas com a queda. Ele esfregou o cotovelo.

— Rapaz valente — elogiou o chefe. — Agora você nos espera na rua, na frente. Você nos vigia. Se vir alguma das luzes acender, ou se alguém vier e destravar a porta, quero que jogue isso pela janela.

Ele entregou uma pedra para o garoto.

— Mas e se eu quebrar o vidro?

— Eu quero que você quebre o vidro. Certifique-se de que nós o escutemos. Depois corra. Chegue em casa o mais rápido que puder.

— Sim, senhor.

O chefe bagunçou o cabelo dele.

— Vai pra lá, agora.

• • •

A cozinha estava quente das brasas ainda acesas nos fogões. Paramos por um momento para escutar, mas o único som que havia lá era o movimento apressado

de um camundongo atrás da parede. O chefe acendeu o toco de vela que tinha trazido, e nos esgueiramos pelo chão de pedra até um corredor onde encontramos a escada. O primeiro degrau rangeu muito alto. Eu congelei, o chefe puxando meu casaco por trás: se havia qualquer pessoa no prédio, com certeza teria ouvido. Quando não houve som no andar de cima, continuei e subimos a escada tão silenciosos quanto possível. Lá, encontramos uma ampla sala de jantar dianteira, disposta com longas mesas e cadeiras, e mais duas salas privativas na parte de trás. Tudo estava escuro, tudo em silêncio. O próximo andar foi a mesma coisa. A escada dali foi bloqueada por uma porta verde pesada com uma janela no meio. Saquei meu pé de cabra e a abri em um ou dois minutos. Antes de subir o último lance, paramos mais uma vez, escutando. O chefe estava sibilante nas escadas, minha própria respiração também estava rápida. Não havia som acima.

No último andar, havia uma sala de jogatina, com uma longa mesa de jogos de cartas no meio, uma roda de roleta, algumas mesas de cartas pequenas espalhadas aqui e ali. Um bar ocupava uma das paredes. Enquanto o chefe bisbilhotava o lugar, fui até a janela e olhei para a rua, quatro andares abaixo. Tinha começado a chover; Neddy estava agachado em uma porta da loja em frente, com o boné enfiado na cabeça, os braços enrolados em torno dos joelhos. Fora ele, não havia mais ninguém por ali.

O escritório de Cream ficava nos fundos. De novo eu saquei o pé de cabra e logo a porta estava aberta.

— Você tem dedos bem delicados, Norman — sussurrou o chefe.

Escutamos mais uma vez para ver se não tinha movimento lá embaixo, depois entramos.

O chefe balançou a vela lentamente ao redor da sala. Havia uma escrivaninha pesada perto da janela dos fundos, um cofre no canto, perto de um gabinete, uma escrivaninha menor perto da porta. As prateleiras da estante estavam recheadas de livros.

— Por onde começamos? — perguntei, acendendo minha própria vela. Tínhamos que trabalhar rápido. Se os homens de Cream voltassem enquanto estávamos lá em cima, estaríamos encurralados.

— Eu fico com a escrivaninha — respondeu ele —, você começa no gabinete. Encontre qualquer coisa incomum escrita sobre a época que Thierry desapareceu. Ou qualquer nome que reconheça, conexões irlandesas, qualquer coisa a ver com fuzis.

Tanto o gabinete quanto a escrivaninha foram abertos com facilidade. Aprendi a arte de arrombar fechaduras com meu tio Norbert quando eu era um garoto. Ele

era um chaveiro, e estava me preparando para trabalhar com ele quando caiu entre duas barcaças uma noite e morreu. Disseram que estava bêbado e eu não tenho motivos para duvidar. Nunca tive muito uso para essa habilidade trabalhando nos tribunais, mas ela fez de mim um assistente valioso para o sr. Arrowood, contanto que as fechaduras fossem simples. As caras, como aquelas nas portas exteriores do Bife, eram demais para mim, mas eu era bom o suficiente para as pequenas e as antigas.

No interior do gabinete, os livros de contabilidade cobriam anos. Eu vasculhei. Não eram nada mais do que livros de contas do Bife e de outros negócios de Cream. Pagamentos feitos, boletos. Nada que nos ajudasse.

O chefe se sentou na mesa com um caderno vermelho e espesso aberto à sua frente, rabiscando algo em sua própria caderneta. Cada rangido e arranhão, cada rajada de vento, nos fazia congelar, com medo de que os homens de Cream viessem de lá debaixo. Eu tentei o cofre, mas sabia que estaria trancado. Norbert não tinha me ensinado essa arte, então comecei a mexer nas prateleiras. Foi bem aí que ouvimos o vidro quebrar abaixo.

— Hora de irmos — sibilou o chefe.

Saímos do escritório o mais rápido possível. No topo da escada, paramos e ouvimos. Não escutamos nada. Nós nos arrastamos para baixo, tendo o cuidado de colocar nosso peso no canto de cada degrau, de modo a não rangê-los. Escutamos novamente um som na próxima parada.

Agora podíamos ouvi-los: os sons abafados dos homens falando abaixo, algo pesado raspando o chão. Nós esperamos, o chefe tentando controlar a respiração ofegante, meu coração batendo como um martelo.

— Nos escondemos? — perguntei, baixinho.

— Temos que sair — respondeu com os lábios do lado do meu ouvido.

Eu sabia que ele estava certo. Os homens de Cream andavam com facas e revólveres. Se nos encontrassem ali, não teríamos chance.

As vozes pareciam sair, depois voltar. Mais barulho de coisas se arrastando. O chefe me cutucou: nós nos esgueiramos pelo próximo lance de escada até o primeiro andar. Os sons dos homens que se moviam ficaram mais altos.

Esperamos mais uma vez. O chefe pegou minha mão e gesticulou para uma das salas de jantar nos fundos.

— Ali — sussurrou.

Antes de termos tido tempo de nos esconder, houve um grito do andar de baixo. Então veio o som de botas pesadas saindo do prédio e para a rua.

Aproveitamos a chance e descemos o mais rápido possível pela escada, passando pela cozinha para sairmos no beco, onde seguimos em direção à Borda do Bife, nos afastando da frente do Barril. O chefe não conseguia correr muito bem com os sapatos e com o peso que carregava, então, quando chegamos ao final do beco e tivemos a certeza de que não tínhamos sido seguidos, diminuímos o ritmo, em marcha rápida pelas ruas atrás do Bife e através da Waterloo Road mais adiante. Chovia pesado, a lua estava escondida atrás das nuvens, as ruas escuras como o inferno. Atravessamos os becos do lado norte, até que chegamos a alguns bares. Lá, nos escondemos atrás de uma pilha de escombros de um edifício meio demolido.

Do lado de fora do Bife, estava a carruagem de Cream; o condutor fumava enquanto se abrigava em uma porta. Ao lado, um vagão de tanoeiro carregado com barris e um par de caixas longas. Um cavalinho magricela estava diante, encharcando na chuva, a cabeça pendurada pateticamente como se achasse que fosse velho demais para sair tão tarde. A porta do Bife estava aberta, e podíamos ouvir o som baixo das vozes dos homens lá dentro. Uma luz fraca se derramou na rua.

— Isso foi bastante divertido — sussurrou o chefe quando a respiração dele voltou ao normal.

— Tivemos sorte — repliquei.

Eu me desloquei para ficar mais confortável na pilha de tijolos molhados. Minhas costas doíam onde o tira tinha me espancado, e eu estava torcendo que o chefe decidisse dar a noite por encerrada de forma que eu pudesse ir para a cama. Por talvez dez minutos, nada mudou na rua.

— Diga-me, Barnett — sussurrou ele, abaixando-se para sentar-se sobre uma pilha de pedras. A água escorreu em um fluxo fino da fronte de seu chapéu. — O que você disse quando a srta. Cousture propôs que assaltássemos o Bife?

— Fiquei surpreso com uma dama como ela sugerindo algo assim.

— Srta. Cousture tem um lado durão, não tem? Eu me pergunto onde ela aprendeu a ser assim?

— Em algum livro vagabundo, talvez — sussurrei.

Ele estava prestes a responder quando três homens saíram pela porta. Um era Cream, segurando um guarda-chuva, as costas eretas. Ele tirou o chapéu-coco, alisou o cabelo e recolocou o chapéu. Atrás dele estava Lenny Longo, que eu conhecia de vista da época em que trabalhei observando as coisas no Bife durante o caso Betsy. O outro era um estranho para mim. Estava enrolado contra a chuva, um lenço em volta do rosto, uma gola preta puxada para baixo. O homem pulou na

parte de trás do carrinho e começou a colocar as tampas de volta nos barris, travando cada um com um clique que ecoava na rua escura.

Cream subiu na carruagem e os cavalos foram em frente. Conforme a carruagem girou, os dois homens puxaram uma das caixas longas do carrinho e levaram-na para dentro do Bife. Então a segunda foi arrancada e arrastada para dentro. Eles voltaram para fora carregando um baú pesado, o qual colocaram no carro junto com os barris. O homem com o lenço trocou algumas palavras com Lenny, entrou no carrinho e foi embora. Lenny voltou para dentro do Bife.

Esperamos para ver se Lenny ia embora, de modo que pudéssemos voltar para dentro. Chovia de forma constante: a rua se transformou em poças de lama, água se derramava sobre as calhas bloqueadas e paredes dos edifícios ao nosso redor. Nossas roupas estavam molhadas. Depois de meia hora, o chefe pegou meu cotovelo e apontou para a janela do primeiro andar, que tinha um buraco do tamanho de uma maçã e linhas espalhadas como uma teia de aranha.

— Ele é um bom garoto. Eu darei a ele um xelim extra por causa disso. Você encontrou alguma coisa naqueles livros de contabilidade?

— Nada.

— Eu acho que posso ter achado algo no caderno de anotações.

Enquanto falava, uma figura escura saiu de uma porta mais abaixo e começou a caminhar rapidamente na nossa direção através da chuva. Puxei a cabeça do chefe para trás da pilha de entulhos. Quando o homem passou, eu espiei.

No início, pensei que talvez estivesse enganado por causa do escuro e do chapéu puxado para baixo, cobrindo seu rosto, mas o jeito como caminhava me dizia que era ele, sim. Senti uma fúria apoderar-se de mim quando lembrei como ele estava de pé sobre mim com seus olhos ardentes e me bateu com o cassetete antes de eu ter tido a chance de lutar. Queria muito devolver ao tira a grande hemorragia dolorida que se espalhou por minha espinha como uma queimadura e me mantinha acordado à noite.

Eu tirei o meu porrete e me levantei. Porém, quando me adiantei para fazer meu movimento, fui surpreendido com um golpe pesado na coxa, que me fez gritar de surpresa. Eu tropecei de volta nas pedras afiadas, a perna amortecida, sentindo que ia vomitar.

O som das botas do policial ecoou pela rua enquanto ele se foi. O chefe se levantou diante de mim, com um pedaço de cano velho nas mãos.

— Desculpe, Barnett, mas realmente não acho que teria sido uma boa ideia.

Cerrei os dentes e esfreguei a perna até senti-la voltando ao normal.

— Você está bem? — perguntou ele, jogando de lado o cano nos entulhos. — Devo chamar uma carruagem?

— Se algum dia você fizer isso de novo, sr. Arrowood, vou arrancar os seus dentes.

— Entendo, Norman.

Permiti que ele me ajudasse, e nos afundamos na rua até encontrar uma carruagem da manhã. Os sinos das igrejas soavam quatro horas.

— Você se importa se ele me deixar primeiro? — perguntou ele com humildade quando nos sentamos no fundo. — Minha gota, sabe.

— Dane-se a sua gota, senhor — respondi, e me inclinei para dar ao condutor meu endereço.

Capítulo Treze

Cheguei na tarde seguinte para encontrar Ettie entretendo seis senhoras no salão. Estavam sentadas em banquinhos trazidos da loja, cada uma segurando uma xícara de chá em suas mãos. O frio finalmente tinha deixado o ar e era um dia abafado. A janela estava aberta.

— Posso apresentá-lo às senhoras da Missão de Londres, sr. Barnett? — disse Ettie. — Sra. Boothroyd, srta. Crosby, sra. Campbell, sra. Dewitt, srta. James, e nossa organizadora, sra. Truelove.

Eu assenti para cada uma.

— Ouvi falar dos seus bons trabalhos — elogiei.

— Somos instrumentos do Senhor, sr. Barnett — respondeu a sra. Truelove, a cabeça se inclinando, um brilho envolvente nos olhos. — Não merecemos nenhum crédito. Há muito a ser feito.

— Você entregaria um convite para a sra. Barnett? — perguntou Ettie.

— Ela está um pouco adoentada no momento.

— Oh, minha nossa. Espero que não seja nada sério.

— Obrigado, srta. Arrowood.

— Por favor, diga que lhe desejo melhoras.

Assenti. As senhoras me examinaram enquanto eu estava parado próximo da porta, meu chapéu seguro nas mãos.

— Ele está lá em cima — Ettie disse por fim.

O chefe estava deitado na cama, o colete aberto, e um gordo dedão do pé vermelho explodia de um buraco em sua meia amarela. A cabeça calva também estava vermelha com o calor e escorria com suor. Em sua mão havia um livro.

— Elas me expulsaram — reclamou. — O cacarejo atravessa as tábuas do assoalho.

— Elas estão tentando fazer algum bem.

— Estão, Barnett. Não me leve a mal. Eu só estou irritado por ainda não ter tomado a minha xícara de chá esta tarde.

Eu me sentei na outra cama. Uma cortina, que separava as duas camas, havia sido retirada e amarrada à parede. A janelinha aberta dava para uma parede de tijolos do beco, suja de fuligem. Nenhuma brisa soprou para aliviar o calor do dia.

Ele apontou para uma bandeja na cômoda.

— Comprei algo para você. Já comeu?

Neguei com a cabeça.

— Bom. Eu vou me juntar a você. Vá em frente, sirva-se.

Havia um invólucro de presunto cortado, um pacote de batatas ainda quentes, um bom pedaço de pão, duzentos gramas de queijo. Eu me servi em um prato e sentei-me na cama. Ele se levantou com um grunhido e fez o mesmo.

Comemos, ouvindo os contornos da discussão através das tábuas do chão. Eu peguei mais presunto e comi. Era um bom presunto, e eu não comia um desses havia muito tempo. Eu sabia que era seu pedido de desculpas. O presunto sempre foi o jeito do chefe de se desculpar.

— Você sabe que nós tivemos uma governanta quando éramos crianças? — perguntou ele com as bochechas abauladas, uma migalha de pão molhado presa ao queixo. — Não foi considerado adequado para a nossa mãe desempenhar tarefas domésticas. Gostaria de ter uma novamente, mas suspeito que nunca mais terei. Não suponho que você tivesse uma, Barnett?

— Minha mãe foi governanta para outra pessoa.

— Oh, sim. Você me contou.

Sim, eu contei. Mas não contei que ela só foi governanta até que seu empregador, o velho Dodds, morreu. Depois disso, não conseguiu encontrar outro emprego, quem levaria uma empregada tão feia para a casa, o rosto queimado de um lado como um bife de fígado cru? E quem segurou o rosto dela na panela uma noite, senão o próprio sr. Dodds? Eu estava perto de fazer dez anos quando nos mudamos para Weavers Court em Bermondsey, e que choque para nós dois. Por ser grande para a idade, tive que aprender rápido como as coisas funcionavam naquela região fedorenta. Eu tive que aprender a me encaixar, e tive que aprender a usar os punhos. Daqueles primeiros anos, carregava duas coisas que nem sempre me eram úteis como homem adulto. Primeiro, um preconceito contra todos aqueles que tratam seus servos como menos do que eles mesmos e, em segundo lugar, uma grande culpa sobre algumas das coisas que fiz para me dar bem nos três anos que minha mãe e eu moramos naquela região.

— Eu estava lendo algo interessante — afirmou Arrowood, colocando de lado o prato e pegando um livro. — Henry Maudsley, o psiquiatra. Ele tem muito a dizer a respeito de crime e insanidade. — Ele percorreu as páginas até encontrar o lugar. — Ele escreve que existem dois tipos de homens criativos, os da serenidade e do alto intelecto, e aqueles de intelecto limitado, mas de grande energia. Estes são os dois tipos que influenciam o mundo. Porém, escute isso e veja se não descreve minha irmã. Os do segundo tipo são: "Pessoas inteligentes, mas volúveis; talentosas, mas instáveis; intensas, só que estreitas; fervorosas, mas fanáticas; todas as pessoas que estão mergulhando em novos movimentos, bons ou maus, e os perseguem, com zelo intemperante, *"não têm o justo equilíbrio das faculdades"*. Agora, isso não a descreve perfeitamente?

— Eu não a conheço bem o bastante, senhor.

— É incrível. É como se Maudsley fosse casado com ela.

— Você acha difícil ver o bem em sua irmã, senhor. — Ele olhou para mim com surpresa, depois voltou-se para a comida. — Você tem notícias de Petleigh? — perguntei por fim.

— Nada. Vou enviar-lhe uma mensagem quando Neddy vier pegar o dinheiro.

— Neddy ainda não chegou?

Ele viu preocupação em meu rosto.

— Ele está na rua com seus bolinhos — garantiu. — Ou reparando algum dano que sua mãe fez.

— O menino está geralmente ansioso pelo dinheiro.

— Houve pelo menos cinco minutos entre a janela se quebrar e a nossa corrida para a rua. Neddy não é um tolo. Ele teria partido no momento em que colocasse a pedra para voar. — Ele recolocou o livro no móvel. — O garoto tem uma cabeça boa.

— Eu sei. Só quero ter certeza de que está seguro. — Devolvi meu prato à cômoda. — Então me diga, o que você leu no caderno de anotações de Cream?

— Havia uma lista de datas voltando alguns anos. Preços e nomes, mas raramente os dois juntos. Havia apenas um que me impressionou. Reconhece o nome Longmire, Barnett? Coronel Longmire?

Neguei com a cabeça.

— Se é quem estou pensando, é um oficial de alto escalão do Gabinete de Guerra — continuou ele. — O nome aparece de forma irregular nos últimos quatro anos. Nenhuma informação, apenas datas e o nome.

— Uma ligação com a bala?

Ele assentiu.

— Talvez uma ligação com nossa Martha. Se for o mesmo Longmire.

Ouvimos passos subindo a escada de madeira e a porta se abriu. Era Ettie.

— Há uma mulher lá embaixo querendo ver você, a respeito de Neddy — disse ela. — Ela está na loja.

O chefe meneou a cabeça.

— Vou colocar meus sapatos. Traga-a para dentro.

— Eu prefiro deixá-la na loja, William.

— Você…

— Ela está perturbada — ela disse bruscamente.

Ele soltou um longo suspiro e olhou para mim.

— Diga que vamos descer de imediato.

• • •

A loja de pudim costumava estar movimentada naquela hora, mas naquele dia estava mais abafada do que o habitual. O rosto fino e sombrio de Albert estava molhado de suor, enquanto os clientes tentavam atrair a atenção dele. Ele era um homem lento e não era adequado a este tipo de comércio frenético. A esposa dele agitava um enorme tanque de massa de pão, enquanto os filhos, John e Albertinho, cuidavam dos fornos e das panelas.

— O que está acontecendo aqui, rapazes? — perguntei quando abrimos o caminho pela porta na parte de trás da loja.

— Fogo em Gleason's — respondeu John, parando por um momento. — Noite passada. Todo mundo veio aqui hoje. Não podemos continuar. É o dia mais quente do ano também.

— Pronto para sair! — gritou Albert. — Você não se importaria de sair do caminho, sr. Arrowood? Situação de emergência, como pode ver. Todos os clientes do Gleason's estão aqui.

— Claro — murmurou o chefe, um pouco aturdido entre a multidão com fome.

Ao som do nome do chefe, a mãe de Neddy apareceu no meio da multidão.

— Sr. Arrowood? — perguntou ela.

A voz era estranha e aguda, como se a língua estivesse colada no céu da boca. O cabelo emaranhado e amarrado em cima da cabeça como um pacote de sacos rotos. O pescoço dela estava sujo; faltavam muitos dentes, os outros eram marrons e amarelos. Um vestido longo caía no chão sob um casaco muito antigo que parecia ter sido de uma senhora rica. Ela era a única na loja com casaco.

— Agora escute aqui — ela começou sem rodeios. — Eu não me importo tanto dele fazer serviços ou aprender algum negócio e assim por diante, nada de errado com isso, feliz por ele e por nós, sua família como você vê, e muito feliz que tenha alguém como você, senhor, e você, senhor. — Ali ela me reconheceu com um meneio de cabeça e uma franzida no nariz. — Contanto que não esqueça a família, a irmã com a torção no pé e a outra que parece não aprender a falar direito. Enquanto ele continuar ganhando uma participação, alguns xelins de vez em quando, nos fornecendo algumas batatas e assim por diante, senhor, bem como cuidar daqueles do seu sangue quando eu me adoento, o que acontece de forma regular com os pulmões fracos que eu tenho. — Ela ergueu o peito e produziu uma tosse delicada.

— O que você está me perguntando, madame? — indagou o chefe, tentando se livrar da pegada dela. Ela segurou firme, puxando-o para perto. — Você sabe que eu não posso pagá-la, por mais que desejasse.

— Agora, senhor, onde quer que esteja, garanta que ele se lembre de nos enviar o dinheiro todos os dias, ou a cada semana, pelo menos. E hoje não conseguimos nada e as crianças poderiam gostar de um pouco deste pudim, já que não comeram nada hoje.

— Diga a ele para vir aqui receber o dinheiro. Ele fez por merecer.

Ela parou o monólogo. O papo dela balançou para o lado, os olhos se estreitaram.

— Eu não o vi. É por isso que vim aqui.

— Ele não voltou pra casa na noite passada? — o chefe perguntou.

— Eu não o vejo desde que foi atrás de você ontem, para um serviço.

O chefe olhou para mim.

— Tem certeza de que não voltou pra casa? — ele perguntou de novo. — Existe algum outro lugar em que ele poderia ter ido? Na casa de alguma tia? De algum amigo?

— Você não sabe onde ele está? — indagou ela.

— Não. Ele nos deixou por volta das três da manhã.

— Oh, minha nossa — gemeu ela. — Oh, meu Deus!

Os outros clientes a observavam agora enquanto tomava o outro pulso do chefe.

— Ele foi apanhado pelos tiras, foi isso — disse, com voz cortante agora. — O que mandou o menino fazer tão tarde? Eu confiei no senhor. Confiei! Ou então foi espancado. O que vocês estavam aprontando? Hein? Tão tarde da noite com um garotinho? O que estavam fazendo?

— Tínhamos que fazer uma entrega, só isso, senhora — atalhei. — Agora, escute. Há alguém com quem ele poderia ter ficado?

— Ninguém. Ele nunca foi atrás de ninguém. Oh, Deus. Os tiras o pegaram por estar na rua tão tarde. Eles vão dizer que não estava fazendo nada de bom. O que vamos comer enquanto ele estiver na cadeia?

Enfiei a mão no bolso e entreguei alguns centavos para ela. Ela arrancou as moedas da minha mão e as deixou cair no bolso do casaco.

— Agora eu suponho que tenho que encontrá-lo — disse ela, virando-se para partir. — Minha nossa, quantos problemas eu tenho.

Nós a observamos em silêncio enquanto os clientes, desesperados pelas tortas, empurravam e tagarelavam ao nosso redor. Sem olhar para o chefe, sabia que ele sentia o mesmo pânico que eu.

Capítulo Catorze

Esperamos na estação até o inspetor Petleigh aparecer. Ele nos trouxe pelos fundos e subiu algumas escadas estreitas para um escritório escuro. Um bloco de madeira mantinha a janela aberta, mas a sala ainda estava quente. Sem se sentar, o chefe começou a contar a respeito de Neddy. Petleigh se deixou cair sobre uma cadeira atrás da mesa torta e ouviu. Quando o chefe terminou, o inspetor apertou os dedos e empurrou a cadeira para trás.

— Seus tolos.

— Você precisa vasculhar o Bife, inspetor — continuou o chefe, os punhos fechando e abrindo. — Deixe Cream ciente de que você sabe que ele está com Neddy. Não há tempo a perder. Oh, Deus, espero que já não seja tarde demais.

— Hm.

— Vamos agora. — O chefe colocou o chapéu de volta na cabeça e foi em direção à porta. — Agora mesmo.

— Eu recebo ordens do inspetor-chefe, Arrowood. Não de você.

— Inspetor, por favor. Eu não seria direto assim se não fosse tão urgente. Você sabe que Cream é cruel. Ele vai machucar o garoto. Vai gostar de machucá-lo.

— Eu falei para você não interferir.

Os olhos dos chefe estavam arregalados.

— Petleigh, escute-me! Cometemos um erro terrível, admito. Mas Cream vai ficar possesso quando descobrir que alguém o roubou. Ele fará qualquer coisa para descobrir quem era. Vai despedaçar esse menino até ele falar, então jogará sua pele no rio. Você deve vir agora!

Petleigh olhou para nós por algum tempo. Por fim, falou:

— Eu acho que vamos dar um pouco de tempo antes de tentar ir ao Barril do Bife. Provavelmente Neddy encontrou algum amigo e se desviou. Um menino como ele talvez goste de fugir um pouco de casa, né? Ou pegou uma carruagem

pública e se perdeu no West End. Se não voltar, digamos, até amanhã a noite, então cogitarei ir ao sr. Cream.

— O quê? — resmungou o chefe.

— Você pode se lembrar de que temos um caso de assassinato em nossas mãos? Nossos oficiais estão ocupados com interrogatórios. Tenho certeza de que ele estará de volta em um instante.

O chefe bateu com os punhos na mesa.

— Não! — rugiu ele. — Isso não vai servir! Eram três da manhã. Não havia transporte público, nenhum amigo para onde poderia fugir. As ruas estavam vazias. E Neddy é tão honesto quanto você. O garoto está em perigo, eu juro!

— Não grite comigo, Arrowood. — Petleigh acariciou o bigode rapidamente com irritação. — Não aceito discutir.

— Vou gritar enquanto a vida do garoto estiver em perigo! Vá ao Bife, seu preguiçoso!

— Pra fora do meu escritório! — berrou Petleigh, levantando-se.

— Não até você concordar em fazer o seu trabalho!

— *Eu* decido como fazer o meu trabalho!

— Vou expô-lo na *Gazette* se o garoto se ferir! Vou citá-lo nominalmente!

— Fora! Fora! — Petleigh caminhou até a porta e desceu as escadas. — Policial Reid! Venha aqui imediatamente!

— Faça seu trabalho, senhor! — o chefe gritou de novo. Ele estava superaquecendo; o rosto dele estava escarlate. Peguei seu braço e o afastei do escritório.

— Espere por mim lá fora — sussurrei com firmeza. — Não diga mais nada.

Enlouquecido como estava, ele foi sábio o bastante para não resistir. Reid apareceu ao pé da escada.

— Certifique-se de que o cavalheiro parta, Reid — pediu Petleigh, depois retornou para o escritório. Voltei para dentro e fechei a porta.

— Inspetor, me desculpe — falei. — O sr. Arrowood é um homem passional. Seu coração às vezes domina sua cabeça. Ele não faz por mal.

— Eu devia prendê-lo por desacato.

— E ninguém poderia culpá-lo.

Ele sentou-se, cansado, atrás da mesa. Parecia estar sofrendo uma grande tensão. Peguei uma cadeira ao lado da porta.

— Seu trabalho é difícil — afirmei.

— Você não tem noção de quanto.

Ele limpou a testa com um lenço, depois puxou um charuto do bolso e o acendeu.

— O garoto é como um filho pra ele — falei. — O pai de Neddy está morto, a mãe é simplória. O sr. Arrowood cuidou dele nos últimos anos. Ele está desesperado de preocupação, e é apenas porque sabe que você pode encontrá-lo que está tão triste. Ele conhece muito bem suas habilidades.

Petleigh assentiu e continuou com o charuto.

— Barnett — disse ele —, você deve me considerar um estúpido.

Eu o vi inspirar.

— Você estava provocando? — perguntei.

— Admito que sim. Eu desfruto de seus acessos de raiva. Vou visitar o Bife, claro que vou. Cream é uma doença para esta parte de Londres e eu adoraria mandá-lo para a prisão. Mas não gosto de receber ordens de gente como Arrowood. Eu nem gosto de receber do comissário adjunto.

Eu me levantei.

— Você descobriu o nome do policial que me deu uma surra?

— Não era o oficial da região de Elephant and Castle que tínhamos em mente. Esse pobre companheiro está bem mal de tuberculose. Mas há um homem que bate com a descrição na Scotland Yard, ou assim ouvi do detetive que trabalha neste escritório comigo. Eles participaram de uma cerimônia juntos, mas infelizmente não foram apresentados, então não tenho o nome dele. Ele não é um intendente, contudo. Não tenho certeza de sua posição.

— Você pode descobrir?

— Vou perguntar.

— Obrigado, inspetor. Quando você vai voltar?

— Vou partir imediatamente. Volto lá pelas seis.

Ele puxou outro charuto do bolso e o estendeu para mim.

— Fume lá fora, pode ser, Barnett? Vai lá e acabe com o sofrimento do seu empregador.

• • •

Às seis, eu estava esperando na delegacia. Petleigh ainda não tinha voltado. Por uma hora, mais ou menos, sentei-me no banco e assisti aos bons cidadãos de Southwark irem e virem, reclamando, contando seus infortúnios, esperando, protestando, lutando. Finalmente, Petleigh chegou junto com Reid. Ele acenou para que eu o seguisse subindo a escada.

— Cream está aborrecido — ele disse uma vez que a porta do escritório estava fechada. — Algo aconteceu ali, eu juro. Algo que o deixou preocupado.

— Você encontrou o garoto?

Ele negou com a cabeça e fez uma careta.

— Nós procuramos em todos os lugares. Se o tiverem, eles o estão mantendo em outro lugar.

— Nós os vimos pegar um baú e carregá-lo em uma carruagem. O sr. Arrowood considera que podem tê-lo trancado lá. Você questionou seus homens?

— Piser e Lenny Longo, sim. Não consegui nada.

— Você pode trazê-los para cá?

— E bater neles? — perguntou, encarando-me com força.

— Sim.

— Não, Barnett. Não usamos esses métodos nesta delegacia.

— Mas e o garoto?!

— Não podemos bater neles, Barnett. Você sabe disso. De qualquer forma, eles sabem que nós suspeitamos. Pode ser o suficiente para salvar o menino.

— Não é o bastante, inspetor.

— Você tem uma ideia melhor?

Eu me virei e saí do escritório.

• • •

O Bife tinha encerrado o expediente. Eu esperei do outro lado da rua, escondido na mesma pilha de entulhos de antes. Cream, elegante como sempre, partiu mais cedo em uma carruagem com Piser e Boots. As janelas no andar de cima ficaram escuras, depois saíram as garotas de serviço, os trabalhadores da cozinha, os atendentes do bar. Ernest apareceu sozinho de novo, mas eu o deixei seguir em frente. Não estava atrás dele naquela noite. Finalmente, a porta se abriu e Lenny Longo também saiu. Embora ainda estivesse quente, estava usando a capa de chuva e como sempre, o chapéu puxado até por sobre os olhos.

Eu segui alguns metros atrás conforme ele avançava pela rua vazia. Gritando de uma janela acima, um penhorista fez com que ele parasse e olhasse para cima, então prosseguiu. Atrás de mim, eu podia ouvir o clique de passos de cavalo enquanto a carruagem avançava.

Passamos pelas lojas fechadas de Lambeth Road e pela longa parede do Hospital de Bethlem. Lenny não olhou para trás. Ele estava levando seu corpo cansado para casa, para longe de tudo a que foi submetido por Cream e pelos outros. Quando eu

estava de vigia no caso Betsy, gastei algumas horas bebendo no Bife, reunindo informações a respeito de quem trabalhava lá, o que faziam. Eu segui Lenny algumas vezes, quando saía para fazer uma entrega. Ele nunca me notou, e quando nos revelamos ele estava preso por agressão. Lenny era durão, e só isso. Ele fazia o que lhe diziam. Cometia erros e gritavam com ele. Não tomava nenhuma decisão, mas ele fazia o suficiente, e fazia tão bem que os ladrões e prostitutas saíam do caminho se o vissem se aproximar.

Ele virou em um beco, saindo de vista. Corri para alcançá-lo. Quando cheguei à esquina, ele estava a apenas vinte metros de distância.

Ele parou e girou a cabeça para trás, apertando os olhos através da escuridão.

— O que você quer? — grunhiu. Pude ver que pensou que eu estava prestes a roubá-lo.

— Eu vim pedir desculpa, Jack — falei, cambaleando e enrolando as palavras quando me aproximei dele.

— Vá se ferrar — murmurou ele, virando-se para ir embora. — Não sou nenhum Jack.

Eu coloquei rápido o clorofórmio em cima da boca dele, enquanto minha outra mão pegou seu pulso e torceu o braço dele para as costas. Lenny podia ser mais alto, mas eu era mais forte. Ele lutou, mas, à medida que o líquido fez efeito, ele ficou mais fraco. Eu sabia que o clorofórmio não derrubaria um homem tão grande, mas ele estava confuso o suficiente para perder a briga.

Uma janela abriu na hospedagem barata atrás de nós e um balde de sujeira foi jogado fora. Conforme se fechou de novo, a carruagem parou na entrada do beco e meu cunhado Sidney saltou.

Ele pegou as pernas de Lenny, e eu peguei os braços, então nós o arrastamos para a carruagem. Não foi fácil porque Lenny era bem alto e ainda estava meio acordado, mas nós conseguimos. A rua estava vazia, estávamos com a sorte do nosso lado.

Eu trepei para dentro, onde o chefe estava esperando. Ele cuidou dos pulsos de Lenny enquanto eu envolvia seus tornozelos com nós fortes de cordame. Quando ele estava bem preso, o chefe abriu a força a boca dele e derramou um frasco de éter garganta abaixo.

Sidney subiu e despertou os cavalos. Embora agora ele conduzisse carruagens, Sidney passara o início da vida no mar, onde pegou gosto por usar os punhos. Com dois filhos para cuidar e a esposa morta no parto, meu cunhado tinha seus altos e baixos, mas estava sempre pronto para ajudar quando precisávamos de um terceiro homem.

A carruagem andava rápido, jogando-nos para cima e para baixo sobre os pedregulhos. Chegamos à escadaria do píer logo depois da ponte de Londres. Era maré alta; os barcos estavam amarrados e balançavam no rio escuro. Dei a Lenny outra longa cheirada do clorofórmio, então nós o arrastamos até a escada mais longe, até o fim, onde ficamos escondidos do banco por uma barcaça. Ele estava murmurando, mas não causava confusão, aturdido com a medicação. Lá o alinhamos, com a cintura logo na borda do cais flutuante. Sidney e eu sentamos em cima das pernas dele, para segurá-lo.

Quando a cabeça dele tocou na água, despertou bem rápido: ele começou a se retorcer, debater as pernas e gritar. Mas, quanto mais se debatia, mais sua cabeça ia para baixo. Ele começou a tossir e sufocar, mergulhando na água fedorenta, os ombros se remexendo, tentando libertar as mãos de suas costas. Nós éramos pacientes, ele não iria durar muito tempo dessa maneira, já que sua única esperança de manter a cabeça fora da água estava nos músculos da barriga.

— Agora escute, Lenny — comecei, agarrando seu cabelo molhado e puxando a cabeça para cima. — Se você nos disser o que queremos saber, vamos te trazer para cima e será nosso melhor amigo.

— Puxem-me para cima — resmungou ele. — Eu trabalho para o sr. Cream. Ele vai matar vocês.

— Nós só vamos fazer algumas perguntas.

Ele começou a gritar. Bati com força no tornozelo dele e o ouvi gemer. A cabeça desapareceu novamente na água.

Ele reapareceu, ofegante. Então veio uma sacudida forte nas pernas dele; ele respirou fundo e caiu novamente no rio. Depois de um momento, surgiu vomitando e engasgado. Sidney agarrou a frente do casaco e segurou a cabeça para fora da água.

— Se você não nos contar, vamos mergulhar sua cabeça na água — eu disse de forma bem polida. — Entendeu, Lenny? A maré está se movimentando agora. Ela é mais rápida aqui, não é?

— Traiçoeiro — disse o chefe, acendendo um charuto. Ele estava agachado na beira do barco, vigiando a rua.

— E veja que suas mãos e pés estão amarrados — continuei. — Bem, não preciso dizer, não é?

— Cream vai pegá-los — gemeu ele com voz rouca.

— A polícia vai pensar que foi Cream quem fez isso — respondi. — E Cream não vai saber que fomos nós, não é? Um homem como esse tem muitos inimigos. — Eu

dei um tapinha na bochecha molhada. — Veja bem, você está em uma situação difícil, amigo.

Enfiei a cabeça dele na água novamente.

Ele se debateu enquanto eu o segurei lá embaixo um pouco além do confortável. Quando o puxei, ele estava ofegante e sibilante.

— Onde está o garotinho? O menino que quebrou a janela de vocês na noite passada. Onde ele está?

— Eu não…

Eu o mergulhei de novo. A mesma rotina. Ele se debateu. Eu o puxei.

— Por favor — ele implorou quando conseguiu recuperar o controle dos pulmões.

O homenzarrão começou a chorar.

— Onde está o garoto?

Ele começou a tossir de novo; havia água brotando da boca. Eu lancei meu cotovelo para baixo em sua barriga, fazendo-o gritar. Até mesmo Sidney gemeu com essa.

— Eu não sei — engasgou, soluçando. — É verdade. Eu não vi um garoto.

— Noite passada, quando estavam no Bife, vocês pegaram um garoto. Onde ele está?

— Eu não vi nenhum garoto! — gritou ele. — Você precisa acreditar em mim. Por favor.

— Entendi — disse de forma amigável. — Você quer poder dizer ao Cream que não nos contou nada a respeito dele. Então vou lhe fazer uma pergunta mais simples.

— Eu não sei nada a respeito do garoto!

— Cale a boca! Agora escute; para onde a carruagem foi noite passada? Depois que saiu do Bife? Para onde estava levando o baú?

Ele olhou para mim como se estivesse atordoado. Peguei seu casaco e o empurrei de volta para o rio.

— Eu digo a você! — berrou. — Puxe-me para cima e eu falo!

Sidney ajudou a tirá-lo da água, e ele ficou sentado lá, com as pernas amarradas à frente, com as mãos presas atrás das costas, respirando com dificuldade. A água corria pelas pranchas do píer.

— Na Milky Sal na Southwark Bridge Road — falou, sua voz rouca. — No número 112.

— É onde o garoto está?

Ele vomitou outra carga de água. Eu me agachei e olhei para aquele rosto miserável.

— O garoto está com a Milky Sal, Lenny? — perguntei.

— Eu já te falei, não sei nada a respeito de nenhum garoto — respondeu. — De verdade. Não vimos um garoto.

— Se ele não estiver lá, vamos voltar atrás de você, Lenny. —Ele não tinha mais energia para lutar. Apenas olhou para mim. — O que aconteceu com Terry, o cozinheiro de sobremesas? — perguntei.

— Hã?

— O rapaz francês.

— Quem é você?

— Responda a pergunta.

— Eu já respondi suas malditas perguntas. Deixe-me ir agora.

Sidney pegou o casaco encharcado e eu peguei as pernas e o puxamos para a borda novamente.

— Não! — gritou ele, torcendo, tentando girar de volta para o píer.

Nós empurramos a cabeça para baixo.

— Ei! — veio um grito da rua. Olhamos para cima. Um policial estava perto da parede do rio, olhando para baixo. Era tarde da noite, e a luz da lâmpada mal conseguia chegar a meio caminho da água para nós. O corpo se debatendo de Lenny estava escondido pela barcaça.

— Ajude-nos, intendente — chamou o chefe. — Este homem caiu na água.

Puxamos Lenny para cima. Ele estava mole, e por um momento pensei que poderia ter se afogado.

— Vocês o tiraram da água? — chamou o policial do outro lado.

— Tiramos. Ele está bêbado.

Nós ouvimos o policial xingar e caminhar de volta pela escadaria do píer. Sidney rapidamente cortou o fio com a faca e jogou-o na água. Lenny caiu a seu lado, ofegante e se levantando com esforço.

Nós três nos dirigimos para encontrar o policial enquanto ele entrava no cais.

— Nós o vimos da rua — disse o chefe. — Sorte que viemos assim que ele caiu. Está bêbado e fora de si.

— É melhor eu levá-lo — disse o policial.

— Graças a Deus existe gente como vocês — disse o chefe, dando-lhe um tapinha no ombro. — Você é um bom companheiro.

— Obrigado, senhor.

— Agora nós precisamos partir. Esse bêbado nos fez nos atrasarmos para o nosso compromisso.

Capítulo Quinze

O estabelecimento de Milky Sal tinha três andares acima e um abaixo. Não havia luzes tanto quanto pudemos ver, mas a luz do dia estava começando a despontar e as pessoas começariam a acordar em breve. Esperamos até Petleigh e seus homens chegarem em duas carruagens viaturas. Eles não perderam tempo, logo martelando a porta da frente com cassetetes. Ela se abriu, revelando primeiro um homem com calças portuguesas e um bigode comprido, depois o rosto matinal de Milky Sal, pálida e cansada, abaixo de uma touca de dormir amarela. Quando Petleigh explicou seu propósito, ela começou a xingar nos termos mais chulos. O inspetor acenou com a cabeça para os policiais atrás dele, e eles entraram, passando pelos braços agitados dela.

Sidney já tinha ido para casa, e só o chefe e eu esperamos pelas viaturas policiais. De dentro, podíamos ouvir gritos, as vozes das mulheres protestavam contra o despertar súbito, botas pesadas para cima e para baixo pelas escadas.

A porta do porão abriu e três mulheres jovens, casacos jogados sobre as camisolas, subiram a escada para a rua. Elas pararam quando nos viram. Quando ficou claro que não iríamos interpelá-las, elas se apressaram em partir.

Depois, duas meninas com não mais do que catorze anos foram trazidas e colocadas nas viaturas.

— O garoto está ali? — o chefe perguntou a um dos policiais.

— Nós não vimos nenhum garoto, senhor. Muitas mulheres, contudo.

Os policiais fecharam as viaturas e voltaram para a casa.

O homem português foi trazido para fora. Estava sem camisa e tinha uma longa cicatriz no braço. O oficial que o tinha algemado estava sangrando pelo lado do rosto. Ele jogou o homem pelas escadas, que então caiu dolorosamente sobre as pedras de pavimentação, depois pegou-o bruscamente e jogou-o na parte de trás de outra viatura.

— Algum sinal do garoto? — perguntou o chefe.

— Não, senhor.

Era demais para ele. Correu a escada para dentro da casa.

— Encontrou mais alguma coisa lá? — perguntei ao oficial.

— É um bordel — riu ele. — Eu nunca vi tantas senhoras em suas camisolas.

— E quanto a essas jovenzinhas?

— Provavelmente são ilegais.

A porta se abriu de novo e Milky Sal saiu com um oficial a segurando em cada braço. Ela agora usava um vestido preto e apertado, um pequeno chapéu preso na cabeça do qual um véu mais elegante caía sobre o rosto. Ela estava falando amargamente:

— Mexer com uma mulher que só está tentando ganhar a vida. Vocês deveriam se envergonhar, perturbando todas as minhas meninas quando elas precisam de seu sono da beleza. Há alguns homens importantes que não gostarão que você me leve, vou te falar.

Os oficiais não disseram nada.

— Não me apertem! — gritou ela, arrancando o braço preso pelo mais alto dos tiras.

— Sim, madame — respondeu ele.

— O que você está olhando, seu bruto? — Ela cuspiu em mim enquanto a acompanhavam para uma das viaturas.

— Você encontrou o garoto? — perguntei a um dos tiras quando eles a fizeram se calar.

— Não tem nenhum garoto ali — o mais baixo respondeu. Ele enxugou o rosto com um pano e olhou para as nuvens escuras que estavam se juntando ao norte da cidade. — Que venha a tempestade. Mal consigo respirar com esse calor.

Encontrei o chefe na escada, subindo do porão. O rosto dele da cor de uma beterraba.

— Sem sorte?

Ele negou com a cabeça.

— O que tem lá embaixo? — perguntei.

— Uma cozinha e um poço de carvão.

— Os fundos?

— Não tem nada lá a não ser roupas lavadas.

Petleigh saiu da sala da frente.

— O que Milky Sal disse? — perguntou o chefe.

— Ela não está falando nada — respondeu Petleigh. Ele não estava feliz. — Ela afirma não saber nada sobre um menino, nada sobre essas garotas jovens. Nunca

ouviu falar de Cream, segundo ela.

— Deixe-me interrogá-la — pediu o chefe.

— Não me provoque, Arrowood. Nenhuma das meninas viu um menino, pelo que dizem. Se não fosse por encontrar essas jovens, teria sido uma perda de tempo total. Você pode se considerar afortunado.

Enquanto o chefe protestava, decidi dar uma olhada lá embaixo. Ao final da escada, havia uma ampla cozinha que ocupava a maior parte do piso do porão. Na frente, as janelas e a porta se abriam até a rua; na parte de trás, uma porta para o quintal e outra para a despensa. As janelas, embaçadas com poeira preta, deixavam passar uma luz sombria. Uma longa mesa estava na parede dos fundos. O chão de pedra era pegajoso, com migalhas e cascas de vegetais reunidas nos cantos.

À vista, mexendo uma grande panela, estava uma mulher idosa. Ela olhou para mim sem interesse, então voltou para sua sopa de aveia.

— Você viu um garoto aqui ontem? — perguntei.

— Não adianta me perguntar sobre um garoto — respondeu de costas para mim. — Eu não subo lá pra cima. Só conheço quem vem aqui comer.

— Você está aqui há muito tempo?

— Tempo o bastante.

— Você tem filhos, cozinheira?

— E é da sua conta? — perguntou ela, batendo sua concha na borda da panela e colocando-a no lado.

— Acho que não.

Eu me sentei à mesa.

— Alguém pegou um garotinho, com cerca de dez anos de idade — falei. — Um moleque levado. Nos contaram que foi trazido para cá.

Ela colocou uma tampa no pote e enxugou as mãos no avental.

— Eles vão machucá-lo — completei.

— Eu tive sete — disse ela. — Seis deles morreram antes dos cinco anos de idade. Meu último garoto está no mar.

Ela andou lentamente em direção à mesa e se sentou no lado oposto ao meu. O cabelo grisalho estava bem ralo na cabeça. Ela pareceu aumentar de tamanho, como se estivesse carregando um bebê na barriga, mas seus membros eram magros como palitos.

— Ele teve algum filho?— perguntei.

Por fim ela sorriu, revelando dois dentes soltos na gengiva superior.

— Quatro. A última vez que os vi foi no Natal. Dei um cavalinho de madeira para cada um — tagarelou. — Eles vão me levar no jóquei mês que vem.

— Será um bom passeio. Você gosta dos cavalos?

— Sempre gostei. Desde quando era menina.

Inclinei-me para a frente na mesa e acenei com a cabeça para a pilha de cobertores perto da porta do quintal.

— Você dorme aqui embaixo?

— No chão — contou.

— Meio duro, não é?

Ela deu de ombros.

— Estou acostumada, admito. Tenho fogo, o que é mais do que alguns têm.

Ela estremeceu e agarrou a barriga.

— Você está doente, não está?

— Quem não está?

— Eu não sou um tira, sabe?

— Poderia ser um desses agentes de civil. Como iria saber?

— Eu só quero salvar o menino antes que o machuquem.

Ela assentiu com a cabeça e olhou para mim com os olhos embaçados.

— Você ouviu alguma coisa duas noites atrás? — perguntei. — Alguém chegando? Deve ter sido bem perto de amanhecer.

Ela pensou por um momento, com os dedos tamborilando na mesa.

— Chegou uma carruagem. Os portugas os deixaram entrar. Quase de manhã, como você diz.

— Você sabe o que eles estavam fazendo?

— Trouxeram algumas coisas para dentro, pesadas, do jeito que estavam grunhindo. Eu não durmo bem na maior parte das vezes. Não me levantei para olhar, se é isso que você vai perguntar.

— Você ouviu um garoto?

Ela negou com a cabeça.

— Não vi nem ouvi uma criança. De todo jeito, logo a carruagem partiu.

— Existe algum lugar na casa onde poderiam esconder um menino?

— Nunca poderia ser lá em cima. Posso afirmar que não está aqui embaixo.

— Você não viu o que estavam carregando?

— Apenas vi as pernas do cavalo através desse pedaço de vidro ali. — Ela apontou para a janela suja que se voltava para a escada do porão: no topo, através do fundo da vedação, podiam ser vistas as rodas da viatura da polícia e as pernas do cavalo. — Uma cara branco grande, com meias pretas.

— Quem conduzia a carruagem?

— Aquele Sparks. Tem uma tanoaria lá em Cutler's Court. Nova égua bonita que ele tem, mas não a tratam direito. Não tratam direito nem a mim, nem a égua. — Ela continuou a tagarelar. — Oh, mas nós nos entendemos. De vez em quando, eu levo alguma coisa quando ela fica ali. Uma cenoura velha ou algo do tipo. Um pouco de água quando está quente.

Eu me levanto.

— Hã, senhor, você não vai contar para a Sal que eu estava falando com você, né?

— Claro que não. Você vai ver um médico?

Ela encurvou os ombros e retorceu o rosto em um nó castanho feio.

— Espero que encontre o garoto, querido — disse, empurrando-se para ficar de pé com um gemido.

Capítulo Dezesseis

As ruas estavam movimentadas. Mulheres carregavam grandes pacotes de estruturas de guarda-chuvas e sacos de chapéus para as fábricas que lotavam aquela parte da cidade; trabalhadores portuários e outros proletários estavam em movimento. O céu começava a cuspir algumas gotas de chuva, mas o calor as afastou quase que de imediato e, assim, o clima permaneceu pegajoso. Eu estava preocupado com o chefe: ele estava chiando de seu peito ruim, mancando por causa da gota, e suando tanto que chegava até à sua fina jaqueta azul. Era uma bela coleção de desconfortos para se observar e me fez sentir cansado só de vê-lo arrastar-se pelas ruas movimentadas naquela manhã. Eu lhe disse para ir para casa e eu chamaria Sidney para me ajudar, mas ele franziu o cenho e acenou a bengala para mim.

— Já se passou um dia e uma noite — disse ele. — O garoto deve estar desesperado, com medo.

Ele seguiu em frente, a culpa pesada em seu rosto sofredor. Nós não falamos sobre o que realmente temíamos: que Neddy já estivesse fora do país, vendido por Cream para algum cavalheiro estrangeiro. Ou já morto.

— Nós vamos encontrá-lo — assegurei.

Continuamos andando.

— Tenho pensado em como Neddy foi levado — resmungou ele, a respiração curta e tensa. — E se não fugiu para casa quando jogou a pedra?

— Nós mandamos que ele fugisse assim que nos avisasse.

— Mas Neddy gosta de me impressionar, não é? Sempre quer fazer mais do que pedimos. Não é suficiente para ele prover para suas irmãs e sua mãe, ele quer fazer algo por mim, para que eu seja feliz. E se ficou ali para o caso de precisarmos dele? E se decidiu descobrir o que os homens de Cream estavam fazendo?

Nós viramos a última curva antes da tanoaria, quando, sem aviso, o chefe agarrou minha camisa e me puxou para um beco estreito.

— Nossa Senhora — ele murmurou, espiando o caminho. — É ela.
— Quem?
— Minha irmã — sussurrou ele. — E todas as mulheres. Esconda-se.
Nos encurvamos em uma porta enquanto as mulheres passavam na rua principal. Elas todas estavam lá: Ettie, sra. Truelove, srta. James, sra. Campbell, srta. Crosby, sra. Boothroyd e sra. Dewitt. Caminhavam com um olhar determinado no rosto, cada uma segurando uma cesta. Elas seguiram em frente, passando a tanoaria, e entraram em outro beco, à direita.
— Qual é o nome daquele lugar ali? — sussurrou ele.
— Ali é o Cutler's Court.
Ele gemeu.
— Eu deveria ter lembrado. É o lugar que ela está salvando.
Quando as últimas das anáguas e saias desapareceram, voltamos para a rua. A tanoaria se abria em duas grandes portas de celeiro. Do lado de dentro, os homens batiam nós de metal quente. Outros operavam serras. Do lado de fora, estava uma carruagem. Anexado a ela estava o grande cavalo branco com patas pretas, do qual a velha cozinheira tinha ficado amiga. Seus olhos eram sofridos, sem brilho, e a grande cabeça estava curvada, com espuma alinhada aos lábios pretos.
Cruzamos a rua e entramos na oficina. Do lado de dentro, o calor estava no auge da pequena forja. Os homens trabalhavam sem camisa. Barris grandes e pequenos ficavam deitados no chão de pedra e empilhados contra as paredes. Em todos os lugares, pendurados nas paredes, nos barris, nas mãos dos homens, havia serras, martelos, machados, madeira em estado bruto, cortes irregulares, suas feridas úmidas e coradas no brilho dos fogos. No fundo, mais duas portas de celeiro se abriam em um quintal onde fileiras de barris estavam ao ar livre. Encontramos Sparks lá, falando com um dos condutores.
— O que posso fazer por vocês, cavalheiros? — perguntou ele quando nos aproximamos. Seu rosto tinha sardas. Ele não usava uma camisa por baixo da jaqueta. Os dedos dos pés estavam desgastados.
— Viemos atrás do garoto — declarou o chefe.
Sparks franziu o cenho.
— Não tem nenhum garoto aqui, senhor.
— Sabemos que ele está aqui — falei. — Entreguem-no.
Seus olhos se endureceram. Ele ergueu a voz:
— Já te falei que não tem nenhum maldito garoto aqui. Agora vão, saiam daqui.
Atrás de nós, o bater de martelo parou e os homens olharam. Eram homens brutos, marcados, maltratados, sujos com fuligem. Havia muito mais deles do que

nós.

— Senhor — continuou o chefe —, não causaremos nenhum problema, desde que você o entregue. Mas devemos recebê-lo. Estou pedindo educadamente. Não iremos até que ele esteja conosco.

— Rapazes! — ordenou Sparks. — Venham aqui.

Um grande homem calvo soltou sua serra e veio até nós. Outro que parecia ser seu irmão veio pelo outro lado, um velho cassetete da polícia em punho. Dois homens mais novos, um com um atiçador, outro com um par de pinças, vieram da forja. Quatro outros bloquearam nosso caminho para a porta.

— Agora — disse o chefe, dando meia-volta, a voz dele perdendo a confiança de antes —, não há necessidade de problemas, senhor. Diga-nos onde o garoto está. Do contrário, teremos que trazer a polícia aqui para vasculhar o lugar.

Percebi imediatamente que o chefe tinha cometido um erro. O menor suspiro de um sorriso apareceu nos lábios do tanoeiro e depois sumiu. Nós estávamos sozinhos, e ele sabia.

— Quem são vocês, seus idiotas? — perguntou Sparks, olhando-nos de cima a baixo com um sorriso de escárnio.

— Somos os guardiões dele, senhor — respondeu o chefe, enfiando os polegares em seu colete em uma demonstração de confiança que o tique nervoso entregou. — Agora facilitem para vocês. Onde ele está?

Sparks fez um meneio de cabeça para os brutões: os dois irmãos tomaram meus braços e me abraçaram forte. Os rapazes mais jovens pegaram o chefe. Um sujeito com um chumaço de cabelo encaracolado e a constituição de boxeador caminhou em direção a nós, sua grande marreta balançando no calor da forja.

— Feche as portas, Dennis — ordenou Sparks.

Quando um homem baixo começou a fechar as portas para o beco, o lutador deu um passo na nossa frente. Ele segurou o martelo de ferro perto do peito, a cabeça inclinada para o lado, esperando. Não havia vestígios de gentileza nos olhos pálidos.

— Senhores — disse o chefe com a boca seca —, não há necessidade de violência. Só vai piorar as coisas para vocês.

Tentei me afastar, mas os homens torceram meu braço pelas minhas costas, fazendo-me gemer com dor. O chefe olhou, alarmado, seus próprios braços apertados pelos dois rapazes.

Sparks coçou a axila sob o paletó. As portas fecharam-se.

— Agora, senhores — ele disse lentamente. — Digam-me quem vocês são e o que diabos está acontecendo aqui.

— Sua carruagem foi vista ontem à noite — o chefe afirmou, as palavras rápidas e nervosas — do lado de fora do prédio de Milky Sal.

— E o que isso tem a ver com um garoto?

— A polícia recebeu uma dica de que ele estava lá, mas não estava. Vocês o levaram antes de a polícia chegar lá.

— Oh, levamos, é? — perguntou Sparks.

— Acreditamos que sim — respondeu o chefe.

Um martelo começou a bater em um barril atrás de nós, depois um segundo contra uma bigorna; eles batiam como dois relógios fora de sincronia. Sparks encarou o chefe conforme o barulho ecoou na imensa oficina. Mais uma vez, tentei libertar meus braços, mas eles me prenderam rápido. O lutador apoiou a marreta no ombro, seus olhos frios entrando em mim. As batidas lentas de martelos continuaram, o chefe se encolhendo a cada vez, como se o barulho o golpeasse. Estava começando a me incomodar também.

— Quem deu a dica aos tiras? — perguntou Sparks.

— Não sabemos — o chefe respondeu rápido. — Não contaram para nós. Eles apenas nos chamaram para que encontrássemos uma mulher na casa de Milky Sal.

Sparks acenou com a cabeça para os dois homens que seguravam Arrowood. Um deles chutou as pernas do chefe, que caiu no chão com um grito. O rapaz torceu-lhe o braço atrás das costas, enquanto o outro acertou os tornozelos. As batidas de martelo ficaram mais altas.

— Deixe-me levantar! — demandou o chefe.

Sparks colocou a bota no pescoço do chefe e pressionou o rosto dele no chão.

— Por que você acha que eu peguei esse garoto?

— Os tiras levaram Sal e o resto do pessoal para a delegacia — contei. — Nós estávamos saindo quando os vizinhos apareceram. Foram eles que nos disseram sobre o seu carro.

Sparks cruzou os braços e olhou para baixo, para o chefe preso no chão. Ele pensou por um momento.

— Isso significa que os tiras não sabem que vocês estão aqui — ele disse. Olhou para o cara de cabelo enrolado com o martelo. — Tudo isso soa muito estranho, não é? O que você acha, Robbie?

— É bem estranho mesmo — concordou o lutador.

Sparks deu um passo à frente e me olhou diretamente no rosto. Ele estava molhado com transpiração, os olhos amarelos.

— Comece com este grande, eu acho — falou.

Empurrei o máximo que pude, tentando derrubar os homens que me seguravam. Mas eram muito fortes.

— Eles sabem que estamos aqui — gritou o chefe, levantando a cabeça do chão, os óculos pendurados em uma orelha. Os dois rapazes o seguraram rápido. — Enviamos uma mensagem antes de chegarmos.

Sparks olhou bravo para ele, então, sem aviso prévio, a parte de trás de sua mão voou pelo ar. Eu vi isso, mas os irmãos me abraçaram tão forte que não conseguiria sair do caminho.

Acertou-me em cheio na cara.

Eu xinguei, cuspindo sangue para o chão de pedra.

— Certamente você não acha que nós apenas entraríamos assim? — disse o chefe. — Sozinhos? Não somos tolos, Sparks.

Sparks pensou por um pouco de tempo, olhando enojado para o rosto vermelho do chefe. Fiquei de olho naquela mão grossa enquanto esfregava os nós dos dedos. Ele fez que ia me atacar de novo, e hesitei. Mas não lançou o golpe. Ele zombou como se eu fosse um covarde e depois disse:

— Tirem esses homens daqui, rapazes.

— Não! — gritou o chefe conforme eles o ergueram. — Entregue-nos o garoto, Sparks!

Sparks pegou o casaco do chefe e o puxou até que seus rostos estivessem quase se tocando.

— Não sei nada de nenhum garoto — sibilou. — Vá se ferrar, e considere-se um felizardo que eu não o joguei nesta fornalha.

O chefe lutou, mas eles nos carregaram até a saída e nos lançaram para fora. Dennis levou a égua branca e o seu carro para a oficina. Então a porta foi fechada novamente.

Eu cuspi mais sangue. Estava com tanta raiva quanto um homem poderia ter. O chefe espanou a sujeira da frente da camisa.

— Ele está ali, sim — falei. — Você viu quando Sparks se sobressaltou quando você mencionou o garoto?

— Eu vi — o chefe respondeu, olhando de volta para a tanoaria. — Mas não tive tanta certeza… Como está sua boca?

— Esqueça minha boca. Como nós vamos pegar o garoto?

— Ainda estou pensando em Lenny, Barnett. Eu lhe digo que o homem parecia que realmente não sabia sobre Neddy. Não tenho certeza de que a vontade dele teria sido forte o suficiente para aguentar com todo o caldo que você lhe deu.

Eu não me importava de pensar sobre o que o chefe estava dizendo. Aquela era nossa única chance de achar Neddy. Se ele não estava lá, eu não sabia o que poderíamos fazer.

— Sparks está aprontando algo — falei. — Por que ele fecharia aquelas portas em um dia quente como hoje? Há uma forja lá e dez homens pingando. E por que trazer um cavalo com muita necessidade de brisa para dentro com ele? Acho que ele vai tirar Neddy da loja.

O chefe andou pelo beco, pensando.

— Ou alguma propriedade roubada, que ele não quer que a polícia veja — disse ele.

O sol derramava-se naquela pista empoeirada, e eu estava irritado com ele.

— Precisamos fazer algo agora! — exclamei. — Se Neddy estiver lá, Sparks vai levá-lo embora em minutos.

— Eu sei! — ele gritou pra mim. — Maldição! Precisamos entrar de novo, Barnett. Não há tempo de mandar vir a polícia.

Ele andava de um lado para o outro com desespero, a gola suja de suor. Então, de repente, um brilho apareceu em seus olhos.

— Tenho um plano. Rápido, siga-me.

Ele saiu aos tropeços, tão rápido quanto podia, passando pela tanoaria e até a entrada da quadra. Eu o segui. Estava escuro lá, os edifícios se apertavam e cresciam para o alto em todos os quatro lados, bloqueando o sol. Entre eles havia um longo quintal de lama com um dreno aberto no meio. O fedor era horrível. Conchas de ostra empilhadas em toda parte. Cães vagavam entre crianças nuas.

Nenhum dos prédios tinha portas, mas sim buracos abertos onde elas deveriam estar. Todas as janelas do piso térreo foram tapadas. Uma velha bêbada estava sentada de olhos fechados em um degrau e gaguejava uma música, acrescentando xingamentos a cada verso. Uma multidão de vagabundos em roupas imundas olhou para nós. Espalhadas pelas portas estavam as mulheres missionárias falando com os habitantes do cortiço. Uma jovem ouvia mal-humorada a sra. Truelove, um pacote marrom na mão; um homem especialmente magro falava de forma alta e apressada com a sra. Dewitt, que se afastou como se estivesse em perigo de pegar as erupções que cobriam o rosto dele; duas mães segurando bebês assentiam de forma polida enquanto a sra. Campbell explicava algo.

O chefe foi até Ettie, que estava entregando um pacote de sabão a um homem velho sentado em uma caixa.

— William! — exclamou. — Como você me encontrou?

— Estamos em uma situação urgente, irmã. Neddy foi sequestrado. Os homens de Cream estão com ele na tanoaria lá atrás na rua. — Ele tirou o lenço e esfregou o rosto. — Eles bateram no Barnett aqui e estavam prestes a me derrubar. — Ela ofegou e apertou o peito. — Precisamos de sua ajuda para buscá-lo. Eu arrisco dizer que não botariam uma mão em vocês, mulheres.

— Você quer que nós invadamos e o resgatemos?

O velho soltou um cacarejo que se transformou em uma grande tosse.

— Acho que ele pode estar em um baú — o chefe respondeu. — Mas podem tê-lo amarrado em algum lugar. Todo o local deve ser vasculhado.

— Mas é perigoso, William. Quantos homens estão lá?

— Cerca de dez.

— Só há sete de nós.

— Tenho certeza de que não botariam uma mão em mulheres. Mantenham suas cruzes levantadas.

— Oh, William. Você não lê os jornais? Mulheres são mortas todos os dias por homens. Você tem que chamar a polícia.

— Não temos tempo para isso. O grupo pensa que ela já está a caminho. Temos que ir agora antes de sumirem com o garoto.

Ettie apertou as mãos e olhou em volta do cortiço, a testa franzida.

— Essas são as pessoas que você está investigando?

— Sim, Ettie.

— Eu disse para não usar o menino para o seu trabalho, William. Não disse?

— Por favor, Ettie. Eles estão prestes a sair. Esta pode ser a nossa única chance de salvá-lo.

Ela continuou a franzir o cenho para ele, as narinas se contraindo enquanto respirava. Então de repente ela se virou para as mulheres e bateu palmas; imediatamente saíram das portas e olharam ao redor.

— Senhoras! — anunciou ela. — Meu irmão precisa da nossa ajuda. Um menino está preso na tanoaria. Devemos tentar resgatá-lo.

Havia expressões de indignação nas senhoras.

— O diabo está aqui diante de nós — proclamou a sra. Dewitt.

— Ele tem dez anos e se chama Neddy — continuou Ettie. — Nós devemos entrar e buscá-lo. Procurem um baú. Caso contrário, procurem em qualquer lugar onde um menino possa estar escondido. Há homens trabalhando lá, vocês não devem dar atenção a eles.

— Esses homens vão querer nos impedir? — perguntou a sra. Truelove.

— É possível — respondeu Ettie. — Devemos ser rápidas e ter fé. Deus vai nos dar força.

Agora a sra. Truelove bateu as mãos.

— Vamos, então, senhoras! — comandou.

Nós as seguimos enquanto caminhavam para fora do cortiço e martelavam na porta da tanoaria. Quando se abriu, as senhoras entraram e sem uma palavra se espalharam e começaram a olhar pelos barris ao redor da oficina.

Ficamos no beco, esperando.

— Ei! — gritou Sparks, vindo do quintal. — O que vocês estão fazendo?

— Deixe-nos, senhor — respondeu a sra. Truelove. — Estamos procurando pelo garoto.

— Não tem nenhum garoto aqui! — Sparks estava enfurecido agora, o rosto vermelho, lançando as mãos de forma selvagem pelo ar. — Eu falei para os guardiões que ele não está aqui. Agora vão embora! Pra fora da oficina.

A sra. Truelove não respondeu. As senhoras continuaram a procurar, levantando as tampas dos barris, espiando nos cantos, chamando o nome de Neddy. Os trabalhadores estavam com seus peitos nus, sem saber o que fazer. A sra. Truelove caminhou até a pilha de barris empilhados contra a parede e começou a olhar dentro de cada um. Ela pausou.

Mais uma vez, bateu as mãos.

— Senhoras, procurem por um baú! E procurem apenas nos barris com tampas. Sra. Dewitt, srta. James, vejam se há um estoque.

Sparks correu, agarrou o braço dela e puxou-a de volta violentamente. Ettie, que estava procurando no estábulo, parou em um momento.

— Solte-a! — exigiu ela, puxando o casaco dele.

Ignorando-a, Sparks deu um tapa forte no rosto da sra. Truelove e continuou a puxá-la em direção à porta. Ela lutou contra ele, mas ele era muito forte e a empurrou para a rua.

— Caiam fora daqui, todas vocês! — gritou ele, voltando-se para a oficina. — Rapazes, agarrem-nas e tirem-nas daqui!

Os trabalhadores se espalharam pela tanoaria. A srta. Dewitt gritou quando foi jogada no chão por um dos irmãos. Caindo em uma pilha de parafusos, ela ergueu a mão com horror, um corte largo na palma já escorrendo sangue. O homem grande segurou o pé dela e começou a puxá-la pelo chão. Ao mesmo tempo, Sparks encurralou a srta. James no final de uma fileira de tonéis. Ele agarrou o cabelo dela e começou a arrastá-la para fora. Ela pranteou, as mãos balançando e arranhando o rosto dele. Ele xingou.

— Ajude-me, Robbie, caralho! — ele gritou para o lutador.

Ajudamos a sra. Truelove a se levantar. A boca dela já estava inchada, mas ela endireitou as saias e marchou de volta para dentro. O chefe e eu a seguimos e logo atravessamos a porta quando ele tocou meu braço e apontou para o carrinho, amarrado ao cansado cavalo branco perto da forja. Estava carregado com as mesmas caixas de madeira compridas que tínhamos visto do lado de fora do Bife na noite anterior. Havia mais agora, trinta pelo menos. Uma lona estava em uma pilha no chão.

Quando os homens começaram a pegar as mulheres, procuramos o baú. A sra. Truelove, com um olhar de raiva no rosto matronal, agarrou o punho de uma pá de carvão e estava correndo atrás de Sparks quando se ouviu um grito do pátio.

— Ele está aqui! — gritou uma voz com sotaque escocês. Era a sra. Campbell. — Nós o encontramos!

De repente, o menino estava atravessando a oficina, esquivando-se aqui e ali enquanto os homens estavam de pé, nenhum sabendo se deveriam tentar segurar as mulheres ou parar o menino. O rosto dele estava cheio de fuligem; os olhos vermelhos de lágrimas. Seus sapatos haviam desaparecido. O boné tinha sumido.

— Peguem-no! — gritou Sparks, soltando a srta. James. — Que diabos vocês estão fazendo aí parados?

Só que era tarde demais, Neddy havia chegado à porta.

— Continue correndo! — gritou o chefe. — Vá pra longe daqui.

— Corra, garoto! — berrei.

O menino correu pela rua e, no momento em que Sparks conseguiu que seus homens seguissem em perseguição, Neddy virou a esquina e desapareceu na multidão.

Capítulo Dezessete

Quando chegamos à Coin Street, Neddy estava sentado em um banquinho alto na loja, comendo um pudim grande. Ele nos deu um sorriso tão alegre quanto possível com a boca inchada; sem dizer uma palavra, o chefe passou e envolveu os braços ao redor do molequinho.

— Oh — disse a sra. Pudding, pausando a varrição —, que bonito. Eu dei um pudim a ele, Ettie, já que ele parecia faminto quando chegou aqui.

— Obrigada — respondeu ela. — Ele ficou preso em um barril a noite toda.

Ettie e eu observamos o chefe abraçar o garoto. Nós assistimos sua grande cabeça irregular, vermelha por causa de todo o exercício e do calor, o rosto apertado, os olhos bem fechados atrás dos óculos. Uma única lágrima escapou de seus olhos e rolou pela bochecha gorda.

Imediatamente, ele soltou o menino e limpou a lágrima.

— Neddy, Neddy, meu garoto. Que rapaz valente você é.

— Não foi nada, senhor.

Foi só então que percebemos que o dente da frente do menino tinha desaparecido.

— Eles quebraram seu dente? — perguntei.

— O barril caiu na rua — disse o garoto. — Não doeu, senhor.

— Vê o quão corajoso você é — declarou o chefe, virando-se para nós, orgulhoso.

— Estou feliz que você me encontrou, senhor. Eu não gostei muito de ficar num barril.

— Eu também não gostaria de ficar em um barril — disse o chefe, compadecido. — Especialmente não em um dia tão quente.

— Estava muito quente. Achei que eu ia ser cozido lá dentro. Não sabia onde eu estava.

— Conte-nos o que aconteceu, Neddy.

— Sinto muito, senhor. Eu deveria ter corrido como você falou.

O chefe voltou-se para mim e assentiu com a cabeça, um sorriso triunfante no rosto.

— Mas, quando entraram, eu pensei que poderia escutá-los — continuou Neddy. — Eles estavam falando sobre algo e parecia realmente importante. Queria descobrir por você, sr. Arrowood. Eu só fui até o carro. Certifiquei-me de que não me viram, como você me ensinou.

— Prossiga, Neddy.

— Então a carruagem de quatro cavalos veio e estacionou na frente, e eu pensei que eles me veriam, por isso subi para um dos barris. Mas, quando os homens saíram, eles o fecharam e não pude sair mais.

— Eles te machucaram, garoto?

— Eles não sabiam que eu estava lá, senhor. Fiquei quieto toda a noite, mesmo quando estavam movendo o barril. Eu sabia que você viria me salvar, sr. Arrowood. Foi por isso que nunca o chamei. Eu sabia que você viria.

— Você teve sorte, Neddy — o chefe respondeu em um tom severo.

— Por quanto tempo mais você aguentaria lá?

— Não muito mais — disse o garoto, baixinho. — Eu estava quase pronto para gritar para que me tirassem de lá. Estava tão quente que eu estava virando uma crosta, senhor.

— Nunca mais faça isso, entendeu? Estou desapontado com você. Não sabe que esses homens poderiam ter te matado? — A cabecinha de Neddy baixou. — Poderíamos nunca tê-lo encontrado.

O chefe olhou para a cabeça baixa de Neddy por algum tempo. Os ombros do garoto se contraíram. Ettie veio e sussurrou para mim:

— Ele está chorando?

Fiz que sim com a cabeça.

Ela cutucou o chefe com o cotovelo.

— Bem, Neddy — ele disse suavemente, colocando as mãos nos ombros do garoto. — Vamos esquecer. Você estava tentando nos ajudar. Eu entendi. Estava sendo corajoso.

A cabecinha assentiu.

— O seu lábio está ferido? — perguntou Ettie.

— Estou bem, senhorita. Consigo aguentar.

— Um pedaço de bolo ajudaria?

Finalmente, ele olhou para cima. Os olhos estavam embaçados.

— Pode ajudar um pouco, senhorita.

— Então você termina este pudim e nós vamos passar para o bolo.

— Eu não teria dito nada a eles, senhor — disse Neddy, recuperando a compostura. — Eu teria dito que estava escondido, depois que eles tivessem terminado. Tinha tudo planejado.

— Bem pensado — elogiou o chefe, remexendo a bolsa. — Mas, da próxima vez, lembre-se da primeira regra de um detetive: não se coloque em perigo. Agora, aqui está o xelim que lhe prometi.

Neddy assentiu, sério, pegou o dinheiro e o colocou no bolso.

— Senhor? — chamei.

Quando o chefe olhou para cima, eu o mirei fixamente.

Ele acariciou o garoto na cabeça e deu-lhe outro abraço rápido.

— Esse é meu garoto — falou.

— Senhor? — indaguei uma vez mais.

— Certo, garoto — disse o chefe, ignorando-me. — Sua mãe está preocupada. Pegue seu bolo e vá pra casa. Compre para sua família um pouco de pudim. Melhor ainda, Albert vai lhe dar um dos pudins que restou. Eu pago, Albert. Com o desconto de sempre, claro.

— Há aquele bônus que você mencionou — falei.

— Bônus? Eu não mencionei nenhum bônus.

— Você disse que lhe daria um xelim extra pelos problemas. Ele perdeu os sapatos.

O nariz do chefe se franziu e seus olhos se estreitaram.

— Eu não me lembro…

— Sim, William — interrompeu Ettie, agora aproximando-se e dando-me uma piscadela. Nós compartilhamos um sorriso. — Dê-lhe o xelim extra que disse que lhe daria.

O chefe bufou. Então, com relutância, pescou outra moeda na bolsa.

— Obrigado, senhor — agradeceu Neddy, cujos olhos brilhavam por quão rico se tornara.

— De nada — disse o chefe. — Agora vá até o salão e Ettie vai limpar o seu rosto.

• • •

Petleigh ainda estava na delegacia quando chegamos lá. Ele ficou feliz de saber que encontramos Neddy.

— Bem, vocês ficarão felizes em saber que não desperdiçaram completamente meu tempo antes — disse ele. — Uma das jovens que encontramos diz que ela foi maltratada por muitos homens diferentes. Não podia deixar a casa. Pelo menos podemos levar Sal ao magistrado com essa evidência, então algo veio de sua falsa pista, Arrowood. Uma garota francesa, apenas 14 anos. Não há nada que ela queira mais do que voltar para casa.

O chefe sacudiu a grande cabeça de nabo e disse:

— Temo que ela já esteja arruinada.

— Você não acredita que ela possa se reformar, William? — perguntou Petleigh.

O chefe deu de ombros.

— Ela viveu como uma prostituta. A mente dela foi alterada. Pode mudar de volta?

Eu não gostava de ouvir o chefe falar desse jeito: eu não era um especialista no tema das opiniões, mas parecia-me que algumas delas não se encaixavam muito bem. Às vezes, ele estava disposto a ver o bem nas partes mais miseráveis em Londres; outras vezes, algumas das crenças mais implacáveis de sua classe saíam de sua boca tão naturalmente quanto respirar.

— Bem — disse Petleigh por fim. — Essas perguntas não são para a polícia. Hoje nós a resgatamos. Isso nós podemos fazer.

— Qual é a história dela? — perguntei.

— O pai morreu de febre. A mãe trabalhava. Quatro irmãos mais novos. A avó cuidou deles até que a mãe perdeu o emprego. Sem os salários, a avó não podia se dar ao luxo de mantê-los. — Petleigh suspirou e se inclinou de volta na cadeira. — Eles ouviram falar de uma inglesa à procura de meninas para trabalhar aqui. Parece que alguns dos nossos conterrâneos preferem meninas francesas na casa. Mais educadas. Mais honestas... é a crença. De todo jeito, foi às escuras. A mulher era Milky Sal. Ela trouxe a garota de Rouen, para longe da família dela, e foi isso. A outra garota também é francesa, mas não está falando.

O chefe e eu olhamos um para o outro.

— As duas são de Rouen? — perguntou o chefe.

— Ambas.

— Tributo de solteira? — perguntei.

Petleigh concordou com a cabeça.

— Algo que ainda está vivo, eu temo, apesar do que dizem os jornais. O comércio vai nos dois sentidos. Nossas flores jovens são transportadas para lá e as deles para cá. O fato é que não é um problema para todos os crimes nessa cidade miserável. — A pele ao redor de seu bigode preto estava cheia de suor. Ele se

levantou e abriu a porta, tentando ventilar um pouco de ar pelo escritório. Sua janela estava agora segura com um frasco de picles. — Maldito seja este calor — rosnou, chutando a caixa de vime ao lado de sua mesa em uma súbita demonstração de irritação.

— Deixe-me falar com Sal — pediu o chefe, levantando-se.

— Eu já falei com ela — replicou Petleigh.

— Dê-me cinco minutos com ela.

— Ela alega que não sabe nada a respeito do assassinato.

— Tem algo mais que eu preciso perguntar.

— Sobre o assassinato?

— A respeito do nosso caso. Pode ajudar-lhe — o chefe explicou.

Petleigh emitiu um suspiro exasperado. Ele tirou o casaco preto e colocou-o cuidadosamente na parte de trás da cadeira.

— Podemos fazer isso sem sua ajuda, Arrowood.

— Encontramos o garoto — o chefe lembrou-lhe.

— Vocês perderam o garoto!

— E outra coisa: quando Sparks pensou que a polícia estava a caminho, ele começou a carregar as mesmas caixas de madeira no seu carro que trouxe do Bife na outra noite. Ele está escondendo algo.

— Oh, Arrowood. Estamos investigando um caso de assassinato. Você acha que tenho tempo para ir atrás de mercadorias roubadas?

— Apenas me deixe falar com Sal.

— Mais uma vez: não.

— Maldito seja, Petleigh! — gritou o chefe, muito agitado por este policial obstinado. Ele enxugou o rosto. — O rapaz que estamos procurando é de Rouen. Sal pode saber algo que ajudaria.

Petleigh cruzou os braços. Um olhar beligerante passou por seus olhos.

— Já aguentei o bastante. Saiam do meu escritório, os dois. Não temos mais nada a discutir.

— Escute, Petleigh… — o chefe começou.

— Senhor — eu o interrompi, tomando-o pelo braço —, este não é o caminho.

— Saiam — exigiu Petleigh, agora acariciando o bigode freneticamente. — Podem ir. Não tenho tempo para os seus surtos.

Quando chegamos à rua, falei:

— Da próxima vez, vou sozinho falar com Petleigh, senhor. Você não consegue controlar o seu temperamento. Para alguém que vê a alma das pessoas, você parece terrivelmente cego frente este homem.

O chefe rosnou e acenou com a mão no ar.

— Ele me irrita.

Ao longo da estrada havia uma cafeteria, e o cheiro de bolo assando nos alcançou. O chefe me pegou pelo braço e me conduziu.

• • •

Lewis também estava de mau humor. Seu antro, lotado até o teto com itens que nunca venderia, estava mais quente do que uma cozinha, e não havia porta ou janela traseira para deixar passar o ar. Do lado de fora, amarrado aos batentes da porta, estavam dependuradas diversas luvas de boxe e coldres. Da verga da porta estava suspensa uma série de facas de caça. No pavimento, caixas de espadas, arcos, bengalas e guarda-chuvas, enquanto uma exibição de armas de mão estava disposta na janela. Ele sentou-se no pleno sol entre esta floresta de produtos, o rosto manchado e brilhante, o cabelo preso ao couro cabeludo em cordas oleosas. Ele estava transpirando tanto que o casaco preto grosso estava molhado, o suor escorrendo na sujeira quente. Quando viu o pacote de peixe frito que segurei, ele se animou. Nós puxamos um banco para o lado da rua com sombra e comemos. Quando terminamos, o chefe perguntou se ele conhecia Longmire.

— Gabinete de Guerra? Ouvi falar dele.

Ele jogou o papel gorduroso no beco, levantou-se com um grunhido e gingou para dentro da loja. Quando voltou, trazia um livro.

— Ah, sim, claro — murmurou enquanto folheava.

— Coronel Montague Longmire. Serve no Departamento do Marechal de Artilharia, sob comando de Sir Evelyn Wood. — Ele olhou para cima. — Isso está ligado à bala, né?

— Talvez. O que mais pode nos dizer?

— Segundo filho do lorde Longmire. Uma família de Gloucester. Tenho uma lembrança de que é um aliado do marechal supremo do exército.

— Ele serviu na Irlanda? — perguntou o chefe.

— Isso eu não sei.

— Católico?

— Duvido.

— Casado?

— Que homem respeitável não é?

— Você, Lewis, por exemplo — respondeu o chefe.

O homem gordo riu.

— Tem notícias de Isabel? — perguntou ele.

O chefe negou com a cabeça de forma triste e passou o caderno para o amigo.

— Reconhece esses outros nomes?

Lewis olhou de relance.

— Não — respondeu ele —, apenas Longmire.

Acendemos charutos e nos sentamos em silêncio, observando os carros irem e virem girando em direção aos depósitos da rua. Lewis perguntou sobre o caso e nós contamos tudo o que sabíamos. Ele se concentrou em cada detalhe, fazendo perguntas. Mais de uma vez no passado ele nos ajudou com uma sugestão ou um pouco de informação extra. Quando lhe falamos sobre as mulheres que salvaram Neddy na tanoaria de Sparks, ele riu.

— Eu sei um pouco sobre esse cara, o Sparks — disse ele, ficando sério mais uma vez. — A tanoaria é um dos cofres de Cream. Fácil manter as coisas escondidas em alguns barris quando a polícia teria que procurar em uma centena para encontrar uma. E nenhum perigo de ser roubado.

O chefe encarou o beco diante da loja, assentindo com a cabeça e ponderando sobre isso.

— E é fácil de se movimentar pela cidade no carrinho de um tanoeiro, suponho —acrescentou.

— Cream não é nenhum tolo — disse Lewis. — Ele tem sistemas.

O chefe se levantou quando uma carruagem grande, vinda do cais, passou trazendo caixas de chá.

— Se você pensar em algo mais, gostaríamos de ouvir, meu amigo — pediu o chefe

— Tenha cuidado, William — respondeu o comerciante de armas. — Os fenianos são fanáticos. Para eles, a causa é tudo. Se ficar no seu caminho, eles vão despachá-lo.

— Eu conheço os fenianos, Lewis — disse o chefe suavemente.

— Você tem certeza de que este caso não é demais para você?

O chefe olhou para mim, e um vislumbre de fraqueza apareceu em seus olhos.

— Vamos encontrar o assassino de Martha — respondeu ele, me encarando. — Depois disso, não sei de mais nada.

Capítulo Dezoito

Fontaine estava falando com um cavalheiro quando chegamos. O homem tinha grandes bigodes brancos em torno de um rosto rosa, um chapéu alto cinza com uma faixa preta e um casaco fino. Apesar do calor, ele usava luvas brancas. Do lado de fora, havia uma carruagem preta brilhante com um cocheiro em uniforme. Dois cavalos brancos bufavam e se moviam de um pé para outro, impacientes, querendo ir embora. O cavalheiro olhou para nós enquanto entramos, mergulhando a cabeça como se não quisesse ser reconhecido.

— Em todo caso, você vai mandar uma mensagem — disse ele, apressando-se para encerrar a conversa.

— Claro, senhor. Será em dois dias, não mais.

Fontaine curvou-se e correu ao redor do balcão para deixar o cavalheiro sair. À medida que fez isso, srta. Cousture entrou na loja por trás da cortina.

— Cavalheiros — disse Fontaine antes que ela tivesse a chance de falar —, que bom vê-los aqui. Você ficará satisfeito em saber que o retrato está pronto.

Ele sorriu e esfregou as mãos.

— Esplêndido! — respondeu o chefe, imediatamente se recuperando da exaustão por calor. — Traga-o, por favor. Não posso esperar mais.

— Acho que o senhor vai gostar. Ele está bem aqui.

No momento em que ele deslizou atrás da cortina, coloquei uma nota na mão da srta. Cousture. Ela rapidamente empurrou para dentro de sua manga.

— Vocês têm algo a me contar? — ela perguntou, baixinho.

— Leia a nota — sussurrei.

Carregando o grande retrato, Fontaine voltou através das cortinas.

— Devo dizer o quão bem isso saiu — ele falou com um grunhido. — Ele o enobreceu, senhor. Este retrato agradaria os melhores clubes de campo.

— Deixe-nos ver! — demandou o chefe.

— Ajude-me, Caroline.

Eles içaram a imagem no balcão e retiraram cuidadosamente o papel marrom em que estava embrulhada.

Ali estava o chefe, contra um fundo pálido, o cotovelo descansando sobre um púlpito. Um papagaio estava empoleirado atrás de seu ombro. Uma mão estava dobrada no peito do casaco ao estilo de Napoleão.

— Bravo, sr. Fontaine! — exclamou o chefe. — Eu não poderia ter esperado uma semelhança tão boa.

Notei que os tons de sépia apagaram muitas das fendas e irregularidades de seu rosto de boi. Era uma grande maravilha.

— Acredito que eu o trouxe para fora. Eu pude ver seu espírito, sr. Arrowood. Aventureiro. Herói. Nobre. Aí está você, como realmente é.

O chefe continuou a examiná-lo, assentindo e murmurando em apreciação.

— Espero que não se importe, senhor, mas tomei a liberdade de mostrar ao meu bom amigo sr. Flint, que tem um cargo na Faculdade de Belas Artes. Ele tem uma apreciação muito desenvolvida pela forma humana. Fiquei tão excepcionalmente satisfeito com este retrato que senti que devia mostrar-lhe isso.

— De fato. Claro. E o que ele disse?

— Ele viu algo em você que o lembrou de Moisés, senhor.

— Moisés! — exclamou o chefe. — Ele viu mesmo?

— Ele pensou que era inquietante.

— Moisés — repetiu o chefe, balançando a cabeça, o queixo na mão, os olhos devorando o retrato. — Muito bem. Eu sou humilde. O que você acha, Barnett? Minha irmã vai gostar?

— Ela vai venerar isso, senhor.

Parecendo não me ouvir, ele deu um suspiro satisfeito e virou-se para Fontaine:

— É como se eu estivesse me reunindo com um amigo há muito perdido.

Fontaine passou os dedos pelos cabelos brilhantes e sorriu de novo.

— Foi uma honra para mim, senhor. Ter um alvo como você faz valer a pena todas as sessões monótonas. Você me fez um favor, senhor.

— Barnett, deveria fazer um. A sra. Barnett certamente apreciaria. Ou…— ele disse, olhando de relance para Fontaine —, talvez você não veja algo nele como viu em mim, sr. Fontaine?

— *Au contraire*, senhor — respondeu Fontaine, olhos agora fixados em mim, viajando lentamente de meu nariz até minhas botas. — Eu poderia enobrecer você igualmente, sr. Barnett. Um homem tão bem desenvolvido.

— Não igualmente, decerto? — disse o chefe, olhando para mim com desaprovação. — Não igualmente. Mas ainda assim, tenho certeza de que a sra.

Barnett gostaria de um.

— Não posso bancar um desses.

— Oh — disse Fontaine rapidamente, virando-se para longe mim. — Bem então. Posso ajudá-lo, sr. Arrowood, até uma carruagem? Talvez aprecie um retrato de sua irmã?

• • •

Esperamos pela srta. Cousture no café de Willows. O retrato, embrulhado em papel marrom, contra a parede atrás da mesa, o chefe sentado ao lado. Mais uma vez, ele pegou os jornais, guardando os dois que não estava lendo debaixo da perna.

— Aqui está um caso interessante — disse ele, alisando o *Daily Chronicle* na mesa. — Srta. Susan Cushing, uma viúva de cinquenta anos de Croydon, recebeu duas orelhas em uma caixa de papelão. Em uma cama de sal. Lestrade está no caso.

— Orelhas humanas?

— Claro que humanas — ele falou, baixinho. Continuou a ler atentamente, esfregando as mãos com alegria. — Mas que caso, Barnett! Por que nunca conseguimos casos como esse? Eles suspeitam de três estudantes de medicina que ela expulsou de seus alojamentos. Vingança, dizem. Muito bem. Mas isso não explica o sal. Eles parecem ter esquecido esse detalhe. Aposto que o sal significaria algo para a senhora. Mas o que poderia ser? — Ele virou a página e bufou. — Ah. Não tem mais nenhuma informação.

Rena trouxe um sanduíche de carne e uma fatia de bolo para cada um de nós. O único outro cliente, um lacaio, terminou o café e nos deixou sozinhos.

— Eles ainda estão reportando a morte de Martha — disse o chefe enquanto comia. — Três páginas neste jornal.

— Algo útil?

— Mexericos. Uma vizinha dizendo que ela era galesa. Idiotas. E, aqui, um policial dizendo que pode ser o Estripador. Interrompido antes que pudesse estripá-la. E duas páginas inteiras descrevendo os assassinatos de Whitechapel mais uma vez nos detalhes mais terríveis. Oh, céus. Eu pensei que tivéssemos deixado isso no passado.

— Alguma outra teoria? — perguntei.

— *Lloyd's Weekly* sugere que ela recentemente fez um seguro. Isso aponta para o pai dela.

— De onde vem essa informação?

— Não consta — respondeu o chefe. — Mas pelo menos estaria de acordo com o assassino ser um contratado.

— Nenhuma menção a Cream ou aos fenianos?

— Nada.

A porta se abriu e a srta. Cousture entrou. Seu rosto estava vermelho com o calor e ela estava respirando de forma pesada.

— Sr. Arrowood — ela disse antes mesmo de se sentar. — Dê-me as notícias. Não tenho muito tempo.

— Fizemos certo progresso, senhorita — respondeu ele. — Parece que Cream tem algum negócio com um coronel Longmire que trabalha no Gabinete de Guerra. Pode ser nossa conexão com a bala.

— Se a bala for mesmo tão importante — ela disse em um tom afiado. — Você está certo de que há uma conexão?

— Cream se encontrou com frequência com Longmire no último ano. Nós também sabemos que a bala foi de um fuzil que só foi feito para o exército.

— E?

— Cream usa uma tanoaria para armazenar itens roubados. Ele os move pela cidade na carruagem do tanoeiro. Nós também sabemos que ele tem um bordel, administrado por uma mulher chamada Milky Sal.

Aqui ele parou e arrancou um pedaço do sanduíche com os dentes. A srta. Cousture, ainda de pé, estava olhando para ele com atenção, ambas as mãos apertando um pequeno lenço.

— Tem uma cadeira aqui, senhorita.

— Vocês foram até o bordel?

— Sim, fomos sim.

— E o que descobriram?

Um açougueiro, ainda vestindo o avental manchado de sangue, tentava abrir a porta. Eu a bloqueei com a bota, balançando a cabeça em uma negativa. Ele rosnou, mas foi embora. Rena era uma boa pessoa, não disse nada; em vez disso, retirou-se para os fundos.

— Você gostaria de um cafezinho, senhorita? — perguntei, engolindo o último pedaço do meu sanduíche.

Ela não parecia me escutar.

— O que você descobriu no bordel? — ela perguntou com os olhos fixos no chefe. — Algo que leve até o Thierry?

Ele continuou a mastigar, olhando para o rosto pálido. Quando engoliu o bocado, ele perguntou:

— Você tem algo para nos contar, senhorita?

— O que quer dizer?

— Você não parece interessada na bala, embora seja a melhor pista que temos. Não está interessada na operação de mercadorias roubadas de Cream e nem na tanoaria. Mas, quando eu menciono o bordel, você ganha vida.

— Estou interessada na bala. Claro, sim, mas não entendo como vai levar ao meu irmão. Isso é tudo.

— Você parece mais interessada no bordel.

Ela ficou em silêncio por um momento, com os olhos vasculhando a rua.

— Porque meu irmão visita bordéis — ela disse por fim. — Então é claro que é possível encontrar pistas sobre ele lá. É por isso.

— Entendi — disse o chefe, o tom agora suave e cheio de pena. — Mas devo perguntar-lhe novamente. Há algo que não está nos contando?

Ela franziu o cenho, as narinas queimavam, e levantou o peito.

— *Mon Dieu!* Você pega meu dinheiro a cada vez e não me dá nada.

— Srta. Cousture — disse o chefe, com a voz ainda calma. — Eu sei que isso é difícil para você. Está desesperada, e nesta grande cidade é difícil saber em quem confiar. Mas não podemos ajudá-la a encontrar seu irmão se não nos disser a verdade.

— Eu falei a verdade.

Ele respirou fundo e mandou seu truque: franziu os lábios abaixo dos olhos mais generosos que ele tinha. E esperou. O silêncio era tão cheio de possibilidades que mesmo as moscas pararam para assistir. Mas, em vez de confessar, ela cruzou os braços, recusando-se a olhar para ele.

— Por favor, sente-se por um momento — ele pediu por fim.

Ela bufou, suspirou e olhou de esguelha, mas finalmente se inclinou no banco oposto a ele. Fiquei de pé contra a porta.

— Sabemos que seu tio não encontrou o trabalho para você. Sabemos que foi o reverendo. — Aqui o chefe fez uma pausa para mexer o café. Ele soprou, então deu um gole barulhento. Só quando o copo estava de volta à mesa, ele continuou: — Você não veio a Londres para perseguir sua carreira em absoluto, não é srta. Cousture?

Ela olhou para mim, e naquele momento senti pena dela.

— Como sabe disso? — sussurrou ela.

— Seu empregador, sr. Fontaine.

Ela franziu o cenho.

— Claro.

— Agora, senhorita. Acredite-me quando digo que não a culpamos por nos enganar. Você tem seus motivos, tenho certeza.

Ela assentiu, mas não disse nada.

O chefe tocou a mão dela e sussurrou:

— Por que você mentiu?

— Oh, sr. Arrowood — ela respondeu com calma, e os olhos caíram sobre a mesa. — É vergonhoso para mim dizer a verdade da minha vida. Sou muito maltratada por Eric. Ele não me paga quase nada. Sou como uma escrava.

— E o reverendo?

— A casa em que vivo é uma casa de missão. Fornece abrigo para mulheres solteiras na cidade, eu lhe disse antes. Sou grata por isso, mas a verdade é que vivo por caridade. — Agora ela olhava para ele. — Por isso também estou envergonhada. Quando cheguei a Londres, pensei que seria mais. Minha família é orgulhosa e eu também. Eu não aguentaria Eric, mas o reverendo encontrou o trabalho e eu devia aceitá-lo, senão estaria na rua. Ele não aceita nenhuma discordância. Mas decidi que não vou voltar para a França até aprender o ofício. Um dia vou sair de sua loja e voltar para casa, talvez como a primeira fotógrafa na França.

Enquanto ela falava, o chefe enfiou a faca no pote de mostarda e passou, distraído, uma grossa camada de pasta amarela dentro do sanduíche. Então ele pegou outra porção e colocou também. E depois outra, de modo que a mostarda tinha ficado mais espessa do que a carne.

— Chefe — chamei.

Ele acenou com a mão para mim.

— Se você recebe tão pouco, como tem tanto dinheiro na bolsa? — perguntou.

— Por favor, não me faça essa pergunta — respondeu a srta. Cousture. — Eu não roubei.

— Não estou sugerindo que tenha roubado.

— Por favor, não me faça essa pergunta.

— Mas como eu vou saber se isso não é uma mentira também?

— Eu vou lhe contar a verdade agora. — Ela esfregou as mãos uma contra a outra. — Chega de mentiras.

— De onde vem o dinheiro? — perguntei.

Ela se virou e olhou para mim; os olhos castanhos eram puros. Mechas de cabelo caíram do chapéu sobre o pescoço pálido, úmidas com o calor do dia. Ela balançou a cabeça.

— Eu não vou contar a vocês.

O chefe e eu nos entreolhamos, ambos pensando o mesmo. Não era incomum que uma mulher ganhasse um pouco mais dessa forma. Eu não a julguei por isso, e sabia que o chefe também não.

— Você nos contou que vivia com seu irmão — disse ele.

— Para fazer você pegar o caso. Por favor, sr. Arrowood. Eu lhe digo que ele está com problemas. Eu sei disso.

— Não se preocupe, senhorita — falei. — Descobrimos o suficiente para saber que é verdade.

— Eu vou perguntar algo pra você agora — começou o chefe, a voz sendo a essência da bondade e do cuidado —, e você deve nos contar a verdade.

A srta. Cousture assentiu.

— O que sabe de Milky Sal?

— Eu não conheço essa tal de Milky Sal! — exclamou ela. — Quem é ela? Por que você está me perguntando de novo?

— Nós não perguntamos antes.

Ela hesitou por um momento.

— Oh. Pensei que tinham.

— Diga-me o que fez você decidir vir para a Inglaterra. A verdade desta vez.

— Eu vim com meu irmão. Ele estava com problemas, como eu falei antes. Problemas por roubar. Há homens cruéis em Rouen que o procuram.

À medida que ela falava, o chefe fez uma coisa bem curiosa. Ele levou o sanduíche aos lábios, segurando-o de forma inclinada e espremendo com força. Um fluxo grosso de mostarda disparou sobre ele e pousou na frente da camisa, de onde continuou em uma trilha amarela para a barriga. Com isso, estendeu os braços e sentou-se de volta no banco, colocando o sanduíche sem ser mordido de volta no prato.

A srta. Cousture continuou a falar ao longo da estranha performance. Embora seus olhos estivessem fixos nele, ela não pareceu ligar para o que acontecia.

— Ele não é tão sensato, o meu irmão, e eu temia que ele voltasse para a França se eu não estivesse aqui em Londres para impedi-lo. Viemos juntos, e sou responsável por ele. É por isso que estou aqui. Não era para trabalhar como fotógrafa. Confesso agora, mas eu disse isso porque…

— Você foi contratada em Rouen para trabalhar na Inglaterra como criada? — interrompeu o chefe. Ainda com os braços abertos, a mostarda como uma ferida amarela na camisa branca.

Ela engoliu em seco.

— Não, senhor.

— Você conhece alguma das garotas de Rouen que foram contratadas por uma inglesa para vir trabalhar aqui em Londres?

— Não, senhor.

— Veja bem, *mademoiselle* Cousture, temos uma ligação estranha. Cream tem um bordel gerido por Milky Sal. Ela esteve em Rouen fingindo recrutar garotas para trabalhar na Inglaterra. Quando chegaram, é claro, foram colocados para trabalhar em seu bordel. Maltratadas. Prisioneiras.

Aqui ele deixou cair seu silêncio, mas novamente não funcionou. A srta. Cousture olhou a rua pela janela, os cavalos cansados no calor, e as crianças ficaram quietas e murcharam quando cruzaram a loja. Uma unha fina arranhou a mesa. A mostarda, aguada no calor, lentamente abriu caminho descendo pela camisa do chefe.

— Veja bem — continuou ele —, precisamos entender a conexão.

Ela balançou a cabeça e continuou olhando pela janela para as carruagens e carros que vagavam pela rua empoeirada.

— Não sei nada disso, senhor. Não está conectado. A menos que… — Ela pensou por um momento. — A menos que Milky Sal conhecesse os homens que perseguiam meu irmão. — Os olhos dela se arregalaram de animação. Ela olhou para mim, depois para o chefe. — Sim, sim. Deve ser isso! Ela deve ter dito a ele que estava trabalhando no Bife. Ela deve conhecê-los da França. Você deve continuar trabalhando, sr. Arrowood. Ela sabe onde ele está! Por favor. Descubra tudo sobre o negócio dela. Encontre com quem lida, quem são seus clientes. Investigue, sr. Arrowood.

Ela levantou a bolsa e pegou dois guinéus de lá. O chefe pigarreou e olhou para o outro lado enquanto eu recebia o dinheiro dela.

Quando ela se foi, meu empregador pediu a Rena por uma toalha molhada para esfregar a camisa.

— Ettie vai reclamar a respeito disso — ele disse morosamente. — Foi tudo em que consegui pensar na hora.

— Você fez isso de propósito? — perguntei.

A porta abriu-se e três moleques de rua apareceram, agitados.

— Vocês têm algum dinheiro, seus pirralhos? — Rena exigiu saber.

— Temos, senhora — disse uma garota, levantando uma moeda. — E queremos um pouco de bolo de frutas. Grandes fatias também, por favor. Estamos carregando sacos o dia todo.

— Sim, e estamos com bastante fome, senhora — sibilou um menino com a metade do tamanho dela.

O chefe falou alto, como se estivesse tentando abafá-los.

— Você notou como ela não reagiu à minha bagunça, Barnett?

— Foi bem peculiar.

— Não tão peculiar se entende um pouco sobre a mente. Podemos assumir que é mais difícil mentir do que dizer a verdade. Então, quando a atenção é concentrar-se na invenção e na ocultação, há pouco a dar a outras coisas.

— Foi um teste para ver se ela estava nos enganando?

— Sim. E ela falhou.

— Nunca vi você fazer isso antes.

— Eu tinha acabado de pensar nisso.

— Você pode estar errado. O cérebro pode ficar mais vigilante quando está mentindo.

— É possível, mas, então, como explicar o comportamento dela?

— Educação? — sugeri. Ele franziu o cenho. — Constrangimento?

— Oh, Barnett. Você precisa admitir que ela não parecia constrangida.

Havia um longo tempo eu não via o chefe tão satisfeito consigo mesmo.

• • •

Caminhamos juntos para a Coin Street. Para a decepção do chefe, Ettie não mostrou grande apreço pelo retrato. Na verdade, parecia bastante irritada e brigou com ele para saber o preço que pagara. Ele se recusou a contar, e eu estava prestes a me despedir quando de repente ela se acalmou e me persuadiu a ficar para uma xícara de chá e um bolo de amêndoa. Enquanto nos sentamos na sala, ela questionou o chefe sobre os últimos desenvolvimentos no caso. Ettie estava muito interessada em tudo, em como aconteceu, mas o chefe só lhe dava os detalhes mais por cima. Isso não a satisfazia, e ela insistiu por mais. Enquanto eu estava sentado, desfrutando a brisa fresca da noite através das persianas e os sons da briga, um menino chegou com uma carta.

— O tira falou que você precisa ir imediatamente, senhor — disse o menino, ofegante. — Eu corri por todo o caminho, senhor. O mais rápido que pude, como ele mandou.

O chefe deu-lhe um centavo e o dispensou. Ele abriu o envelope. Seu queixo caiu.

— Amarre os sapatos, Barnett — ele disse e se levantou.

— O que foi?— perguntou Ettie.

— É de Petleigh — respondeu, e me entregou a nota.

Venha imediatamente ao necrotério de Dufours Place, dizia. *Seu francês pode ter sido encontrado.*

Capítulo Dezenove

Pegamos um cabriolé e chegamos ao necrotério dentro de vinte minutos. O oficial Reid estava no corredor do lado de fora da sala, o capacete no assento e um pacote de biscoito em mãos.

— O inspetor disse que você deveria ir direto — disse ele, limpando as migalhas de biscoito do uniforme preto.

Petleigh estava sentado do lado de dentro, esperando por nós. No outro extremo da sala fria e abobadada estava um homem com um avental marrom. Ele era alto e de cabelos grisalhos, e as costas dele estavam dobradas. À sua frente, em uma mesa de madeira, conseguimos distinguir um corpo branco deformado e nu.

— Acho que pode ser o seu homem, William — disse Petleigh.

— O corpo esteve na água por alguns dias — explicou o cirurgião, enxugando as mãos com um pano. — Muito inchado e a maior parte dos cabelos desapareceu. Nada ao redor do púbis, sob os braços, apenas alguns fios na cabeça. A carne está inchada ou desapareceu. O rosto está tão inchado que tive que remover os globos oculares para identificar a cor. Venha e veja se pode identificá-lo.

O chefe ficou onde estava, olhando para o cirurgião, com a boca aberta, os olhos bem vidrados.

— Venha cá, William — falou Petleigh, caminhando ele mesmo até a mesa —, dê uma olhada.

Ainda assim o chefe não se mexeu.

— Você nunca viu um corpo, sr. Arrowood? — vociferou o cirurgião. — Tinha a impressão de que você era algum tipo de detetive.

— Eu sou um detetive — murmurou. — Eu só nunca tinha visto um corpo como esse.

— Onde o encontrou? — perguntei.

— Depois de Dartford — respondeu Petleigh. — Um barqueiro encontrou-o nos juncos. Puxou-o para cima.

— Alguma razão para pensar que possa ser Thierry? — perguntei.

— Bem, suas roupas desapareceram, a maioria delas, exceto uma manga. Mas havia um pedaço de corda preso ao pescoço e a um barril com um anel de ferro. Sabe, pensei naquele seu tira. Provavelmente encheram um barril com lama e amarraram-no a ele. Mas venha e veja se ele se adequa à descrição.

Comecei a me mover para a mesa, ouvindo o chefe me seguir em silêncio. O cirurgião da polícia ficou de pé atrás e cruzou os braços. Mesmo do outro lado da sala eu podia ver que o corpo estava em péssimo estado, mas, quando me aproximei, tornou-se cada vez mais horrível. O mau cheiro quase me fez regurgitar o chá. A pele, onde ainda restava alguma, estava vermelha e brilhante, com algo cinza por trás, e partes dos braços e das pernas estavam inchadas como se estivessem prestes a explodir. Em outros lugares, longas tiras de pele foram arrancadas, de forma que podíamos ver os músculos e os ossos. Um grande corte ia do pescoço até a barriga, e a carne estava aberta para fora de forma que o cirurgião pudesse usar suas ferramentas para mexer nos órgãos. O chefe se afastou e caiu pesadamente sobre uma cadeira perto da parede.

Meus olhos pareciam colados no interior do homem, e demorou alguns momentos antes de eu poder ver a cabeça, e depois mais momentos antes que pudesse falar.

— Mas onde está o rosto? — perguntei.

O cirurgião apontou com seu bisturi.

— Veja, esta coisa aqui é o nariz. As bochechas o fecharam. — Ele inseriu o cabo de sua ferramenta em uma fenda e separou-a. — Veja as narinas enterradas aqui? E esta flor roxa são os lábios. — Aqui ele empurrou o bisturi para dentro e com a outra mão puxou para baixo no osso do queixo, que estava limpo de pele e carne. Do lado de dentro da flor roxa havia um dentinho amarelado. — O olho está aqui. Era a única maneira de identificar a cor.

Ele pegou uma tigela de porcelana da prateleira atrás dele e a segurou. O olho encarou para dentro de mim, uma bagunça de sangue profundo através do orbe esmagado, um emaranhado de nervos azuis como uma cauda. A íris era castanha.

— É ele? — perguntou Petleigh.

— Como podemos identificá-lo? — perguntei. — Não tem cara.

— E quanto ao olho?

— Você deseja que eu o identifique por um único olho?

— Nós nunca o vimos, de todo jeito — disse o chefe, da cadeira.

— Vocês nunca o viram? — exclamou o cirurgião. — Então o que diabos estão fazendo aqui? Petleigh, por que você trouxe esses dois aqui?

O inspetor estremeceu.

— A pessoa que os está empregando lhes disse a cor de olho? — perguntou.

— Não — respondi. — Mas havia uma queimadura na orelha esquerda.

O cirurgião examinou cuidadosamente cada lado da cabeça.

— Não há carne suficiente nos ouvidos para dizer. Você deve trazer um parente aqui para dar uma olhada, Petleigh. Não sei por que não fez isso em primeiro lugar.

— Tivemos que considerar que o parente poderia ser o assassino, dr. Bentham — respondeu Petleigh. — Essa é uma teoria na qual estamos trabalhando.

— Não, não é! — gritou o chefe. — Ela não é a assassina. Por que ela teria nos contratado? Honestamente, Petleigh. Isso me desanima.

— Então é uma mulher! — replicou Petleigh, como se tivesse sido muito esperto em obter essas informações de nós. — Diga-me o nome dela. Agora são obrigados.

Olhei de esguelha para o chefe. Ele suspirou, e finalmente concordou com a cabeça.

— Srta. Caroline Cousture — falei. — Você vai encontrá-la na Lorrimore Road, número 56, em Kennington. Uma casa de missão. Ela é a irmã do homem desaparecido.

— Reid! — vociferou Petleigh.

Quando o jovem policial entrou, Petleigh despachou-o diretamente.

— Barnett, vá com ele — o chefe disse para mim. — Ela pode precisar de um conforto.

— Não — negou Petleigh. — Reid vai sozinho.

O chefe pôs-se de pé.

— Mas inspetor! Ela vai ficar devastada.

— Eu vou permitir que você espere por ela do lado de fora do corredor. E deveria me agradecer por isso.

— Não podemos fazer isso de manhã, Petleigh? — perguntou Bentham, com um suspiro alto.

— Sinto muito, senhor. Não pode esperar.

O cirurgião franziu o cenho

— Eu vou tomar alguma coisa no Mão e Farinha. Mande me chamar quando ela chegar.

• • •

O cirurgião da polícia voltou sem ser convocado uma hora depois, fedendo a carne de carneiro e vinho. Ele estava mais amigável, mas não nos olhava nos olhos,

sem saber como se exibir agora que estava meio bêbado. Entrou no necrotério com Petleigh no encalço. Logo depois, o oficial Reid chegou com a srta. Cousture e levou-a rapidamente pelo corredor em direção a nós. O rosto dela estava sombreado por um véu escuro mal reparado que pendia de forma desigual do chapéu. O sr. Arrowood tinha ficado preocupado com a forma como ela seria afetada pelo cadáver e queria prepará-la, mas ela não parou nem respondeu quando ele tentou lhe falar, e, quando tentamos segui-los para o necrotério, Petleigh bloqueou nosso caminho.

— Esperem aí fora — ordenou e fechou a porta.

Sentamos nas cadeiras de madeira dura e esperamos. Em poucos minutos, a porta se abriu novamente e a srta. Cousture saiu. Ela levantou o véu.

— Não é ele — disse.

Um sorriso fraco cintilou no rosto dela, então seus olhos pareceram rolar. O chefe saltou, logo que os joelhos dela se dobraram, pegando-a debaixo dos braços e abaixando-a para um assento.

— Sinto muito — ela falou com os olhos ainda fechados. — Aquela pobre alma.

Ela puxou um lenço cinza da manga e segurou-o sobre a boca.

— O cheiro.

— Tem certeza de que não é ele, senhorita? — perguntou Petleigh.

— Claro. Meu irmão tinha cabelo como trigo. Ali, o cabelo é preto. Não tanto, mas preto. Não é ele.

— Sinto muito que teve de ver isso — disse Petleigh.

Ela olhou para o chefe.

— Mas eu disse a vocês que era cor de trigo? — Ela me olhou interrogativamente.

Olhei de relance para o chefe e sabia por seu rosto culpado que ele se sentia tão envergonhado quanto eu. Idiotas. Chocados como estávamos ao ver do corpo, nem ele, nem eu pensamos nos poucos fios de cabelo. Que porcaria de detetives.

— Você disse a eles a cor do cabelo? — indagou Petleigh. Ele se virou para nós. — E você não achou que isso poderia ajudar?

— Devo admitir que fiquei bem enjoado ao ver o corpo — confessou o chefe.

Naquele momento, algo me ocorreu sobre o que eu tinha visto anteriormente. Sem esperar para ouvir o chefe se justificar com mais detalhes, entrei de volta no necrotério e caminhei pelo chão frio até a forma monstruosa sobre a mesa. O cirurgião estava puxando um cobertor sobre ele.

— Espere — falei.

— O que ele está fazendo? — perguntou Petleigh, apressando-se atrás de mim.

Engoli em seco e segurei o pulso frio. Mesmo antes de tocá-lo, meu estômago pesava. Parecia que estava tocando entranhas, e, quase no momento em que toquei, o fedor encheu minha boca. Rangendo os dentes, eu virei a mão. Lá, no primeiro dedo, estava uma unha esmagada, só agora não parecia irritada como antes. Parecia suave, inocente, como se pertencesse a um bebê com uma mão esmagada.

— Eu sei quem ele é — afirmei. — É o tira que me espancou. Aquele da Scotland Yard.

— Um policial? — perguntou o cirurgião. Sua fala era um pouco vacilante. — Nossa Senhora.

— O que é isso, sr. Bentham? — perguntou Petleigh.

— Aqui, deixe-me mostrar uma coisa pra você.

O cirurgião puxou de volta o cobertor, revelando as pernas do corpo.

— Vocês se denominam detetives. Que tal tentar explicar isso?

Ele empurrou o final de uma vassoura debaixo das panturrilhas dele e levantou as duas pernas. Ao se levantarem, os pés caíram, inclinados para trás em um ângulo profano, como se estivessem unidos apenas por fios aos tornozelos. Com a mão livre o cirurgião tomou um pé e inclinou-o de repente, de modo que o calcanhar tocou a parte posterior da panturrilha.

A srta. Cousture engasgou. O chefe grunhiu.

— Não tem ideia? — perguntou Bentham.

— Poderiam os ossos terem se dissolvido na água? — perguntei.

O cirurgião balançou a mão com desdém.

— Petleigh? — ele perguntou com um sorriso sombrio.

— Conte logo, antes que fiquemos doentes de ansiedade.

— Ambos os tendões de Aquiles foram cortados e os ossos dos tornozelos foram esmagados. Próxima pergunta para nossos detetives. Por que os assassinos fariam isso?

Nenhum de nós respondeu dessa vez.

— Para impedi-lo de fugir correndo. Se cortar os pés, o que tem o mesmo efeito, há muita perda de sangue. O prisioneiro morre. Desta forma, o cativo permanece vivo, seja para prolongar o tormento ou continuar a interrogá-lo.

— *Mon Dieu* — engasgou a srta. Cousture.

— Eu já vi isso antes, muitos anos atrás — continuou o cirurgião. — Estava trabalhando em Manchester. Um ladrão patológico. Quatro condenações anteriores. Então encontrado morto com exatamente as mesmas lesões.

— Encontraram os assassinos?

— Não encontraram. Mas claramente era uma queixa sobre alguma atividade criminosa ou outra. Suponho que a polícia lá não achou que valesse a pena o tempo. Havia apenas dois inspetores para toda a cidade.

— Espere — disse o chefe. — Não pode ser o policial. Nós o vimos vivo há dois dias e meio. Como seu corpo poderia estar tão decomposto?

— Tem certeza? — perguntou o cirurgião.

— Este corpo poderia ter ficado assim em apenas dois dias na água? — perguntei.

O cirurgião negou com a cabeça.

— Improvável. Mas explicaria outra coisa sobre a qual eu estava pensando. A pele está muito vermelha, e há o que parecem ser marcas de queimaduras nos ossos de suas palmas e na sola de seus pés. Eu assumi que eram feridas antigas.

— Marcas de queimaduras? Mas o corpo não está queimado — disse Petleigh.

O cirurgião enrugou o nariz e fechou os olhos.

— Não — disse ele —, não está queimado. Mas você obteria esses efeitos se fosse fervido.

Um gemido veio da srta. Cousture. Ela deixou cair a cabeça nas mãos, o corpo tremendo.

O silêncio encheu a sala fria. Segurei a parte de trás de uma cadeira, me sentindo instável. Todos nos olhamos uns para os outros, não querendo acreditar no que o cirurgião nos dizia.

— Malditos miseráveis — falei, por fim.

— Você deve descobrir em que caso esse homem estava trabalhando, Petleigh — exigiu o chefe. — E por que estava nos seguindo. Deve ter algo a ver com Cream: nós o vimos observando o Bife.

Petleigh jogou as mãos para cima.

— Você nunca aprende, não é, William? Meu trabalho não é ajudá-los nos seus casos. Eu vou entregar isso para o Departamento de Investigação Criminal. É um homem deles. Vão lidar com esse caso agora.

— Então você sabe quem ele é, Petleigh.

O inspetor pareceu desconfortável por um momento.

— Não tenho o nome dele. Ainda não falei com o comandante.

— Bem, você deveria ter falado — disse o chefe. — Nosso caso deve estar conectado ao deles.

— Fique quieto, William. Eu não posso interferir no trabalho do DIC. E eles vão querer vê-lo amanhã sem dúvida.

— Muito bem! — gritou o chefe. — Porque eu quero vê-los!

Petleigh parecia prestes a perder a paciência quando fez uma pausa, respirou devagar e depois virou-se para a srta. Cousture:

— Sinto muito que teve de ver isso, srta. Cousture.

Ela assentiu.

— Vamos levá-la para casa, senhorita — disse o chefe, pegando-a pelo braço.

Por causa do véu e da escuridão do necrotério, eu não conseguia ver o rosto dela. Mas acho que ela podia estar chorando. Se fosse eu, acreditava que teria medo de que o mesmo acontecesse com meu irmão.

— Sim, sr. Arrowood — concordou ela, apenas alto o suficiente para ser ouvida.

— Venha até a delegacia amanhã às nove da manhã, senhorita — disse Petleigh enquanto estávamos saindo. — Tenho algumas perguntas para você. E, William, espere uma visita do DIC.

Capítulo Vinte

O chefe me pediu para aparecer cedo no dia seguinte, na minha melhor roupa. Ele tinha um plano ousado. Quando cheguei, ele já havia enviado Neddy para a Scotland Yard com uma nota para o DIC. Disse apenas que dizia respeito ao seu oficial afogado e pediu-lhes que enviassem alguém para nos encontrar no Willows ao meio-dia. O chefe acreditava que um homem era como os outros o tratavam, e autoridades se tornam mais como homens ordinários quanto mais despojados estão dos trajes e escritórios que acompanham seus empregos. Então, se nós os abordássemos primeiro e no nosso território, teríamos uma posição melhor, e administraríamos a reunião em nossos termos. Isso, ele pensava, confundiria nossos papéis apenas o suficiente para que nos dissessem algo sobre o caso em que o tira morto estava trabalhando. Eu não tinha tanta certeza de que iria funcionar, mas não posso dizer que tive uma ideia melhor, e, às vezes, como aprendi com o chefe, você deve fazer algo, mesmo que não tenha certeza de que está certo.

Quando cheguei, ele estava usando seu melhor terno preto, com um colete verde e uma gravata branca da cor do leite. As botas estavam bem polidas, os cabelos penteados sobre a grande cabeça calva. Fiquei atordoado por um momento: o chefe sorriu como um gato. Acima do fogo pendia o retrato fotográfico.

— Oh, querido Barnett — ele se agitou. Um sorriso excêntrico se instaurou nos lábios. — Olhe para o seu cabelo. A sra. Barnett não o viu antes que saísse de casa? Sua cabeça está parecendo um vaso de plantas. Isso não nos ajudará em nada. Ettie, venha cá!

Ettie desceu bruscamente e, no momento em que ela me viu, seu rosto se suavizou.

— Norman. Soube que houve uma evolução no caso.

— As coisas estão avançando, com certeza.

— O que vocês descobriram no necrotério?

Eu estava prestes a responder quando o chefe interrompeu:

— Você pode arrumar o cabelo dele?

A testa dela ficou franzida de modo interrogativo. Ela escovou a cintura da saia alta.

— O cabelo dele, William?

Olhei no espelho ao lado da porta.

— Sim, corte isso — continuou o chefe. Ele estava se movendo de um pé para outro, um olhar enlouquecido no rosto. Eu me perguntei se ele já tinha tomado um pouco de noz-de-cola naquela manhã. — Colocar alguma loção nele. Penteá-lo. Como fez comigo. Temos uma reunião no DIC hoje.

— Não, Ettie — falei, tentando aliviar seu constrangimento. — Não seria apropriado. Eu vou visitar o barbeiro se está realmente tão ruim.

— Você não entendeu — respondeu ela. Seu olhar constante me enervou, e uma estranha cintilação iluminou seus olhos. — Minha hesitação não é por causa de ser apropriado, Norman. No Afeganistão, fiz coisas muito mais íntimas do que cortar os cabelos de homens que eu não conhecia. O corpo não é mais que um receptáculo que o próprio Deus nos emprestou. É a alma que é sagrada, não é?

— É, acho que sim.

— De fato, ficaria feliz em ajudar, mas hesito por causa da sra. Barnett. O que ela pensaria?

— Suponho que ela iria entender se fosse necessário para o caso — respondi. — Mas não quero colocar você em uma situação difícil.

Não parecia certo. Uma mulher daquela educação não deve ser convocada para arrumar os cabelos de um homem muito menos refinado do que ela. Eu não fazia uma boa lavagem na cabeça havia algumas semanas e não seria capaz de explicar o que ela poderia encontrar naquela selva no andar de cima. O singular era que eu tinha a impressão de que ela queria cortar meu cabelo.

— A sra. Barnett está se sentindo melhor? — perguntou ela.

A questão chegou de forma inesperada, e não consegui encontrar palavras corretas. Eu não sei se por conta do jeito que vivi no mês passado, mas a bondade nos olhos de Ettie penetrou em mim de forma tão verdadeira como se, por um curto momento, ela tivesse tocado a parte da sra. Barnett que estava alojada lá no meu coração. Eu queria conversar, mas sabia que não conseguiria escalar sobre a tristeza que a pergunta causara em mim. Em vez disso, neguei com a cabeça.

— Eu gostaria de visitá-la, Norman. Para discutir o que estamos fazendo na missão.

— Entendo.

— Você poderia perguntar quando ela estiver se sentindo melhor? Talvez mais tarde esta semana?

— Eu pergunto.

— Bom — disse ela, puxando a cadeira da mesa. — Agora, sente-se aqui perto da pia.

Assim que eu estava sentado, ela colocou uma toalha sobre meus ombros. Em um instante ela tinha um pente e um par de tesouras nas mãos vermelhas e estava arrastando os emaranhados na minha cabeça.

— Vamos sair em uma hora — disse o chefe, sentado em sua cadeira habitual e mexendo em seu livro sobre a vida emocional do homem e dos animais.

— Você terminou os mistérios que estava vendo no outro dia? — perguntei o mais inocente possível, tentando espantar minha melancolia. — Na revista *The Strand*?

— Eu dei uma olhada — grunhiu ele.

— Descobriu alguma coisa?

Ettie deixou escapar uma risada baixinha.

— Não descobri.

— Oh! — exclamou Ettie. — Você ouviu falar da mulher em Croydon que recebeu duas orelhas em uma caixa de sal?

— Eu li a respeito disso ontem — disse ele. — Um caso muito interessante.

— Pediram que Sherlock Holmes ajudasse. Eu vi na página inicial esta manhã.

— Mas é claro — disse o chefe, e pela primeira vez naquela manhã detectei um pouco de raiva em sua voz. — O caso mais interessante do verão até agora. Sem dúvida, o dr. Watson vai ficar satisfeito.

— Dizem que podem ser estudantes de medicina — falou Ettie.

— Eu duvido — replicou o chefe. — Roubar orelhas de cadáveres seria um assunto sério. Por que arriscariam suas carreiras para assustar uma velha? E eu duvido que Holmes seria chamado se fosse simples assim. — A raiva passou de sua voz e ele tornou-se brincalhão. — O que você acha? Será que ele vai experimentar o sal em que se deparam estas orelhas e vai identificar que é de uma mina particular que ele conhece nos Países Bálticos? Ou talvez ele tenha escrito, por acaso, um tratado sobre as variações regionais na forma das orelhas.

Ele ficou em silêncio por alguns minutos enquanto Ettie continuava a pentear meu cabelo.

— Eu me pergunto se ele vai resolver isso — disse ele. — Se não ouvirmos falar deste caso novamente, poderemos assumir que falhou.

— Você quer que ele falhe, irmão.

— Nem um pouco.

— Admita pelo menos uma vez, William — disse Ettie. — Sherlock Holmes tem uma grande mente. Ele não está atrás de ninguém.

— O homem comete muitos erros para ser grande.

Ela se impacientou.

— Você só tem inveja.

Para a minha grande surpresa, ele gargalhou.

— Nem um pouco, querida Ettie. Nem um pouco. Mas a Providência Divina parece melhor para alguns do que para outros. Até você admite isso, irmã. Pelo que leio nas histórias de Watson, muitas das deduções de Holmes dependem mais de boa sorte do que de genialidade. E quanto a todos os casos que não chegam à *The Strand*? Sem dúvida, ele tem menos sucesso lá.

Ela se virou para ele.

— Desde que perdeu seu emprego no jornal, você se ressente daqueles que têm mais sucesso que você, irmão. E não se atreva a negar.

— Tolice, excelente irmã — ele disse com uma risada fraterna. — Mas é verdade que Holmes nunca sofreu por sua arte. Você sabe o quanto o rei da Boêmia pagou por três dias de trabalho?

— É por isso que você não lhe dará o que lhe é devido? — perguntou ela. — Você se vê como negligenciado?

— Você deve admitir que não tive sorte na minha carreira. Nem no amor.

Essa conversa normalmente faria com que o rosto deles ficasse vermelho, ainda assim ali estava ele, rindo e se contorcendo como se estivessem lhe fazendo cócegas.

— Acho que você tem inveja, William. O que acha, Norman?

Era algo que eu percebia de vez em quando, mas não achava sensato dizer nada. O chefe estava com um temperamento alegre, e eu queria mantê-lo assim. Sem esperar por uma resposta, ele pulou rapidamente da cadeira e se retirou para o anexo.

— Uma carta chegou esta manhã — Ettie disse quando ele se foi. — De Isabel. É por isso que ele está se comportando como um idiota. Ela propõe vir e encontrá-lo em alguns dias.

— Ela vai voltar?

— Ele acredita que sim, mas eu duvido. Acho que ela vai exigir dinheiro.

— O que você fará se ela voltar?

— Eu não acho que isso vá acontecer. Agora, pode me contar o que descobriram no necrotério? William está tentando me proteger, mas ele não percebe que vi mais

da maldade do mundo do que ele mesmo viu.

Conforme contei sobre o necrotério, ela ficou atrás de mim e retomou seu trabalho na minha cabeça. Fechei meus olhos para me proteger dos cabelos caindo, e logo comecei a relaxar. Ela claramente tinha feito isso antes. Ela se moveu rapidamente, e senti seu corpete escovar minhas costas quando ela se posicionou. Quando terminei de contar-lhe o que aconteceu no dia anterior, meu cabelo não estava desenrolado e ela começou a usar as tesouras, cortando com sua confiança habitual. Ela trabalhou em silêncio: havia apenas sua respiração e o tique-taque do relógio da avó para ouvir. Depois de vários minutos, escovou o cabelo de meus ombros e depois raspou meu pescoço com uma navalha. Então ela pegou o pente de novo, mas, em vez de usá-lo, começou a passar os dedos pelos cabelos, esfregando meu couro cabeludo, apalpando os músculos da cabeça e atrás das minhas orelhas. Quando senti os dedos dela, eu me sobressaltei; era muito inesperado. Meu próprio barbeiro nunca tocou meu couro cabeludo em todos os muitos anos que eu ia nele. Mas não era desagradável, e me recostei na cadeira e relaxei, perguntando-me se deveria me sentir culpado pelo prazer que sentia.

Acabou muito rápido. Ela tirou a toalha e começou a arrumar minhas costeletas e bigode. Eu me sentei contra a cadeira e abri os olhos, pensando que tinha acabado, quando de repente ela colocou as mãos nas minhas bochechas e lentamente puxou-as de volta aos meus ouvidos. Sua respiração se aprofundou quando ela fez isso, e senti sua cabeça perto do meu ombro. Fiquei tenso, querendo me virar para ver o que estava acontecendo, mas eu temia que isso pudesse trazer atenção para o que ela estava fazendo e causar embaraço. Ela passou os dedos suavemente do meu pescoço através do meu cabelo até o topo da cabeça e depois voltou. Eu senti sua respiração quente no meu pescoço.

— Você terminou, irmã? — disse o chefe, entrando de supetão de volta para a sala. — Eu poderia tomar um pouco de chá.

Ela afastou as mãos da minha cabeça e recuou.

— Sim, sim — murmurou ela. Sua voz perdeu a dureza. — Acho que sim.

— Vire-se e deixe-me ver, Barnett — pediu ele.

Eu me levantei, cruzando o olhar de Ettie conforme me virei. Ela ficou enrubescida e olhou para o outro lado.

— Excelente — disse o chefe. — Maravilhoso. Pode passar um pouco de loção, Ettie, para finalizar?

— O frasco está na mesa do lado — ela respondeu rápido.

— Talvez também possamos comer um bolo? — sugeriu ele.

Fiquei olhando para Ettie, sem saber o que havia acontecido.

— Tem um espelho perto da porta — disse o chefe. — Dê uma olhada em si mesmo. E pulverize um pouco desse perfume em você, para encobrir o fedor. Eu lhe disse para visitar a casa do banho.

— Estava fechada mais cedo — respondi.

O olhar de Ettie cruzou com o meu de novo e eu vi aquela cintilação. Ela se virou rapidamente.

— Apresse-se e encha a chaleira, irmã — disse o chefe. — Precisamos sair logo.

Ela jogou as mãos para cima e se virou para o irmão.

— Encha você mesmo, seu preguiçoso! Você ficou sentado sem fazer nada a manhã inteira.

— Ettie! — gritou o chefe, surpreso e magoado. — O que há de errado?

— Oh, fique quieto — falou ela, e saiu desembestada pelas escadas.

Nós assistimos enquanto ela desapareceu.

— O que foi tudo isso? — perguntou ele quando ouviu a porta bater.

— Ela acha que você está tentando protegê-la — respondi, ainda sentindo a sombra de seus dedos no couro cabeludo e a batida rápida do meu coração.

— Eu me pergunto se ela poderia estar mais feliz no Afeganistão. Eu tentei sugeri-lo.

— É por isso que ela está brava com você.

O chefe suspirou e olhou para o teto.

— É melhor você fazer o chá então, Barnett — ele disse por fim.

• • •

Não tínhamos nem tomado nem dois goles quando Albertinho bateu à porta.

— Dois cavalheiros, sr. Arrowood — disse ele — Deixei entrarem na loja, como você disse.

Enquanto eu me levantava para recebê-los, os dois homens passaram pelo pequeno Albert e entraram na sala. Eu os medi rápido. O mais velho usava um terno marrom. A barba era atravessada por fios grisalhos e seus olhos estavam vermelhos e aquosos — ele não seria um grande problema. O mais jovem era uma história diferente. Ele usava um casaco preto empoeirado que tinha visto dias melhores e, assim que entrou na sala, passou a me olhar de cima a baixo, procurando minhas fraquezas. Embora fosse mais baixo que eu, tinha o rosto de um pugilista: faltavam dois dentes na mandíbula inferior, um nariz que parecia estar cheirando a bochecha direita, e olhos tão distantes um do outro que faziam você ficar nauseado só de olhar — era a cara de uma gárgula. Ele ficou com as mãos

nos lados em uma posição que, eu sabia, significava que estava pronto para usar os punhos. Eu já tinha visto essa postura muitas vezes em pubs logo antes de uma comoção irromper. As botas estavam surradas e velhas, o cadarço de uma delas tinha estourado.

— Vocês deveriam ter esperado na loja— reclamou Albertinho.

— Não precisamos mais de você, filho — disse o mais velho. Ele falava com um sotaque irlandês. — Agradeço gentilmente, mas ficaremos sozinhos agora.

Albertinho olhou para o chefe, que estava segurando a pesada bengala que guardava na cadeira. Fui para perto da lareira, olhei para o atiçador. Ambos estávamos pensando o mesmo: fenianos.

— Pode ir, filho, está tudo bem — o chefe disse para Albertinho. Ele olhou para o homem mais velho. — E vocês são?

— Detetive Lafferty — respondeu o mais velho. Enquanto ele falava, alcancei o atiçador. — Este é o detetive Coyle.

O homem mais novo olhou para mim como se me desprezasse pelo meu cabelo.

— DIC — continuou o mais velho. — Suponho que você seja o sr. Arrowood?

— Sou eu mesmo — replicou o chefe.

Ele se virou para mim.

— E você é o sr. Barnett?

Assenti.

Ele apontou para a minha mão e disse:

— Você não vai precisar desse atiçador, senhor. Se tentar usá-lo, vamos enfiá-lo no seu traseiro.

Eu não me movi.

— Precisamos que ambos venham até a Scotland Yard conosco — continuou Lafferty.

— Oh, é mesmo — falei. — Scotland Yard?

— Sim, isso mesmo. Quanto ao assassinato de um dos nossos oficiais. Eu suponho que não seja um inconveniente?

— Nós dissemos ao meio-dia — protestou o chefe.

— Bem, nós tratamos o assassinato de um dos nossos como urgente, como pode ver — explicou Coyle. Sua voz era ampla e monótona. E irlandesa.

— Como podemos saber que vocês são do DIC? — perguntei.

— E por que duvidariam? — perguntou Coyle, dando um passo na minha direção.

— Você está surpreso que os irlandeses possam trabalhar como policiais — disse Lafferty, pegando Coyle pelo braço e o puxando alguns passos para trás. — Eu sei

que é difícil entender, mas o que se vai fazer? Nossos países estão amarrados. Talvez não tenhamos aceitado de bom grado o seu amor, mas agora estamos casados, então estamos juntos. E a verdade é que vocês, ingleses, não se lavam mais do que nós, não é verdade?

— Tenho certeza de que você tem razão — disse o chefe.

— Agora, temos uma carruagem esperando aí fora. Vamos andar até lá, de forma agradável e civilizada.

Ao ver o chefe começar a se mexer, eu falei:

— Se não se importarem, senhores, não acho que iremos. Mas tomem um assento e talvez possamos conversar um pouco aqui.

— Sim, podem conversar aqui — concordou o chefe, puxando duas cadeiras da mesa. — Minha irmã fará chá para nós.

— Isto não é uma discussão, sr. Arrowood — disse Lafferty. — Vamos.

Eu não iria a lugar algum. Estava bastante certo de que esses dois eram fenianos, e, depois de ver o que aconteceu com aquele tira, eu estava pronto para matá-los antes de deixá-los nos levar.

— Vocês não estão enganando ninguém — eu disse e peguei o ferro frio do atiçador. — Vocês são policiais tanto quanto a gente. Não temos problemas com vocês, cavalheiros. Estamos apenas tentando encontrar um rapaz francês para sua família. O nome dele é Thierry. Não temos interesse no que estão fazendo. Nós só queremos encontrar o rapaz.

O chefe estava estudando o rosto deles enquanto eu falava, tentando detectar sinais de emoções quando mencionei o nome de Thierry. O que ele viu foi Coyle puxar algo do bolso da jaqueta.

Era um revólver.

— Não vamos pedir de novo — disse ele com a voz oca. Seus olhos eram como tachas. — Larguem suas armas.

— Oh, minha nossa — gemeu o chefe, os olhos arregalados de medo. Ele jogou longe a bengala. — Realmente não há necessidade disso. Cavalheiros, não há necessidade. Eu acredito em uma Irlanda livre. Barnett também. Não somos seus inimigos.

— Isso é interessante, senhor — falou Lafferty.

Por um instante, o olhar de Coyle cruzou o de Lafferty. Ao ver uma oportunidade, eu levantei meu atiçador para atacá-lo, mas Coyle foi mais rápido. Ele virou ligeiro, colocando a arma contra o meu peito.

— Largue isso — sibilou ele.

Não tive escolha. Deixei o atiçador cair das minhas mãos. Coyle chutou para longe.

— Cavalheiros, por favor! — gritou o chefe. — Vamos conversar! Nós não somos perigosos para vocês, dou-lhes minha palavra.

— Acalme-se, sr. Arrowood — disse Lafferty. — Ele só vai atirar se vocês derem trabalho. Agora, precisamos usar as algemas ou vocês virão até os cavalos como os cavalheiros que eu sei que são?

— Algemas? — perguntou o chefe.

Lafferty suspirou e puxou um par de algemas de ferro do bolso.

— Sim, algemas. Eu falei que nós somos do DIC. Petleigh nos deu seu endereço.

— Petleigh? Você quer dizer que é mesmo do DIC?

— O assassinato de um agente é uma questão urgente, sr. Arrowood, assim como o sr. Coyle disse. O inspetor Petleigh veio nos ver pouco antes de seu garoto chegar.

O chefe se virou para mim, uma pergunta no olhos.

Eu assenti com a cabeça, embora, na verdade, ainda achasse difícil acreditar. Nunca tinha ouvido falar de um policial irlandês e agora nós tínhamos dois aqui na nossa frente.

— Agora, se não se importam — disse Lafferty —, o cavalo ficará impaciente. Ele não gosta do sol.

Capítulo Vinte e Um

Eles não falaram conosco no caminho até a Scotland Yard. O chefe se sentou do lado oposto ao meu, um sorriso sereno no rosto, olhos virados vagamente para a janela. Pude ver que ele ainda estava preocupado com a carta de Isabel. Quando chegamos à Yard, eles nos levaram para o porão e entraram em uma sala cinzenta com uma janela pequena e turva no alto do teto. No meio havia uma mesa com seis cadeiras. Quando nos sentamos, Lafferty e Coyle saíram da sala, trancando a porta de aço atrás deles.

Por quase duas horas, o chefe permaneceu calmo e sereno. Isso não era muito comum da parte dele. Mas então seu estômago começou a roncar e seu humor mudou.

— Eles fizeram isso deliberadamente — afirmou, levantando-se e de imediato voltando a se sentar. — Tentando influenciar nossas mentes.

Quando enfim retornaram, depois de quase quatro horas, não pediram desculpas.

— Onde vocês estavam? — o chefe exigiu saber. — Vocês nos mantiveram aqui por metade do dia.

— Tínhamos assuntos a tratar — respondeu Lafferty, jogando um cinzeiro de lata sobre a mesa, junto com um livro de anotações e um lápis.

— Assim como nós — protestou o chefe. — É melhor que andem logo com isso.

Eles agiram como se ele não tivesse falado nada. Coyle ficou junto à porta, enquanto Lafferty andava e fazia perguntas. Nós dissemos tudo o que sabíamos, não retendo nada, exceto o que poderia nos prejudicar, se olharmos de certa maneira. Falamos sobre Milky Sal, sobre a tanoaria e a morte de Martha. Nós contamos sobre a quadrilha de invasores fenianos. Dissemos que Longmire era um conhecido de Cream, mas não contamos como obtivemos essa informação. Quando tínhamos falado tudo o que sabíamos, Lafferty sentou-se na mesa do lado oposto e assentiu com a cabeça para Coyle, que colocou o caderno afastado, enfiou

as mãos nos bolsos e começou a fazer todas as mesmas perguntas usando apenas palavras diferentes. Enquanto isso, eu podia ver o chefe ficar cada vez mais irritado.

— Isso funcionou alguma vez, rapaz? — ele perguntou por fim. Se havia uma coisa que o chefe não gostava, era de ser dominado por um homem mais novo.

— Às vezes — disse Lafferty. — Se estão cansados ou inventando uma história que é muito complicada para suas mentes.

— Talvez devêssemos usar isso, Barnett? — disse o chefe, virando-se na minha direção. — Você poderia ser o detetive Coyle e eu seria o inspetor Lafferty. Vamos estudar seus métodos. Veja agora como Coyle usa uma postura ameaçadora? Que autoridade! Por que nunca usamos essa estratégia, Barnett?

— Talvez porque você não é um detetive — disse a gárgula.

— Sou um investigador particular — respondeu o chefe. — E trabalhei em mais casos do que você pode imaginar.

— Não como Sherlock Holmes, contudo, não é, senhor? Não lemos sobre você nos jornais, não é?

O chefe negou com a cabeça, uma grande e triste carranca no rosto.

— Oh, puxa, oh, puxa. Então o DIC idolatra Sherlock Holmes assim como o resto do país. Que desapontador. Eu esperava que a Scotland Yard tivesse homens melhores.

Coyle corou.

— Você se acha, não é, Arrowood? Não me diga que poderia solucionar os casos que ele solucionou. Holmes tem a mente de quatro homens.

Com isso, Lafferty revirou os olhos. Claramente não compartilhava da opinião de Coyle.

— Veja o caso do Mórmon — Coyle continuou, pegando a parte de trás de sua cadeira. — Você conhece esse?

— O corpo encontrado na casa da Brixton Road — respondeu o chefe, cansado. — Thomas Drebber.

— Não há um homem na Inglaterra que pudesse resolver esse caso da maneira como ele fez. O DIC não poderia. Nem mesmo Whicher poderia resolver esse aí.

— Mas Holmes não resolveu o caso — o chefe disse com firmeza.

— Claro que resolveu. Está tudo lá, escrito. Ele conseguiu o nome do assassino…

— Hope! — interrompeu o chefe. Eu podia ver que ele estava se preparando novamente. — O nome do assassino era Hope!

— … e o conduziu até Baker Street para que pudessem detê-lo — continuou Coyle.

O chefe saltou de pé, sua voz aumentou de volume:

— Pelo amor de Deus! Tudo o que Sherlock Holmes fez foi telefonar para a polícia de Cleveland, que disseram a ele que Drebber estava sendo perseguido por Hope. Disseram a ele o nome do assassino, seu imbecil! Como é que isso é resolver o caso?

Coyle balançou a cabeça teimosamente, dizendo:

— E quanto ao sangramento nasal e as marcas dos cavalos? E quanto ao rosto corado do homem e o anel? Holmes leu todas essas pistas. Nenhum dos outros conseguiu deduzir.

— Tudo isso foram chutes certeiros — respondeu o chefe, apertando a cabeça com exasperação. — Para cada pista que ele acha, Holmes identifica um par de possibilidades, dispensa uma e declara a outra a solução. Tome o motivo do assassinato. Não era roubo, estava claro. Holmes decidiu que era, portanto, sobre uma mulher ou para um propósito político. Ele parece ignorante de qualquer outro motivo de assassinato. E a vingança? Talvez o irmão do homem tenha sido morto por Drebber. Talvez tivesse sido retirado de uma fortuna familiar. Talvez Drebber tivesse afundado seu navio. E quanto a um crime de insanidade? E quanto a chantagem? Não, Holmes não considera nenhum desses motivos, nem nenhum outro motivo possível de assassinato nesta terra de Deus. — O discurso do chefe ficou apressado. Ele estava olhando atentamente para Coyle, não permitindo qualquer interrupção. Ele atacou. — E então descarta um motivo político porque as pegadas revelam que o assassino havia andado por aí após a morte de Drebber. Holmes declara que isso nunca teria acontecido em um assassinato político. Bobagem! Nada é tão certo. Talvez houvesse alguém na rua e o assassino tivesse que esperar? Talvez quisesse ter certeza de que Drebber estava morto. Talvez estivesse se sentindo torturado pelo horror do que tinha feito. Então, por puro acaso, Holmes chega à conclusão de que o motivo era uma mulher. Ele estava correto, sim, mas só porque caiu cegamente no motivo por uma falha bastante surpreendente para entender todas as outras possibilidades.

— Mas o anel! — exclamou Coyle. — Essa era a prova de que…

— Não provava nada! — rugiu o chefe, varrendo com os braços o cinzeiro, e com isso o chapéu de Coyle, para o chão como se um demônio o tivesse possuído. — A presença do anel poderia ser explicada de muitas outras maneiras! Talvez, durante a briga, tenha caído do bolso do homem. Talvez estivesse a caminho de pegar isso. Talvez tenha sido casual. Holmes dispensou o que estava escrito na parede como algo casual, então por que não o anel? Por que não o anel, eu lhe pergunto! Talvez Drebber estivesse tentando comprar o assassino! E o problema

mais grave é novamente algo que Holmes não vê. Se o anel for realmente tão importante, como é que o assassino o deixa na cena?

O chefe agora estava tremendo, suas mãos se agitando violentamente no ar. Seu rosto vermelho brilhava, a cabeça parecia ter aumentado quase o dobro do tamanho. Ele bateu o punho na mesa. Lafferty e Coyle o observaram com surpresa, suas bocas se abriram.

— Qualquer idiota pode ver que isso deveria significar que o anel *não* era importante! Mas, de novo, Holmes tem sorte. Contra todas as probabilidades, o assassino o deixa pra trás! É uma chance em um milhão, eu digo pra vocês! Holmes se prova correto, mas apenas porque perdeu todas as possibilidades. E Watson escreve para a *The Strand* declarando que o homem é um gênio!

O chefe ficou de pé na beira da mesa, ofegando, os olhos dele indo de Lafferty e Coyle para mim. Lafferty bateu o lápis sobre a mesa. Coyle inclinou-se contra a parede, cruzou os braços. Ninguém falou. O chefe continuou a nos encarar, mordendo o lábio. Finalmente, Lafferty disse:

— Você parece saber muito a respeito do caso, Arrowood.

O rosto do chefe se contorceu: de repente ele não parecia tão seguro de si mesmo.

— Ele lê bastante — falei, de pé e tomando seu ombro. Estava excepcionalmente quente e, mesmo com a grossa gordura do braço, eu podia sentir seu pulso bater loucamente. Eu o ajudei a se sentar. Recuperei o chapéu de Coyle e o coloquei de volta na mesa. — Sr. Arrowood está sempre metido num livro.

— Nós vamos ter que colocar as algemas em você se entrar em erupção assim de novo, Arrowood — afirmou Lafferty.

— Não há necessidade de prendê-lo — falei. — Ele será bonzinho. Mas não ajuda você tentar nos irritar assim.

Sob a mesa, senti o chefe dar uma batidinha no meu joelho.

— Você não é páreo para Sherlock Holmes, Arrowood — disse Coyle, sem querer deixar o assunto ir. — Olhe pra você. É um cão velho e cansado, que ganha seus centavos perseguindo devedores com seu homem forte aqui. Eles dizem que você tem uma boa mão para seguir as mulheres por adultérios. Dizem que gosta disso.

Pude sentir o chefe ficar tenso de novo ao meu lado.

— Calma aí — disse Lafferty para o seu companheiro. — Não vamos começar de novo.

— Qual é sua idade? — o chefe perguntou a Coyle, a voz agora baixa.

— E por que você quer saber?

Um grasnado foi emitido do estômago do chefe. Ele o apertou rápido.

— Estou apenas perguntando sobre sua experiência nesta linha de trabalho. Você parece bastante jovem.

Os lábios de Coyle se curvaram. Os punhos se fecharam. Ele olhou para Lafferty, que estava sentado no final da mesa com as mãos cruzadas atrás da cabeça.

Houve uma batida à porta e uma cabeça de um jovem tira apareceu.

— Inspetor Lafferty?

— O que foi? Estamos ocupados aqui.

— O inspetor Lestrade requer que você vá até o escritório dele quando for conveniente, senhor.

— A respeito do quê?

— A respeito do caso Whitehall. Foi tudo o que ele disse.

— Diga-lhe que estarei lá imediatamente.

O tira retirou-se e a porta se fechou.

— Você conhece Lestrade? — perguntou o chefe.

— Quem conhecemos ou deixamos de conhecer não é da sua conta — disse Lafferty. — Agora, cavalheiros, que tal nós tentarmos isso de novo, hein? Não há necessidade de brigarmos. Vocês aceitam charutos?

O chefe pensou muito sobre a oferta antes de finalmente concordar. Recolhi o cinzeiro do chão.

Quando todos nós tínhamos nos levantado, Lafferty disse:

— Alguém matou nosso homem. Vocês podem entender que não estamos com o melhor humor. Gostaria de agradecer se respondessem nossas perguntas, mesmo que as achem repetitivas.

— Claro, inspetor — disse o chefe. — Mas que tal você dizer o nome da vítima?

— Esse não é seu negócio — respondeu Coyle.

— Isso nos ajudaria nesta conversa — falei.

Lafferty olhou para mim, curioso.

— Petleigh tem uma grande consideração por você, Barnett. Diz que daria um bom policial.

— Fico lisonjeado, senhor — respondi.

Lafferty fumou o charuto. Ele não parecia tão certo.

— Você tem alguma ideia de quem o matou, detetive? — o chefe perguntou, impaciente.

Lafferty levantou os olhos para o teto e suspirou.

— Bem, pelo menos, diga-nos em que caso ele estava trabalhando — continuou o chefe quando nenhuma resposta veio. — Suponho que seja o assassinato?

— O assassinato? — perguntou Lafferty.

— A garota! — exclamou o chefe. — Deus do Céu, não me diga que vocês não estão trabalhando no assassinato?

Lafferty puxou o charuto, mas não disse nada.

— Então vocês estão atrás de Cream?

Lafferty sorriu.

— Das jovens? — o chefe perguntou. — Dos fenianos?

— Cale a boca — disse Coyle.

— Cavalheiros — disse o chefe do jeito mais razoável possível. — Nós dissemos o que sabemos. Apenas nos deem uma ideia.

— Não podemos fazer isso, senhor — riu Lafferty. — Agora, voltemos a essa bala que você mencionou. Está certo de que é de um fuzil de repetição Enfield?

— É o que nos foi dito — respondeu o chefe.

— Quem disse isso a vocês? — perguntou Lafferty.

— Alguém alheio ao caso.

— Entendi. Onde está a bala?

— Eu a tenho em casa.

— Hmm — murmurou Lafferty. — Eu não acho que seja importante, mas você terá que buscá-la para nós de qualquer maneira.

— Você pode voltar conosco e recolhê-la, se precisar — disse o chefe, cruzando os braços.

— Acho que vamos ficar aqui. — Lafferty puxou o relógio do colete. — Digamos que você estará de volta em duas horas ou menos, sim?

O chefe ficou de pé com um suspiro.

— Vamos embora então, Barnett. Vamos ter que trazer de volta para eles.

— Eu acho que não — Lafferty falou lentamente. Pelo sorriso no rosto, ele estava se divertindo. — O sr. Barnett vai ficar aqui até que você volte, sr. Arrowood. Não é como se eu não confiasse em você, senhor, mas nos disseram para sermos cautelosos.

O rosto do chefe ficou vermelho.

— Você quer dizer que eu tenho que trazer de volta aqui? Você quer que eu viaje todo o caminho pela cidade e depois por todo o caminho de volta? Eu tenho coisas melhores para fazer, senhor. Tenho gota. Mande um policial comigo. Ele irá trazê-la para você.

Lafferty se levantou e abriu a porta.

— Quanto mais cedo você for, sr. Arrowood, mais cedo você e o sr. Barnett estarão de volta às ruas.

— Então, seu caso está conectado à bala — declarou o chefe.

— Não se apresse, sr. Arrowood. Nós sempre amarramos pontas soltas no caso de voltarem a nos atacar no próximo vento pesado. Somos treinados dessa forma, só isso. Não temos motivos para pensar que a mulher quisesse dar a bala para você. Não há nenhum relatório de alguém que tenha tomado um tiro recentemente. Você ouviu algo, Coyle?

— Nada.

— Eu acho que não. E Cream não é conhecido por usar fuzis. Facas, sim. Socos e chutes. O rio, sim, uma pistola se quiser, mas nenhum fuzil até onde sabemos. Estou pensando que talvez a garota tenha apenas pegado a bala na rua quando estava a caminho de encontrá-los, ou talvez tenha roubado isso de um dos homens com quem trombou.

— Se é o que você pensa — disse o chefe.

— É, sim. Mas nós ficaremos com ela no caso de nosso superior pedir para ver. Só isso.

Eu fiquei na minha cadeira enquanto o chefe os acompanhou para fora.

Passou mais uma hora antes que os dois tiras retornassem. A sala estava fria por conta de ficar no porão e eu estava caminhando, tentando me manter quente. Eles me disseram para me sentar. Lafferty tomou uma cadeira em frente, e Coyle parou atrás de mim.

— Vocês não estão nos contando tudo — começou Lafferty. Ele tirou o casaco e agora estava sentado de colete e em mangas de camisa. Eu podia sentir o odor de cerveja em seu hálito. — Eu compreendo. Neste trabalho, pode ser perigoso revelar sua mão cheia. Mas precisamos saber tudo. Um dos nossos homens foi morto, e não podemos deixar isso ficar assim agora, podemos? Então, onde você quer começar?

— Nós contamos tudo para vocês — respondi.

Quase no momento em que terminei de falar, uma pontada de dor atravessou meu corpo vindo do meu braço. O enjoo subiu até a boca, e apertei-me no local onde fui atingido, virando-me para ver Coyle segurando um cassetete. Havia ódio no rosto dele, o tipo de ódio que se sente quando se fere um homem.

— Agora, sr. Barnett, eu vou pedir de novo — disse Lafferty.

Eu pulei para cima, pegando no pescoço de Coyle com o meu braço bom, mas a dor quando me mexi diminuiu a força em mim e ele me empurrou para baixo na cadeira. Lafferty agora tinha uma pistola na mão, apontada para o meu peito.

— Vá pro inferno — cuspi.

Coyle atacou novamente o mesmo lugar no meu braço; senti um gemido baixo e animal sair da minha boca. Dobrei o corpo, batendo a cabeça na mesa.

— Queremos saber a respeito de Longmire — disse Lafferty. — O que ele tem a ver com Cream?

— Não sabemos — respondi com o rosto retorcido. Eu estava virado, de forma que Coyle não conseguiu alcançar meu braço novamente, mas sabia que minhas costas estavam expostas. Nunca odiei tanto um homem quanto odiava aquele jovem tira; jurei que devolveria quando tivesse a chance. — Tudo o que conseguimos foi o nome. Esse era o nosso próximo trabalho.

— Onde vocês conseguiram o nome?

Senti Coyle ficando tenso atrás de mim e pensei por um momento. Apenas um momento. Então contei.

— Invadimos o Bife. Encontramos um caderninho cheio de nomes. Longmire apareceu muitas vezes. Mais regular do que qualquer outro nos últimos dois meses. Isso é tudo. Mesmo. Sabíamos que ele trabalhava no Gabinete de Guerra. Não reconhecemos nenhum dos outros.

Eu me levantei. Se ia tomar outra pancada, queria estar o encarando. O jovem tira me olhou nos olhos, o nariz torto se contraindo, batendo na coxa lentamente com o cassetete.

Lafferty ficou em silêncio por vários minutos. Por fim, falou:

— Pegue isso.

Ele colocou uma moeda de ouro na mesa.

— Pra quê?

— Queremos que você nos mantenha informados. Isso é tudo. Quando descobrir algo, envie-nos uma nota.

Eu me afastei de Coyle até o final da mesa. Cada pequeno movimento me causava mais dor, tanto que pensei que meu braço deveria estar quebrado.

— Por que você não me bate novamente?

— Pegue o dinheiro — respondeu Lafferty. — É menos doloroso.

Para evitar outro golpe, peguei a moeda.

— Qual é o caso em que estão trabalhando? — perguntei. — Se querem minha ajuda, eu preciso saber.

— Estamos atrás da gangue que está invadindo as casas.

— É muito esforço para assaltantes, não é? Por que o DIC está envolvido?

— Eles incomodaram algumas pessoas poderosas — disse Lafferty.

— Quem? Longmire?

— Eles roubaram propriedades de pessoas de altos cargos no governo. Essas pessoas gostariam de ter suas propriedades de volta.

— Que propriedades?

Um tira bateu à porta. Lafferty foi para o corredor por um momento, depois retornou.

— Você pode ir. O sr. Arrowood está de volta.

— Então, se eu conseguir informações a respeito dos invasores, mando uma nota para vocês?

Lafferty sorriu e subiu a calça.

— Isso. E qualquer coisa a respeito da rede de contatos de Cream pode ser relevante. Longmire, por exemplo. E talvez seja melhor não deixar o seu empregador saber a respeito disso, né? Não conte a ninguém. Mais uma coisa… É provável que nós peçamos algumas coisas para você de tempos em tempos. Para que vigie uma pessoa, siga alguém. Talvez abrir uma fechadura. Por isso, vai receber dez xelins por semana.

— Eu já tenho um emprego.

— Será apenas ocasional.

— Por que não pegam um tira?

— Algumas coisas são tratadas separadamente da polícia — respondeu Lafferty. — Considerações sensíveis como esta. Agora, Coyle vai te mostrar a saída.

Segui Coyle ao longo do corredor escuro, segurando meu braço para que não se movesse. Lafferty caminhou atrás. Cada passo ou balanço lançavam uma pontada de dor por mim, e cada pontada me fazia querer cortar a garganta suja da gárgula. Antes de chegar à escada, havia outra porta de aço com uma pequena janela virada para uma sala exatamente como a que deixamos. Olhei para dentro. Sentado com as costas para mim em uma mesa estava o chefe. Eu estava prestes a abrir a porta quando Lafferty pegou meu braço maltratado por trás, me lancinando com dor.

— Vá embora, sr. Barnett. Aí está um bom sujeito.

• • •

Eu esperei do lado de fora no pátio por cerca de uma hora. Ficando ressecado, quente com o sol da tarde, e com meu braço me dando uma dor infernal, eu peguei uma cerveja porter no pub no fim da rua e fiquei no pavimento observando a entrada da delegacia. Era fim da tarde, e a rua estava movimentada com coletivos e carruagens. Jornaleiros gritavam, tentando vender duas pilhas de jornais. Comprei duas salsichas e outra bebida para mim e esperei um pouco mais. O bar começou a

encher com tiras saindo do serviço. Duas horas se passaram e o chefe ainda não tinha aparecido, então resolvi desistir. Levei a caneca de cerveja de volta para o pub. Conforme eu saí, espiei Coyle deixando a Scotland Yard. Eu me enfiei em uma reentrância de porta e observei enquanto ele cruzava a rua e entrava em uma cafeteria. Uma carroça de leite veio rolando pela rua bem na hora e bloqueou minha visão por um momento. Quando passou, eu vi que Coyle tinha saído e agora estava andando pela rua, em direção à ponte de Waterloo. Ele estava conversando e rindo com um baixinho que andava apressado ao lado dele.

Eu olhei para eles, atordoado. Nesse dia quente, o homem não usava o mesmo casaco longo cuja parte de trás tinha dançado diante de mim enquanto eu o perseguia naquele dia úmido e com ventos em Borough, mas eu não confundiria aquele corpo quadrado e aquelas pernas tortas. Eles pararam na ponte e o homem ficou de lado, revelando o gancho horrível em seu nariz. Coyle estava apertando a mão do homem que tinha matado Martha.

Capítulo Vinte e Dois

Fui até a farmácia no caminho de casa. Era o mesmo braço que o outro policial tinha acertado no beco, e doía tanto que eu achava que podia estar quebrado. O farmacêutico não achou que estava fraturado e me vendeu uma caixa de remédio à base de ópio para a dor. Eu dormi profundamente naquela noite e acordei com a cabeça confusa e o braço roxo e inchado. Tomei outra dose de ópio e encarei o envelope que tinha estado na minha mesa por dias. Finalmente, eu o peguei e fui para a Coin Street.

Encontrei Ettie de pé na rua, do lado de fora da loja de pudim com a sra. Truelove, a srta. Crosby e o reverendo Hebden. Eu não estava certo de como deveria me comportar perto dela desde que ela segurou de forma tão íntima meu couro cabeludo, mas isso não importava: ela estava mais preocupada com o irmão do que com o que tinha se passado entre nós no dia anterior.

— Onde ele está? — ela perguntou depois de me apresentar ao homem santo.

— Eu não o vejo desde ontem, Ettie.

Ela suspirou e me puxou de lado.

— Ele está bebendo de novo? — sussurrou.

Eu expliquei o que aconteceu na Scotland Yard.

— Você acha que ele foi preso?

— É provável que estejam tentando arrancar mais informações.

— Então por que o inspetor Petleigh estava aqui esta manhã procurando por ele? —perguntou ela.

— Petleigh trabalha de forma local. Os outros detetives são da DIC. É provável que não contaram para ele o que estão fazendo.

Isso pareceu satisfazê-la. Ela olhou por cima do meu ombro, na rua adiante.

— Vocês estão indo a algum lugar? — perguntei.

— Cutler's Court. Nós só estamos esperando uma das senhoras. Você falou com a sra. Barnett a respeito da minha visita?

— Ela está um pouco ocupada no momento — respondi.

Havia algo curioso no olhar que ela me deu, e fiquei aliviado quando o reverendo Hebden interveio.

— Você vai conosco, Norman? — perguntou ele. Era mais jovem que as três mulheres, um homem fino, de ombros altos, uma onda de cabelo preto brilhante atingindo seu colarinho, um queixo forte.

— Não posso, senhor. Tenho muito a fazer no meu caso.

— Que pena. Nós estamos resgatando uma jovem. Nós organizamos para levá-la a um lugar seguro. Foram semanas para persuadi-la.

— Eu lhes desejo sorte então, reverendo.

— Tem certeza que não quer ir, Norman? — Ettie perguntou mansamente. — Estamos com poucos homens.

— Talvez numa outra oportunidade.

— Bem, vamos esperar que sim.

— Vamos, senhoras? — chamou Hebden. — Acho que esperamos tempo o bastante.

Ele apertou minha mão com firmeza. Quando se viraram para ir, Ettie rapidamente apertou meu cotovelo.

• • •

Eu estava postergando havia dias, mas aquele apertão me deu um pouco do conforto de que eu sentia falta, e sabia que a hora tinha chegado. Fui até o cartório em St. Olave e entrei na fila, ouvindo conforme cada pessoa antes de mim passava seus detalhes para o escrivão. O velho escreveu lentamente, pedindo os documentos de cada um, mergulhando a pena repetidamente na tinta, borrando o livro. Algumas das pessoas mais pobres não sabiam soletrar seus nomes, então ele sugeria uma letra aqui e ali, e o trabalho era feito.

— O que você quer registrar? — perguntou quando foi a minha vez.

Tentei falar, mas a palavra ficou presa na minha garganta. Eu pisquei contra as lágrimas. Ele assentiu devagar, com os olhos gentis através dos óculos grossos. Ele coçou o bigode.

— Morte?

Assenti.

— Pode me dar o nome, senhor?

— Elizab…

Respirei fundo, escondendo os olhos.

— Leve o tempo que precisar, senhor.

Engoli em seco com força, me aprumei e falei:

— Elizabeth Barnett.

A pena riscou o papel.

— E você era o marido dela?

Assenti.

Ele pegou nosso endereço, a data de nascimento dela, e o trabalho como vendedora de chapéus. Meus olhos estavam baços, a voz, instável. Ele escreveu e manchou o papel.

— Causa da morte?

Abri a boca para falar, mas novamente não consegui trazer as palavras. Em vez disso, entreguei a ele o envelope com o atestado de óbito. Ele leu devagar.

— Ela morreu em Derby, senhor?

— Eu sequer sabia que ela estava doente.

Ele franziu o cenho.

— Pela lei, você deveria ter registrado lá. E deveria ter feito isso dentro de cinco dias. Você a enterrou?

Assenti de novo, suas palavras nadavam na minha cabeça. Ela estava visitando a irmã quando aconteceu, apenas uma semana antes de a srta. Cousture aparecer na Coin Street. Ela teve uma febre e foi isso. Nunca mais voltou pra casa.

— Eles normalmente não permitem enterro — disse ele.

Eu o ouvi, mas estava entorpecido. Segurei a ponta de sua mesa para me estabilizar.

— Senhor? — chamou ele.

— O médico ficou doente. Eu só recebi a carta.

O escrivão ficou em silêncio por alguns momentos. Então ele começou a riscar o papel com sua pena de novo. Ele rasgou um pedaço e passou para mim.

— Eu sei que é difícil, senhor. Seja forte.

• • •

Fui a um pub do outro lado da rua e peguei um conhaque e água quente. Minha mão tremia enquanto segurava a caneca. Bebi de uma vez, então pedi outra. Essa eu não consegui terminar. Saí para a rua lotada, caminhei até o rio e cruzei a ponte da Torre, para o barulho da Katherine Dock e os grandes navios fedendo a alcatrão e sal. Eu não consegui contar ao chefe quando aconteceu, não consegui contar para ninguém. Suponho que estava com medo do que aconteceria se falasse. Então

passou um dia, e outro, e ainda não conseguia dizer as palavras. Eu só queria seguir em movimento. Sabia que ele e Ettie seriam gentis, e isso doeria ainda mais. Mas sabia que não poderia adiar para sempre.

Caminhei e caminhei, até a Western Dock, de volta à Torre de Londres e à Lower Thames Street, até que comecei a ver as pessoas ao meu redor novamente, inclusive ouvir suas vozes. Quando senti que era eu mesmo mais uma vez, atravessei a ponte de Londres, voltei para o sul e segui para as ruas conhecidas de Southwark.

• • •

Com um sábado livre e precisando de alguma companhia, decidi visitar o meu velho amigo Nobber Sugg. Nobber ainda vivia em Bermondsey, na esquina de onde nós tínhamos crescido. Ele tinha sido bem-sucedido na vida, melhor do que qualquer um que conheci do nosso bairro: trabalhava como empregado do mercado desde que seu pai morrera e agora morava com sua família acima de um armazém com quatro aposentos para si. Nobber e eu tomamos alguns copos no Bag o' Nails e eu comecei a esquecer meus problemas. Na verdade, desenvolvi uma sensação bastante tolerável sobre minha dor, por estar junto com ele e pelo ópio que eu estava tomando, então, quando ele sugeriu que fôssemos para a East Ferry Road, onde o Millwall estava jogando contra Royal Ordnance, não foi preciso de muita persuasão. Já tinha passado das sete quando voltei para a Coin Street.

O chefe parecia cansado e derrotado, e sua gota estava atacada. Podia ver que ele tinha tomado láudano antes de eu chegar pelo modo largado como estava sentado na cadeira, a camisa aberta até a barriga. Ele me falou como Lafferty o tinha mantido lá a noite toda, sem nada para comer ou beber. Nem permitiu que fosse ao banheiro. Ele não estava muito feliz.

— Pelo menos nós descobrimos algo com isso — suspirou ele. — A bala é definitivamente importante.

— Lafferty não disse que não era?

— Ele salientou que não era. De todas as coisas que dissemos a ele, era a única coisa que queria garantir que acreditássemos que não era importante. Nem Martha, nem as jovens, nem o bordel, nem sequer os fenianos. Não se engane, Barnett, aquela bala é a parte mais importante do caso.

Foi só quando eu lhe contei ter visto o assassino com Coyle que ele se endireitou. Seus olhos tornaram-se duros.

— Pelo menos temos algo.

— Mas o quê?

— Uma conspiração, Barnett. — Ele arrancou um charuto da caixa em sua mesinha e acendeu-o. — Acho que chegou a hora de nos apresentarmos ao coronel Longmire.

Capítulo Vinte e Três

Nós nos encontramos em Whitehall no dia seguinte, onde uma pequena chuva abençoada caía. As ruas estavam cheias de caminhantes e turistas que tinham vindo ver o Big Ben e o Parlamento, todos vagando para cima e para baixo, alegres na chuva quente. O soldado na porta do Gabinete de Guerra nos disse que Longmire não estava, que não havia nenhum deles em um domingo.

— Voltem na segunda, cavalheiros — falou, colocando de lado a fatia de pão e a de queijo que estava comendo. Ele não parecia estar longe da aposentadoria e não parecia ser um cara tão ruim, embora seus olhos amarelos pudessem incomodar um pouco algum médico. — Acho que então poderemos ajudá-los melhor.

— Eu pensei que o Gabinete de Guerra estaria sempre funcionando — o chefe se irritou. — Estamos sempre lutando uma guerra em algum lugar, não estamos?

— Soldados lutam — disse o homem. — Mas não essa parte aqui. — Ele moveu seu prato para o lado da mesa, revelando um exemplar do *Daily Chronicle*. Em letras garrafais, a manchete dizia:

SHERLOCK HOLMES RESOLVE CASO IMPOSSÍVEL DE ORELHAS CORTADAS EM APENAS DOIS DIAS! DUPLO HOMICIDA PRESO NA ALBERT DOCK!

Eu vi os olhos do chefe caírem no jornal e varrer as palavras. Por um momento, seus lábios se pressionaram e sua testa se endureceu. Ele engoliu em seco. Aí ele olhou de volta para o velho soldado e disse:

— Isso é extremamente urgente. Você poderia nos dar o endereço dele?

— Eu não tenho. Voltem amanhã e poderemos enviar uma mensagem para ele.

— Há alguém que poderia saber?

— Só estou eu aqui — respondeu ele. — Voltem amanhã.

Estávamos nos degraus, protegidos da chuva pela grande soleira da porta do Gabinete de Guerra. Logo quando decidimos partir, Arrowood apontou para o outro lado da rua. Havia uma fila de carruagens de aluguel pelo meio-fio.

Nós abordamos cada condutor, perguntando se conheciam o coronel Longmire. Os primeiros reconheceram apenas o nome. O quarto, que estava prendendo uma bolsa com alimentos na ponta do focinho de seu cavalo, disse que conhecia.

— Ele me pediu para pegá-lo outro dia. Sujeito elegante, né? Com uma verruga no olho?

— Você sabe onde ele mora? — perguntei.

Ele negou com a cabeça.

— Não posso ajudá-lo com isso. Eu o estava trazendo de volta para cá.

— Algum desses outros condutores poderia conhecê-lo?

— Há muitos oficiais e similares lá — ele disse enquanto dava um tapinha no pescoço do cavalo que comia. — Nós não costumamos ouvir os nomes.

— Venha, Barnett — disse o chefe. — Vamos ter que voltar amanhã.

— Eu o peguei no Junior Carlton Club — continuou o condutor. — Você já ouviu falar, suponho? O lugar que foi bombardeado pelos irlandeses há alguns anos?

— Eu conheço — afirmou o chefe.

— Fica na St James' Square — disse o condutor. — É aí que todos vão, políticos e outros do tipo.

Quinze minutos depois, estávamos no clube. Ele tinha sido reparado desde a explosão onze anos antes, e através das janelas podíamos ver as cortinas pesadas, os castiçais reluzentes e os tetos ornamentados de suas salas majestosas.

O porteiro não nos deixou entrar.

— Eu posso dar seu nome a ele — falou, observando minhas calças remendadas e a camisa branca do chefe cuja gola estava acinzentada com suor e sujeira. Ele sabia que não éramos o tipo certo para entrar em um clube de cavalheiros, não importando qual sotaque tinha o chefe.

O chefe deu seu pseudônimo, sr. Locksher, dizendo que era urgente que falássemos com o coronel. O porteiro passou o recado para o recepcionista, que desapareceu pelo corredor. Ele voltou um instante depois.

— O coronel pediu para marcarem uma reunião no escritório dele amanhã.

— É importante — o chefe reiterou. — Precisamos falar com ele hoje.

— Sinto muito, senhor — disse o recepcionista. — Ele não deseja ser perturbado. Está em conferência.

O chefe pescou a bala em seu casaco.

— Dê isso a ele. Então vai querer nos ver.

O recepcionista franziu o cenho.

— Você deve estar brincando.

— Ele vai entender. Eu preciso falar com ele.

O recepcionista balançou a cabeça e fechou a porta diante de nós.

— Você não deu isso para os policiais? — perguntei.

— Eu parei no caminho no Lewis e peguei outra bala para eles. Supus que precisaríamos desta aqui quando falássemos com Longmire.

— Lewis tinha outra igual?

— Era da mesma cor. O mundo não é perfeito, sabe, Barnett. Não dá pra ter tudo.

Não pude deixar de rir.

— Escute, quando o coronel Longmire sair, você pode dar essa nota a ele? — o chefe perguntou ao porteiro, rabiscando algumas palavras em seu bloco de notas. O porteiro olhou para ele com um silêncio maçante. O chefe puxou um xelim do seu bolso e colocou no bolso do casaco do porteiro.

— Nós somos detetives trabalhando em um caso importante.

— Policiais? — perguntou o porteiro.

— Detetives particulares.

O porteiro parecia incerto.

— Como Holmes e Watson — acrescentei.

— Uma vez que o coronel ver esta nota, ele vai querer conversar conosco — o chefe continuou, fingindo que eu não tinha falado nada. — Ele não vai gostar se não lhe der. Então seja um bom sujeito. Você estará ajudando o país.

• • •

A carruagem de Longmire parou do lado de fora da sra. Willows às sete. O coronel era um homem de porte médio com uma verruga cor de batata tocando seu olho, no qual ele mantinha um monóculo. Usava um bigode comprido, calças xadrez, chapéu derby marrom na cabeça calva e uma expressão ácida no rosto. Ele estava na entrada da cafeteria, olhos passando com aborrecimento sobre os clientes. Por um momento, eles pousaram em Rena enquanto ela limpava o balcão. Levantei-me do banco e acenei para que viesse à nossa mesa. O seu cocheiro ficou de fora da janela, observando-nos de perto.

— Quer um café, coronel? — perguntou o chefe.

Antes de responder, Longmire espanou o banquinho com seu lenço e se sentou. Ele olhou em volta novamente para os outros clientes: quatro senhoras que tinham acabado de sair da igreja, um cocheiro tomando chá, uma família terminando suas fatias de bolo de semente de papoula.

— Esta nota dizia que o sr. Cream queria me ver — ele disse por fim. Estava claro pelo seu rosto que ele achava que a cafeteria poderia dar-lhe uma doença, e ele queria que soubéssemos disso. Uma corrente de relógio de ouro pendia do bolso do seu colete. — Quem são vocês?

— Associados do sr. Cream — disse o chefe.

— Por que estamos nos encontrando aqui, e não no Bife? — Sua voz era nasalada e desdenhosa.

— Aqui é mais conveniente para nós — respondeu o chefe.

— E quem são vocês?

O chefe deu uma mordida no sanduíche e o mastigou lentamente, todo o tempo mantendo os olhos fixos no monóculo de Longmire. A loja estava quente, e a transpiração estava começando a sair da testa do militar.

— Sr. Locksher — disse o chefe. — Este é o sr. Stone. Temo que eu tenha mentido na nota. O sr. Cream não sabe que estamos nos encontrando. Preferimos que continue assim.

— Eu só falo com Cream — sibilou Longmire. — Você entendeu?

Com isso, ele se levantou e fez que ia sair. O chefe enfiou o dedo no bolso do próprio colete e pegou a bala. Ele a colocou no meio da mesa, depois piscou e tocou o nariz protuberante.

Longmire encarou aquilo, engolindo em seco. Ele olhou para os outros clientes. Seus lábios se contraíram, mas não conseguiu decidir o que dizer.

— Você não está interessado em como chegamos a isto? — o chefe perguntou por fim.

— Uma bala? Não tenho interesse. Talvez vocês tenham comprado numa loja.

O chefe se recostou e levantou as sobrancelhas.

— Você sabe que balas desse tipo não podem ser compradas em lojas.

— Eu não sei de nada. Agora, se tentarem me contatar de novo, mandarei prendê-los.

O chefe riu. Eu também ri. Era um de seus truques, rir quando alguém mentia na sua cara. Rir longamente, como se não pudesse evitar. Os outros clientes olharam ao redor enquanto nós ríamos; Longmire se levantou, o nariz fino dilatado, a humilhação e a ira nos olhos.

— Por favor, coronel — disse o chefe —, você só se envergonha. Sabemos o que é essa bala e de onde veio. Assim como você sabe. Gostaria que explicássemos neste café lotado?

Os lábios de Longmire se estreitaram. Ele olhou de relance para o seu cocheiro, então se sentou mais uma vez. Conforme tentou pegar a bala, o chefe a arrancou e guardou de novo no bolso do casaco.

— Onde conseguiram isso? — perguntou Longmire.

— Encontramos na mão de uma garota morta.

— Que garota?

— Uma garota chamada Martha — respondeu o chefe. — Ela trabalhava no Barril do Bife. Você a conhecia?

— Você se refere à garota assassinada? Eu li a respeito do caso no jornal.

— Mas você conhece a garota?

— Eu só lido com Cream.

— Você usa as mesas de jogo.

— Tem muitas garotas que trabalham lá. Não sei o nome delas.

— Você sabe quem a matou?

Ele jogou as mãos para o ar.

— Não! Eu não sei nada sobre isso, e você está testando seriamente a minha paciência com essas questões.

— Ainda assim, você permanece aqui — disse o chefe com o sorriso caloroso no rosto.

Essa era a habilidade do sr. Arrowood, como trabalhava com as pessoas. Enquanto não estivesse em um de seus estados emocionais alterados, ele era bom nisso.

— Você permanece por causa da bala — continuou o chefe. — É fornecida apenas ao exército, para os novos fuzis de repetição Enfield. Uma história interessante para a *Gazette*, não acha? Tenho certeza de que seus superiores gostariam de saber como isso apareceu na mão de uma serviçal.

Longmire olhou para cima.

— Certo — assumiu. — Eu conheço a garota. Eu dei para ela.

— Explique-se.

— Eu tinha uma associação ocasional com Martha — sussurrou ele. — Pronto. Confesso. Quando coloquei um ponto final na nossa ligação, ela pediu algo para se lembrar de mim. Uma lembrança. Acredito que ela estava implicando que eu deveria comprar joias para ela. Me deu comichão em lhe dar isso.

O chefe olhou com força para mim. Por instantes, não falou, mas desta vez não foi um truque. Nós dois estávamos pensando o mesmo: se o que Longmire estava dizendo fosse verdade, o que pensávamos ser a nossa pista mais importante não valia nada.

— Imagino que vocês queiram dinheiro — disse Longmire.

— Não queremos o seu dinheiro — respondi.

— Eu pago para que vocês não mandem a história aos jornais.

— Não queremos seu dinheiro — o chefe repetiu. — Por que ela quis dar a bala para nós?

— Ela deu a bala para vocês? — perguntou Longmire.

— Estava na mão dela quando morreu. Ela estava nos esperando.

— Suponho que ela estivesse agarrando isso porque estava apaixonada por mim. Talvez a consolasse enquanto morria.

— Você a amava? — o chefe perguntou.

— Claro que não.

— Por que ela foi morta?

— E como eu saberia? — silvou Longmire. — Os jornais dizem que foi o Estripador. Um assalto que deu errado? Não sei. Agora me diga, sr. Locksher, o que você quer de mim?

Olhei para o chefe, que estava pensando muito. Ele parecia perdido.

— Senhor? — chamei.

Ele piscou e suspirou longamente.

— Primeiro, precisamos encontrar um jovem — disse ele. — Um francês chamado Thierry. Ele trabalhava na cozinha do Bife. Ele desapareceu e sua família está preocupada. Você o conhece?

Os olhos de Longmire se semicerraram.

— Você acha que eu conheço quem trabalha na cozinha? Eu nunca estive na cozinha! Não conheço nenhum rapaz francês. Eu só falo com Cream e com um par de seus homens.

— Você não entendeu, coronel — o chefe falou com um sorriso terno. — Levaremos o que sabemos aos seus superiores e depois aos jornais. Tenho muitos amigos na imprensa. Sua esposa achará a história interessante, tenho certeza.

— Escutem: eu não conheço esse rapaz. De verdade, não o conheço.

— Perdoe se duvidamos de você. Mas, se realmente não sabe, então deve descobrir.

— E como diabos vou fazer isso? — Longmire quis saber.

— Pergunte aos seus amigos no Bife. Nós lhe daremos dois dias.

O coronel cobriu o rosto com as mãos, os cotovelos sobre a mesa. Ele respirava fundo. Por fim, falou:

— Como poderei entrar em contato com vocês?

— Nós vamos entrar em contato com você. Avise o gabinete e o clube para que aceitem nossos recados da próxima vez. E escreva seu endereço aqui.

O chefe pegou seu caderninho e colocou sobre a mesa. Longmire escreveu rapidamente, depois empurrou o caderninho de volta.

— Você disse a primeira coisa — ele falou com uma careta. — De que mais precisa?

— Nós lhe contaremos outro dia — respondeu o chefe.

Longmire se levantou, derrubando o banquinho no chão. Ele bateu a porta da cafeteria quando saiu.

Capítulo Vinte e Quatro

Logo que a carruagem de Longmire se moveu, nós saímos da loja e atravessamos a rua, para o local onde o coche de Sidney estava parado. Seguimos a carruagem até St. George's Circus, depois pela Waterloo Road até o Bife. Lá, Longmire saltou. Ele estava de volta depois de não mais de dez minutos, e o transporte se afastou.

— Eu me pergunto se estavam falando a respeito de Thierry ou da bala — comentou o chefe.

— É mais provável que esteja pedindo para Cream nos levar para nadar no rio amarrados dentro de um saco de estopa.

O chefe suspirou e olhou pela janela à medida que nos movemos.

— Talvez — ele disse por fim.

Cruzamos a ponte de Waterloo conforme o sol da tarde começou a espreitar para fora da nuvem fraturada, e seguiu o coche até Mall, através de Green Park, e ao longo do lado sul do Hyde Park. O cocheiro não deu a ninguém um passeio suave, e todo o balanço agravou a situação no meu braço, inchado e roxo. Tomei outro remédio de ópio e rilhei os dentes. Em Kensington, o transporte virou em direção a Notting Hill, então finalmente parou em frente a uma casa de campo na Holland Park Avenue.

Ficamos de longe enquanto Longmire caminhou com passos largos e tocou a campainha. O mordomo abriu a porta e o conduziu para dentro.

Saí da carruagem e caminhei até o portão para ver se havia alguma placa com o nome. A noite já havia caído, e a rua estava com uma iluminação fraca. Eu não podia ver nenhuma placa, e tampouco havia alguém na rua para perguntar.

Voltei e esperamos, observando a casa. Depois de muitos minutos, o chefe falou:

— Tem algo que preciso perguntar a você, Norman.

Ele se inclinou para a frente, colocando a mão no meu joelho.

— Eu notei que você não tem sido você mesmo nos últimos dias. Ettie notou algo também. Está doente?

— É o ópio, William — respondi. — Aquele tira me machucou de jeito.

A mão dele permaneceu no meu joelho.

— E tem algo mais?

— Estou bem — respondi, embora as palavras quase tenham entalado na minha garganta.

— Entendo.

Ele parecia desapontado com a resposta. Parecia errado enganá-lo, mas simplesmente não conseguia falar. Perguntei-me se seria sempre assim.

— Vamos seguir Longmire — ele disse depois de algum tempo. — Você fica aqui e vê o que pode descobrir sobre o proprietário dessa casa. Vá para a minha casa pela manhã. Mas, por favor, Norman, tome cuidado. Sabe do que eles são capazes.

Eu assenti, meu nariz se franziu conforme a imagem daquele tira voltou a mim, a pele queimada, os tornozelos quebrados. O chefe apertou minha mão e me olhou seriamente. Eu sabia que ele também estava se lembrando daquilo.

Depois de quinze minutos, Longmire saiu, subiu em seu coche, e eles prosseguiram. Eu saí da carruagem e me posicionei do outro lado da rua.

A casa de campo estava afastada da rua, uma fileira limpa de cerca viva na frente. Incluindo o porão, tinha cinco andares, com varandas acima da porta da frente. No interior, as luzes estavam brilhando. Era uma casa bastante magnífica, mas o exterior precisava de uma nova camada de tinta e parecia boba ao lado das casas bem cuidadas dos vizinhos.

Não havia muito tráfego na rua. Alguns transportes públicos passavam fazendo barulho rumo a West End. De vez em quando passava uma carroça rumo ao mercado. Meu braço estava começando a doer de novo, então tomei outro comprimido à base de ópio. Depois de uma hora, um homem saiu pela lateral da casa de campo e se virou em direção à Shepherd's Bush.

Eu o chamei e atravessei a rua.

— Desculpe-me, amigo — falei. Ele era um jovem com cabelo bem curto e engomado. Usava um terno marrom liso. — Você trabalha aí?

— Eu sou o lacaio.

— Noite de folga?

— Isso mesmo. Está procurando trabalho?

— Eu sou pintor de casa. E vi que a casa está precisando de uma nova demão.

— Você tem que falar com o sr. Carstairs a respeito. O mordomo.

— O que acha se eu te pagar uma bebida e fizer algumas perguntas? Sempre ajuda a ter um pouco de informação primeiro.

— Bem… — Ele pensou a respeito por um instante. — Talvez só uma.

Ele me levou a um pub pequeno que se chamava Rising Sun na Walmer Road, onde tomamos uma dose de Old Six e comemos um pote de caramujos fritos. O lacaio contou que a casa era de propriedade de Sir Herbert Venning, o intendente geral das forças armadas. Ele trabalhava no Gabinete de Guerra, dirigindo o departamento enquanto fornecia equipamento ao exército britânico. Ao ouvir isso, pedi mais dois copos e perguntei quem fazia a pintura e se havia outras dependências que também precisassem de uma demão de tinta.

— Não tem nada lá atrás — explicou.

— Estábulos?

— Dobrando a esquina, na Stewart Street.

— A casa parece que não é pintada há algum tempo.

— Vai ser feito — ele me contou, bebendo rápido a sua cerveja, agora que eu estava sendo mais perdulário. — Dois ou três meses atrás, nós tivemos um pintor que começou pelos fundos. Eles se livraram dele quando fomos assaltados. Devem ter pensado que estava envolvido, suponho.

— O que você pensa? Foi ele?

— Não sei. O patrão ficou com uma raiva terrível de tudo. Dispensou o mordomo que trabalhava lá havia mais de vinte anos. Ficamos todos surpresos. Mas o patrão estava com muito bravo. Acho que ele teria nos dispensado todos, se pudesse.

— Como os assaltantes entraram?

— Por uma janela no meio da noite — disse o lacaio. — Ninguém os ouviu. Alguns de nós dormem lá embaixo, outros no sótão. O quarto do mordomo fica embaixo das escadas e ele não ouviu nada, assim contou. O patrão e a patroa também dormiram durante a invasão. Alguém deve ter deixado uma janela destravada, era a única maneira possível. Por isso que o pintor foi dispensado.

— Mas por que o mordomo? Os tiras pensaram que foi ele?

— É isso que não entendemos, sabe? O patrão nunca chamou a polícia.

Ele terminou a bebida e eu pedi mais duas. Minha cabeça estava ficando atordoada, um pouco pela bebida e um pouco pelo remédio para a dor, mas eu me sentia bem relaxado e confortável naquele pequeno pub. Uma cantilena começou a subir na outra sala.

— Ele não chamou a polícia? — perguntei. — Eles não roubaram nada?

— Apenas papéis do escritório do patrão. Achamos que eles ouviram alguém lá embaixo. A cozinheira sempre se levanta cedo para começar as coisas. Talvez eles a ouviram. Entraram pela janela da sala de música e foram direto para o escritório. Não levaram nenhum dos objetos de valor, e há muitos deles na sala de estar. Pinturas e ornamentos e assim por diante. Não levaram nenhum.

— Esses papéis deviam ser valiosos.

O lacaio acendeu um cigarro, sem me oferecer. Ele inalou com força e soprou alguns anéis de fumaça.

— O patrão ficou fora de si — contou. — Nunca o vi daquele jeito. Nunca o vi beber assim e gritar com a gente por cada coisinha.

— O que você acha que tinha naqueles papéis?

— Nós não sabemos. Passamos essa pergunta por nós mesmos, mas nenhum de nós sabe. Podem ser documentos do governo, é o que pensamos. Alguma coisa importante.

— E ele nunca chamou a polícia?

— Os tiras nunca foram envolvidos.

• • •

O chefe ficou animado ao ouvir a minha informação quando cheguei na manhã seguinte.

— Então, as duas pessoas que ficariam mais preocupadas com a nossa reunião são Stanley Cream e Sir Herbert Venning — disse, andando de um lado para o outro na sala. Ele tragou o cachimbo e pensou por um pouco de tempo. — Isso é bom. Agora, temos uma linha que liga os três homens à bala.

— Mas ele pode ter ido atrás de Cream por causa de Thierry, não da bala.

O chefe parou de andar e franziu o cenho.

— Você tem razão, claro — disse. — Obrigado, Norman.

Ele puxou o cachimbo, colocou a tampa nele e encontrou o chapéu.

— Agora temos que voltar ao Gabinete de Guerra. Só espero que não tenhamos que esperar muito pela carruagem coletiva dessa vez.

— O metrô seria mais rápido, senhor — falei, como sempre.

Ele me ignorou, como sempre.

O mesmo velho soldado estava sentado na mesa na entrada do Gabinete de Guerra. Ele mandou uma mensagem para o secretário de Venning, que voltou rapidamente. Sir Venning estava impossibilitado de nos ver. Entretanto, se fosse

importante, seríamos bem-vindos a escrever uma carta. Não era mais do que esperávamos.

Nós tentamos a casa dele mais tarde naquela noite.

— Sir Herbert pediu para não ser incomodado — disse o mordomo. Ele era mais baixo e mais redondo do que o habitual para um mordomo.

— É um assunto urgente — o chefe afirmou.

— Escreva uma carta, senhor. O secretário dele será capaz de lidar com o assunto.

— Temos algumas informações a respeito de um assalto cometido aqui. Tenho certeza de que vai querer saber disso.

O mordomo pensou por um momento.

— Eu vou perguntar.

Ele fechou a porta.

Quando voltou, ele disse:

— Sir Herbert disse que não houve nenhum assalto nesta casa. Talvez vocês tenham confundido o endereço.

— Mas houve um assalto — replicou o chefe. — Você sabe muito bem.

— Eu só comecei a trabalhar aqui recentemente, senhor.

— Mas você sabe que aconteceu! — exclamou o chefe. — É por isso que seu predecessor foi dispensado!

— Boa noite, cavalheiros.

A porta foi batida na nossa cara.

Capítulo Vinte e Cinco

Chegamos aos estábulos quando ainda estava escuro na manhã seguinte. Sidney tinha concordado em vir de novo conosco e bancar o cocheiro. Como ainda era cedo, apenas um dos estábulos do beco estava aberto. Entrei sem bater.

— Alô, amigo — eu disse ao cocheiro. Ele estava escovando um bom cavalo preto, trabalhando com cinco velas grossas presas nos postes ao redor dele. — Qual desses é o estábulo de Venning?

— Este aqui —respondeu. A voz dele estava anasalada, como se estivesse resfriado.

— Temos uma entrega para você lá fora — falei.

O cocheiro me seguiu até o beco. Sidney, que estava escondido atrás da porta, o acertou quando ele saiu. Nós o pegamos antes que ele batesse a cabeça careca no chão e o levamos de volta para dentro.

— Bela pancada, Sidney — elogiei.

— Obrigado, Norman.

Amarramos as mãos e os pés do pobre coitado e colocamos uma mordaça na boca. Então nós o amarramos a um poste na parede dos fundos do estábulo com um conjunto de rédeas. Ele lutou um pouco, mas nada que nos incomodou. O chefe, que não gostava de ver violência, entrou e colocou alguns xelins no colete do colega.

— Peço desculpas, meu amigo — disse para o sujeito, que estava olhando para nós com espanto. — Isso é pelo seu incômodo. Agora, a que horas seu patrão o espera?

O cocheiro gemeu algo através da mordaça. Puxei-a da boca dele.

— Não me machuquem — grunhiu ele. Os olhos cheios de água.

— Responda à pergunta — rosnei para ele.

— Seis e meia. Ele tem que levantar cedo hoje.

— Qual é seu nome? — perguntou o chefe.

— Bert.
— De quem é o estábulo ao lado?
— Sr. Warner.
Recoloquei a mordaça em sua boca. O chefe deu uma batidinha na cabeça dele e disse:
— Não dê nossa descrição para a polícia. Você entendeu, Bert?
O homem assentiu.
— Diga que foi derrubado por trás.
Ele assentiu de novo.
— Você não quer que voltemos, não é, Bert? — perguntei.
Ele negou com a cabeça.
Sidney empurrou o cavalo para a carruagem de Venning enquanto eu puxei o teto e o fixei. Nós sopramos as velas e deixamos os estábulos no escuro. Eu sabia que Bert faria barulho assim que ouvisse os outros cocheiros chegarem, mas não havia nada que pudéssemos fazer sobre isso. O chefe e eu entramos na carruagem e puxamos as cortinas, enquanto Sidney nos conduzia até a casa de campo.
Venning devia estar esperando do lado de fora da casa, porque Sidney saltou logo que paramos. Ficamos parados e ouvindo de dentro da carruagem.
— Bert está doente, senhor — disse Sidney em sua voz mais desenvolta. — Tem febre no fígado. Me pediu para cobri-lo. Sou da casa do sr. Warner, senhor. O patrão disse que eu não era necessário hoje.
— Entendi — disse Venning. A voz era rápida e confiante, um pouco feminina. — E você será capaz de me trazer de volta esta tarde?
— Sim, senhor.
A porta do carro se abriu e Venning começou a subir. Antes mesmo de nos ver, eu o segurei e o puxei para dentro.
— Que diabos! — gritou, lutando comigo.
Enfiei a mão com força sobre sua boca e sentei-me em cima dele no chão enquanto Sidney bateu a porta, montando no coche e partindo.
Venning era baixo e feito de carne macia e solta, péssima de se tocar. O rosto era bastante redondo, com uma pequena boca de bebê e um nariz afiado. Os grandes olhos baixaram enquanto ele tentava decifrar o que estava acontecendo na pequena carruagem, e seu corpo fraco tentou inutilmente me tirar de cima. Meu traseiro começou a ficar muito quente, e percebi que nunca antes na minha vida havia sentado em cima de um rico respeitável. Gostei muito, com o andar atribulado da carruagem.
Até que ele mordeu minha mão.

Uivei, afastando a mão e dando-lhe um tapa com as costas da outra mão.

Ele gritou pedindo ajuda. O chefe foi muito rápido e enfiou o velho lenço vermelho na boca de Venning.

— Agora escute, Sir Herbert — disse ele, bem calmo. — Nós não estamos aqui para machucá-lo ou roubá-lo. Não fomos capazes de ter uma reunião com você e esta foi a nossa única maneira de vê-lo. Nós só queremos fazer algumas perguntas. Meu colega vai sair de cima de você e vamos tirar a mordaça, mas só se você não gritar. Quando chegarmos a Whitehall, vamos liberá-lo. Entendeu, Sir Herbert?

O oficial assentiu freneticamente.

Logo que eu saí de cima dele, o cavalheiro se levantou e espanou o pó de si mesmo. Sua cara pequena de coruja estava pálida. As mãos enluvadas tremiam.

— O que vocês querem? — perguntou, os olhos pulando do chefe para mim.

— Somos detetives particulares, senhor, investigando uma pessoa desaparecida — o chefe explicou. — Você conhece um jovem doceiro francês chamado Thierry Cousture, ou Terry? Ele costumava trabalhar no Barril do Bife.

— Vocês são os homens que estão tentando chantagear o coronel Longmire — disse Sir Herbert.

— Nós consultamos o seu colega, sim.

— Eu acho que estão jogando com as palavras. — Ele se mexeu no assento, tentando mover os joelhos de forma que não me tocassem. Percebendo o chapéu no chão, curvou-se para recolhê-lo, hesitando enquanto o fazia. — Eu não gosto desta situação, senhores. Não gosto em absoluto.

— Nem nós — concordou o chefe. — É bem errado.

— Então o que me dizem de termos essa discussão no meu escritório, cavalheiros? — Sua voz tremia enquanto falava. Ele ficou com falta de ar. — Seria muito mais confortável. Podemos tomar chá. Vou mandar vir um café da manhã.

— Você conhece Thierry Cousture? — o chefe perguntou de novo.

— Não, senhor. — Ele balançou a cabeça como se a vida dele dependesse disso. — Eu não o conheço. Minha vida não me coloca em contato com cozinheiros. — Ele levantou as mãos trêmulas e começou a empurrar as cortinas. Eu o impedi.

— Você conhece Stanley Cream? — continuou o chefe.

Houve uma pequena hesitação quando ele tocou o bigode.

— Stanley Cream?

— Sim, senhor. Você o conhece?

— Eu o conheço. Ele é dono do Barril do Bife e de uma boa porção de terra a sul do rio.

— Você já se encontrou com ele?

— Acredito que não.
— E quanto ao coronel Longmire?
— O que tem ele? — perguntou Sir Herbert.
— Ele é conhecido de Stanley Cream?
— Você sabe que sim.
— Por que o coronel foi até a sua casa noite passada?
O intendente tocou o bigode novamente. Ele pegou o chapéu do assento, as mãos em luvas finas e brancas, e o espanou mais uma vez. Ele alcançou as cortinas, mas se deteve, olhando para mim como se eu pudesse atacá-lo.
— Ele foi até a minha casa? — perguntou ele.
— Nós o seguimos — o chefe respondeu.
— Ele está preocupado com um escândalo. Ele veio me pedir aconselhamento.
— E que conselho você lhe deu, Sir Herbert?
— Que ele deveria tentar ajudá-los com o homem desaparecido.
O chefe sentou-se e cruzou os braços. Olhei através cortinas. Estávamos atravessando o Hyde Park.
— Conte-nos a respeito do assalto — disse o chefe.
Sir Herbert balançou a cabeça e franziu o cenho.
— Então vocês também sabem a respeito disso. Bem, não tenho como dizer quem me assaltou. Eu não quis envolver a polícia.
— O que eles roubaram?
— Alguns enfeites do escritório. Nada de mais.
— O quê, exatamente?
— Oh… — disse ele, hesitando, os olhos levantados para o teto. — Um relógio de mesa, um suporte de cachimbo, esse tipo de coisa.
O chefe respirou lentamente pelas narinas, lábios apertados, a cabeça inclinada, olhando nervoso para o riquinho de uma maneira amigável. Não dissemos nada. Sir Herbert olhou de relance do chefe para mim, os dedos coçando o braço. Os segundos se passando.
— Uma pequena aquarela — continuou por fim —, um pequeno tinteiro. Um globo, acho.
— Você acha? — questionou o chefe.
— Não, tenho certeza que pegaram o globo. Minha esposa assumiu o comando.
— Por que não deu queixa?
— Era tão pouca coisa, na verdade. Mas por que pergunta? O que isso tem a ver com o seu francês perdido?

— Estamos apenas fazendo perguntas — disse o chefe, estremecendo e esfregando os pés. — Seu assalto aconteceu na mesma época em que ele desapareceu, e sabemos que o sr. Cream está envolvido com alguns itens roubados. Pode ter uma conexão, senhor.

— O que aconteceu com o cozinheiro não tem a ver comigo.

— Por que você dispensou seu mordomo?

— Como sabem disso? — Sir Herbert perguntou, seu temperamento subindo.

— Somos detetives. Então, por quê?

— Isso é problema meu — declarou Sir Herbert, recuperando a confiança. — Agora, exijo que parem a carruagem e saiam. Eu respondi o suficiente. Pare a carruagem.

— Não — disse o chefe. — Você vai responder às nossas perguntas, senhor. Lembre-se de que temos informações a respeito do seu amigo coronel Longmire. Por que você dispensou o mordomo?

Sir Herbert suspirou.

— Eu acredito que ele ajudou os assaltantes.

— Por que não procurou a polícia?

— Ele esteve comigo por mais de vinte anos. Começou como valete. Só consigo pensar que se ressente de mim, embora eu sempre tenha sido bom para ele. Não sei por quê. Talvez tenha sido forçado a ajudá-los. Eu não queria vê-lo na prisão. Foi suficiente enviá-lo sem recomendações.

— Isso foi bem nobre da sua parte — falei.

Ele deu de ombros. Ficamos em silêncio por vários minutos enquanto o coche sacudiu por todo o parque. Por fim, o chefe falou:

— Diga-me, Sir Herbert, quantos regimentos receberam o novo fuzil de repetição Enfield até agora?

Venning piscou os olhos de xelim.

— Quantos regimentos? — repetiu o chefe quando não veio resposta nenhuma.

— Aonde você quer chegar? — indagou Sir Herbert. Os olhos estavam fixados no chefe; a pequena boca se abriu como se ele estivesse doente.

O chefe mexeu com o silêncio dele de novo, balançando a cabeça e erguendo as sobrancelhas. Venning olhou para mim, mas eu não disse nada.

— O que isso tem a ver com o caso? — perguntou por fim.

O chefe franziu os lábios carnudos como se estivesse prestes a beijar alguém, mas ainda assim não disse nada.

— Alguém mandou vocês me perguntarem isso? — demandou Sir Herbert. — É isso? Cream que mandou?

— Eu pensei que você não conhecesse o sr. Cream... — disse o chefe.
— Não brinque comigo! Cream mandou vocês?
O chefe sorriu e deu de ombros.
— Ele pode ter mandado.
— Tem alguma mensagem?
— Conte-nos a respeito dos fuzis, Sir Herbert.
— Isso é assunto secreto do governo. — O rosto de Venning começou a ficar rosa. Ele juntou as mãos no colo.
— Conte-nos a parte que não é assunto do governo, meu amigo.
— Não tem nada — gaguejou Sir Herbert. — Não entendi o que você quer dizer.
— Mas nós já sabemos.
— Sabem? O que é que sabem?
— Mais do que deveríamos saber — o chefe sussurrou com uma piscadela.
Sir Herbert olhou para mim por um momento. Ele balançou a cabeça.
— Vocês não sabem nada — declarou. — Estão me provocando. Digam-me o que sabem... ou o que pensam que sabem.
— Seria bem estúpido da nossa parte — disse o chefe.
— Vocês não sabem nada. Não há nada a saber.
— É mesmo?
O coche parou.
— Piccadilly! — gritou Sidney do lado de fora.
— Ah! É aqui que nós o deixamos, senhor — disse o chefe, abrindo a porta.
— Eu não entendo! — resmungou Sir Herbert. — Vocês são investigadores particulares ou estão com Cream?
— Bom dia, senhor — respondeu o chefe, afastando-se pelos degraus.
— É isso? — perguntou Sir Herbert, alarmado.
Esperei até que o chefe tivesse saído, esbaforido e grunhindo, até o pavimento antes de descer.
— Bom dia, senhor — também falei. — Desculpe por ter me sentado em você.
Sir Herbert se inclinou para fora da carruagem.
— Mas quem são vocês? Têm uma mensagem para mim?
— Terminamos nossos assuntos por hoje — respondeu o chefe.
— Você vai ter que ir andando a partir daqui, senhor — Sidney falou lá da condução. — Tenho que levar a carruagem de volta.
— Oh, minha nossa — disse Sir Herbert.

O homem bem alimentado desceu ao pavimento e olhou ao redor como se não soubesse onde estava.

Eu subi e sussurrei para Sidney:

— Tente ir e pegar com o cocheiro o endereço do último mordomo.

— Farei isso, Norman.

— Como estão as crianças?

— Tão bem quando poderiam estar, admito. Quer vir no domingo? Elas gostariam de vê-lo.

— É mais provável que eu tenha que trabalhar, amigo — respondi. — Mas irei em breve.

Sidney olhou de relance para o chefe e baixou a voz.

— Você já falou para ele?

Neguei com a cabeça.

— Quer que eu fale?

— Vou ficar bem.

Pulei para a rua enquanto Venning se aproximava.

Ele olhou para cima, para Sidney, e perguntou:

— Mas você poderá me pegar esta tarde, como disse, cocheiro? — Ele vestiu o chapéu. — Duas e meia?

— Eu estou com eles, senhor — respondeu Sidney. — Com os detetives.

— Oh, diabos! — exclamou Sir Herbert.

À medida que caminhamos em direção à Leicester Square no ar frio da manhã, o chefe começou a rir.

— O homem é um tremendo idiota. Deus sabe em que problemas ele se meteu.

Capítulo Vinte e Seis

O cocheiro de Sir Herbert não tinha o endereço do mordomo dispensado, mas contou a Sidney que a sobrinha do homem ainda trabalhava na casa como lavadeira. Mandamos Neddy se esconder nas moitas perto da área da lavanderia naquela tarde, e, quando ela apareceu para pendurar as roupas, ele lhe disse que tinha uma mensagem urgente para o tio sobre o dinheiro que lhe era devido. Ele estava de volta com o endereço dentro de três horas.

George Gullen vivia próximo de Earl's Court. A rua começava de forma bastante respeitável, mas, quanto mais se caminhava, mais escura e mais arruinada ficava até chegar ao fim, onde havia um horrível cortiço ainda pior do que o lugar que Ettie estava salvando. Um grupo de crianças sujas em trapos se aproximou de nós enquanto tentávamos localizar o endereço, nos rodeando, pedindo dinheiro. Enfiamos as mãos nos bolsos para nos protegermos de batedores de carteira e nos esgueiramos através delas. Mendigos dormiam na sujeira nos cantos; mulheres idosas sem dentes, trapos envoltos na cabeça, sentadas em banquinhos e olhando para nós.

O quarto do mordomo ficava no segundo andar de um bloco, sem porta da frente. Os corrimãos haviam sido arrancados da escada para servirem de lenha. Era um dia quente, e as moscas pululavam em uma pilha de conchas e cascas no primeiro andar. Uma mulher abriu a porta. O cabelo caía em emaranhados sobre os ombros; ranho escorria de seu nariz até o lábio. Um bebê chorou no quarto atrás dela.

— Estamos procurando George Gullen — falei. — A sobrinha dele nos falou que estaria aqui.

— Ele não está aqui — murmurou ela.

Uma criança gritou de dentro do quarto.

— Quieta, Mary! — a mulher gritou para os fundos.

— Ele vive aqui, não é?

— Quando não está no pub, sim.

— E que pub seria esse?

Um garoto pequeno sem sapatos passou por ela.

— Tem uma moeda, senhor? — ele me perguntou, estendendo a mão suja de fuligem.

— Não implore, Alfred — disse a mãe dele. — Eu já te falei antes.

O garoto fugiu escada abaixo.

— E certifique-se de trazer algo de volta para a hora do chá — gritou para ele. Ela cruzou os braços e se inclinou contra o batente da porta. — O que vocês querem com ele?

— Estamos tentando encontrar alguém que desapareceu — contei para ela. — Pensei que George poderia nos ajudar.

— Ele não estava envolvido.

— Nós sabemos. Estamos tentando descobrir quem fez.

Ela olhou para nós de forma infeliz.

— Vocês podem ajudá-lo a encontrar um trabalho? — perguntou ela.

— Nós só queremos fazer algumas perguntas.

— Ele vai estar no Crosskeys. Passando pelo pátio, em direção ao beco. E pode lhe dizer para não voltar a menos que tenha algum alimento para as crianças.

O pub era uma sala com um buraco na parede, para servir as coisas. O chão estava coberto de conchas e cinzas, grudento de cerveja. Uma mulher de cabelos grisalhos se inclinou pela portinhola, ouvindo os quatro homens que estavam sentados em um banco junto à porta. Dois galgos envelhecidos levantaram-se quando entramos e nos aproximamos, suas cabeças se curvaram.

— Algum de vocês é George Gullen? — perguntei.

— Sou eu — disse o homem no fim do banco. Ele tinha cabeça larga e rosto plano, e segurava uma caneca de cerveja na mão. Usava um lenço vermelho no pescoço, uma camisa de trabalhador braçal e um chapéu de feltro marrom. Parecia um trabalhador, mas a voz e os cabelos pretos bem arrumados o marcavam como diferente. — Quem são vocês?

— Detetives particulares — o chefe respondeu. — Tentando encontrar um homem desaparecido. Precisamos de alguma informação de você.

— Detetives? — perguntou um velho sentado próximo de Gullen. Ele não tinha dentes e o pescoço estava dobrado de forma que, para nos olhar, ele tinha que torcer a cabeça. — O que ele disse? São tiras, George?

— Detetives particulares — disse a mulher na portinhola. — Como Sherlock Holmes.

— É isso que vocês são? — perguntou Gullen, uma carranca amarga no rosto.
— O que vocês querem, cavalheiros? — a mulher perguntou.
Eu pedi canecas de cerveja porter para mim e para o chefe.
— O que está tomando, George? — perguntei.
— O mesmo — disse, terminando a que estava com ele. — E o mesmo para eles. — Ele gesticulou indicando os três outros homens no banco.
— Ei, calma aí — protestou o chefe, com a mão no bolso. — É com você que queremos falar.
— Talvez eu não queira falar com vocês.
Quando o chefe entregou o dinheiro e as bebidas foram distribuídas, Gullen nos levou para a mesa no canto.
— Sua esposa disse que não é pra você voltar pra casa sem comida para os filhos — contei a ele.
— Não são meus filhos. — Ele engoliu a bebida, derramando-a em sua grossa camisa. De perto, pude ver que já estava bêbado.
— Estivemos falando com Sir Herbert — disse eu. — Ele nos contou que você teve algo a ver com o roubo.
— Eu não tive nada a ver com isso! — rugiu, batendo o punho com força contra a mesa. — Vocês me ouviram? Não tive nada a ver! É por isso que estão aqui? Ele que mandou vocês virem atrás de mim?
— Não, amigo — respondi. — A verdade é que ele não quis falar conosco. Não estamos atrás de você. Nós só queremos saber o que aconteceu. Nós pensamos que pode estar conectado ao nosso caso.
A porta se abriu e o maior e mais esfarrapado homem que já vi entrou tropeçando. Os três homens à porta pegaram suas bebidas e as seguraram debaixo da mesa. O homem olhou ao redor do bar lentamente, então cambaleou na nossa direção. Gullen pegou a bebida e segurou-a no peito.
O cara pegou o copo do chefe e cuspiu nele.
— O que diabos está fazendo, homem? — balbuciou o chefe. Enquanto falava, o grandão se inclinou e cuspiu na minha bebida. Gullen riu.
— Nós não podemos mais beber essas daqui! — exclamou o chefe. — Compre outras para nós, senhor!
O homem se endireitou. A cabeça alcançava o teto baixo; ele tinha tido uma infecção que começava abaixo dos olhos e percorria o pescoço até os trapos cinza que usava no peito.
— Não tenho dinheiro — murmurou. Ele apontou para as cervejas. —Vão beber isso ou não?

— Claro que não! — gritou o chefe.

O homem pegou as duas bebidas e a levou para uma mesa na parte mais distante da sala.

— Eu devia ter avisado vocês a respeito de Cocko — disse Gullen. — Eu vou tomar outra, já que estão indo pegar.

O chefe me deu um xelim. Quando coloquei os próximos três copos na mesa, Gullen começou:

— Era por volta das três da manhã e todo mundo estava dormindo.

Ele falava lentamente, parando de tempos em tempos, com os olhos meio fechados, a cerveja segura no peito.

— Ouvi algo lá em cima e fui checar. Eles estavam no escritório. Três deles. Abriram todas as gavetas da escrivaninha. — Ele olhou para o chão, parecia pensar profundamente. — Eram quatro da manhã, ou três — declarou por fim.

— Você já falou isso — disse o chefe. Ele segurou a bebida perto da barriga, um olho em Cocko do outro lado do recinto.

— Certo. Um deles puxou uma faca quando me viu, disse para que mantivesse minha boca fechada ou iriam me amarrar. Eles me fizeram abrir a porta da frente, então saíram. Três deles. E foi isso mesmo. — Ele juntou as mãos. —Fugiram noite adentro.

— O que levaram?

— Eles tinham uma bolsa grande. Nada mais.

— Não levaram um globo? — o chefe perguntou.

— Eles não levaram objetos de valor. Nem mesmo entraram no salão. A patroa passou por tudo.

— O Sir Herbert reportou algo faltando?

Gullen engoliu a porter e arrotou. Seus olhos estavam vidrados. Ele enxugou o nariz na manga.

— Aqueles não são os meus filhos — disse ele. — Ela espera que eu os alimente.

— Sim, sim — concordou o chefe. — O Sir Herbert falou que algo estava faltando?

— Não falou, não, mas começou a beber naquela noite e ainda estava bebendo na tarde seguinte, quando me mandou embora. — Ele fez uma pausa, o rosto se torcendo em uma careta quando se lembrou. Quando voltou a falar, estava mais sóbrio, como se estivesse fazendo um pouco de encenação antes. — Eu nunca o tinha visto tão abalado. Ele estava tremendo, andando de um lado para o outro a noite toda. Nem me permitiu chamar a polícia. Eu sabia que tinham levado algo importante daquela mesa, mas, quando perguntei diretamente, ele gritou comigo.

— Por que ele pensou que você estava envolvido? — o chefe perguntou.

— Ele sabia que eu não estava envolvido.

— Ele disse para nós que você estava.

— Ele disse para todo mundo na casa que eu estava. Mas eu não estava envolvido.

— Então por que o dispensou?

— Porque eu os vi. Eu queria chamar a polícia. Agora, pega uma dose de gim — demandou Gullen. — Você está trazendo de volta memórias ruins. Ele me arruinou, aquele bastardo. Recusou-se a escrever uma carta de recomendação. Não trabalhei desde então. Ele me arruinou. Olhe onde estou morando! Olhe para este lugar fétido. Metade das pessoas aqui vive de roubos. A outra metade envia suas mulheres pras ruas.

Ele apertou a caneca com tanta força que seus nós dos dedos ficaram brancos.

— Se o vir em uma rua escura, eu o mato. Direto. Eu o servi lealmente por vinte anos.

O chefe me deu uma moeda.

— Eu não entendi por que ele o dispensou — eu disse quando trouxe o gim.

— Isso deu a ele uma desculpa para não procurar a polícia.

— Uma desculpa?

— Para a patroa, para os filhos, para o resto da casa. Ele disse que não iria à polícia para me poupar da prisão. Ele fez parecer que estava fazendo isso por gentileza.

— Talvez ele tenha pensado mesmo que foi você? — o chefe sugeriu.

— Eu estive com ele por vinte anos! — exclamou Gullen, os olhos em chamas. — Ele me conhecia. Sabia que eu não era disso. Não, fez isso como uma desculpa para não chamar a polícia, sim, e sabe por quê? Porque eu sabia quem um deles era.

Uma risada estridente veio de fora e a porta se abriu. Uma mulher em um vestido verde manchado e um gorro azul entrou correndo, perseguida por um homem em um par de calças surradas. O velho do banco gritou para eles e uma briga começou.

— Quem era ele? — perguntei quando a situação se acalmou um pouco.

— Eu o reconheci dos canais. Ele está sempre no Frying Pan. Bill é o único nome que conheço, barqueiro Bill. Um americano. Alto, barrigudo, com cachos grandes e ruivos. Está sempre lá.

— Ele o reconheceu?

Gullen engoliu metade da dose de gim e negou com a cabeça. Ele piscou e bateu no peito com o punho fechado.

— Eu sou apenas uma pessoa na multidão. Não há nada de especial sobre mim. Ele é barulhento, no entanto. Gasta dinheiro. Champanhe, mulheres. Impossível não o notar.

— E quanto aos outros? — perguntei.

— Eu não os reconheci. Um era careca, com uma barba preta. Altura mediana.

— Americano?

— Ele não falou nada. O outro era um tipo pequeno. Cabelo loiro. Faltava uma orelha.

— Mas por que Sir Herbert não os queria presos? — perguntou o chefe quando terminou a bebida.

— Tenho pensado nisso ao longo dos últimos meses — disse Gullen. — Eles devem ter tomado algo que ele não deveria ter. E não quer que descubram, é o que eu acho.

O sr. Arrowood se levantou.

— Você foi bem prestativo, sr. Gullen. Só mais uma pergunta. O que acha que eles pegaram do escritório?

Gullen negou com a cabeça.

— Não tenho a menor ideia. Nunca soube o que estava na mesa dele. Mas, olhe, você não poderia me emprestar um xelim para as crianças, poderia, senhor?

— Você vai gastar com gim — disse o chefe.

— Não vou, honestamente. Aquelas crianças precisam comer.

O chefe estava colocando a mão no bolso quando o detive.

— Vamos no armazém e trazemos algo para eles — falei. — Não tem necessidade de interromper seu dia.

Gullen ainda estava fazendo cara feia quando saímos.

Capítulo Vinte e Sete

À medida que caminhávamos de volta para Earl's Court, o chefe ficou em silêncio. Ele estava pensando, sua cabeça nodosa inclinou-se para cima, os dentes morderam o lábio inferior. Quando chegamos à rua principal, engarrafada como era com coletivos e carruagens, seu nariz pegou um cheiro de peixe frito no ar, e ele procurou a fonte como um cachorro que farejou uma raposa. Seu estômago roncou.

— O que você pensa a respeito de Gullen, Barnett? — ele quis saber, os olhos procurando da esquerda para a direita.

— Acho que acredito nele. A história coincide com a do lacaio.

— Você sabia, meu amigo, que os sinais de raiva são universais? Os mesmos sinais encontrados em um inglês são os mesmos nos índios cor de cobre na América do Sul.

— Não duvido disso, senhor.

— Assim diz o sr. Darwin. Gullen apresentou todos esses sinais quando disse que o Sir Herbert o acusou de fazer parte do assalto. Dilatou as narinas, arregalou os olhos e o rosto ficou vermelho. Sem sinais momentâneos de incerteza. Não posso acreditar que estava atuando, o que significa que Sir Herbert mentiu para nós.

Eu decidi que era hora de dizer algo que estava na minha mente nos últimos dias.

— E se isso não tiver nada a ver com o caso, senhor? Nós encontramos uma informação e a seguimos até a próxima informação, e daí para a próxima, mas cada uma pode estar nos levando para mais longe da trilha. Pode ser que os fenianos não tenham nada a ver com o desaparecimento de Thierry. Talvez a bala nunca fosse para ser entregue a nós. Talvez o problema de Venning seja familiar.

— Mas nós devemos ir atrás disso — disse ele, baixinho. — O que mais podemos fazer?

— Às vezes eu perco a dimensão do caso, só isso.

— Nosso caso é o assassinato de uma garota, Barnett. Temos que solucionar isso por ela. E temos que descobrir o que aconteceu com Thierry.

Um cavalo empinou-se na rua ao nosso lado, uma aparência selvagem nos olhos. Conforme empinou, levou consigo o carrinho de um vendedor de remédios, derrubando uma carga de pastilhas para tosse e unguentos no chão. Algumas crianças começaram a roubar os remédios enquanto o vendedor tentava afastá-las, gritando para o condutor que tinha causado o acidente.

— Você acha que Longmire mentiu a respeito da bala? — perguntei quando chegamos ao burburinho.

— Eu não sei. — O chefe acariciou o estômago, os olhos ainda estavam procurando pelo vendedor de peixe. — Mas está claro que ele mente facilmente. Se não seguirmos essas trilhas, o que podemos fazer? Teríamos que voltar para a estaca zero.

— Poderíamos encontrar os parceiros de bebida de Thierry. Ou podemos descobrir como Coyle conhece o assassino.

— Devíamos ter procurado os parceiros de bebida imediatamente, Barnett — ele disse, brusco. — Por que você não sugeriu isso antes?

— Por que *você* não sugeriu isso?

— Não há necessidade de ficarmos irritados. Essa será sua tarefa amanhã; preciso pensar a respeito de Coyle. Mas agora devemos falar com Sir Herbert de novo.

— Ele não vai aceitar nos ver depois de ter sido sequestrado.

— Uma vez que ele souber que falamos com Gullen, poderá mudar de ideia. Ah! Aí está! — Ele apontou para o estande onde o vendedor estava.

Nós levamos um pacote de peixe frito de volta às crianças e comemos o nosso próprio enquanto esperamos pelo coletivo de volta para Notting Hill. Era início da noite e o ônibus estava lotado: fomos obrigados a aguentar todo o caminho. Quando chegamos à casa de Venning, a noite estava caindo.

Ao sairmos do pavimento em direção aos amplos degraus, a porta da frente se abriu e o pajem saiu, empurrando-nos rudemente.

— Espere, garoto! — protestou o chefe.

O garoto o ignorou, ganhando a rua a toda velocidade, em direção à Notting Hill Gate.

A porta ficou escancarada.

O chefe me apressou e nós subimos os degraus em silêncio. Não havia som lá dentro.

— Vamos ver se conseguimos encontrá-lo — sussurrou.

Esperamos por um momento no corredor principal. A casa estava equipada com eletricidade, as luzes tão brilhantes quanto os anúncios na praça Piccadilly Circus. Uma escada subiu ante nós para um balcão; acima de nossas cabeças havia um candelabro de cristal brilhante. Retratos escuros de grã-finos pendiam nas paredes, e coisas coloridas da China estavam em alcovas e em pedestais. Havia alguma comoção no andar de cima: passos apressados e conversas atrás das portas. Nenhum som veio do salão.

À direita, a porta para o escritório estava entreaberta. O chefe a abriu com cuidado e deu um passo para dentro. Eu o segui, fechando a porta atrás de nós.

Sir Herbert estava caído sobre a mesa, sua cabeça torcida para o lado, virada para a lareira. Em sua têmpora esquerda estava um buraco vermelho e espesso. O sangue escarlate escorria pela testa, passando pelos grandes olhos de coruja até a mesa, onde era absorvido em uma piscina irregular pelo mata-borrão. A boca estava aberta, a língua dependurada. Uma pistola estava ao lado de sua mão.

O ruído dos passos veio da escada. Ouvimos a voz de uma mulher, baixa e constante. Então um homem, o mordomo:

— Eu vou sentar com ele até chegar a polícia, madame. Acho que a incomodaria vê-lo. Está… desordenado.

— Obrigada, Carstairs. — A senhora que falou estava calma. Não havia vestígios de tristeza na voz. — Você mandou o garoto?

— Sim, madame.

A porta se abriu e o mordomo entrou. Quando ele nos viu, jogou as mãos para cima.

— Quem são vocês?

— Estamos aqui para ver Sir Herbert — o chefe respondeu, rápido. — O que aconteceu aqui?

A expressão do mordomo mudou. Ele voltou pela porta.

— Socorro! — gritou.

— Não, não — disse o sr. Arrowood calmamente, um sorriso no rosto. — Você entendeu errado, acabamos de chegar.

— Socorro! Socorro!

Os gritos dele atraiu outras pessoas.

— O que é isso? — gritou um homem.

— Aqui dentro! — gritou o mordomo.

A porta abriu-se e lá estava o lacaio, o mesmo com quem eu tinha tomado uma bebida. Então outro homem, uma empregada doméstica e, finalmente, a própria

senhora da casa. Fiquei preocupado que o lacaio dissesse que eu estive fazendo perguntas, mas ele manteve a boca fechada. Fiquei grato por isso.

— Nós os pegamos — declarou a senhora. — Peguem-nos!

— Não, não — protestou o chefe. — Chegamos agora mesmo. Isto não tem nada a ver conosco.

— Oh, minha nossa — disse a senhora, seus olhos tinham caído no corpo do marido. — Pobre Herbert.

— Sinto muito pela sua perda, madame — disse o chefe —, mas nós somos bem inocentes. Quando seu pajem voltar, poderá confirmar que estávamos chegando quando ele saía para buscar a polícia.

Aproveitei a oportunidade para me sentar no sofá enquanto ele explicava.

— Bem, veremos o que a polícia terá a dizer sobre isso — a senhora falou quando ele terminou. — Vocês vão ficar aqui até chegarem. Meus homens evitarão que vocês saiam.

Com isso, ela deixou a sala.

• • •

O pajem voltou logo com um policial. O menino confirmou que estávamos vindo da rua quando saiu — só então a suspeita deixou os olhos dos criados que estavam reunidos na sala.

O policial, um animado galês cuja barriga ultrapassava o casaco do uniforme, disse para que ficássemos calmos enquanto examinava o cadáver. Então, escrevendo suas observações em um caderno, olhou atentamente ao redor da sala, no tapete e nas prateleiras, na estátua grande do atleta nu com seus soldados em exibição, no globo que estava ao lado da janela. Ele perguntou a cada servo, por sua vez, onde estavam e o que tinham visto. Nenhum deles tinha visto nada.

O chefe se juntou a mim no sofá enquanto isso estava acontecendo. Em breve, houve mais passos no corredor, e Petleigh entrou com Bentham, o cirurgião da polícia.

Quando nos viu, Petleigh simplesmente balançou a cabeça. O chefe se levantou e abriu a boca para falar, mas o inspetor não lhe deu chance:

— Sente-se! Vou falar com você mais tarde.

Ele pegou os detalhes com o policial, então observou o cirurgião examinar o cadáver.

— A morte é claramente pelo buraco de bala — disse cirurgião. — Bem recente.

— Você encontrou algum bilhete? — Petleigh perguntou ao policial.

— Não, senhor. Eu dei uma boa olhada.

Petleigh se voltou para o mordomo.

— Quando você ouviu o tiro?

— Mais ou menos às oito e meia, senhor.

— Quando foi a última vez que o viu?

— Por volta das cinco, senhor. Ele me disse que não devia ser perturbado. Os criados estavam lá embaixo até ouvir o tiro. A senhora estava no quarto dela.

— Algum filho?

— Dois, senhor — respondeu o mordomo. — Adultos. Um está na Índia. O outro no exército.

— Ele parecia perturbado?

— Um telegrama chegou esta tarde para ele. Depois disso, não saiu do escritório.

— Ele recebeu alguma visita? — perguntou Petleigh.

— Nenhuma que eu saiba, senhor.

— Onde você esteve durante toda a tarde?

— Na copa do mordomo. Eu teria ouvido a campainha se alguém tivesse entrado, senhor. Todas as campainhas da casa tocam ali.

Petleigh suspirou e caminhou lentamente pela sala, com as mãos nos bolsos das calças.

— Houve alguma mudança nele recentemente?

— Sou novo aqui — respondeu o mordomo —, mas dizem que está agindo estranho nos últimos meses.

— Estranho em que sentido?

— Tem estado estressado. Ele tem brigado com a patroa. Gritado com os serviçais.

— Depressão?

— Ele tem bebido — disse a governanta. — Vamos ser claros. Ele tem bebido constantemente desde o roubo.

— O roubo? — perguntou Petleigh.

— Cerca de dois meses atrás— respondeu a governanta. — Aconteceu um roubo.

O inspetor pensou por um momento.

— Entendi. Agora, preciso que todos vocês saiam da sala. Você pode falar para sua patroa que vou conversar com ela em breve no salão, talvez um pouco de chá seja uma boa ideia.

Os serviçais nos deixaram sozinhos no aposento.

— O que diabos vocês estão fazendo? — perguntou Petleigh quando a porta foi fechada. — Em todo lugar que há um cadáver, descubro que vocês estiveram junto!

— Nós precisávamos fazer algumas perguntas para ele, Petleigh — respondeu o chefe. — Chegamos assim que o menino foi enviado para chamar a polícia.

— Que perguntas? O que vocês sabem sobre Sir Herbert?

— Ele estava preocupado com algo que foi roubado no assalto — disse o chefe. — Nós não sabemos o que era, mas ele não queria a polícia envolvida. Seu último mordomo, um colega chamado George Gullen, viu os assaltantes. No entanto, em vez de ir à polícia, Venning demitiu o mordomo. Ele devia estar preocupado com algo.

— Preocupado o bastante para tirar a própria vida?

— Talvez — respondeu o chefe. — Mas ele não tirou a própria vida, Petleigh.

O cirurgião parou de desenhar a posição do corpo em seu livro e olhou para cima.

— Ele foi assassinado — continuou o chefe.

— Assassinado!? — exclamou Petleigh. — Por que diz isso?

O chefe levantou-se e foi até o cadáver. A pistola estava perto da mão esquerda. A ferida estava no lado esquerdo da cabeça. Ele levantou o braço esquerdo de Sir Herbert e mostrou a mão dele. O polegar estava bastante normal, mas onde os dedos deveriam existir havia apenas botões de pele brilhante. Parecia que ele tinha nascido com aquela deformidade.

— Minha nossa — falei.

— Você não tinha notado, Barnett? — o chefe perguntou.

Neguei com a cabeça.

— Ele estava usando luvas mais cedo.

— Nem eu — disse Petleigh, embora fosse claro que o incomodava dizer isso. Ele franziu o cenho. — Não sei por que eu deixei passar isso.

— Eu não quis mencionar enquanto os outros estavam no recinto — disse o chefe.

Petleigh olhou para o cadáver por vários minutos, depois sentou-se na poltrona, acendeu um charuto e cruzou as pernas.

— Conte-me tudo — pediu. — E não deixe nada de fora.

Capítulo Vinte e Oito

Quando terminamos, Petleigh se levantou e começou a caminhar diante da lareira.

— Será que o mordomo Gullen poderia ter chegado aqui antes de vocês? — indagou ele.

— É possível — respondeu o chefe. — Nós paramos para comer no caminho. Mas lembre-se do telegrama, Petleigh. Sir Herbert recebeu um telegrama logo antes de se fechar no escritório. Não poderia ter sido Gullen.

O inspetor concordou com a cabeça.

— Ainda deve estar por aqui — disse ele.

Vasculhamos os bolsos de Sir Herbert e as gavetas na escrivaninha; checamos as estantes, o espaço da lareira, o chão. O telegrama não estava em parte alguma.

— Mas deve estar aqui — afirmou Petleigh.

— A menos que o assassino o tenha removido — sugeriu o chefe.

— Eis uma possibilidade. A carta anunciou um visitante. Sir Herbert estava ansioso para ver o visitante.

O chefe deu um passo para o outro lado da mesa e olhou pela longa janela no canto da sala.

— Você confirma, Barnett, que ninguém tocou na janela desde que chegamos?

Eu assenti.

— Notou que as persianas estão baixadas em cada janela, exceto nesta? Esta janela dá uma vista da porta da frente e da rua. Agora, por que Sir Herbert abriu as persianas desta janela? Talvez porque estivesse observando para ver se o visitante ia aparecer. Dessa forma, ele poderia chegar à porta da frente antes que a campainha fosse tocada.

— Então, os criados não saberiam que alguém havia chegado — disse Petleigh.

— Exatamente. É possível que o próprio Sir Herbert tenha deixado o assassino entrar.

— Ele deixou entrar o assassino — disse Petleigh, como se tivesse pensado nisso sozinho —, que atirou nele e depois removeu o telegrama. Sim, sim. Pode ter sido assim que aconteceu. Alguma ideia de quem era, Arrowood?

— Meu palpite, inspetor, é que ele foi morto para impedir de contar quem assaltou a casa dele naquela noite.

— Sim — concordou Petleigh, pegando o chapéu da mesa. — Bem possível, embora Gullen permaneça sendo meu primeiro suspeito. Acho que vamos trazê-lo esta noite, e amanhã vou fazer uma visita ao coronel Longmire. Ver o que ele sabe. Mas, escutem, quero que vocês deixem isso conosco. Estou falando sério. Sir Herbert é um homem importante. Vocês não podem intrometer-se nesta investigação.

— Nós vamos tentar encontrar o irmão da srta. Cousture — disse Arrowood. — Não temos escolha. É o que fomos pagos para fazer.

— Então se atenham isso. Mas este é um caso de homicídio da polícia. Entenderam?

O chefe grunhiu.

— Agora, William — continuou Petleigh, com o tom mais ameno. Ele coçou o pulso; parecia subitamente incerto. — Como está sua irmã?

— Minha irmã? — retorquiu o chefe, a surpresa clara em sua voz.

— Falei com ela quando vocês estavam fora outro dia. — Petleigh hesitou, olhando de relance para mim. Mesmo no quarto escuro, pude ver suas pálidas bochechas corarem. — Ela mora lá com você?

— Por enquanto. Até o próximo destino dela.

— Ela não é casada, então? — O inspetor mudou o peso de um pé para o outro enquanto apertava o chapéu com força contra a barriga. Sua elegância tinha sumido: de repente, o bonito terno preto não parecia lhe cair tão bem.

— Não — negou o chefe, hesitante. Conforme examinou Petleigh, um sorriso veio lentamente ao seu rosto. — Eu me pergunto… talvez você possa vir almoçar algum dia, inspetor?

— Isso seria muito agradável, William. Se for aceitável para Ettie, é claro.

— Esplêndido. Eu vou consultá-la a respeito de datas. Tenho certeza de que ela ficará feliz em vê-lo. Agora, Barnett, vamos embora. Temos coisas a fazer. — O sr. Arrowood se levantou e caminhou até a porta. — Oh! — exclamou ele, como se lembrasse de algo importante. Ele voltou a se dirigir a Petleigh. — Eu quero lhe fazer uma pergunta: conhece dois detetives do DIC, Lafferty e Coyle? Ambos irlandeses.

— Já ouvi falar.

— Eles nos levaram para a Scotland Yard na sexta-feira para sermos interrogados. Parece que o oficial morto era agente deles. Temo dizer que nos brutalizaram, Petleigh. Fiquei preso a noite toda, sem nada para comer. Barnett apanhou com um cassetete. Muito violentamente. Coyle quase quebrou o braço dele.

— Os métodos deles são diferentes dos nossos — disse Petleigh.

— Quem diabos são eles? Nem sequer nos disseram em que caso estavam trabalhando.

— Não, sequer fariam isso.

— E por quê?

— Não são agentes da DIC, William. Eles são REI.

O chefe fez uma cara de intrigado.

— Ramo Especial Irlandês — disse o inspetor.

— Eu sei o que é, Petleigh, obrigado. Eu cobri os ataques fenianos por dez anos, se você se recorda. Porém, pensei que tinham sido debandados quando os ataques com bombas cessaram...

— É isso que o Departamento de Segurança quer que as pessoas pensem. Eles operam nas sombras. Nada nos registros. Além do vice-comissário e alguns detetives como Lafferty e Coyle, não é oficial. Eles têm uma rede de agentes secretos, todos desconhecidos da DIC e da polícia. A maioria é criminosa, ex-membros do Clã de Gael, gente rancorosa: basicamente qualquer um que possa fazer o trabalho.

— Possa fazer o trabalho? — repeti, olhando de relance para o corpo sem vida de Sir Herbert.

— Vigia, levantamento de informações e infiltração — respondeu Petleigh. — Alguns são agentes provocadores. Nenhum passa pelos registros. Eles têm um fundo de serviço secreto. Mas você deve saber que eles sempre trabalharam fora da lei, William.

— Isso explicaria o porquê de ficarem felizes em bater em Barnett — disse o chefe.

— Receio que sim.

— Eles tentaram me recrutar — contei.

— Você não tinha me falado isso — o chefe disse, franzindo o cenho. — O que você respondeu?

— Não respondi. Pensei que poderia ser útil de alguma forma.

— Muito bem — elogiou o chefe. Ele se virou para Petleigh. — Você vai falar com Lafferty a respeito do assassinato de Sir Herbert, suponho.

— Sim, mas duvido que me falarão qualquer coisa de volta. O REI nunca compartilha informações com a polícia. Eles pensam que vamos arruinar seus casos. Isso causa muitos problemas para a Scotland Yard.

— Tem algo mais que você deveria saber, inspetor — disse o chefe.

— Oh, não — disse Petleigh, a autoconfiança agora recuperada. — O que vocês fizeram agora?

— Barnett viu Coyle em um café, com o homem que assassinou nossa Martha.

Foram vários momentos antes que o inspetor respondesse.

— Tem certeza?

— Eu os vi — respondi. — E estavam sendo amigáveis um com o outro.

Petleigh assentiu por bastante tempo, seus olhos vagos. Uma carruagem marcou a pesada quietude da sala.

— Não são boas notícias, cavalheiros — ele disse por fim.

• • •

Eram nove horas quando o nosso coletivo cruzou o rio novamente aquela noite. Estávamos sentados muito perto um do outro em um assento duplo no andar inferior, minhas pernas para fora no corredor em função da largura da parte traseira do chefe. Todo o outro assento estava tomado.

— Por que você convidou Petleigh para almoçar? — perguntei. — Pensei que não gostasse dele.

— Talvez eu o tenha julgado de forma muito dura.

— Não parece provável que altere sua opinião tão fácil.

Ele suspirou e se moveu em seu assento, empurrando-me um pouco mais para o corredor.

O coletivo parou e mais passageiros subiram.

— Estamos encrencados, Norman — disse ele quando começamos a nos mover de novo. — Nós vamos precisar de um aliado na polícia.

— Petleigh não é tão ruim. Você que nunca conseguiu ver isso.

Ele bufou.

O chefe decidiu que deveríamos começar a perguntar por Thierry em pubs e casas de gim próximos do Bife naquela mesma noite. Era algo que devíamos ter feito desde o início, e teríamos feito se não tivéssemos sido levados pelo assassinato de Martha. Partimos de St. George's Circus, cada um lembrando o outro para ter cuidado e prestar atenção para ver se alguém o seguia. Provavelmente deveríamos ter ficado juntos: sabíamos que havia pessoas lá que podiam nos fazer o que tinham

feito ao tira. Mas nós tínhamos terreno demais para cobrir e achávamos que o tempo estava acabando: não poderia demorar muito para que Cream ou os fenianos descobrissem que estávamos por aí fazendo perguntas.

Eu fiquei com o pedaço entre as ruas Blackfriars Road e Waterloo Road. O chefe, cujos pés o estavam incomodando novamente em seus sapatos apertados, pegou uma área menor entre Waterloo Road e Westminster Bridge Road. Eu tomei uma dose rápida de cerveja e um pouco de torta de carne de carneiro no primeiro pub a que fui: não se lembravam de nenhum jovem francês. Foi a mesma resposta nos próximos cinco lugares. Tomei outra cerveja e, à medida que meu braço começou a doer, tomei outra dose do remédio de ópio. Logo me senti mais aceitável. Ninguém se lembrou de um garoto francês que gostava de uma bebida em New Cut, nem em Cornwall Road, nem mesmo no bares violentos e fedidos de Broad Wall. Finalmente, cheguei à Commercial Road, a última rua antes do rio, e aos pubs que serviam os cais e armazéns. Estava cansado. Mais seis pubs e eu terminei. Ninguém se lembrou de Thierry Cousture.

Capítulo Vinte e Nove

Eu cheguei à Coin Street na manhã seguinte e encontrei uma grande multidão reunida. A polícia colocou barreiras para impedir a passagem das carruagens, enquanto dois caminhões de bombeiros estavam a meio caminho da via. Enquanto eu pressionava para passar pelas pessoas curiosas, o cheiro de madeira ardente se fortaleceu, até que finalmente vi a fumaça subir do telhado da loja de pudim. Bombeiros corriam para dentro e para fora do prédio, enquanto outros bombeavam água. Uma mangueira desapareceu no beco lateral, outra foi conduzida pela porta da frente. As janelas estavam queimadas; dentro, tudo era preto.

Eu lutei para passar pela multidão até o outro lado da rua, no café onde estavam o chefe e Ettie. Ele comia uma grande fatia de pão com queijo, o rosto sujo com fuligem, os cabelos saindo para os lados. Ettie estava sentada em silêncio e pálida, tremendo. Cada um deles tinha um cobertor nos ombros.

— Norman! — exclamou Ettie. Ela pegou minha mão e a apertou, agarrando-se a mim. — Foi terrível. Eles tiveram que nos tirar pela janela!

Ainda segurando minha mão, ela começou a tossir.

— Fumaça — disse o chefe, de boca cheia. Ele também deixou escapar uma tosse forte.

— O que aconteceu?

— Nos demos conta quando os bombeiros quebraram nossa janela e nos acordaram — ele disse, chiando. — Eles nos tiraram com uma escada. Salvaram nossas vidas.

— Eles o carregaram para fora?

— Nós estávamos quase desacordados por causa da fumaça, Norman. — Aqui ele começou a tossir de novo. Ele me ofereceu o café da manhã enquanto tentava se controlar.

— Mas como começou?

— Os bombeiros encontraram latas de parafina — respondeu Ettie, finalmente soltando minha mão. — Quem quer que tenha sido, entrou por uma janela da loja.

Ela prendeu meu olhar, e foi nesse momento que eu tive uma mudança na minha percepção dela. Parecia extraordinariamente graciosa sentada ali no banquinho, com fuligem no rosto e talvez um pouco vulnerável. A mulher que havia entrado pela porta com a caixa de tuba parecia uma pessoa diferente.

O chefe tinha parado de tossir; ele pegou o pão e o queijo de volta.

— Quem você acha que foi? — perguntei.

O chefe tocou os lábios com um dedo em riste para me silenciar.

— Vamos entrar por um momento, Barnett — murmurou ele.

— Oh, minha nossa! — exclamou Ettie. Ela apertou o peito e sufocou uma tosse. — Você poderia parar de tentar me proteger? No Afeganistão, vi coisas mais terríveis do que poderia imaginar, William, e agora eu quase fui morta. Acho que tenho o direito de me envolver.

O chefe olhou-a com tristeza nos olhos. Ele assentiu.

— Parece que as pessoas que estamos rastreando descobriram onde moro, Ettie. Não é mais seguro para nós aqui.

— Mas quem são eles? — perguntou Ettie.

— Capangas de Cream, os fenianos, Longmire — o chefe replicou com um suspiro. — Pode chutar.

— Oh, meu Deus — disse ela. — Eles querem nos matar.

— Eles não vão nos matar, Ettie — disse Arrowood. — Não vamos deixar. De todo jeito, teremos que encontrar alojamentos até que aqui seja reparado. Eles não saberão aonde nós fomos.

Uma horda de crianças da rua apareceu em meio à multidão e passou nos empurrando até alcançar o outro lado do pavimento.

— Temos seguro? — perguntou Ettie quando elas chegaram.

Arrowood mordeu o lábio e olhou para cima.

— Agora, Ettie, não fique brava, mas temo que não tive os meios para pagá-lo no ano passado. Não tínhamos muito trabalho na época.

— Oh, William! — exclamou Ettie, puxando o cobertor mais forte em cima dos ombros. — Que coisa tola.

— Eu não tinha dinheiro, Ettie.

— Bem, eu posso pagar os empreiteiros. Tenho algumas poucas economias.

— Você tem economias? — o chefe perguntou, surpreso. — Você não me disse isso antes.

— Eu já disse que vou pagar — ela falou bruscamente.

O chefe virou-se e bateu na janela do café.

— Albert! Venha aqui.

Albert apareceu. Ele parecia triste e cansado.

— Onde você mora, Albert?

— Mint Street. Perto do reformatório.

— Você pode receber minha irmã e eu por algumas semanas? Quantos quartos você tem?

— Apenas dois para nós quatro, sr. Arrowood. Já estamos apertados como está.

— Bem, seus filhos podem dormir com você e a sra. Pudding. Ficamos com o outro.

Albert parecia indeciso. Ele não gostava de tomar tais decisões sozinho.

— Pagaremos metade do aluguel enquanto estivermos lá — continuou o chefe.

Albert mudou o peso de um pé para o outro e coçou a cabeça.

— Bem — ele disse devagar —, acho que sim. Mas apenas temporariamente. Só enquanto que os empreiteiros estiverem aí.

— Obrigada, Albert — disse Ettie.

— Na verdade, metade do aluguel não seria justo — disse o chefe. — Você são em quatro e nós somos em dois, então teremos de pagar um terço do aluguel. Concorda?

Albert hesitou, seu rosto se retorceu enquanto ele tentava calcular.

— Bom — disse o chefe antes de ele ter a chance de responder —, estamos combinados. Diga à sra. Pudding.

Porém a sra. Pudding tinha ouvido e estava parada na porta do café.

— Vocês não podem ficar, sr. Arrowood — ela disse com firmeza. — Minha irmã e os três filhos estão vindo amanhã. Não há espaço para outros dois.

— Vocês não podem ficar, sr. Arrowood — repetiu Albert. — Não temos espaço.

— Muito bem — respondeu o chefe, dando um longo suspiro —, Lewis vai nos receber.

— Ele tem espaço? — perguntou Ettie.

— Ele tem uma casa no sul de Londres, em Elephant and Castle.

— Uma casa? — exclamei. — Como pode ter uma casa? Ele compra mais do que vende naquela loja.

— O pai dele era ourives — explicou o chefe. — Ele recebeu a casa de herança

— E por que Lewis não é ourives? — perguntei. — Por que está tentando ganhar a vida com aquela loja velha?

O chefe puxou o cobertor dos ombros e jogou no colo de Ettie.

— Ele foi treinado pelo pai, mas diz que não tem a precisão, mesmo quando usava os dois braços. E Lewis sempre amou armas. De jovem, ele só se interessava por armas.

Bem então, uma figura que conhecíamos muito bem surgiu na multidão. Ele usava um chapéu-coco marrom, uma calça xadrez e um casaco azul. Em sua mão, uma bengala de cerejeira. O chefe agarrou meu braço.

— Então nos encontramos de novo, cavalheiros — disse o homem.

Era Stanley Cream. Ele sorriu, revelando os dentes mais brancos e mais regulares de Londres. O rosto dele era bem barbeado; ele cheirava a perfume. Botas apareceu por trás dele. Seus olhos fixos no meu, um sorriso malicioso no rosto feio, fazendo o melhor que podia para me lembrar do quanto ele me batera quando nos encontramos na última vez quatro anos antes. Ele só me derrotou naquela ocasião porque eu tinha escorregado em cerveja, mas provavelmente ele não se lembrava disso. Eu o encarei, arrepiado, meu medo superado pela vontade de esmagar aquele rosto feio.

— Você vai pagar por isso, Cream — disse o chefe, seus nervos piorando os sibilos. Ele tossiu, segurando um lenço perto da boca.

— Na verdade, eu acho que é você quem tem que pagar, sr. Arrowood — respondeu Cream com um risinho. Ele não era um desses com um falso sotaque refinado: o dele era real. Como acabou em sua linha de trabalho, eu nunca entendi. — Temo que parece haver bastante trabalho de reparação para sua casa. Devo dizer que você é uma visão lamentável com tanta sujeira no rosto. É sua esposa?

— Sou a irmã dele — respondeu Ettie.

— Oh, minha nossa, madame — disse Cream, a voz pingando de falsa preocupação. — Você poderia ter sido morta.

— Foi você quem fez isso? — ela perguntou, levantando-se para confrontá-lo.

— Você também é detetive, madame?

— Enfermeira.

— Admirável. Muito admirável. — Ele olhou para mim, o sorriso preguiçoso desaparecendo. A voz tornou-se dura como aço. — Eu disse para vocês nunca mais se aproximarem de mim. Fui muito claro a esse respeito, sr. Barnett. Os dois estão incomodando meus conhecidos. Então, ouçam com atenção. Desistam. Sumam ou seremos forçados a fazer algo muito desagradável. Muito, muito desagradável. Entenderam? Ou devo pedir para o Botas aqui traduzir para vocês?

— Estamos procurando por Thierry Cousture — afirmei. — Ele costumava a trabalhar na sua cozinha. Você sabe onde ele está?

Cream negou com a cabeça.

— O jovem Terry desapareceu algumas semanas atrás, sem aviso. Ele nos deixou na mão. Fiquei muito bravo com isso. — Cream bateu a bengala contra a bota. — Muito bravo. Eu mesmo gostaria de encontrá-lo.

— O que ele estava fazendo para você? — perguntei.

Ele resmungou e se virou para Arrowood.

— Se encontrá-lo, eu quero saber. É importante que eu fale com ele, sabe. Mas não chegue perto de meus conhecidos novamente. Você tem sorte de estar vivo, sr. Arrowood. Não terá sorte na próxima vez. Eu garanto.

Cream levantou a bengala e cutucou o chefe na barriga. Então, eles se voltaram para a multidão e se foram.

— Cheque se há mais algum deles — disse o chefe, ofegante. Ettie começou a tossir de novo, os olhos procurando ansiosamente na mistura de espectadores. Eu rastreei a parte de trás da multidão, verificando os rostos, conferindo se não havia mais dos homens de Cream esperando para nos pegar. Do outro lado da rua, encontrei Neddy.

— O sr. Arrowood está a salvo? — perguntou ele. Parecia assustado. Ele usava um boné masculino em sua pequena cabeça suja; a ponta estava meio arruinada e caía sobre um dos olhos.

— Ambos estão bem, Neddy. Como está sua boca?

Ele sorriu para mim, revelando a lacuna escura nos dentes da frente.

— Me faz ficar mais bonito, não é, senhor?

Eu ri, embora na verdade estivesse fingindo. Ver Cream tinha me irritado.

— O que sua mãe está aprontando agora, garoto?

— Tendo um dos seus dias ruins, eu diria. Tenho que ganhar dinheiro para ela.

— Acho que o sr. Arrowood vai precisar da sua ajuda hoje.

Eu levei o menino de volta ao café, onde o chefe estava sentado no banco outra vez.

— Sinto muito por tudo, senhor — disse Neddy.

O chefe sorriu e deu um tapinha na cabeça do garoto.

— Você está vendendo os bolinhos hoje, meu querido?

— Só às quatro da tarde. Posso ajudá-lo antes, senhor.

— Vamos precisar que carregue peso. Vai conseguir com esses sapatões aí? Por que não amarra os cadarços?

Neddy se abaixou para amarrar os sapatos desiguais de tamanho adulto que estava usando.

— Quando os bombeiros nos permitirem voltar, vamos fazer algumas malas e nos mudar para novos aposentos — disse o chefe. — Mas primeiro, diga-me como

você está se sentindo após a sua aventura, rapaz. Sabe que essas coisas podem afetar nossas mentes mais do que nossos corpos? Como você está dormindo? Algum pesadelo?

— Não que eu me lembre, senhor. Acho que não.

— Muito bem. E quanto à depressão?

— Eu sou o mesmo que antes. Não precisa se preocupar comigo.

— Algum terror?

O garoto negou com a cabeça.

— Bom, muito bom. Você é um soldado, meu garoto. Um bom soldadinho. E um exército deve cuidar de seus soldados. — Usando meu braço, ele se pôs de pé. Ele se virou para nós. — Agora, vou providenciar tudo com Lewis. Ettie, você fica aqui com Neddy. Arrume algumas malas quando deixarem você entrar, mas certifique-se de que haja um policial com você. Temos que ter cuidado agora. Fique atenta a quem estiver olhando.

— Não se preocupe comigo, irmão. Eu posso cuidar de mim mesma.

— Certifique-se de pegar o meu retrato. Eu vou voltar hoje ainda.

— Vou ficar alerta, senhor — afirmou Neddy.

— Bom rapaz. Lembre-se, não conte a ninguém a respeito da nossa nova localização. Barnett, você também pode continuar com os pubs. Mas tenha cuidado. Cuidado com qualquer pessoa que esteja à sua volta. Eles podem te pegar quando estiver sozinho.

— Como está seu braço, Norman? — perguntou Ettie.

— Muito melhor, desde que não seja empurrado.

Ela sorriu, os vincos no rosto escurecidos com fuligem. Baixei meus olhos: sua preocupação me deixou triste de alguma forma.

— Bem, tome cuidado — disse ela.

— Encontre-me no Fontaine às seis, Barnett — ordenou o chefe. — Precisamos reportar-nos à srta. Cousture. Ela nos deixou várias mensagens.

— Você precisa que eu vá ao Fontaine também? — perguntou Neddy.

— Não, meu pequeno soldado. Apenas até as quatro. Daí é melhor você ir vender alguns bolinhos.

• • •

Dessa vez, eu cobri os pubs entre a Blackfriars e a Borough High Street. No fim do dia, eu não cheguei a lugar nenhum e meus pés estavam doendo. Ninguém se

lembrou de um jovem francês com o cabelo cor de trigo. Ninguém sequer se lembrou de um francês qualquer.

Era início da noite quando abrimos a porta da loja de Fontaine. A srta. Cousture estava atrás do balcão. Seu rosto era severo.

— Cavalheiros — disse ela —, eu fui procurá-los. Mas por que vocês não vieram me ver? Eu mandei duas mensagens.

— Aconteceu muita coisa, mademoiselle — contou o chefe. — Tivemos que seguir a trilha enquanto ela ainda estava quente.

— Vocês falaram com Milky Sal?

— Não nos deixaram.

A raiva deixou seu rosto, substituída agora por desapontamento.

— Seu patrão está aqui? — perguntou o chefe.

— Ele está levando algumas fotos para um cliente.

— Fotos particulares?

— Acho que sim.

— E estas fotos particulares — começou o chefe —, você já as viu?

— Ele mantém esse lado do negócio separado. Mas, sim, eu as vi uma vez. Eu olhei em sua bolsa.

— Onde ele costuma deixá-las?

— Na casa dele. As sessões são feitas à noite, quando não estou aqui.

— Ele já pediu que você ficasse para elas?

— Não! — exclamou ela. — Por que você quer saber isso?

— Só estou tentando entender. Por favor, não se irrite.

Ela fechou os olhos e balançou a cabeça como se estivesse tentando tirar a ideia da cabeça.

— Agora, sr. Arrowood. Conte-me o que descobriu.

O chefe explicou o que aconteceu com Longmire e nosso sequestro de Sir Herbert. Ele falou sobre o roubo e o que Gullen nos contou. Ali, ela o interrompeu.

— Conte-me a respeito desse Sir Herbert — pediu ela.

— Ele trabalha no Gabinete de Guerra como intendente geral — explicou o chefe. — Casa grande, carruagem.

— Qual idade?

— Cerca de cinquenta anos.

— E como ele é?

O chefe olhou para mim, intrigado.

— Baixinho, careca. Um rosto redondo.

— Gordo — acrescentei.

— Você já ouviu falar do Sir Herbert Venning, senhorita? — perguntou.

— Não.

Ele tentou novamente o silêncio com os olhos. Não teve efeito.

— Tem alguma coisa que você não está nos contando — ele disse por fim.

— Não tem. — Ela cruzou os braços.

— Você nos enganou antes.

— Já disse que não tem nada, sr. Arrowood. — A raiva queimou no rosto dela. — Então eu quero saber sobre Longmire agora. Ele também é baixinho?

— Por que está perguntando? — o chefe demandou saber. — Reconhece seu nome?

— Talvez eu o tenha visto com meu irmão.

— Ele tem uma altura média. — Um rompante de tosse o tomou. Ele segurou o balcão, os olhos fechados apertados até melhorar.

— Muito magro — acrescentei. — Usa um monóculo. Tem uma verruga no olho, tamanho de uma moeda.

Os olhos dela brilhavam rapidamente, como se um espírito passasse por eles.

— Você o reconheceu? — perguntou o chefe, movendo uma foto para que ele pudesse se sentar em um banquinho perto da porta. Ela balançou a cabeça.

Ele lhe contou sobre a morte de Venning. Enquanto falava, ela olhou pela janela para a rua, as costas eretas, os ombros altos. Ela pigarreou duas vezes, então pegou um copo d'água no balcão. Eu não tinha certeza de que ela estava ouvindo. Quando ele descreveu o fogo na loja de pudim ela simplesmente aquiesceu.

— Alguma vez você viu os companheiros de bebida de Thierry, senhorita? — perguntei.

— Não — disse ela, a voz presa na garganta. — Nunca o vi com ninguém.

— Você sabe onde ele costumava beber?

Ela deu de ombros. Os olhos dela caíram no balcão. Ela parecia fraca, como se tivessem drenado seu sangue.

— Ele fingia que não ia beber — ela disse suavemente.

A loja ficou em silêncio.

Por fim, ela falou de novo.

— Eric vai voltar logo. Vocês precisam ir.

— Nós vamos encontrá-lo, sabe — disse o chefe, pondo-se de pé. — Voltaremos quando soubermos mais.

Eu fiquei para trás enquanto ele saiu na rua.

Os olhos castanhos dela encontraram os meus, mas pareciam vazios. Seu cabelo estava amarrado na cabeça e o pescoço alto de sua blusa estava sujo em torno de

seus babados, mas ela estava bem. Senti o suor pinicar sob meu colarinho.

— Precisamos de um novo pagamento, senhorita — eu disse por fim.

Capítulo Trinta

Começamos nos pubs de novo na manhã seguinte. O chefe pegou as ruas a sul de Westminster Bridge Road, eu fiquei com a parte entre a New Kent Road e a Great Dover Street. Seus sapatos haviam sido queimados no fogo, e agora ele usava um par emprestado de Lewis, o que lhe dava outra razão para queixar-se sobre os pés. Como não estava mancando tanto como quando teve um ataque de gota propriamente dito, eu o deixei continuar.

Nós nos encontramos no estabelecimento da sra. Willows na hora do jantar. O céu ficou cinza e o ar estava abafado. O chefe precisava voltar para casa para arrumar empreiteiros, então subi, desta vez peguei as ruas de Bethlem até Oval. Ainda ninguém parecia conhecer o jovem francês. Eu tomei algumas cervejas ao longo do caminho apenas para tornar o dia mais fácil. Em um lugar chamado O Urso, sentado em um canto escuro, havia um pequeno sujeito pálido e curvado que eu tinha certeza de ter visto na rua antes: senti seus olhos nas minhas costas conforme parei diante do balcão, e cada vez que o olhava ele desviava a cabeça, fingindo falar consigo mesmo. Bebi minha cerveja rápido e saí do pub, escondendo-me atrás de um carrinho estacionado algumas portas adiante. Ele saiu imediatamente, no meio da rua, olhando para cima e para baixo. Ele amaldiçoou e correu para a próxima esquina, onde deu outra olhada para cima e para baixo, então voltou lentamente para o pub. Pensei em voltar e fazê-lo dizer-me o que era aquilo, mas isso provavelmente tornaria as coisas mais difíceis. Melhor continuar em frente.

Quando começou a chover, meu braço voltou a doer; tomei outra dose do remédio, o que tornou as coisas ainda mais fáceis. Às seis, eu tinha terminado todos os bares a meia hora de distância do Bife. Decidi ir mais a leste, para as áreas mais pobres da Tabard Street. Às dez da noite, em um buraco no porão de um cortiço, finalmente dei sorte.

— Tem um que costumava vir aqui — disse o barman. — Ele era problema. Não aparece há um tempo.

Sobre o ombro dele, o trapo mais imundo que já vi.

— Você sabe onde posso encontrá-lo?

— Pergunte para o amigo dele. — O barman apontou com seu pano para uma figura solitária no canto, em um banco perto do piano. — Eles estavam sempre juntos.

O homem usava um casaco feito para um homem gordo, embora fosse magro como palha. A cartola estava amassada. A barba era cheia de caspa e calva em algumas partes. Na frente dele, uma caneca vazia. Comprei duas doses de cerveja e as levei.

Ele olhou para mim com olhos aquosos. Agora eu estava perto, vi que ele era muito mais jovem do que parecia — talvez tivesse vinte anos de idade. Bêbado. Mal alimentado.

— Estou procurando por Terry — falei, colocando a cerveja na frente dele e me sentando. — O senhorio me disse que vocês são amigos.

Ele levou muito tempo para responder.

— Eu não o vi — ele acabou por murmurar.

— Onde posso encontrá-lo?

— Em lugar nenhum.

— A irmã está procurando por ele. Ela está preocupada.

Ele riu rapidamente, depois bebeu meia caneca. Por sob seu casaco gigante, usava um colete sujo. Tinha sangue seco no canto da boca.

— Qual é a graça? — perguntei.

Ele balançou a cabeça como se eu fosse um tolo.

— Quando foi a última vez que o viu? — Fiz outra pergunta.

— Quando eu o vi, ah... — A mão dele subiu e varreu o ar diante do rosto, como se pensasse que moscas o rodeavam. Sua cabeça balançou. — Talvez... um mês, dois meses. Ele se foi, de todo jeito.

— E para onde ele foi?

— Não sei. Apenas se foi.

— Por que ele partiu?

— Não sei, amigo. Não sei. — Ele terminou a bebida. — Ele desapareceu.

Puxei um xelim do meu bolso e coloquei sobre a mesa. Olhou para a moeda como se não pudesse se concentrar.

— Isto é seu, se me disser onde ele está — falei.

Ele precisou de um momento.

— Hassocks, próximo de Brighton — ele falou por fim. — Trabalha em uma padaria.

— Como você sabe?

— Ele me contou.

— Por que ele saiu da cidade?

— Acho que foi por causa de um problema com o chefe.

— Que problema?

Ele deu de ombros.

— Não sei. Ele ainda estava com medo. Posso lhe assegurar.

Quando ele pegou a moeda, eu bati minha mão nela.

— Ele lhe disse alguma coisa a respeito do Barril do Bife? Qualquer coisa que acontecesse lá?

Ele franziu o cenho para mim, então fechou os olhos. Enquanto falava, a cabeça balançava o suficiente para me deixar nauseado.

— Nunca falamos sobre trabalho — murmurou ele. — Apenas bebíamos, víamos mulheres, cavalos. Ele só me disse que estava com problemas. É isso aí.

— Você não perguntou?

— Ele não me diria.

Ele arrotou e agarrou a barriga, fazendo uma careta. O arroto fez seus olhos arregalarem novamente.

Empurrei a moeda pela mesa até ele.

— Um xelim — falei. — O preço da sua amizade, garoto. Sorte que não estou atrás dele pra fazer mal.

Ele olhou para mim com olhos aguados e corados, a cabeça balançando, insultado, mas muito bêbado para se importar. Ele pegou o dinheiro e cambaleou para o bar.

• • •

Nós pegamos o trem do meio-dia para Brighton. Tinha chovido a manhã toda, e não havia muitas pessoas viajando para o sul naquele dia. O chefe sentou na ponta do seu assento, inquieto, preocupado. No dia anterior, enquanto estava empacotando seu equipamento, outra carta veio de Isabel. Ela propôs se reunir ao meio-dia do dia seguinte, no Restaurante Imperial, um bar de almoço no West End. Um lugar caro para o almoço, tudo bem. Mas Isabel sempre pensou que foi criada para algo melhor.

— Se ela voltar, minha irmã terá que encontrar hospedagem em outro lugar — ele disse, olhando fixamente pela janela para as fileiras de telhas cinzentas. — Você e a sra. Barnett poderiam recebê-la até que ela encontre outro lugar?

— Só temos um quarto.

— Só um quarto! — exclamou o chefe. — Você está brincando! Você mora em um único quarto?

Eu olhei para ele friamente.

— Não consigo bancar mais espaço.

Ele suspirou.

— Sinto muito, Norman. Não percebi que as coisas eram tão difíceis.

Nós não falamos novamente até que tivéssemos saído dos subúrbios e entrado no campo. O trem parou em uma estação vazia. Ninguém entrou.

— Sabe, ela pode não estar voltando, William — falei quando voltamos a andar. Embora eu tenha dito isso por preocupação, peguei uma nota de crueldade na minha voz que me surpreendeu.

— Eu sei — disse ele, olhando pela janela quando os campos verdes de Sussex passaram. — Apenas ficarei feliz em vê-la novamente.

• • •

Hassocks era uma aldeia arrumada com uma estação no fim da rua principal. Havia apenas uma padaria. Uma mulher com um bebê nos braços estava atrás do balcão; ela nos disse que Thierry estava no forno do pátio. Voltamos para a rua e descemos um beco lateral para uma abertura na parede. O forno estava em um gramado, as portas abertas para a brisa. Quando nos aproximamos, um jovem de avental branco saiu, uma bandeja de pão no ombro. Ele tinha cabelo cor de trigo; a orelha ao lado da bandeja carregava uma cicatriz feia.

— Thierry — disse o chefe.

O homem parou, olhando-nos com desconfiança.

— Quem são vocês? — perguntou com sotaque francês.

— Sr. Arrowood. Este é meu assistente, sr. Barnett. Sua irmã nos contratou para encontrá-lo.

— Vou levar o pão — ele disse com polidez. — Esperem aqui que eu já volto.

Ele desapareceu pelo portão.

— Siga-o, Barnett — o chefe ordenou.

Cheguei à rua a tempo de ver Thierry despejar a bandeja do lado de fora da loja, virar e começar a correr. Ele correu diretamente contra mim.

Puxei rápido seu braço atrás de suas costas até ele gritar, depois o encaminhei para o quintal. Ele era mais novo do que eu, mas não tão bom com seus músculos.

— Ele tentou fugir, senhor — avisei.

— Que mal-educado. Viemos de Londres, Thierry.

O rosto do jovem estava pálido. Suor embebido através da camisa.

— Por favor, senhor — implorou ele. — Eu não vou causar problemas para o sr. Cream. Vim aqui para fugir. Eu juro, senhor. Só me afastei. Não vou causar problemas para ele.

— Não fomos enviados pelo sr. Cream — o chefe disse calmamente. — Eu te disse. Sua irmã nos enviou. Não há necessidade de ter medo de nós, Thierry.

Thierry jogou o outro braço para trás, me lançando um golpe direto no rosto e, por um momento, soltei-o. Ele fugiu, mas eu passei-lhe uma rasteira e ele caiu na grama. Meu nariz estava doendo, como se pudesse estar sangrando, e caí sobre ele com mais força do que precisava; isso não fez nada bem ao meu braço.

— Seu idiota — sibilei em seu ouvido enquanto ele lutava sob o peso do meu corpo. — Estamos do seu lado. Sua irmã nos mandou.

Levantei-o novamente.

— Eu sei que vocês são homens de Cream — protestou ele, quase chorando.

— Escute! — exclamou o chefe. — Escute com atenção! Sua irmã nos enviou para encontrá-lo. Estamos aqui para encontrá-lo.

— Minha irmã não os enviou! Ela sabe que eu estou aqui.

— Thierry, rapaz, ela nos contratou para encontrá-lo.

Ele negou com a cabeça.

— Por que ela faria isso? Ela me ajudou a encontrar um lugar pra morar aqui.

Não era comum que tanto eu quanto o chefe ficássemos sem palavras, mas estávamos agora. Nós o encaramos, tentando entender o que ele acabara de dizer.

— Ela sabe que estou aqui — gemeu ele.

— Não minta para nós, Thierry — o chefe disse por fim. — Já fomos enganados o bastante pela sua irmã.

— Juro, senhor. Ela veio comigo quando eu vim de Londres. Ela pagou meu primeiro mês de aluguel.

Era demais para mim: soltei seu braço e o girei. Então, dei um bom direito em seu rosto com o dorso da mão. Ele gritou e caiu no chão.

— Barnett, isso era mesmo necessário? — perguntou o chefe.

— Estou cansado de todo mundo tentando mentir para nós.

Thierry se arrastou para longe do alcance das minhas botas, caindo entre um barril e a parede do pátio.

— Não estou mentindo — ele falou com sofrimento. — É verdade. Ela sabe que eu estou aqui. Não sei o que ela disse a vocês.

O chefe levantou a voz:

— Então por que ela nos contratou para encontrá-lo?

Estava saindo sangue da boca do rapaz. Ele colocou o rosto nas mãos, olhando-me como um filhote amedrontado.

— Pergunte a ela. Eu não sei.

— Bem, então dê um palpite. Ajude-nos, Thierry.

— Eu não sei, senhor.

O chefe assentiu para mim, então ele virou de costas para nós.

Puxei Thierry para cima e o levei de volta ao forno. Ele brigou, mas não conseguiu nada. Havia uma janela na porta de ferro do forno: dentro, uma madeira laranja brilhante.

— Isso parece quente, Thierry — falei.

— Não, por favor — soluçou ele.

Peguei seu cabelo e puxei a cabeça para trás com força, empurrando-o para a frente. Com uma mão, segurei a porta do forno aberta, sentindo a força do calor diretamente. Ele lutou o melhor que pôde, lançando os punhos, mas eu era mais forte. Devagar, levantei a cabeça para a porta. Só quando o rosto dele estava a seis centímetros de distância que cedeu.

— O.k.! Certo, eu conto para vocês!

Eu o virei e o encaminhei de novo para o pátio, aliviado por se afastar do calor terrível. O chefe estava sentado em uma caixa, fumando.

— A verdade, meu rapaz — disse ele.

Eu o soltei e o espanei um pouco. Ele estava tremendo, o rosto vermelho e úmido, a boca sangrenta.

— Por que ela nos contratou? — perguntei.

— Ela queria levantar informações sobre o sr. Cream — respondeu ele, tentando recuperar o fôlego. — Eu estava ajudando, mas tive de escapar. Ficar era muito perigoso.

— Por que você estava em perigo? — perguntei.

— Eles me pediam para entregar caixas. Sempre estavam no quarto do porão. Uma vez, encontrei caixas de fuzis e balas. Estava olhando para uma quando um deles, o sr. Piser, desceu as escadas e me viu. Ele ficou muito irritado, me derrubou no chão, chutou as minhas costas e o meu rosto. Ele me manteve preso lá, a pedido do sr. Cream, mas eu tenho um amigo na cozinha. Quando não voltei, ele veio me procurar.

— Harry? — o chefe perguntou.

Ele concordou com a cabeça.

— Ele me ajudou a escapar. Foi isso. Eu não volto mais ao Bife. Eu sei que vi algo que eles não queriam que eu visse. Vim aqui para que não me encontrem.

— Você pegou uma bala?

Ele assentiu.

— No caso de eu precisar usar contra eles.

— Falamos com Harry. Ele não nos falou a respeito disso.

— Eu pedi pra que não dissesse a ninguém.

— Ele é um bom amigo — disse o chefe. — Agora, para quem eram as armas?

— Eu não sei, senhor.

— Onde Cream arranjou?

— Não sabia nem que existiam antes de abrir as caixas.

— Você deu a bala para a Martha?

— Você falou com Martha? — Os olhos ficaram concentrados. — Como ela está? Nunca veio me visitar desde que eu parti. Todo esse tempo e ela não veio.

— Você não soube? — o chefe perguntou com cautela. Um olhar de grande pena surgiu sobre o rosto dele.

— Soube do quê? — sussurrou Thierry, olhando com terror para o chefe.

— Sinto muito, filho — disse o chefe, colocando a mão no ombro do rapaz. — Martha foi assassinada. Nós marcamos um encontro com ela. Foi esfaqueada enquanto esperava por nós.

O rosto de Thierry cedeu. Ele limpou o sangue de seus lábios e apertou a testa. Abriu a boca para falar, depois voltou a fechá-la. Finalmente, as lágrimas começaram a cair.

Ficamos sentados com ele por algum tempo. A mulher da padaria entrou no pátio. Quando o viu, franziu os lábios, virou-se e saiu.

O céu ficou azul por um tempo, então voltaram as nuvens brancas, depois cinzas. Com um suspiro, o chefe falou novamente:

— Sinto muito, Thierry. Estamos tentando descobrir quem a matou. Mas precisamos fazer mais perguntas. Você está em condições de responder?

O rapaz assentiu de olhos fechados.

— Por que você deu a bala a ela?

Ele respondeu suavemente, engasgando:

— Para caso algo acontecesse comigo.

— Por que não para sua irmã?

— Precisava fazer Martha acreditar que eu estava em perigo — ele sussurrava, a mão sobre os olhos. — Ela acha que eu a deixei. Não acredita que a amo. As pessoas acham que nós, franceses, saímos atrás de barras de saias.

Ele começou a chorar de novo.

— Thierry, ela sabia que você a amava — o chefe disse de forma gentil. — Ela veio até nós, mas o assassino chegou um minuto antes de a alcançamos. Ela estava segurando a bala quando morreu.

O chefe foi até ele, pegou e o abraçou, acariciando o cabelo do jovem, como se fosse uma criança.

— Está tudo bem, rapaz — murmurou ele.

Quando Thierry ficou calmo novamente, o chefe continuou:

— Por que sua irmã está tentando levantar informações sobre Cream?

— Ela não é minha irmã. É minha amiga. Eu a ajudei a escapar de volta pra cá.

— De volta pra cá?

Finalmente, Thierry olhou para cima. Seus olhos estavam vermelhos e embaçados.

— Ela é inglesa. Quando era garota, sua mãe viu um aviso para que as meninas pudessem trabalhar na França. Mas, quando chegou a Rouen, não era um trabalho de serviçal. Era um bordel. Uma mulher chamada Milky Sal está por trás disso. Ela trabalha para Cream. Caroline tinha treze anos quando chegou à França, e mais onze anos se passaram antes que ela fugisse. Eu a ajudei a escapar.

— Como você a conhece?

— Eu fazia entregas da padaria. Meu trabalho. Antes de começar a assar.

— Mas por que ela não nos contou isso?

— Ela tem vergonha de ter sido prostituta. Ela contou à polícia, mas não fizeram nada. Ela não aceitou deixar para lá. Queríamos informações sobre Cream para que a polícia o prendesse. Por isso eu comecei a trabalhar no Bife. Não consegui encontrar nada sobre a venda de meninas, mas ele é o receptador, sabe? Achamos que podemos encontrar provas para que a polícia o prenda. Queremos vê-lo na cadeia.

— Então, quando você partiu, ela nos contratou, na esperança de que descobríssemos mais sobre as atividades de Cream — o chefe disse cansado. — Ela poderia ter nos contado isso. Você é amador, você e Caroline. Sabe o quão perigoso Cream é?

— Eu sei. — Thierry se dobrou sobre a caixa e enfiou o rosto nas mãos mais uma vez. — Você acha que eu não sei?

Nós o deixamos no pátio enquanto a chuva leve de agosto começou a cair de novo.

Capítulo Trinta e Um

Conversamos sobre o caso enquanto esperávamos o trem. Eu estava cansado de ser repetidamente enganado pela srta. Cousture, mas o chefe quase não se importou, e isso me irritou mais. Era sempre assim: nunca conseguia imaginar onde seu orgulho iria cair. Algumas coisas mínimas o deixavam em erupção, enquanto agora ele tinha aceitado a descoberta de que a srta. Cousture sabia onde Thierry estava como mais uma peça do quebra-cabeça. Talvez o fato de ele ter um encontro marcado com Isabel no dia seguinte o deixasse tão nobre.

O trem estava mais ocupado no caminho de volta para Londres. Nós escolhemos assentos opostos a uma mulher jovem e nervosa com um leve vestido de verão. Tinha uma cesta de piquenique aos pés, e uma touca feminina leve e cor de âmbar escondia seus olhos. Ela estava enfiada em um canto, uma revista esfarrapada aberta no colo. Quando virou a página amarelada, pude ver que estava lendo um dos casos antigos de Holmes. O chefe também notou e gemeu de forma que ela ouvisse. A jovem virou de relance para encontrá-lo olhando para ela, balançando a cabeça em desaprovação. Suas bochechas pálidas coraram; ela voltou os olhos para a revista.

— Posso perguntar o que está lendo, senhorita? — perguntou ele.

— Um velho caso de Sherlock Holmes, senhor: "Um Escândalo na Boêmia".

— Ah, sim. E o que está achando?

— É divertido. Eu já li antes, contudo.

— É o caso de Irene Adler?

— Sim. Ela está chantageando o rei da Boêmia.

— Eu sei — declarou ele. — O rei alemão, Von Ormstein, não é?

A senhorita assentiu.

— Ela quer arruiná-lo por terminar o caso deles.

— Sim, sim — o chefe concordou, cruzando os braços. — Von Ormstein está prestes a se casar com a filha do rei da Escandinávia, mas a srta. Adler ameaçou

mandar uma foto comprometedora para a família da nobre. Ele tem medo de que o escândalo fará com que sua noiva anule o casamento, e oferece a Holmes setecentas libras para roubar a fotografia.

— Mil libras, senhor — respondeu ela, sentando-se para a frente. O trem chacoalhou de repente, fazendo com que ele apertasse o apoio de braços. — Setecentas em notas, trezentas em ouro.

— Claro. — O chefe olhou para mim de relance, enojado. — Mil libras! Holmes corre para observar a casa da srta. Adler e, dentro de um ou dois dias, recupera a fotografia.

— Ele planeja tudo, senhor. É bastante genial. — Nesse momento, a jovem olhou para mim e explicou: — Sherlock Holmes manda toda uma multidão para o lado de fora da casa de Irene Adler para criar uma agitação. Então ele finge que está machucado de forma que a srta. Adler o leve para dentro da casa. Quando ele entra, Watson joga um morteiro de fumaça pela janela. "Fogo, fogo!", todos gritam. A srta. Adler corre para resgatar a fotografia, revelando seu esconderijo. Mas, antes que ela tire, Holmes avisa que é um alarme falso. — Ela olhou de volta para o Arrowood. — Mas ele não recupera a fotografia, senhor. Irene Adler percebe que é Sherlock Holmes e coloca um cocheiro para observá-lo para que não consiga chegar até ela. Mesmo assim, é suficiente para tirá-la de sua trama de chantagem. Ela vai para o exterior com o novo marido, deixando uma carta prometendo não publicar a fotografia.

— E você acha que o caso está encerrado, senhorita? — o chefe perguntou de forma agradável.

— Sim. O rei ficou a salvo. Ele acredita que Irene Adler vai manter a palavra.

— Ele acredita mesmo. Diga-me, senhorita. Alguma coisa parece estranho?

— O que você quer dizer?

— Bem, como disse, o rei acredita que ela não vai voltar atrás com a palavra. Ou seja, confia nela. Mas como é que uma mulher tão honrada, cuja palavra pode ser confiável completamente, consideraria a chantagem, para começo de conversa? Não são personagens opostos?

— Sim, acho que sim — ela respondeu lentamente, vasculhando o rosto dele. — Eu não tinha pensado nisso.

— Qual você acha que é o motivo da chantagem?

— Ela quer arruiná-lo.

— Mas por quê? — sussurrou ele, inclinando-se para a frente em seu assento.

— Porque ele terminou o caso deles. — Ela deu de ombros. — Sabemos disso pela história.

— Mas agora ela tem um novo marido. Na verdade, eles se casaram apenas um dia antes. Em sua carta, declara que está apaixonada por esse homem, e que ele é um homem muito melhor do que o rei.

A jovem acenou com a cabeça. Seus olhos se estreitaram.

— Era o que eu não conseguia imaginar. Se ela tem tudo isso, por que se importa tanto com o rei a ponto de colocar tudo em perigo?

— Eu me perguntei o mesmo! — exclamou o chefe, triunfante. Ele empurrou suas patas pesadas ainda mais para a frente, de forma que os joelhos dele quase tocaram os dela. A jovem se empurrou para trás no banco dela, alarmada pela agitação. Agora ele falou com urgência: — Irene Adler era uma cantora de ópera bem-sucedida. Ela tinha uma casa impressionante. Era adorada por todos os que a conheciam e tinha encontrado o amor. Isso não é o que uma mulher em sua posição faria. Agora, o que ela diz na carta a Holmes? Que o rei cruelmente a maltratou. Maltratada com crueldade, senhorita. Se eu fosse o detetive, gostaria de saber o que isso significava. Eu não faria uma mesura e declararia o caso resolvido. Eu iria querer saber!

— O que você acha que significa, senhor? — perguntou ela. As emoções em seu rosto se misturavam, não querendo animar mais aquele gordo estranho, mas se sentindo compelida a perguntar.

— Bem, senhorita — começou ele, o dedo balançando acima de sua cabeça gordurosa —, eis uma história para você. O rei tinha se prometido à srta. Adler dois anos antes. Ela até usava o anel dele. Era desconhecido para a srta. Adler que isso estava acontecendo ao mesmo tempo que ele tinha começado a cortejar a dama da Escandinávia.

— Então ela queria vingança?

— Não — o chefe respondeu. — Lembre-se, ela agora estava casada com um homem melhor. A verdade deste caso é que ela queria expor o rei pelo embuste. Queria avisar à noiva dele sobre o tipo de homem que era.

A jovem senhora apertou os lábios. Pude ver que não estava convencida.

— Mas ele fez sua escolha. Ele mudou de ideia sobre com quem se casaria. Isso não é tão ruim assim. Qualquer um pode mudar de ideia antes de ter se casado.

— Essa é uma opinião muito moderna, se eu puder dizer — falou ele, o nariz enrugado em desaprovação. — Mas tem mais, senhorita. Antes de o rei terminar com a srta. Adler, ela começou a suspeitar dele. Ela contratou um detetive para segui-lo. Esse agente descobriu que estava cortejando outras duas mulheres ao mesmo tempo, e uma delas era atriz.

— Uma atriz!

— Ao mesmo tempo. Enquanto se preparava para se casar com a filha do rei da Escandinávia, estava fazendo amor com outras três pessoas. Mas, escute, tem mais. A outra era uma camareira no Langham, onde ele tinha uma suíte. Depois de alguns meses, a menina descobriu que estava grávida. Quando essa pobre criatura lhe contou sobre sua situação, ele arranjou com o gerente para que ela fosse demitida. — Ali o chefe fez uma pausa e baixou a voz: — Naquela mesma noite, ela pulou de uma ponte, a Waterloo.

A jovem engasgou, olhando para mim, desesperada.

— O detetive particular descobriu isso de uma amiga da garota no hotel. É por isso que Irene Adler queria expô-lo. Ela queria avisar à noiva que esse era o tipo de homem que ele era. Um homem cruel e enganador. Era a única maneira que conhecia sem se expor à difamação.

— Então o vilão não era Irene Adler? — perguntou a dama quando o trem começou a diminuir.

— Era o rei. Irene Adler estava tentando proteger a rival. E eventos, desde então, provaram que ela estava correta. É amplamente conhecido que o rei mantém a prima da esposa em uma casa de campo em Praga. Ele o faz bem debaixo do nariz dela e não se importa com quem sabe. Sua esposa vive em desgraça.

Balançando a cabeça, a jovem fechou a revista e colocou em um assento do lado. O trem parou em uma estação. Um velho com uma bolsa de médico entrou no vagão.

— Mas por que Sherlock Holmes não viu que o rei o estava enganando? — perguntou quando o trem voltou a andar.

— Talvez ele não tenha notado as pistas. Talvez sua famosa percepção tenha sido afetada pelo status do homem que veio pedir ajuda. Afinal, não é só Sherlock Holmes que assume que a nobreza é mais confiável do que o resto de nós. Ou talvez, e hesito em sugeri-lo, a soma excessivamente grande tenha causado uma cegueira temporária ao Grande Detetive. Ele vê as mulheres como criaturas emocionais, diz isso muitas vezes em seus casos. Não as leva a sério.

— Oh, minha nossa — disse a dama. — Mas por que a srta. Adler prometeu não expor o rei em sua carta final?

O chefe deu de ombros.

— Sem dúvida ela estava intimidada por estar indo contra o famoso detetive Sherlock Holmes. Afinal, ele fez um belo show para entrar em sua casa, e todo o mundo sabe como aqueles em posições altas o respeitam. Talvez não tenha forças para lutar. Eu não sei.

A senhora recolheu o cesto e colocou-o no banco. Então ela olhou para o chefe com suspeita em seus olhos.

— Como você sabe?

— Eu não sei. — O chefe sorriu e dobrou as mãos na barriga. — Inventei tudo isso.

O queixo dela caiu. Seu rosto era tal imagem de espanto que não consegui evitar rir.

— Mas tudo poderia ser verdade, senhorita — continuou ele, animando-se de novo. — Esse é o ponto. Há dúvida suficiente sobre o que sabemos para sugerir que sejam necessárias mais perguntas. Holmes nunca questionou quem era o verdadeiro vilão neste caso. Ele confiou em posição e ignorou os sinais de que havia outra história enterrada lá. E a parte da minha história que é verdade é que agora são casados, o rei mantém a prima de sua esposa como sua amante e toda a sociedade sabe disso. A pobre esposa se tornou reclusa.

O trem chegou à próxima estação. A mulher, balançando a cabeça como se tivesse acabado de ter sua viagem de um dia estragada, levantou-se do assento e recolheu a bolsa e a cesta.

— Desço aqui — murmurou ela.

— Bom dia, senhorita — o chefe desejou-lhe, feliz como nunca. Quando a porta se fechou atrás dela, as páginas da revista abandonada flutuavam na rajada de vento.

Quando nos aproximamos de Croydon, ele alcançou o bolso do casaco e tirou uma pequena caixa de veludo vermelho.

— Comprei esta manhã — ele falou para mim. — Você acha que Isabel vai gostar?

Dentro havia uma fina corrente de ouro, no centro da qual pendia uma lágrima de opala. Olhei para o rosto bobo e esperançoso.

— Ela vai gostar — respondi.

Ele sorriu e devolveu ao bolso.

— O que você fará se ela não estiver voltando? — perguntei.

— Fomos felizes no passado. Podemos ser de novo.

— Você não facilitou a vida para ela. Talvez já tenha encontrado outro homem. Um com mais dinheiro do que você.

— Eu aprendi minha lição, meu amigo. — Ele colocou o cotovelo na beirada da janela e observou as fileiras de casas abaixo, telhados cinza, chaminés cheias de fuligem escorregadias com a chuva de verão. — Será diferente desta vez.

— Quão diferente? — perguntei, de forma mais dura do que pretendia. — Você é o mesmo e ainda não tem dinheiro.

— Eu sinto que alcançamos um ponto de virada, Norman, depois de todo o trabalho que fizemos, depois de tudo o que aprendemos sobre essa profissão. Se expusermos como Cream está obtendo fuzis do exército britânico, seremos heróis.

— Mas não sabemos como ele está conseguindo os fuzis.

— Estamos chegando perto. Deve envolver Venning e Longmire. Só precisamos encaixar as peças. E, quando fizermos isso, os jornais falarão do assunto por meses. As pessoas entenderão que Holmes não é o único agente de investigação particular em Londres, então vamos conseguir casos melhores. Você poderia até produzir histórias como Watson. — Ele riu. — Se pudesse escrever, meu amigo.

— Não foi só por causa do dinheiro que Isabel se foi — falei, ignorando a piadinha.

— Mas foi isso que tornou as coisas difíceis. Se ela puder ver que sou um sucesso e que ficaremos confortáveis… — Os olhos caíram nos sapatos. — Se ela puder ter orgulho de mim.

— Espero que sim.

— O que mais eu poderia fazer?

Olhando para o chefe empoleirado na beirada do assento, com tanta esperança que eu quase conseguia senti-la no ar, fiquei triste por ele.

— Mas você precisa manter os dois olhos abertos, William. Eu não quero que se magoe.

Ele olhou para mim através dos óculos e piscou como se estivesse segurando as lágrimas. Eu lhe ofereci um caramelo.

— Obrigado — falou, enfiando na boca. Depois de mastigar por um tempo, continuou: — Diga-me, Norman, o que você achou da reação da srta. Cousture ontem?

— Achei que ela reconheceu Longmire.

Ele assentiu.

— O rosto dela a traiu. O sr. Darwin diz que as expressões estão para as paixões, assim como a linguagem está para o pensamento. Ela é uma boa mentirosa… apenas uma emoção forte poderia fazê-la se entregar daquele jeito. Mas por que ela escondeu isso? E qual emoção você leu no rosto dela?

— Eu não sei. Ela ficou sem chão, talvez?

— Era ódio. Foi isso que vi nos olhos dela.

— Não tenho certeza de que você possa ler os olhos de uma pessoa, senhor, com todo os respeito. Não sei se é possível.

— Escute, e eu vou explicar — disse ele, balançando a cabeça. — O Fontaine é um lugar escuro. Na escuridão, as pupilas se dilatam, gananciosas pelo pouco de luz que há no lugar. No sol elas encolhem para não receber muito brilho. Isso é simplesmente fisiologia. Você observou os olhos dela?

Neguei com a cabeça.

— Quando começamos a falar, eles estavam amplos como minas de carvão. Assim como estavam os seus, e sem dúvida os meus. Porém, no momento em que descrevi Longmire e a verruga no rosto dele, eles se apertaram. Suas pupilas tornaram-se menores do que grãos de pimenta. Foi tão rápido quanto uma mão recuando de algo quente.

— É um novo truque seu?

— Não é um truque. Acho que é um jeito de ler emoções. Forneci à mente dela uma imagem e os olhos dela tentaram processar. Mas então o ódio partiu e algo curioso tomou seu lugar. Você viu como ela não conseguiu limpar a garganta? Diga-me: o que sentiu nesse momento?

— Não consigo me lembrar com clareza.

— Eu me senti enjoado — declarou ele. — Tive a sensação de que suas emoções se haviam transportado para mim. Foi estranho, Barnett. Diga-me, acha que isso é possível?

— Eu não sei. Tudo é possível, admito.

— Digamos que seja verdade. Então por que ela reagiria desse jeito?

— Medo, talvez? É algo que pode causar mal-estar.

— Enjoo por medo? — Ele franziu o cenho. — Interessante. Vamos manter essa ideia em mente. Talvez agora que encontramos Thierry, ela nos contará. Talvez agora seja sincera. — Ele balançou a cabeçorra e suspirou. — Metade deste caso parece ser resolver o problema da srta. Cousture.

Enquanto comíamos nossos caramelos, vimos as casas suburbanas passarem pelas nossas janelas. Ele não falou novamente até que entrássemos em Victoria.

— Podemos ter encontrado Thierry, mas nosso caso não está encerrado, Barnett. Você sabe disso, não é?

— Sim, William.

— Temos que encontrar o assassino de Martha e levá-lo à justiça. Não conseguiria viver comigo mesmo se falhássemos.

O trem parou e descemos, seguindo a multidão ao longo da plataforma até a saída.

— E, se pudermos ajudar a srta. Cousture no seu projeto de expor Cream, tanto melhor para nós — ele disse uma vez que passamos pela bilheteria. — Amanhã

estarei com Isabel. Quero que você vá até Alexandra Park. Vai ter uma corrida de cavalos ao meio-dia. Encontre Gullen e o leve com você, ofereça-lhe um par de xelins. Veja se ele consegue identificar os assaltantes. Você se lembra da descrição de Paddler Bill? Grande cara de cabelo vermelho com um sotaque americano. Ele é o líder. Siga-o. Descubra onde mora. Se ele não estiver lá, veja se Gullen consegue reconhecer qualquer um dos outros. Leve Neddy também. Vão parecer pai e filho em um passeio.

— Farei isso, senhor.

— E, Norman… por favor, tenha cuidado. Minha irmã e eu temos sorte de estarmos vivos. Se houver um pingo de perigo, mande Neddy para longe. Não deixe que eles o encontrem.

Capítulo Trinta e Dois

Neddy e Gullen ficaram felizes o bastante de ir comigo ao Frying Pan, e nós três pegamos o trem lotado para o Alexandra Park na manhã seguinte. Do lado de fora da estação, estava acontecendo um protesto da Liga Nacional Antijogo: dois homens e dezenas de mulheres segurando placas: "Apostas degradam a humanidade!", "Corridas levam à ruína!" e outras meias verdades bem planejadas. Ao passá-los, um homem com bigode volumoso abordou-me.

— Como ousa levar uma criança lá para dentro, senhor? — gritou ele. Usava um chapéu novo de cetim; seus sapatos tinham um brilho forte.

Neddy encarou com medo aquele cavalheiro raivoso.

— Você vai infectar seu filho com a mesma degeneração que infectou todos esses milhares de tolos que vêm aqui jogar o salário fora — o cavalheiro continuou, segurando meu braço. — Seja responsável, senhor. Não introduza uma mente impressionável a este vício.

Três das mulheres agora também se reuniram em torno de nós.

— Que vergonha — uma delas declarou.

— Leve o garoto para casa — exigiu outra.

— Ele deveria estar na escola! — gritou a primeira.

Peguei a mão de Neddy e me afastei. Nós entramos quando a primeira corrida começava. Estava lotado. Neddy pulava no meio da multidão, tentando vislumbrar os cavalos, mas a pressão dos corpos era muito densa, e o menino era pequeno demais. Houve um rugido quando os cavalos desceram em linha reta, então acabou. Os ingressos foram rasgados e caíram no chão; grupos de homens voltaram-se para os balcões de cerveja.

— Onde você os viu pela última vez? — perguntei a Gullen.

— Eu sempre paro ali, à direita da arquibancada — disse ele, apontando para o outro lado da multidão. — Não há tantas pessoas lá, e as árvores não bloqueiam as pistas. É aí que costumam ficar.

Precisamos de dez minutos para percorrer a bagunça dos homens, a maioria já meio bêbada, falando alto, verificando papéis antes da próxima corrida. Finalmente, chegamos ao outro lado da arquibancada, onde havia um longo balcão de cerveja. Os homens estavam sentados em bancos entre o balcão e as barracas de apostas. Gullen apontou:

— Lá perto das caixas — disse, puxando o boné para baixo sobre sua cara para que não o reconhecessem.

Eles eram exatamente como Ernest os havia descrito. O mais alto só podia ser Paddler Bill. Sob seu boné preto, caía uma grande mecha de cabelo vermelho, misturando-se com a barba hirsuta. Sua risada se destacava sobre o barulho das vozes masculinas. Ao lado dele, estudando um papel, havia um homem grandalhão com uma barba preta limpa, um chapéu derby na cabeça, um terno de três peças que parecia novo. Falando com eles estava um sujeito desagradável com longos cabelos amarelos, cujas calças longas demais se arrastavam no chão. Um arrepio percorreu-me ao colocar os olhos neles.

— O que foi? — perguntou Gullen.

— Nada.

Outro se juntou a eles com quatro canecas na mão. Ele usava um terno marrom, um lenço vermelho de pescoço enfiado na camisa. Bill pegou a cerveja e foi até a casa de apostas para fazer um jogo.

— E quanto àquela cerveja? — perguntou Gullen.

Pegamos bebidas para nós, depois encontramos um lugar afastado onde poderíamos ficar de olho nos fenianos. Quando a próxima corrida começou, Neddy correu para se espremer lá na frente. Nós terminamos nossas cervejas.

— Você não me arranjaria dois xelins? — perguntou Gullen.

Eu entreguei a ele.

— Você ainda precisa de mim? — indagou ele.

— Obrigado, amigo. Pode ir pra casa.

Ele franziu o rosto e olhou para o bar.

— Eu posso ficar. Quer mais uma rodada?

A gangue ficou lá a tarde toda. Um ou outro deles ia até o balcão de cerveja ou à casa de apostas ou ao banheiro, depois voltava. Observá-los era fácil; nem sabiam que estávamos lá. Nós éramos apenas dois homens e um menino entre milhares. Gullen ficou comigo, fora de vista atrás de um poste. Acabou que ele não era tão ruim quanto parecia. Boa companhia, de fato.

— Se algum dia precisar de alguma ajuda, eu me sentiria feliz em ajudar — ele disse mais tarde. Tínhamos acabado de pegar outra dose.

— Eu direi ao chefe.

— Deve ser uma vida interessante a que vocês levam. Eu li todas as aventuras de Sherlock Holmes. Ele é fantástico mesmo. Um tremendo gênio.

— Eu sugiro que não fale isso em voz alta se quiser trabalhar conosco novamente — contei a ele. — O chefe não suporta Sherlock Holmes.

• • •

Depois da última corrida, os fenianos foram para a saída com o resto da multidão. Nós os seguimos até o trem, certificando-nos de ficarmos atrás, e nos empurramos para entrarmos no mesmo vagão. Gullen nos deixou na estação King's Cross para pegar uma linha diferente para casa, enquanto Neddy e eu os seguimos pela Metropolitan Line. Desta vez, fomos mais cuidadosos, entrando no próximo vagão e observando-os pelas portas adjacentes. Eles estavam animados, falando alto, rindo, jogando as mãos para cima. Parecia que alguns deles tinham se dado bem nas corridas. De todo jeito, não estavam esperando que ninguém os estivesse seguindo. Todos desceram no Westbourne Park e cruzaram o canal até um pub. Deixei Neddy do lado de fora, falando para que seguisse o grande ruivo, se ele saísse. Assim que entrei, tomei uma caneca de cerveja e sentei-me em um banco do outro lado do salão. Já era o começo da noite, e havia cerca de vinte ou trinta outros lá. Um apostador fez suas rodadas e os fenianos fizeram mais alguns jogos, então veio o vendedor de caramujos comestíveis e eu peguei um pote de geleia de enguia para mim. Ninguém me notou. Duas senhoras entraram, ambas com toucas de verão femininas floridas e anáguas agitadas. Todas as cabeças viraram para elas. Paddler Bill se levantou.

— Polly! Mary! Venham até aqui enquanto eu pego uma bebida.

As damas riram e seguiram para a mesa dos fenianos, onde foram cumprimentadas com abraços e beijos. O barulho aumentou.

Logo, o homem de barba preta saiu. Peguei outra bebida para mim e, conforme me virei do bar, a porta se escancarou. Ali na entrada, no mesmo casaco de inverno esfarrapado, estava o outro homem que vínhamos procurando por todas essas semanas. Seu rosto estava tenso e molhado de suor, o cabelo cinzento e oleoso grudado em sua testa. Na mão, ele apertava o *The Times*. Era o homem que tinha matado Martha.

Não sabia ao certo se ele tinha olhado para mim naquele dia que o persegui e, por um momento, congelei. Minha mão foi para o porrete no bolso, então eu me afundei atrás de um grande carvoeiro, tentando colocar outro corpo entre nós. Os

olhos do assassino varreram a sala. Eles caíram em mim e pareciam se perguntar sobre algo. Eu estava pronto para sair correndo em direção à porta do salão quando ele franziu o cenho e olhou para outro lado, os olhos finalmente parando na gangue. Respirei de novo.

Ele passou pelos outros bebedores até chegar aos fenianos e jogou o jornal na mesa. Não podia ouvir o que ele estava falando, mas Bill pegou o jornal e o examinou. Ele fez uma careta e falou, nervoso como o diabo. Jogou o jornal para baixo. Eles engoliram seus uísques, pegaram os chapéus e saíram do pub, deixando Polly e Mary protestando pelo fim da festa.

Eu levei a caneca vazia até o bar e, no caminho de volta, olhei de relance para o jornal que ficou na mesa. Na primeira página, a manchete: SIR HERBERT VENNING ASSASSINADO!

Achei Neddy do lado de fora e seguimos a gangue, mantendo boa distância desta vez. Embora as ruas estivessem movimentas com transportes públicos, carruagens e pessoas marchando para casa do trabalho, era mais fácil de sermos vistos. Só precisaria que um deles nos reconhecesse das corridas para que começassem a suspeitar de algo.

Logo pararam diante de uma livraria pequena chamada Gaunt's Booksellers. De uma porta mais abaixo na rua, assistimos ao homem que tinha matado Martha tirar as chaves e abrir a porta. Eles entraram e a porta foi fechada. Uma lâmpada foi acesa na janela superior. Alguns minutos depois, veio um garoto que recolhia vasilhames pela rua; eu perguntei a ele quem cuidava da livraria.

— É a livraria de John Gaunt, senhor.

— Ele é irlandês?

— A maioria de nós é irlandesa aqui, senhor.

— Tem um beco atrás da loja, rapaz?

— Não que eu saiba — respondeu o garoto enquanto empurrava o carrinho para longe.

Estava escuro. Nós nos mudamos para o outro lado da rua, onde nos escondemos sob as escadas de um escritório de advogados durante uma hora antes de Paddler Bill sair. Quando ele virou no fim da rua, Neddy perseguiu-o e me esperou na esquina.

— Ele foi pela outra rua, ali — apontou ele.

— Prossiga, então.

Ele correu para a próxima esquina e me esperou novamente. Continuamos por mais cinco minutos antes de ver Bill retirar as chaves e entrar em uma casa alta em frente a uma escola.

Já estava escuro. Nos escondemos atrás de um portão de tijolos no pátio da escola. Três das quatro salas da frente estavam fracamente iluminadas, e logo o lampejo de uma lamparina também apareceu no porão. Esperamos meia hora, mas nada mais aconteceu: parecia que Paddler Bill tinha encerrado a noite.

Eu me levantei. Durante todo o dia, pensei no chefe e no encontro com Isabel. Eu estava com medo de que agora ele estivesse deprimido e precisasse de um ombro amigo.

— Vamos embora, rapaz — falei. — Temos que voltar para ver o sr. Arrowood.

— Mas ele pode sair de novo, sr. Barnett — respondeu Neddy, olhando para mim. Pude ver um pouco de luz nos seus olhos.

— É verdade, mas nós temos que chegar em casa.

— Eu vou ficar, senhor.

— Não, Neddy, você vem comigo. Não quero que fique aqui sozinho.

— Mas eu fiz isso dezenas de vezes! E não disse que eu fui treinado?

— Eu sei, mas…

— Pode confiar em mim, senhor. — Seu rosto estava sério. Ele enfiou as mãos nos bolsos do casaco. — Não permitirei que ninguém me veja. Não é perigoso.

— Acho que não.

— Por favor, sr. Barnett. De verdade, vou ficar bem. Por favor.

Olhei em volta, pensando no que o chefe havia dito sobre Neddy querendo agradá-lo. Eu podia ver o quão importante era para o rapaz ficar. A rua estava quieta. Não parecia que mais nada aconteceria naquela noite.

— Certo, rapaz — eu disse a ele. — Ele provavelmente foi para a cama, mas também pode esperar e ver se alguém vem vê-lo. Se nada acontecer em meia hora, volte para casa. Mas seja extremamente cuidadoso. Não se arrisque. Não siga ninguém desta vez. Fique escondido aqui nas sombras e não deixe ninguém te ver. — Eu me agachei para ficar na sua altura e agarrei seu ombro. Ele olhou para mim, sério. — Posso confiar que não vai se arriscar?

— Vou tomar cuidado, senhor. Ele não vai saber que estou aqui.

— Prometa-me que não vai seguir ninguém.

— Prometo. — Um olhar sério passou pelo rosto dele. — Sr. Barnett?

— O que foi?

— Você acha que eles mataram Terry?

— Não, amigo. Encontramos Terry ontem, em Sussex. Eu esqueci de te contar isso, né? Ele está seguro e bem. Trabalhando em uma padaria.

— Então resolvemos o caso?

— Quase. Ainda temos umas pontas soltas para amarrar.

Ele assentiu, muito sério. Meus joelhos estavam começando a doer, então eu me levantei de novo, agitando o boné dele enquanto fazia isso.

— Você não podia pegar um menor? — perguntei. — Este é para um homem.

— Eu gosto.

— É muito grande para você. E está puído.

— Está melhor que o seu, senhor — disse ele. O rostinho ofendido.

Dei risada.

— Venha nos ver na casa de Lewis amanhã — disse a ele. Comprei-lhe uma batata quente ao virar a esquina, dei-lhe o preço da passagem para voltar para casa, depois o deixei agachado no pátio da escola, mastigando a pele da batata assada.

Capítulo Trinta e Três

Cheguei à casa depois das dez naquela noite. Lewis atendeu a porta; Ettie estava de pé atrás dele, no pequeno saguão de entrada.

— Ele não voltou para o jantar — disse Lewis, parado para me deixar entrar. O corredor estava mal iluminado: apenas um dos lampiões funcionava. Embora estivesse quente o suficiente do lado de fora, dentro da casa estava frio.

— Quando você o viu pela última vez? — perguntou Ettie.

— Ontem — respondi. — Quando voltamos de Sussex.

— Você acha que ele ainda está com ela?

Neguei com a cabeça.

— Não posso imaginar onde ficariam por tanto tempo, Ettie. Ela não tem um lugar em Londres e nunca aprovou bares.

Ela agarrou as próprias mãos.

— Oh, minha nossa. Você acha que Cream o encontrou?

— Deixe-me ver no Hog — falei. — Se Isabel falou para ele que não vai mais voltar, ele terá ido para lá. Estaria afogado em gim agora mesmo.

— Devo ir também? — perguntou Lewis.

— Não tem necessidade.

Ettie pegou minha mão.

— Você parece cansado. Quer algo para comer?

— Estou bem. É melhor eu sair e encontrá-lo.

— Obrigada, Norman. Vamos esperar por você.

A verdade era que eu estava cansado. O Hog ficava a meia hora de caminhada da casa de Lewis, e eu estava desgastado. Embora o inchaço no braço tivesse diminuído bastante, ele doía à noite. Eu precisava de outra dose do remédio de ópio, mas sabia que ele faria eu querer ainda mais minha cama.

O Hog estava movimentado, o ar pesado com vapores de cerveja e fumaça. A maioria estava bêbada, uma multidão de funeral, todos de preto, todas as idades, de

crianças pequenas até avós. Eles deviam estar bebendo por horas. Dois dos rapazes jovens estavam sendo mantido à força nos bancos, encarando um ao outro através da sala, com os rostos vermelho e xingando, as camisa rasgadas. Um deles estava com o nariz sangrando. Uma velha minúscula com cabelo até a cintura estava de pé em uma mesa cantando um hino, uma dose de gim na mão. Um garoto que não podia ter mais de doze anos estava deitado sob uma mesa, uma poça de vômito nos lábios.

A senhoria que vi da última vez estava de serviço.

— Sr. Arrowood? — perguntei.

Sem falar, ela levantou a portinhola e apontou para a porta atrás do balcão. Isso levava a um corredor escuro alinhado com caixotes e barris. Caminhei até ouvir vozes em uma sala ao final. Abri a porta.

Uma mulher de meia-idade estava sentada em suas roupas íntimas na borda de um colchão imundo. Seu cabelo estava cinza e enrolado, lábios pintados de vermelho.

— Estamos ocupados aqui, meu querido — disse ela, olhando para mim com um sorriso torto.

Uma única vela de sebo bruxuleava no lavatório, onde uma garrafa de gim tinha sido bebida até a metade.

O chefe estava deitado no colchão, uma grande porção da carne da sua barriga cheia de pelos pretos, o peito caindo pelas costelas. Suas calças amontoavam-se no chão em uma pilha; suas roupas íntimas, cinza e remendadas, ainda estavam onde deveriam estar. Fui poupado disso; não fui poupado de seu fedor.

Os olhos estavam fechados, a boca estava aberta. No chão, ao lado da cama estava a caixa de veludo vermelho que ele me mostrara no trem.

— Se está procurando alguma coisa, pode esperar ali na frente — a mulher explicou. Sua voz grunhia, mas com simpatia. — Estou ocupada com este cavalheiro aqui, como pode ver.

— Ele está dormindo?

Ao ouvir minha voz, ele resmungou. A mulher se levantou.

— Vá, querido — disse ela, empurrando-me para fora. — Saio em meia hora.

— Não, minha senhora — falei —, estou aqui atrás do sr. Arrowood. Estou aqui para levá-lo para casa. Sou o assistente dele, Barnett. Você é a Betts, não é?

— Essa sou eu, meu querido. Ele lhe falou de mim, não falou?

— Com certeza.

— Bem. — Ela retorceu a face para pensar. — Ele ainda não me pagou, sabe.

— Quanto?

— Uma coroa.

Eu me inclinei para suas calças e encontrei uma moeda.

— Chefe! — chamei-o, balançando-o pelos ombros. — Hora de ir pra casa!

Ele fez um barulho que parecia um xingamento, depois rolou para a parede.

— Venha, levante-se!

— Ele está aqui desde as duas — contou Betts. Ela indicou o gim com a cabeça. — Esta é a segunda garrafa.

Ela me ajudou a vesti-lo, então nós dois os levantamos. Quando ela olhou para o outro lado, peguei a caixa de joalharia e joguei no bolso. Foi um esforço, mas conseguimos caminhar pelo bar até a rua, um de nós em cada braço. Ela chamou um coche que passava. Nós o apertamos lá dentro.

Ele vomitou exatamente quando entramos na rua de Lewis, em toda a frente da camisa e no chão do táxi. O motorista estava fumegando quando paramos em frente à casa.

— Esta é a terceira vez essa semana que tenho que limpar o coche porque alguém vomitou aqui dentro! — reclamou. — Não consigo tirar o fedor intenso das minhas mãos também.

— Sinto muito por isso, amigo. Você não poderia me dar uma mão para tirá-lo daqui de dentro antes que ele vomite de novo, poderia?

— Preciso pagar dois pences para um garoto limpar para mim. Não tenho estômago para isso de novo, de jeito nenhum.

— Ajude-me a tirá-lo, pode ser, amigo? — pedi de novo.

Ele se manteve firme. Era velho e magricela, e parecia que não havia prazer para ele na vida.

— Dê-me os dois pences extras primeiro.

Foi só quando eu lancei o dinheiro para ele que me ajudou a tirar o chefe da carruagem e a colocá-lo na entrada de Lewis.

• • •

Quando eu voltei na manhã seguinte, o chefe estava sentado na sala de estar. Ele segurava uma folha de papel marrom embebida em vinagre na cabeça; nos joelhos, apoiava uma tigela. Seu rosto estava branco, sua mão tremia. Lewis estava sentado diante dele com o jornal, o colete preto desabotoado. Sua manga tinha uma braçadeira elástica acima do cotovelo, como se ele fosse um crupiê.

— Uma xícara de chá, Norman? — perguntou Ettie. Ela estava usando suas roupas de domingo: um vestido de seda azul apertado na cintura. Seu cabelo tinha

um penteado alto. Ela me tocou no ombro e sorriu.

— Sim, por favor, Ettie.

— E para você, Lewis?

— Seria perfeito, Ettie. Tem biscoitos na cozinha.

— Açúcar extra para mim, por favor, irmã — disse o chefe com uma voz fraca.

Ela o encarou.

— Neddy já chegou? — perguntei.

— Nós ainda não o vimos — respondeu Ettie. — Talvez esteja na igreja.

— Se estiver, será na Unitarian. O pastor lá dá três pences para cada pessoa que precisa. Segundo domingo de cada mês.

Eu disse bem esperançoso, tentando convencer-me de que não havia nada com que me preocupar. Enquanto caminhava para casa ontem à noite, tinha começado a me questionar se deveria ter deixado o menino lá sozinho. Talvez não estivesse em estado adequado para tomar essa decisão, visto toda a cerveja e ópio que me fizeram continuar ao longo do dia, mas Neddy conhecia todos os truques. Ele vigiou muitas vezes para nós e o ensinamos como se manter escondido, como ficar quieto. Olhei para o relógio sobre a lareira: ainda era cedo.

Quando Ettie saiu do aposento para fazer o chá, o chefe se voltou para mim.

— O que aconteceu ontem, Barnett?

Quando eu lhe contei tudo, ele disse:

— Você nunca deveria ter deixado Neddy lá. — A voz dele estava fraca com o enjoo. — Não depois do que aconteceu da última vez.

— Ele sempre faz isso com segurança.

— Não da última vez. Você deveria ter ficado.

— Eu teria se não tivesse que vir e te tirar da lama — eu disse bruscamente.

— Eu não precisava da sua ajuda na noite passada. — Ele perdeu a cabeça.

Nós nos encaramos.

— De todo jeito, tenho certeza de que ele estará aqui em breve — falei.

— Espero que você esteja certo, Barnett.

Nós não falamos por alguns minutos. Finalmente, Lewis quebrou o silêncio:

— Então, o cara que matou a garota está com os fenianos?

— É o que parece — respondi. — Mas há algo mais acontecendo. Você sabe que o vi com Coyle no outro dia? Um dos oficias do REI que tinha nos pegado? Eles estavam conversando de forma bem amigável, pelo que vi.

— Aquele que te deu uma sova? — perguntou Lewis.

— Esse mesmo.

— Oh, minha nossa. Pergunto-me a quem ele é leal?

Ettie apareceu com a bandeja de chá.

— William me contou sobre sua viagem até Hassocks — disse ela, entregando-me uma xícara. — Você não percebeu que a srta. Cousture era prostituta?

— Não. Nem eu, nem William.

Ela franziu o cenho.

— Esta casa em que ela mora. O abrigo para mulheres solteiras. Onde disse que era?

— Lorrimore Road. Atrás do Kennington Park.

— Existe uma placa de qualquer tipo à porta?

— Apenas as letras SCJ.

— Santuário Cristão e Justiça — declarou ela, passando uma xícara para Lewis, mas não para o irmão. — Deixamos uma garota com eles na semana passada. É um santuário para mulheres em desgraça. É administrado por um jovem bastante honesto, reverendo Jebb.

— Pelo amor de Deus! — exclamou o chefe, subitamente despertando. — Por que diabos você não disse isso antes?

— Eu não sabia que ela estava lá.

— Oh, Ettie! — balbuciou ele. — Nós poderíamos ter feito muito com essa informação há algum tempo!

Ela o ignorou, virando-se para mim.

— Bem, faz sentido agora que conhecemos sua história. Diga-me, o que aconteceu ontem nas corridas?

Ela ouviu atentamente quando descrevi o que vimos no Alexandra Park e no pub.

— Você está dizendo que a notícia da morte de Venning foi uma surpresa para eles? —perguntou ela.

— Eles estavam se divertindo até ele chegar e mostrar o jornal.

— E você disse que ficaram bravos?

— Paddler Bill teve uma discussão quando viu.

— Claro que sim — disse Lewis, pegando uma porção de biscoitos da bandeja. — Sir Herbert é um homem importante. A polícia colocará homens extras no caso. Os jornais vão segui-lo. Os fenianos não querem toda essa atenção, com certeza. Põe em perigo a sua operação.

— Nolan diz que eles assaltaram embaixadas e similares antes disso — afirmei. — Na época não lhes fez nenhum mal.

Lewis colocou uma bolacha inteira na boca e começou a mastigar.

— Verdade — disse ele —, mas este é o assassinato de um alto funcionário do governo.

— Você tem razão, Lewis — disse o chefe, servindo-se de uma xícara de chá da bandeja. Ele estava começando a recuperar um pouco da cor. — Mas há outra razão pela qual estão com raiva. Longmire mentiu sobre o caso dele com Martha e sobre a bala. Ele não queria que pensássemos que era importante. Os fuzis que Thierry encontrou devem ter vindo do Gabinete de Guerra. Ninguém mais tem esses novos Enfields. Quando confrontamos Longmire com a bala, ele foi primeiro a Cream e depois a Venning.

— Ele falou que queria conselhos de um amigo a respeito da chantagem — disse eu.

— Mas quem seria melhor para fornecer os fuzis do que o intendente geral? Agora, meus amigos, se isso for verdade, por que outro motivo Paddler Bill estaria nervoso por Venning estar morto?

— Os fenianos estão comprando os fuzis de Cream? — sugeriu Ettie.

— Precisamente — disse o chefe.

— Mas onde o assalto se encaixa? — perguntei.

— Não sei, Barnett. Simplesmente não sei.

— Por que estão comprando fuzis agora? — indagou Ettie. — Os atentados acabaram há dez anos.

— Nem todos querem ir com os Parnellites[1] — disse Lewis, acendendo um charuto. — Alguns não acreditam que haverá uma solução política. Eles viram as leis de Home Rule[2] serem derrotadas no Parlamento, é por isso que se separam da organização. E não é a primeira vez que tentaram pegar armas do exército. Houve a vez nos quartéis de Chester.

— Sim — concordou o chefe. — E em Clerkenwell, destinado a uma força de luta na Irlanda. Podemos assumir que estão comprando fuzis de Cream, e querem mais.

— Estão planejando um levante — disse Lewis.

— E a morte de Venning corta o abastecimento — acrescentou o chefe.

Sentamos e pensamos nisso por um tempo. Ettie pegou outra xícara de chá e sentou-se também, mastigando um biscoito.

— Cream é feniano? — ela acabou por perguntar.

— Cream não é político — disse o chefe. — Ele só está interessado em dinheiro. É um criminoso hereditário, Ettie. Há quatro anos, descobri sobre ele. Seu pai matou a esposa por uma apólice de seguro quando ele era criança. O homem foi

enforcado. Cream foi criado pelo irmão da mãe, um pastor. Mas o crime era sua herança.

— Eu não acredito nessa teoria — respondeu Ettie. — A Bíblia nos diz que cada pessoa deve escolher seu caminho.

— Não, Ettie. Existe crime no instinto de Cream tão fortemente que ele deve segui-lo, e com isso vem um talento animal selvagem. O crime é tão natural para ele quanto matar coelhos é para um falcão.

— Mas isso não quer dizer que não seja responsável pelo que faz — protestou Ettie.

— Não estou dizendo que não deva ser punido, irmã.

Houve uma batida à porta.

Saltei, esperando que fosse Neddy. Quando abri a porta, a rua estava vazia exceto por um menino fugindo para a sinagoga. Um envelope direcionado ao chefe estava caído na soleira da porta.

Eu sabia que era algo ruim quando entreguei. Ele o abriu. Enquanto o lia, havia medo em seus olhos. Ele gemeu, esmagando a carta na mão.

Peguei dele e li:

Sr. Arrowood,

Espero que tenha se recuperado do incêndio. Se quiser o menino de volta, traga o francês amanhã à meia-noite para o armazém de Issler. Park St. Próximo do Potts Vinegar. Se não vier, o garoto vai morrer. Se trouxer a polícia, o garoto vai morrer.

Com respeito, seu amigo mais fiel.

Sentei-me pesadamente na cadeira; minha força desapareceu, minha cabeça girava.

— O que é isso? — perguntou Ettie. — O que aconteceu?

— Ele está com Neddy — ouvi o chefe dizer. A voz dele vinha de longe.

— Quem está com Neddy?

— Cream.

Ettie engasgou.

— De novo? Mas como o pegaram?

— Os fenianos devem tê-lo pegado na rua e passado para Cream.

Eu segurei a cabeça nas mãos. Foi minha culpa. Em que estava pensando, deixando-o assim? Que tipo de idiota faria tal coisa? Com todo o ópio e toda a cerveja, não tinha cuidado do menino como deveria. Eu estava fraco. Foi minha culpa.

O ambiente estava em silêncio. Não conseguia olhar para eles; eu teria ficado grato se Deus me fustigasse ali mesmo.

— Fui eu — falei, a cabeça ainda apertada em minhas mãos. Não queria que o chefe me protegesse do que eu fizera. — Foi minha culpa. Eu o deixei na vigília.

— Oh, Norman — disse Ettie. — Você não deveria! Como pôde deixar essa criança em perigo?

Eu não pude responder. Olhei para a franja do tapete, enojado comigo mesmo. A fúria aumentava em mim.

— Mas o que eles querem? — perguntou Lewis.

— Querem Thierry — disse o chefe. Ele colocou a tigela no chão e ficou de pé, tirando o papel da testa.

— Precisamos ir atrás do inspetor Petleigh — falou Ettie. — Ele pode vasculhar no Barril do Bife.

— Eles não estarão mantendo Neddy lá — afirmou o chefe. — Ou na tanoaria, ou no bordel de Milky Sal. Cream sabe que podemos vasculhar esses lugares.

— Eles vão machucá-lo?

O chefe não disse nada. Eu me levantei da cadeira, minha mente se inundou com a lembrança horrível do corpo do tira.

Enquanto eu falava, pude sentir as palavras estremecerem na minha garganta:

— Preciso de um revólver, Lewis.

Lewis assentiu e caminhou até a escrivaninha.

— Não, Norman — disse o chefe. — O que você acha que vai fazer com um revólver?

— Ele vai contar onde está Neddy se a vida dele depender disso.

— Quem? Cream? Você vai ser morto antes de subir as escadas!

— Isso é minha culpa. Vou resolver.

— Lewis, não dê um revólver a ele.

O olhar de Lewis foi de mim para o chefe.

Eu saí bravo da sala, descendo em direção à cozinha. Lá, encontrei uma faca de pão. Os três estavam no corredor quando voltei.

— Pare, Norman! — exclamou o chefe, tentando segurar meu casaco. Empurrei-o e ganhei a porta da frente.

— Norman! — gritou Ettie. — Por favor, espere!

Eu a ignorei. Quando saí, dobrei as pernas para correr, mas, assim que dei o primeiro salto, meu pé foi arrancado de mim. Bati com tudo no chão, bem em cima do meu braço machucado. Do chão, olhei para trás para ver Ettie segurando uma extremidade de um guarda-chuva, o punho enganchado em torno de meu

tornozelo. O mais rápido que pude, eu me libertei e estava tentando me levantar quando ela se atirou em cima de mim.

— Pare de resistir — ela disse no meu ouvido com a voz dura. — Você vai se matar e não vai ajudar o garoto.

Deitei-me lá, machucado com a dor no braço e a vergonha do que eu fizera.

— Você foi um tolo, Norman — disse ela, todo o comprimento de seu corpo em cima do meu. — Mas não pode compensar fazendo uma tolice ainda maior.

Quando viu a vontade de lutar ter saído de mim, ela pegou a faca e levantou-se. Lewis me ajudou a ficar de pé.

— Eu vou ver a mãe de Neddy — disse Ettie. — Ela vai ficar preocupada de novo.

— Obrigado, irmã — disse o chefe. — Venha, Norman. Vamos andar. Devemos pensar em um plano.

Ele pegou a bengala e colocou o chapéu na cabeça.

— Temos que recuperá-lo, William — murmurei enquanto ganhávamos a rua. Meus olhos estavam fixos nos meus pés: não podia olhar para cima de vergonha.

— Eu sei, Norman.

Era domingo de manhã. As lojas e bares estavam fechados. O som dos sinos das igrejas do bairro encheu o ar, brigando uns com os outros felizmente na brisa. As famílias em suas melhores roupas marchavam pela rua, voltando da igreja, visitando. Exceto por sibilar ao respirar, o chefe ficou em silêncio, pensando enquanto caminhávamos.

A lembrança do pobre rapaz no caso da Betsy voltou a mim, o rapaz inocente pego em algo que não era seu negócio e que perdeu a perna por isso. Pensei no rosto sujo de Neddy e na sua ânsia de ajudar, e nunca me senti mais irritado comigo mesmo como neste momento. Caminhamos até Blackfriars, então ao longo do rio pelos guindastes de Bankside, onde as fragatas e as barcaças estavam ancoradas. Era dia de folga.

Finalmente, Arrowood falou:

— Neddy deve ter contado a eles que encontramos Thierry.

— E não teria contado, a menos que tivesse sido … — Não consegui terminar.

O chefe suspirou.

— Temos que dar Thierry para eles. Não temos escolha.

— Ele nunca concordará em voltar. Seria suicídio.

— Talvez sim, se pudermos convencê-lo de que é seguro. Vamos pegar Petleigh para estar lá com alguns oficiais. Como poderia se recusar a ajudar a salvar a vida de uma criança?

Caminhamos em silêncio. Quando nos aproximamos da ponte de Southwark, ele falou de novo:

— A srta. Cousture tem que o trazer de volta. Lembre-se, o caso dela ainda não terminou. Ela quer levar Cream à justiça. Talvez essa seja a chance dela.

— Mas não temos nada contra Cream. Terry é o único que pode nos dar evidências, e tudo que sabe é que eles têm fuzis no porão. Não temos nada.

— Cream sequestrou Neddy. Petleigh pode prendê-lo por isso. E uma daquelas garotas da Milky Sal pode dar provas de que ela foi feita prisioneira.

— Vão indiciar Lenny Longo ou Botas ou Milky Sal. Não Cream. Nunca pegam Cream.

Caminhamos pela Southwark Bridge Road. Crianças brincavam em um pátio de recreio na Newington Causeway. Homens estavam vendendo bolos de especiarias e sorvetes. Do lado de fora da estação Elephant and Castle, um garoto tinha uma pilha de *Daily News*. O chefe estava pensativo.

— Últimas notícias no caso do assassinato de Venning! — gritou o menino com sua voz aguda. — Leiam as últimas notícias aqui!

O chefe pegou uma moeda do bolso.

— Talvez haja alguma informação nova — disse ele, pegando o jornal.

Ao nos afastarmos, o garoto subiu para o tom agudo novamente.

— Últimas notícias no caso do assassinato de Venning! Sherlock Holmes vai ajudar a polícia! Últimas notícias no caso Venning!

O chefe reagiu por instinto. Ele girou, levantando a bengala, os óculos caindo no pavimento.

— Pare de gritar, seu moleque! — berrou ele. Seu rosto, completamente pálido até então, ficou púrpura. As veias se destacavam nas têmporas. — Pare! Você acha que estamos todos interessados em Sherlock Holmes?

O menino agachou-se atrás de sua pilha de jornais, os braços cobrindo a cabeça. O sr. Arrowood bateu na pilha, mandando as cópias de cima voando pela rua. Ele bateu de novo. Uma criança em um carrinho de bebê começou a gritar de terror.

— Controle-se, senhor! — ordenou um cavalheiro que descia de um coche. — Deixe o garoto em paz!

Puxei dois pences do bolso e joguei para o garoto.

— Levante-se, rapaz. Desculpe-nos por assustá-lo. O cavalheiro tem uma cabeça ruim, é isso. Está gritando com todos hoje.

Assim que cruzamos a rua, o chefe se dirigiu a mim.

— Como se atrevem a trazer aquele charlatão? Estivemos neste caso por semanas! Quando eu vir Petleigh, vou esganá-lo. Juro, Barnett, vou esganá-lo. Mas

vamos chegar lá antes de Sherlock Holmes. Juro que vamos!

Nós demos uma volta pelo parque e cruzamos para o outro lado. O chefe agora parecia melancólico.

— O que Isabel disse, William? — perguntei.

Ele balançou a bengala, batendo-a contra as grades.

— Ela quer se casar com um advogado que conheceu em Cambridge — respondeu ele, a voz clara e exata. — Ela deseja que nos divorciemos e que eu venda meus aposentos e lhe dê metade dos lucros.

— Nossa. Não tem como persuadi-la disso?

— Veremos — respondeu ele, batendo a bengala com força contra as grades de novo. — Veremos.

1. Referência aos adeptos de Charles Stewart Parnell, político irlandês, adepto de um governo irlandês independente dentro do Reino Unido. De forma simplificada, defendia uma solução política para a autonomia da Irlanda. (N.T.)

2. Irish Home Rule foi um movimento que reivindicou um governo próprio para a Irlanda dentro do Reino Unido, e foi forte no país até o fim da Primeira Guerra Mundial. (N.T.)

Capítulo Trinta e Quatro

À medida que nos aproximamos dos alojamentos da srta. Cousture, chegamos perto de um pastor que estava andando à nossa frente. Ele alcançou a casa antes de nós, subiu o caminho e inseriu uma chave na porta.

Quando nos viu, ele sorriu.

— Bom dia, cavalheiros. Suponho que sejam sr. Arrowood e sr. Barnett?

Ele era um homem jovem, magro e solene, a cartola preta bem desgastada, a gola branca no alto do pescoço longo. Em uma mão, apertava uma Bíblia com um fecho de bronze.

— Sim, senhor — respondeu o chefe. — E quem é você?

— Reverendo Josiah Jebb. Estávamos esperando vocês. — Ele abriu a porta e deu um passo para o lado. — Entrem, por favor.

— A srta. Cousture falou com você?

— Falou sim, de fato.

Ele nos levou para o salão e nos convidou para sentar.

— Vou trazer Caroline. Ela está ansiosa para conversar com vocês.

Do lado de fora, o céu estava baixo, com uma nuvem cinza grossa, e pouca luz atravessava as pesadas cortinas vermelhas. O mesmo piano estava no canto da sala, o mesmo sofá encostado, o mesmo Cristo de prata preso à parede. Sentamos nas mesmas duas cadeiras esfarrapadas.

A srta. Cousture entrou no recinto e nos cumprimentou. Ela usava um vestido preto simples sobre o qual havia uma peça branca. O cabelo estava recolhido dentro de um lenço branco.

O pastor a seguiu, estava de pé, reto e santo, junto à lareira; ela estava sentada na mesma cadeira de laranja de antes.

— Posso perguntar o nome da sua igreja, reverendo? — perguntou o chefe.

— Não somos uma igreja. Temos uma missão chamada Santuário Cristão e Justiça. Nós resgatamos mulheres que foram maltratadas. Oferecemos a chance de

fazer uma nova vida para a glória do Senhor.

— Nunca ouvi falar dessa missão.

— É assim que preferimos, senhor. Algumas das nossas mulheres fugiram de pessoas perigosas que gostariam de tê-las de volta.

Ele olhou para mim, depois para o chefe.

— Reverendo, espero que não se importe, mas precisamos falar com a srta. Cousture urgentemente a respeito de um assunto pessoal bastante sensível — disse o chefe. — Você nos permitiria alguns minutos de conversa?

— O reverendo Jebb sabe de tudo — contou a srta. Cousture. O sotaque francês agora tão leve que eu mal conseguia notar. — Podem falar na frente dele.

O chefe assentiu lentamente.

— Bem, então, srta. Cousture. Encontramos seu irmão.

Seus olhos caíram em suas mãos apertadas sobre o avental branco.

— Eu sei — ela respondeu baixinho. — Ele apareceu ontem.

— Srta. Cousture, vocês nos contou sucessivas mentiras. Por que não nos disse o que queria deste caso desde o início? Isso teria tornado tudo mais direto.

— Porque vocês não o teriam aceitado — declarou. Ela olhou para mim com calma. — Todo mundo sabe o quão perigoso é Stanley Cream. Quem o enfrentaria? Até mesmo a polícia não o incomoda. Sr. Arrowood, confesso que os usei, mas que escolha eu tinha?

— Achamos melhor assim — disse o reverendo Jebb.

— Josiah queria que eu procurasse Sherlock Holmes, mas eu escolhi vocês.

Isso agradou o chefe, e seu rosto severo derreteu. Ele olhou para mim, certificando-se de que eu tinha ouvido, depois sentou de novo, cruzando as pernas grossas.

— Minha querida dama, estou lisonjeado por você ter depositado essa confiança em mim.

Ela continuou como se ele não tivesse falado:

— Achei que Holmes encontraria Thierry muito rápido, então não descobriríamos nada a respeito de Stanley Cream e seus negócios.

No começo, o chefe não entendeu o que ela estava falando, mas logo o rosto comprimiu novamente. Ele ficou de pé.

— Você quer dizer que nos contratou porque não achou que *nós não o encontraríamos*!? — exclamou.

— Não, não, sr. Arrowood — disse o reverendo. — Ela quis dizer que com menos recursos à sua disposição, precisaria coletar mais informações sobre a rede de Cream antes de localizar Thierry. Essa é a informação que queríamos.

O chefe olhou de forma suspeita para a srta. Cousture.

— Sim — concordou ela. — Foi por isso. Por favor, sente-se, sr. Arrowood.

Ele cruzou os braços sobre a barriga e considerou o que ela tinha dito, o rosto como o de um bebê prestes a chorar.

— Por que não contou para Thierry que Martha tinha morrido? — ele perguntou afinal.

— Eu temia que ele voltasse aqui atrás de vingança — respondeu ela. — Ele teria sido morto. Mas agora está bravo comigo por não ter lhe contado.

— Temos um problema, senhorita — falei. — Cream capturou nosso rapaz, Neddy. Ele quer trocá-lo por Thierry e marcou uma reunião para amanhã à noite. Ele ameaçou matar o menino.

A testa dela ficou tensa. Ela olhou de relance para o reverendo.

— Quem é Neddy? — perguntou ela. — Seu filho?

— Ele é um garoto que usamos para vigiar as pessoas — expliquei. — Temos que recuperá-lo, senhorita. Ele só tem dez anos.

— Vocês estão usando uma criança para vigiar criminosos? — perguntou o reverendo Jebb.

— Eu asseguro que isso é bem normal — disse o chefe. — Sherlock Holmes tem todo um bando inteiro trabalhando para ele.

— Mas como você pôde deixar que ele fosse pego? — a srta. Cousture quis saber.

— Simplesmente aconteceu — falei. — Não tem sido um caso fácil.

— Eu não lhes paguei para enviarem uma criança atrás de criminosos! — ela exclamou com os olhos arregalados de raiva. — *Mon Dieu!* Como puderam fazer isso?

— Escute — continuei, irritado por ela bancar a superior depois de todas as mentiras que tinha nos contado. — Estamos muito preocupados com ele. Não vai trazer nada de bom você nos dizer que cometemos um erro. Sim, cometemos um erro, mas precisamos de sua ajuda para salvá-lo.

— Srta. Cousture — continuou o chefe, com firmeza —, precisamos ir até Sussex e persuadir Thierry a voltar aqui imediatamente. O encontro é amanhã à meia-noite. Diga a ele que não há perigo: só vamos fingir que vamos entregá-lo. O inspetor Petleigh estará esperando próximo dali, com policiais, e eles vão intervir uma vez que Neddy estiver seguro. Mas deve persuadi-lo a vir. Diga-lhe que vamos levar o assassino de Martha à justiça. Só precisamos fazer Cream admitir que ordenou o assassinato enquanto Petleigh estiver ouvindo. Isso será prova suficiente para acusá-lo.

— E se ele não admitir? — perguntou Jebb.

— Então o encorajamos a falar sobre os fuzis, ou sobre Sir Herbert, ou sobre as garotas que vende. É tudo que podemos fazer. Se ele falar na frente de testemunhas policiais, podemos usar como prova em tribunal. Mesmo que não fale, pode ser preso por encarcerar Neddy.

— Não posso fazer isso — declarou a srta. Cousture subitamente.

— O quê? — gritou o chefe. — Mas você precisa tentar!

Ela negou com a cabeça.

— Thierry partiu na balsa do meio-dia. Ele está voltando para a França. Ele tinha ficado por Martha, mas não por mim. Não depois do que eu fiz.

O chefe gemeu e bateu na própria testa. Ele começou a andar na sala, a testa alinhavada em pensamento.

— Temos que mandar um telegrama imediatamente — ele disse por fim.

— Ele não foi para Rouen — explicou ela. — Ele foi para Paris. Eu não sei para onde.

— Então você precisa ir atrás dele.

— Eu nunca o encontrarei. Por onde eu iria começar?

— Maldição! — gritou o chefe, batendo o pé no chão.

— Sr. Arrowood — chamou o reverendo. — Devo pedir que não amaldiçoe na nossa casa.

— Mas nós precisamos dele! De que outra forma poderemos salvar Neddy?

— O que eu não entendo é por que ele quer tanto Thierry — falei, olhando para o rosto triste da srta. Cousture em busca de alguma pista. — Ele só viu as armas. Ele saiu e desapareceu, não causou nenhum problema desde então. Eu simplesmente não consigo entender. Ele não sabe o suficiente para ser um perigo. Há algo que você não nos contou, senhorita, é o que eu acho.

O queixo dela caiu, revelando o dente lascado. Ela balançou a cabeça.

— Eu não sei por que ele quer Thierry.

— Cream está tentando amarrar todas as pontas, Barnett — afirmou o chefe. — Meu palpite é que deseja acabar com quem sabe dos fuzis. Isso explicaria Martha, o homem do REI, Sir Herbert. — Seu nariz se contraiu; ele parecia desconfortável. — Thierry é o próximo.

— E nós? — perguntei.

O chefe assentiu.

— Nós três, Barnett. E todos nós estaremos lá amanhã.

— Você quer dizer que ele vai tentar matar todos vocês amanhã? — indagou o reverendo.

O chefe respirou fundo.

— Acho que sim — sussurrou.
— Vocês não podem assumir esse risco.
— Precisamos tentar salvar Neddy.
— Mas o que vamos fazer sem Thierry? — perguntei.
O chefe continuou a andar pela sala, as costas curvadas, murmurando algo em voz baixa. Ele olhou para mim, para o reverendo, para a srta. Cousture. Nós nos mantivemos quietos. Ele parou, abriu a boca, então balançou a cabeça e começou a andar de novo.
Por fim, ele endireitou as costas.
— Você precisa vir amanhã, srta. Cousture. Você deve fingir que Thierry está escondido nas proximidades. Diga-lhes que você o trará quando vermos que Neddy está seguro.
— Isso vai colocá-la em perigo — disse o reverendo.
— Tudo bem, Josiah — disse ela. — Eu coloquei todos os outros em perigo. É minha vez.
— Eu vou levar Longmire e Paddler Bill para lá também — disse o chefe. — Quanto mais confusão houver, mais chances temos de evitar ser mortos, e mais chances de dizerem algo que possa ser usado como evidência.
— Ou mais perigoso fica para nós — atalhei.
— É tudo ou nada agora, Barnett.
— Sim — disse a srta. Cousture. — É nossa única chance.
Arrowood se virou para ela.
— Como você conhece o coronel Longmire? — ele perguntou de repente.
— Eu não o conheço.
— Qual é o sentido em negar?
Ele fez uma pausa. Ela olhou para ele calmamente.
— Estamos no final do jogo, srta. Cousture. Você não nos deve a honestidade agora?
Ainda assim ela não respondeu.
— Podemos ser mortos — sussurrou ele.
Ela não disse nada.
— Entendi — disse o chefe. — Então você não vai nos contar.
— Não, senhor.
O chefe pegou a bengala e o chapéu.
— Passaremos aqui às nove e quinze amanhã. Esteja pronta.

• • •

De volta à casa de Lewis, o chefe explicou o que iríamos fazer. Ele enviou duas mensagens. Para Longmire, escreveu:

Traga 25 libras ao armazém de Issler, Park St., dez minutos depois da meia-noite amanhã. Não fale nada a ninguém. Venha sozinho. Se você não estiver lá, se não estiver sozinho, ou se ouvirmos que contou a Cream sobre essa reunião, nossa informação estará na mesa do Pall Mall Gazette *ao meio-dia.*

Ele assinou como: *Locksher.*

Para Paddler Bill, ele escreveu:

Você tem um informante do REI na sua organização. Esteja no armazém de Issler, Park St., dez minutos depois da meia-noite amanhã. Traga todos os seus homens, mas não lhes diga o propósito. Traga 25 libras e o traidor será revelado.

• • •

Eu fui até Park Street para dar uma olhada no armazém. Por ser domingo, todos os negócios estavam fechados e a rua estava tranquila. O armazém ficava entre a fábrica de vinagre e a fábrica de picles Crosse and Blackwell. Era abandonado, suas portas e janelas carbonizadas por um incêndio recente. A ampla entrada estava fechada, as janelas, lacradas com tábuas. Por trás, um beco ia da chaminé da cervejaria Barclay Perkins ao longo dos estaleiros de todos os armazéns. Pulei sobre a cerca para o pátio de Issler. Havia algumas dependências – galpões de armazenamento e oficinas – e um par de grandes portas no armazém para um cavalo e um coche.

Fiquei de pé no pátio me sentindo entorpecido, como se houvesse uma distância extra entre mim e tudo ao redor. Eu sabia que tinha um trabalho a fazer, mas minha mente continuava se voltando para Neddy, perguntando o que tinham feito com ele, imaginando como ele estava. Pensar sobre isso me deixou mal, me deixou fraco. Olhando para o céu cinzento, lutei contra aquilo.

Saquei meu pé de cabra e abri a fechadura rapidamente. O ar cheirava a fumaça. Acendi a lanterna: era um espaço aberto, com centenas de barris de todos os tamanhos diferentes armazenados lá, desde pequenos pinos e caixas até barris de cerveja, tonéis e ânforas, e galões do tamanho de montes de feno. Acima havia um balcão que rodeava as quatro paredes. Mais barris estavam empilhados lá. Em um dos cantos, sob o balcão, havia um par de escritórios com janelas abertas para o

armazém. Pombos estavam fazendo ninhos lá em cima nas vigas, onde o luar aguado encontrava o caminho pelos buracos no telhado. As paredes estavam manchadas de fuligem; o chão estava coberto de cinzas. Os barris deviam ter sido colocados depois do fogo, já que não havia sinais de carbonização neles.

Chamei Neddy algumas vezes, mas o único ruído que eu podia ouvir era dos pombos que se arrastavam no telhado. Andei por aí, meus passos ecoando em torno dos muros altos, procurando por algum lugar onde Petleigh e seus oficiais pudessem se esconder. Talvez nos anexos ou nos espaços escuros entre as pilhas de barris. De um dos lados, separados da parte principal do armazém por um dique de concreto cheio de água estagnada, havia filas de galões que podiam sustentar alguns homens de pé.

Perto dos escritórios, encontrei uma portinhola no chão. Sob ela, havia uma escada que levava a uma adega. Se havia uma coisa de que nunca gostei, era uma adega, mas sabia que tinha que descer por Neddy. Inspirei uma golfada de ar fresco e desci pelas escadas. No fundo, um aposento longo e baixo, frio, escuro como o traseiro do diabo e com um cheiro úmido, com pilhas de panos apodrecidos e manchas de óleo derramado no chão. Não gostei nem um pouco. Antes de continuar, esperei, ouvindo. Havia apenas o arranhar de roedores e um gotejamento lento em algum lugar na escuridão. Quando tinha certeza de que não podia ouvir mais nada, eu me apressei a checar os cantos e fissuras com a minha lanterna para o caso de Neddy estar lá embaixo. Parecia que ninguém tinha passado por ali em anos.

• • •

— Vamos botar Petleigh lá dentro antes de chegarem — disse o chefe quando eu tinha voltado à casa de Lewis. — Cream vai chegar cedo, então precisamos chegar ainda mais cedo. Peça a Sidney para vir e nos pegar às nove. Ele terá que esperar nas proximidades. Podemos ter que correr.

— É muito perigoso — disse Lewis. — Haverá muitos deles, William. Não podem confiar na polícia para protegê-los.

— Não temos escolha, Lewis. A polícia pode interrogar Cream, mas ele vai jurar que não sabia de nada, e pode ter certeza de que não esconderam Neddy na tanoaria novamente. Não se preocupe, amigo. Petleigh concordou em trazer homens o bastante.

Lewis suspirou. Ele lutou para sair da cadeira e cruzou o salão até um armário. De uma gaveta, pegou uma caixa de madeira de cerejeira. Com uma pequena

chave anexada à sua corrente do relógio, ele destrancou a caixa.

— Você já usou um revólver antes? — ele me perguntou.

Neguei com a cabeça.

Tirou uma arma prateada e me ofereceu. Era pesada e fria, e me senti mal por segurá-la. Ele deu outro revólver ao chefe, depois explicou como carregá-lo, como segurar e apontar, como dispará-lo.

Ele nos pediu para fingir atirar em um busto de Alexandre, o Grande, que estava perto da porta.

— Eu não gosto disso, William — disse Lewis, limpando o suor da cabeça. — Você é meu amigo há muito tempo. Não quero perder você.

Também não tinha gostado, mas não falei nada. Não sabia o que mais poderíamos fazer.

— Precisamos pegar Neddy de volta — disse o chefe.

Lewis assentiu. Ele se virou para mim.

— Proteja-o, Norman.

Eu esperava que ele não pudesse ver o medo na minha cara.

Capítulo Trinta e Cinco

Quando chegamos ao armazém de Issler, as portas ainda estavam fechadas. Além da cervejaria no fim da rua, que tinha luzes dentro e fumaça subindo pela chaminé, todas as outras fábricas e armazéns estavam fechados para a noite. Se fosse acontecer um tiroteio, ninguém ao redor iria ouvir.

Deixamos Sidney perto da chaminé e caminhamos até o beco onde o chefe tinha arranjado o encontro com Petleigh. O reverendo Jebb tinha insistido em vir conosco, pensando que Cream poderia se moderar na presença de um homem santo. Eu duvidava, mas fiquei feliz em tê-lo ali. Quanto mais de nós, melhor.

A srta. Cousture estava vestida como um homem, em um terno preto esfarrapado que o pastor achou para ela. Ele pensou que, de alguma forma, assim seria mais seguro. Como o chefe não conseguiu escalar a cerca do pátio, tive que tirar algumas tábuas para permitir que ele se espremesse para dentro. Dentro do armazém, acendi um par de velas para mostrar a eles a disposição do local. Enquanto caminhávamos, com nossas botas ecoando no grande espaço escuro, eu mantive minha mão no revólver frio no bolso.

— Vamos usar estes barris aqui do canto para a polícia — disse o chefe, aproximando-se de uma fileira de galões empilhados de lado. — Cabem dois em cada um. Mesmo se Cream vasculhar o lugar, ele não vai abrir todos estes barris. Alguns poucos mais podem se esconder na adega.

A escuridão do armazém havia silenciado a srta. Cousture e o reverendo, e eles não falaram até que estivéssemos fora novamente.

— O que faremos agora? — perguntou a srta. Cousture com a voz tremendo.

— Vocês dois precisam voltar e esperar com Sidney — respondeu o chefe. — Vamos nos juntar a vocês quando Petleigh aparecer.

Nós ficamos no beco quando se afastaram.

— Você carregou seu revólver? — perguntou o chefe quando eles estavam a uma distância que não podiam nos ouvir.

— Carreguei.

— Lewis carregou o meu. Aqui, pegue algumas balas extras por precaução.

— Nunca pensei que usaríamos armas no nosso trabalho, William.

— Eu só queria que tivéssemos no caso da Betsy — disse ele.

— Nós ainda teríamos chegado tarde demais para John Spindle.

Ele se virou para mim. Seu pequeno chapéu derby na cabeça lembrava um bolo de chocolate em um porco, e, à luz da lua, o bigode parecia se espalhar pelo rosto em um nevoeiro. Eu podia sentir cheiro de vinho em sua respiração. Ele peidou.

— Norman, queria dizer o quanto confio em você, o quanto sempre confiei. Eu queria ter dito antes o quanto aprecio isso… — Ele hesitou. — Somos uma boa equipe, você e eu.

Coloquei minha mão sobre seu ombro gordo.

— Eu sei, William. Você não precisa dizer nada.

Ele me ofereceu um charuto e fumamos enquanto esperávamos. Um cão sarnento veio cheirar, esperando um pouco de comida. Passou das dez da noite.

— Onde diabos ele está? — perguntou o chefe.

— Você tem certeza de que ele disse que viria às dez?

— Claro que sim.

Deu dez e quinze. Depois, dez e meia. Não havia sinal de Petleigh. Fazia mais de meia hora que o chefe andava para lá e para cá.

— *Que inferno ele está fazendo?* — exclamou, depois se acalmou e sussurrou: — Se ele não vier logo, eles não poderão ficar nas posições.

O reverendo Jebb veio correndo pelo beco em direção a nós, segurando o chapéu.

— Há algum problema? — perguntou ele, sem ar.

— Eles ainda não chegaram — respondi.

— Oh, meu Deus, meu Deus. O que faremos se não chegarem a tempo?

— Eles virão — o chefe assegurou. — Petleigh prometeu. Agora volte e espere no coche com a srta. Cousture.

Quinze para as onze e o beco ainda estava em silêncio.

— Algo deve ter acontecido, Norman. Não consigo entender por que ele não está aqui.

— Pode ter havido um acidente.

Ambos contemplamos o beco deserto.

— Ele me prometeu que estaria aqui.

— O que nós vamos fazer se não vierem? — sussurrei.

— Não vamos conseguir nenhuma evidência.

— Não vamos conseguir nenhuma proteção, principalmente.

— Eu não gosto de nossas chances com estes revólveres. Haverá muitos deles.

Ele acenou com a cabeça, o rosto sombrio.

— Maldição, Barnett! Não temos escolha a não ser entrarmos sem eles.

— O que vão fazer quando descobrirem que não temos Thierry?

O chefe deu uma longa inspirada do ar noturno e acendeu outro charuto.

— No pior cenário… — ele disse lentamente — … vão tentar nos torturar até entregarmos a localização dele. Então vão nos matar.

Eu estava com medo antes, mas piorou ao ouvi-lo dizer isso assim. O chefe enfiou a mão no bolso e me ofereceu um gole da sua garrafinha. Tomei um par de bons tragos. Minha mão tremia enquanto eu passava a garrafa de volta; ele tremia quando a pegou.

— Maldição! — ele disse de repente, as palavras ecoando no beco escuro.

O cachorro voltou e se sentou, olhando para mim com olhos tristes.

— Vamos pensar em algo — falei.

— E, se não pensarmos — disse o chefe —, vamos ter que começar a atirar.

• • •

Logo depois das onze, ouvimos as grandes portas da frente do armazém deslizarem para abrir, e passos ecoaram no grande edifício. Era Cream e seus homens. O chefe pegou o meu braço e nós nos deslocamos mais para o fundo do beco, indo nos esconder atrás de uma grande pilha de caixas. Deu onze e meia e nada ainda de Petleigh. Eu sabia então que a polícia não iria aparecer. O chefe e eu ficamos quietos. Eu estava pensando em morrer e acho que ele também. Eu estava pronto para isso, se acontecesse esta noite. Você não sabe que está morto quando está morto, era o que eu estava pensando. Pelo quê eu tinha que viver mesmo? Um corpo que estava achando difícil aguentar pancadas atualmente e um quarto vazio e frio ao qual eu não queria ter que voltar mais. Isso era tudo o que eu tinha. Mas, mesmo assim, sabia que não queria morrer naquela noite. Não ali, não morto pelos homens de Cream.

À medida que as badaladas dos sinos da meia-noite começaram a chover nas ruas ao nosso redor, desistimos de esperar por Petleigh. Pegamos duas lanternas do coche e caminhamos pela Park Street com a srta. Cousture e o reverendo Jebb. O chefe deu a eles uma chance de ficarem para trás com Sidney, dizendo que era perigoso demais sem Petleigh e seus homens, mas a srta. Cousture não aceitou. Ela queria ajudar a salvar Neddy. O pastor concordou, embora tenha ficado

preocupado. Insistiu para que parássemos na esquina para rezar. Ele queria saber o que íriamos fazer. Não tínhamos como respondê-lo.

— Teremos que confiar no Senhor, então — disse ele. A autoridade em sua voz, tão clara no dia anterior, tinha desaparecido. O jovem pregador estava em território desconhecido.

A srta. Cousture caminhou ao nosso lado como se já estivesse morta. Ela não falou nada. Seu rosto estava calmo debaixo do chapéu de pano. Ela nem parecia respirar.

Todas as janelas das fábricas e dos armazéns da Park Street estavam escuras, mas a lua brilhante lançava um brilho suave sobre os pedregulhos. Uma carruagem estava parada do lado de fora do Issler. O chefe me cutucou e apontou: havia um homem mais adiante na rua. Outro estava parado em uma porta do outro lado. Eu bati às grandes portas do armazém. Piser as abriu, o boné puxado sobre os olhos. Ele segurava uma lanterna em uma mão e um revólver na outra. Depois de espiar a rua, deu um passo para dentro. Lá, no meio do grande espaço, estava Cream, a lanterna na mão dele iluminando seu sobretudo e sua cartola marrom. Na outra mão, uma bengala de ébano. Perto dele estavam Botas e Lenny Longo. Botas também segurava um revólver; Lenny segurava um longo porrete, o qual batia contra a palma da outra mão.

— Quem são essas pessoas, Arrowood? — demandou Cream.

— Esta é a irmã de Thierry — declarou o chefe. A voz dele estava alterada, como se estivesse com a garganta seca. — Este é nosso colega, reverendo Jebb.

— Você pode ir, reverendo — disse Cream.

— Não, ah, n-não — balbuciou o reverendo. — Eu… p-prefiro ficar.

— Lenny — chamou Cream.

Lenny Longo avançou, as botas esmagando as cinzas.

— Vamos indo, reverendo — disse ele, segurando o porrete diante dele.

Reverendo Jebb, embora fosse alto, não era tão grande quanto Lenny Longo. Ele foi para trás lentamente, protestando, até que Lenny o pegou pela gola do casaco e o colocou porta afora. Piser bateu a porta para fechá-la depois que ele passou.

— Agora, aos negócios — disse Cream. — Onde está Terry?

— Ele está aqui perto — respondeu o chefe. — Onde está o garoto?

Cream assentiu para Botas, que pegou a lanterna e caminhou através do armazém. Ele parou diante do dique oleoso e baixou a lanterna no chão. Ali, enrolado em si mesmo, estava Neddy, as mãos cobrindo a cabeça. Suas roupas estavam molhadas e sujas. Não dava para ver o rosto, mas mesmo a cinquenta metros de distância podíamos ver que ele tremia.

Eu corri e o peguei. Ele gemeu quando toquei sua perna; logo que o peguei em meus braços, ele enterrou a cabeça no meu peito.

— Está tudo bem, amigo — sussurrei, acariciando seu cabelo. — Estou com você agora.

Senti um tremor percorrer seu pequeno corpo. Ele empurrou o rosto com mais força contra minha camisa, mas não falou nada. Sua perna pendia em um ângulo estranho sobre meu braço.

— O que diabos vocês fizeram com ele? — perguntou o chefe.

— Onde está Terry? — demandou Cream.

— Uma vez que levarmos o garoto para fora daqui, nós o traremos — replicou o chefe. — Barnett, leve Neddy para o coche.

— Não se mexam! — gritou Cream. — Estou no comando desta situação, não você, Arrowood. A jovem vai levar Botas para recuperar o irmão. Nós vamos esperar aqui.

— Melhor que seja eu — disse o chefe. — Thierry pode precisar de algum encorajamento.

— Botas vai encorajá-lo — respondeu Cream com uma risada terrível. — Encorajamento é a especialidade dele.

Botas se aproximou, a arma levantada diante dele. A srta. Cousture olhou para o chefe, incerta do que fazer.

— Não consigo entender por que você está tão ansioso para pegar Thierry, senhor — disse o chefe, dando um passo para ficar entre Botas e a srta. Cousture. — Ele não é um problema para você, tudo o que fez foi ver uma caixa de fuzis. Ele está com muito medo de falar. Se ameaçá-lo, é mais um risco para você.

Cream riu de novo. Ele estendeu os braços para a frente e caminhou em direção ao sr. Arrowood.

— Foi isso que ele lhe falou?

— Foi, sim.

— Ele não lhe disse que roubou uma maleta minha antes de partir?

O chefe se virou para a srta. Cousture. Ela negou com a cabeça.

Cream balançou a bengala e continuou:

— Ele não mencionou que a maleta continha mais de mil libras em papéis da linha férrea do Canadá?

— *Putain!* — exclamou a srta. Cousture. — Idiota!

— Você sabia disso? — o chefe perguntou a ela.

— Não! Eu juro, senhor. Ele não me falou.

Arrowood me deu uma olhada. Estávamos pensando o mesmo, nenhum de nós sabia se podia acreditar mais nela.

— Pegue-a, Botas — disse Cream.

Botas pegou o braço dela com força e começou a levá-la até a porta. Baixei Neddy da forma mais cuidadosa que pude e dei um passo à frente, sabendo que precisava detê-los. Botas virou-se e apontou a arma para mim.

Houve uma batida à porta.

Todo mundo ficou paralisado.

Cream acenou com a cabeça para Piser, que abriu um pouco a porta e falou. Tentei escutar, esperando que fosse a voz de Petleigh do outro lado, mas estava muito longe para ouvir.

Piser escancarou a porta e entrou Paddler Bill com uma lanterna na mão. Ele foi seguido pelo americano careca, depois pelo sujeito baixo com o cabelo amarelo. Por último veio Gaunt, o livreiro: o homem que tinha matado Martha, seu casaco de inverno esfarrapado desabotoado, a cabeça descoberta. Ele se escondeu da luz da lanterna, atrás do resto deles. Enquanto a atenção estava nos fenianos, eu me abaixei rápido e sussurrei para Neddy.

— Vá para trás desses barris, rapaz. Fique fora do caminho.

Eu podia ver direito o rosto dele agora. Seu lábio estava cortado e inchado, pior que da última vez. Sangue seco cobria o queixo, e pude ver feridas como queimaduras nas costas da mão. Ele olhou para mim, mas não se moveu.

Piser trancou a porta atrás deles.

— *Bill!?* — exclamou Cream. — O que você está fazendo aqui? — Pela primeira vez, não parecia tão seguro de si.

— Recebi uma mensagem — explicou Bill. Ele falou muito rápido, tão rápido que você tinha que prestar atenção para entendê-lo. Ele era maior do que seus companheiros, vestido com um terno de três peças elegante e um chapéu americano debaixo do qual sua tempestade de cabelo vermelho explodia. — Não sei de quem. Pensei que poderia ser sua, parceiro.

— Ah — disse o chefe. — Foi minha, confesso.

— E quem raios é *você*? — Bill exigiu saber.

— Ele é um detetive particular, Bill — disse Cream rapidamente. — Ele está procurando por aquele rapaz que roubou nossos papéis das linhas férreas. Não sei por que ele o trouxe aqui. Isso não tem nada a ver com você. Temos a situação sob controle.

— Eu vou ouvir o que ele tem a dizer — falou o americano grande.

Houve outra batida à porta.

— Mas quem diabos é agora? — gritou Cream.

Mais uma vez, Piser abriu um pouco a porta, depois olhou intrigado de volta para Cream.

— É o coronel Longmire, sr. Cream.

— Deixe-o entrar!

Piser abriu a porta e Longmire entrou. Ele devia ter vindo direto do teatro, com suas roupas noturnas, capa e chapéu de veludo. Ele parou bem diante da luz de Piser, assustado por ver tantas pessoas lá. Então:

— *O que é isso!?* — exclamou. — Stanley, o que está acontecendo aqui?

— Então você também convidou Longmire — constatou Cream. — Bravo, Arrowood. Você conseguiu me surpreender, algo que não acontece com frequência. No entanto, isso não vai ajudá-lo.

Enquanto ele estava falando, a srta. Cousture se afastou de Botas e puxou o que parecia ser uma faca de sapateiro da manga. Ela pareceu confusa por um momento, virando-se para Cream, como se estivesse pronta a ir contra ele. Então ela se virou de novo e, com um gemido baixo, voou em Longmire. Aconteceu em um instante. Ele gritou, apertando o pescoço, caindo para trás, em cima de Piser e depois no chão. Sangue saiu por entre os dedos, gritos saíram de sua boca.

— *Peguem-na!* — gritou Cream.

Piser parecia atordoado. Ele ficou com a boca aberta, como se não pudesse acreditar no que seus olhos lhe diziam.

— *Piser!* — berrou Cream.

A srta. Cousture caiu de joelhos, levantou o braço e mergulhou a faca duas vezes no peito de Longmire. A cada golpe, ele se contorcia, gritos encharcados no gorgolejo de sangue. Piser voltou a si e agarrou a mão dela, arrancando a faca. Botas pegou o outro braço e eles a levantaram.

Ela ficou ereta, olhando para o corpo de Longmire enquanto a seguravam, o peito tremendo. O coronel gemeu como um animal, então ergueu a mão, como se estivesse procurando algo no ar. O sangue encheu a boca e se derramou pelo queixo dele; ele lutou por cada respiração.

— Vá pro inferno! — disse ela, e cuspiu no rosto dele. Ela estava inundada de sangue, cobria as bochechas, o pescoço, a camisa branca sob seu terno preto.

Longmire soltou um último suspiro longo e depois parou de se mover. Piser e Boots a puxaram para longe. Ela não tirava os olhos do corpo de Longmire.

— Que inferno está acontecendo aqui? — lançou Paddler Bill. — Quem é ela?

— Ela é a irmã de Terry — disse Cream.

— Terry?

— O que roubou nossos papéis. — Cream se voltou para o chefe. A voz dele estava cheia de veneno. — Você tem dez segundos para nos contar o que está acontecendo, Arrowood, ou nós vamos começar a quebrar os seus dedos.

O chefe ficou parado, de boca aberta, com o olhar indo e voltando de Longmire para a srta. Cousture.

— Cinco segundos.

— Eu não sei — falou Arrowood, balançando a cabeça.

Eu o olhei nos olhos, tentando sinalizar para ele que tínhamos que fazer algo, do contrário estaríamos perdidos. Eu vi sua mão entrar no bolso e agarrar o revólver. Dentro do meu casaco, mexi no meu gatilho. A veia na minha têmpora latejou: meu coração estava pulando na caixa torácica. Era certo que o tiroteio estava prestes a começar e eu não conseguia ver nenhuma forma como conseguiríamos sair vivos dali. Nossa, Petleigh, cadê você?

— Você não me reconhece, sr. Cream? — indagou a srta. Cousture, os braços seguros às costas por Piser.

Cream pegou a lanterna e a iluminou.

— Você acha que eu deveria?

— Deveria, mas é claro que não reconhece — ela respondeu calma.

— Diga por que matou Longmire.

— Porque ele merecia.

Cream aproximou-se dela e atacou-a no rosto com a mão.

— *Continue com isso, mulher!* — ladrou ele. — Como você conhece Longmire?

Ela respirou fundo e fechou os olhos antes de falar, por fim:

— Ele me violou.

Por um momento, ninguém falou.

— Meu Deus do céu — disse Cream —, é só isso? Você matou um homem por isso? Olhe para você. Está saudável. Sobreviveu.

— Deixe a garota falar — sibilou Paddler Bill. Ele olhou para ela. — Explique-se, senhorita.

Ela se voltou para o americano.

— Obrigado, senhor. — Ela inspirou profundamente mais uma vez. — Quando eu tinha treze anos, minha mãe ouviu que havia vagas para garotas na França. Havia um aviso no jornal. Eu tinha quatro irmãos, todos mais jovens. Minha mãe não podia nos manter. Não conseguia ganhar o suficiente para nos alimentar.

— Não estamos interessados em sua história — disse Cream. — Ela sabe onde estão nossos papéis da linha férrea, Bill. É por isso que estamos aqui.

— *Deixe-a falar, Cream!* — ladrou o feniano de novo, sua voz crescendo no grande armazém.

— Então fomos para ver a agente — continuou ela, virando-se de volta para Cream. — Você a conhece, sr. Cream. O nome dela é Sal. Ela trabalha para você. Ela disse que havia uma boa família na França esperando por uma garota como eu, só que, quando eu cheguei lá, não era uma família, não é?

— Já estou chorando por você, garota — disse Cream, um sorrisinho feio na cara. No armazém escuro, seus dentes perfeitos ainda brilhavam. — Nossa Senhora, quantos anos você tem? Isso deve ter sido anos atrás!

— Deixe-a falar — comandou Paddler Bill.

— Eu fui levada para uma parteira no primeiro dia para verificar se estava intocada. — Ela falava como se estivesse em um transe. — Depois, fui levada para a casa em que fui mantida por mais de dez anos, onde fui maltratada todas as noites. Onde fui maltratada por muitos e muitos homens. Noite após noite. Fizeram de mim uma puta. Você me vendeu para um bordel, sr. Cream.

— A mim, parece que deveria ser ele que você tinha que ter esfaqueado, senhorita — disse Paddler Bill. Seus três homens riram.

Cream apontou sua arma para ela, assentindo com a cabeça para Botas, que torceu o braço dela mais forte em suas costas. Ela ofegou, fantasmagórica com a luz fraca da lanterna de Cream, marcada com a pintura da morte de Longmire.

— No segundo dia, eles me lavaram, me vestiram e colocaram maquiagem e *rouge* em mim. Então me seguraram e me deram clorofórmio, a quantidade certa para eu não conseguir pensar direito. Um homem entrou no meu quarto. Um rico de Londres. Eu ainda não entendia o que ia acontecer.

— Longmire — disse o chefe.

Ela concordou com a cabeça.

— Então aconteceu — continuou ela. — E, depois que ele terminou, começou a me socar como se tivesse sido eu a violá-lo. Ele começou pela minha cara. — Ela apontou para o dente da frente quebrado. — Meus braços, meu peito. Ele continuou a me bater, na minha barriga e… — A voz dela caiu para um sussurro. — Bateu nas minhas pernas. Passou um mês antes que eu pudesse me levantar novamente.

Ela olhou com força para o chefe, os olhos em chamas.

— Eu nunca vi tanta raiva em um homem na minha vida, e tudo por causa do que fez comigo.

— É disso que este caso se trata? — o chefe perguntou baixinho.

— Estou procurando por ele desde que desci do barco. — A voz dela estava insossa, a raiva tinha ido embora.

— Então, deixe-me ver se entendi — disse Paddler Bill, sua grande cabeça vermelha tremendo de descrença. — Cream vende garotas para homens as violarem pela primeira vez? Esse é um dos negócios dele, é isso?

— Houve outras garotas depois de mim — sussurrou a srta. Cousture. — Tão jovens quanto eu. De Londres.

— Chega! — protestou Cream, as mãos no ar. — Eu não sou o diabo aqui. Lembrem-se de que a idade de consentimento só foi aumentada dez anos atrás.

— Eu não dei meu consentimento.

— Calma, calma, querida. — Um sorriso doentio tomou seu rosto; a voz era como coalhada. — Eu sou apenas um homem de negócios. O pecado é dos homens que têm esses desejos. — Ele olhou para Paddler Bill. — A garota matou Longmire, Bill. Ela teve sua vingança. Eu só tentei fazer negócios.

— Esse é um argumento fraco, Cream — falei.

Ele virou-se para mim e falou rapidamente, com raiva na voz:

— Escute enquanto eu explico, seu tolo. Homens poderosos são como cavalos puro-sangue. Eles lideram o país porque são superiores. Se não ficam felizes, não podem cumprir suas posições na sociedade. Não espero que um homem como você entenda. Esses homens são de boa estirpe, mas, por dentro, são um labirinto de necessidades e impulsos, tanto animais quanto civilizados. Precisam de uísque e vinho para ajudá-los a pensar, e alguém o fornece. Precisam de láudano, e alguém o fornece. Precisam de uma esposa e de uma casa. Precisam de esporte.

Cream começou a caminhar lentamente ao nosso redor, movendo-se em direção a Botas e Piser, que ainda seguravam a srta. Cousture. Nós mantivemos nossos olhos nele, prontos para sacar nossos revólveres. Eu podia sentir que ele estava se preparando para algo.

— Eles precisam de comida fina, roupas, bom mobiliário. Alguém fornece isso para eles, os mantém confortáveis. Empregadas domésticas, mordomos, valetes, cuidam deles para que possam cuidar do país. Eu os entendo. Estudei com o coronel Longmire, dividimos um quarto em Marlborough. Ele entrou no exército, enquanto eu era mais adequado para os negócios. Ele me desaprovava, e, no entanto, me tornei útil quando ele precisava de certas coisas. Ajudei-o a servir o seu país, só isso. E não criei nenhum dos seus desejos, a natureza fez isso.

Ele olhou ao redor dos rostos de seus homens, que assentiram com a cabeça. Ele procurou o apoio dos fenianos, mas eles apenas o encararam de boca fechada.

— Como você acha que eu descobri a respeito das fotografias de Sir Herbert, Bill? —perguntou ele. — Foi por meio de Longmire. Eles dividiam os mesmos interesses. Eles trocavam fotografias.

— Você não me contou isso — disse Paddler Bill.

— Está nisso tanto quanto eu, Bill. Você passou as fotografias para mim.

— Eu pensei que estava comprando os fuzis de você. Não teria feito negócios com Longmire se eu soubesse o que ele era.

— Longmire não recebeu um centavo do seu dinheiro, Bill. Nem um centavo. Eu fui atrás dele porque sabia que poderia conseguir os fuzis para nós, e ele sabia que eu poderia causar um escândalo para ele. Longmire só cooperou porque temia a exposição. É por isso que matou Venning. Mas ele nunca recebeu um centavo do seu dinheiro, Bill.

Paddler Bill balançou a cabeça em negativa.

— Você o mandou matar Venning?

— *Não!* — gritou Cream. — Quando esses dois tolos começaram a fazer perguntas sobre os fuzis, Venning entrou em pânico. Ele estava pronto para entregar as evidências à lei. Longmire não podia permitir, pois isso o derrubaria também. Eu disse a Longmire que era problema para ele resolver. Ele fez o resto por conta própria.

— Sr. Cream — interrompeu o chefe —, você diz que não tem culpa porque é um homem de negócios?

Cream girou ao redor. Ele parecia contente pelo fim da conversa com Paddler Bill, mas ainda assim impaciente com o chefe.

— Sim! — disse bruscamente.

— E você aplica o mesmo argumento para o fornecimento desses fuzis? — perguntou o chefe, indo para perto dos fenianos e para longe de mim.

— Claro que é o mesmo! Quem dispara a arma é quem carrega a responsabilidade, não eu. Eu não matei ninguém. Não tenho nenhum cão na rinha.

O feniano com a cabeça amarela deu um passo à frente, os olhos semicerrados. Paddler Bill olhou por cima do ombro para ele e deu uma leve sacudida na cabeça.

O rosto de Cream se contorceu.

— E agora, Arrowood, já tive o bastante…

— Você é um escória inútil, Cream! — ladrou o chefe em um súbito ataque, a voz subindo acima de Cream e ecoando no grande armazém. — Você está envolvido tanto quanto aqueles que disparam os fuzis, mas é pior porque nega! Eles estão tentando fazer algo por si mesmo, pelo menos. O que você está fazendo?

— Eu não mato mulheres e crianças! — Cream bradou. — Não atribua esses crimes a mim! Eu não sou mais do que uma ferramenta do mercado. Eu compro. Eu vendo. Isso é tudo. O pecado está na paixão. Não há paixão no que faço. — Ele bateu a bengala contra a bota. — Escute, Arrowood, não sou guiado pelo ódio. Posso ver esse olhar de condescendência no seu rosto, mas você não tem o direito de me julgar. Eu emprego vinte e uma pessoas. Quantas você emprega? Vinte e uma bocas que alimento, e suas famílias e seus filhos. Veja Lenny aqui. Eu o emprego. Eu alimento sua esposa e seus três filhos. Ele gasta seu dinheiro na loja de pudim, no restaurante, na mercearia e no mercado. Ele gasta no pub. Então, o dinheiro que eu lhe dei circula mais. Os bens se multiplicam. São homens de negócios como eu que alimentam este país. Eu não sou puro, sei disso, mas você deve pesar o mal contra o bem que faço.

— Você realmente vê a si mesmo desse jeito, amigo? — perguntou Paddler Bill, cruzando os braços.

— O que quer dizer? — Cream estava tão envolvido em seu discurso que parecia surpreso ao ouvir o grande americano falar.

— Que você é melhor que nós?

Cream se contorceu. Balançou a cabeça rapidamente. Um sorriso bajulador apareceu no seu rosto.

— Não, não. Eu não quis dizer isso. Arrowood estava me provocando. Você sabe que eu tenho um grande respeito por você e sua campanha. Eu só estava dizendo que sou um intermediário, Bill. Só isso. Pessoas como eu precisam ficar longe disso, caso contrário, de que serviriam?

— Mas você pensa que somos apenas motivados pelo ódio? — perguntou Paddler Bill.

— Bill, não. Arrowood estava me provocando. Eu não queria dizer isso.

Paddler Bill virou-se para o homem com o cabelo amarelo.

— Agora que Sir Herbert e Longmire estão mortos, será que significa que nossos negócios com o sr. Cream estão completos, Declan?

— Diria que sim, Bill — respondeu o homem.

— E você diria que a dama foi vingada?

Declan olhou para Cream.

— Não completamente, Bill, não. Eu diria que não.

Paddler Bill virou-se para nos encarar, só que agora segurava uma pistola.

— *Bill!* — gritou Cream.

O tiro ecoou. Cream cambaleou para trás e caiu no chão. Botas e Piser levantaram as armas, mas Declan e o americano de barba preta agora estavam com

fuzis apontados para os dois. Lenny Longo só ficou lá parado, o porrete dependurado de lado.

— Nós temos nada contra vocês, homens. Larguem as armas — disse Bill. Eles fizeram como ele mandou. — Agora saiam daqui. E não pensem em se vingar de nós. Temos olhos em todos os lugares. O seu empregador está morto. Vocês não lhe devem nada.

Lenny Longo, Botas e Piser se viraram e saíram do armazém. Paddler Bill andou até nós.

— Agora, e quanto a vocês? — disse ele. — Eu acho que foram vocês que me enviaram a mensagem. O que têm para me dizer?

Eu apontei para Gaunt, que estava atrás de Declan com uma faca na mão. Ele era o único dos quatro sem uma arma de fogo.

— Este homem está trabalhando para o REI — afirmei.

— Isso não é verdade, Bill! — gritou o livreiro com uma voz rouca. — Não dê ouvidos! — Ele olhou para mim. — Vou matá-lo por causa disso, seu mentiroso!

Ele deu um passo adiante e pulou na minha direção com a faca, mas o americano careca o pegou primeiro e o segurou. Puxei meu revólver do bolso.

— Não, Bill! — gritou Gaunt. — É uma maldita mentira!

Paddler Bill o ignorou.

— Como você poderia saber disso? — ele me perguntou, os olhos na minha arma.

— Eu fui pego pelo REI na semana passada. Quando eu saí da Scotland Yard, eu vi seu homem se encontrando com o detetive Coyle em um café. Ele trabalha com o detetive Lafferty, ambos do REI. Ele e Coyle estavam sendo bem amigáveis.

— Não, não, Bill — negou Gaunt. — Nunca ouvi falar de nenhum Coyle, de verdade. Ele está apenas tentando se salvar, me acusando.

Bill passou os dedos pela barba selvagem e olhou por um longo tempo para Declan.

— Bill! Ele está mentindo para você! — gritou Gaunt. — Eu juro!

— Você tinha razão, Declan — disse Bill, por fim.

— Declan? — berrou Gaunt. — O que você disse?

Bill caminhou na direção de Gaunt e o acertou com força na barriga. Conforme Gaunt estava dobrado, Bill vasculhou seus bolsos. Ele puxou uma chave e guardou-a no bolso do próprio colete.

— Não, Bill — implorou o livreiro, arfando. — Não é verdade o que ele está falando. Eu juro, Bill.

— Coloque-o no coche — mandou Bill, dando as costas para eles.

Declan e o feniano careca o arrastaram, enquanto ele chutava e lutava, jurando que não havia feito nada. Era a voz desesperada de um homem que sabe que está no corredor da morte, e isso me deixou enojado. Bill não olhou para ele. Esperou até que estivessem fora antes de falar novamente.

— Recebemos uma informação da organização alguns meses atrás. Algumas de suas histórias não batiam. Nós o observamos. Declan tinha dúvidas sobre ele desde o início.

— O preço foi vinte e cinco libras — falei.

— Que seja — respondeu ele. Sua arma estava apontada para mim. A minha estava sobre ele. Agora era a hora de o chefe puxar sua pistola, mas ele não fez nada.

A porta do armazém se abriu e o americano careca entrou. Ele apontou o fuzil para o chefe.

— Bote as mãos na cabeça, gordão — ordenou ele.

O chefe virou e levantou as mãos.

— Largue a arma — disse Paddler Bill para mim.

Pensei por um momento sobre disparar, mas vi que não tinha escolha. Eu a deixei cair, amaldiçoando o chefe por não ter puxado a arma quando teve a chance.

— Diga-nos uma coisa — disse o chefe, voltando para Paddler Bill. — Por que Gaunt matou a serviçal?

— Eu não sei nada sobre nenhuma serviçal.

— Você deu a ordem?

— Acabei de dizer que não sei de nada disso.

— E quanto ao detetive à paisana? Vocês o mataram?

Paddler Bill deu de ombros.

Um estranho silêncio caiu sobre nós, já que ninguém queria fazer a próxima jogada. Olhei para a minha arma no chão, pensando que, se o chefe puxasse a dele ao mesmo tempo em que eu caísse no chão, ainda poderíamos ter uma chance.

— Vocês vão no matar? — perguntei afinal.

Paddler Bill suspirou.

— Deixe-me explicar algo, amigo. Nosso objetivo é libertar a Irlanda da escravidão. A independência está chegando, com certeza, mas sangue parece ser o único idioma que seu governo entende. O representante Parnell nunca poderia persuadi-los pela paz.

— Sou a favor da liberdade para a Irlanda — disse o chefe. — Muitos na Inglaterra são.

— Bem, aqueles que regem você não são. Mas ouça. Não inventamos violência. Os ingleses nos ensinaram. Nós apenas matamos pessoas para ajudar a causa.

— Pessoas inocentes — disse o chefe.

— Assim como toda guerra — replicou Paddler Bill. — Assim como toda guerra.

O americano grande pegou a faca da srta. Cousture, a qual Piser tinha largado quando saiu. Ele puxou o corpo de Cream para onde Longmire estava deitado e o arrastou pelo chão sangrento até que o casaco branco estivesse empapado. Então ele o deitou perto do cadáver de Longmire e deixou cair a faca ao lado de sua mão. Ele colocou o próprio revólver na mão de Longmire. Finalmente, ele pegou minha arma, colocou no bolso e caminhou até a porta, onde o sujeito careca estava, o fuzil ainda erguido contra nós.

— Matá-los não ajudaria a causa — disse Paddler Bill. — Suas mortes seriam ligadas à operação de Cream, não ao movimento. De qualquer forma, não estamos mais no negócio de aterrorizar Londres. Haverá uma revolta e será na Irlanda. Todo mundo sabe que isso vai acontecer.

Ele abriu a porta e se virou para nós de novo. Eu percebi finalmente que ele não iria atirar na gente; só depois meu corpo começou a tremer.

— Vocês não vão dizer à polícia o que aconteceu aqui porque teríamos que explicar para eles que foi a dama que matou Longmire. Ela seria enforcada, e acho que nenhum de nós acredita que ela mereça isso. Então vão ficar quietos. Mas estou avisando: mantenham-se fora do nosso negócio. Se eu vislumbrar qualquer um de vocês novamente, não serei tão generoso.

Capítulo Trinta e Seis

Eu peguei Neddy enquanto o chefe vasculhava os bolsos de Longmire pelas 25 libras que ele nos devia. Do lado de fora, a rua estava quieta: os fenianos tinham partido. Olhei para o céu escuro, para a lua e para as estrelas. Ainda estavam lá. O reverendo Jebb saiu de uma porta para nos encontrar e caminhamos de volta ao coche de Sidney.

Segurei Neddy no meu colo quando partimos para a missão. Ele ficou calado e imóvel, o rosto contra meu peito.

— Você está seguro agora, Neddy — disse o chefe. — Você é um rapaz muito corajoso, sabe. Eles te machucaram?

Com uma vozinha muito baixa, Neddy sussurrou:

— Desculpa.

— Desculpa? — indaguei. — Você não tem nada pelo que se desculpar, filho.

Com o rosto ainda enterrado debaixo do meu braço, ele disse:

— Eu disse a eles onde o sr. Arrowood estava. E contei que vocês tinham achado Terry.

— Nós não o culpamos por isso, rapaz — disse o chefe. — Eles eram homens malignos.

Ele estendeu a mão para a perna de Neddy, mas tão logo a tocou, o menino se afastou com um súbito gemido. Era um som profundo, como se um homem adulto estivesse nele, e eu senti aquilo me corroer.

— O que há de errado com sua perna? — perguntei a ele.

Ele cheirou e pressionou o rosto no meu casaco. Não conseguimos distinguir suas palavras abafadas.

— Eles esmagaram meu pé. — Ele fez o seu melhor para esconder, mas, enquanto falava, começou a chorar. — Tinham um martelo.

— Eu acho que eles também queimaram as mãos dele — afirmei.

— Você é um herói, garoto — afirmou o chefe, a voz quase cedendo. — Vamos levá-lo a um médico assim que voltarmos. Ele lhe dará algo para a dor.

O reverendo, que estava sentado espremido no canto, observou o menino em silêncio. A srta. Cousture, sentada ao meu lado, começou a acariciar o cabelo de Neddy. Perguntei se o que ela tinha feito a havia curado. Não parecia. Conforme ela mirava as ruas escuras, os olhos dela ainda brilhavam com raiva, mas me pareceu que a força que a impulsionou desde o primeiro dia em que nos encontramos tinha desaparecido. O chefe olhou pela janela também: seus olhos injetados se reviravam com lágrimas que brilhavam quando passamos sob as lamparinas. Seguimos em um silêncio atordoado e solene.

Quando nos aproximamos da casa da missão, o chefe falou:

— Srta. Cousture, há algo que não entendo. Como realmente foi trabalhar no estúdio de fotos de Fontaine?

— Eric não teve a nada a ver com isso — ela respondeu com a mão repousando gentilmente nas costas de Neddy. — Thierry conseguiu um emprego no Bife primeiro. Ele tinha que levar pacotes pela cidade para Cream. Ele abria tudo; sabia como fechar de novo de forma que ninguém notasse. Alguns dos pacotes eram para o estúdio de Eric. Você não imaginaria as fotos que ele estava entregando. Quero dizer… — Ela parou, vendo Neddy de relance, então sussurrou: — Fotos íntimas. Homens com homens, grupos de pessoas, garotas jovens também, tudo o que você possa imaginar. Cream as estava vendendo ou usando-as para chantagem. Nós pensamos que talvez o homem que estávamos procurando poderia estar comprando fotos assim. Seu apetite não teria mudado. Ainda não tínhamos certeza, contudo, então Josiah me ajudou a conseguir o emprego no estúdio. Ele me ofereceu por um salário tão baixo que Eric dispensou seu assistente e me contratou. Mas Longmire e Venning nunca foram até Eric. Outros homens como eles, mas não eles.

— Então você estava envolvido desde o começo, reverendo? — perguntou o chefe.

— É parte do trabalho da missão — respondeu Jebb. — Oferecemos salvação, mas pretendemos levar aqueles que abusam de nossas mulheres para a justiça. Olho por olho, sr. Arrowood.

— Perdoe-me, reverendo, mas não acho que você tenha sido talhado para esse tipo de trabalho.

— Estou aprendendo, senhor.

Paramos diante da casa da missão.

— O que vai fazer agora, srta. Cousture? — perguntei.

Ela pensou por um momento, o rosto triste e sério. Ela parecia despreocupada com o sangue que a manchava.

— Acho que irei a Paris para tentar encontrar Thierry. Acho que ele me deve metade daqueles papéis da linha férrea.

— Bem, melhor ir logo cedo amanhã — disse o chefe. — A polícia investigará as mortes. Tenha certeza de que não diremos que foi você.

— Obrigada, sr. Arrowood.

— Você realmente não sabia que ele tinha roubado isso?

Ela negou com a cabeça.

— Bem, boa sorte então, senhorita — disse eu.

— Se você precisar de qualquer ajuda para encontrá-lo… — começou o chefe.

Ela olhou para ele, surpresa.

— … por favor, não nos procure.

Foi a primeira vez que eu a vi rir.

• • •

Ettie e Lewis estavam esperando por nós. Mandamos uma mensagem para o médico, depois colocamos Neddy na cama. O chefe comprou uma garrafa de *brandy*; Lewis trouxe pão e presunto. Nós nos sentamos na sala de estar, conversando sobre o que tinha acontecido.

— Então Longmire não ficou com uma parte do dinheiro? — perguntou Lewis, tendo dificuldade em cortar o pão com um só braço.

— Parece que não — respondeu o chefe. — Eu pensei que ele era parceiro do Cream na venda dos fuzis, mas Longmire foi coagido, assim como Venning. Cream tinha ameaçado expô-lo se não obtivesse as armas. Sem dúvida, Cream e Milky Sal haviam providenciado meios para suas perversões por anos.

Eu me levantei para ajudar Lewis.

— Longmire foi imprudente em confiar neles — disse Ettie.

— Longmire e Cream estudaram juntos na Marlborough — explicou o chefe. — Suponho que ele confiou no laço da velha escola.

— E Sir Herbert? — perguntou Ettie.

— Longmire não conseguia pegar as armas sozinho. Ele precisava de seu amigo Sir Herbert para dar um jeito e, já que eles dividiam os mesmos interesses… — O chefe parou e se voltou para Ettie: — Eu me refiro a interesses de cunho sexual, irmã.

— Eu sei muito bem do que você está falando, William!

— Bem, de todo modo — retomou ele —, Longmire sabia o melhor jeito de chantageá-lo.

— Você se refere ao tributo da virgem — disse ela.

Ele concordou com a cabeça.

— Fotos de garotas abaixo da idade de consentimento. Sem dúvida, o mesmo tipo de meninas pobres para quem você está pregando, Ettie. Há vinte anos, isso talvez não fosse um escândalo, mas hoje em dia encaram homens como Sir Herbert de forma menos complacente. Quando começamos a fazer perguntas, Venning se assustou e estava prestes a abrir o bico. Longmire não podia permitir que isso acontecesse. Ele tentou fazer parecer suicídio, esquecendo a mão desfigurada de Sir Herbert.

— Vocês tiveram sorte de sair dessa com vida — disse Lewis, a boca cheia de presunto. — Ainda não consigo acreditar.

— Não graças àquele imbecil do Petleigh — xingou o chefe. — Eu sabia que nossa única chance era causar tanta confusão quanto possível. Era por isso que queria os fenianos lá. Foi por isso que queria a srta. Cousture e Longmire lá. Mas foi sorte apenas em parte, velho amigo. Este foi um caso longo, e casos assim não são resolvidos, apenas concluídos. Nós fizemos muitas coisas ao longo do caminho para nos trazer até aqui.

— E você está satisfeito com a conclusão? — perguntou Lewis.

— Para a srta. Cousture o caso está encerrado. Ela teve o que queria. E nós rastreamos o assassino de Martha. Esse era o nosso caso. Sua morte, de outra forma, teria sido esquecida. Espero que de algum jeito tenhamos feito alguma justiça.

— Mas vocês não poderiam tê-lo entregado para a polícia? — indagou Ettie.

— Como, irmã?

— Norman foi testemunha. Gaunt seria condenado.

— Gaunt tinha amigos no REI. Ele seria protegido.

Ettie negou com a cabeça.

— Você não pode ter certeza. Ao identificá-lo para Paddler Bill, você o sentenciou à morte. Isso não te deixa em dúvida?

— Eu não faço as leis do mundo deles, irmã. Estes homens vivem nisso. Eles entendem.

Ficamos sentados por um tempo, cada um imerso em seus próprios pensamentos. Quando o relógio tocou, Ettie virou-se para mim.

— Você teve medo, Norman? — perguntou, a cabeça inclinada para o lado. Seu queixo estava voltado para baixo, e eu podia ver agora como estava cansada.

— Nunca estive mais assustado na minha vida — respondi. — Havia tantos deles. E, quando William começou a gritar com Cream, pensei que era o fim. Se Bill não tivesse atirado em Cream, estaríamos no rio agora.

— Oh, William — suspirou ela. — Por que você não consegue manter seu temperamento sob controle?

— Era uma cortina de fumaça, Ettie — disse o chefe. Ele pousou o prato e sentou-se para a frente. — Cream ia nos matar. Eu estava procurando por qualquer coisa que pudesse usar para nos dar uma chance. Bill ficou infeliz com o fato de Cream ter aproveitado o tributo das virgens para obter os fuzis. Bill também estava irritado com a morte de Venning e por perder o suprimento de armas. Não era suficiente por conta própria, mas era algo para se aproveitar. Conforme Cream falava, observei os fenianos, e ali apareceu a minha chance. Quando ele argumentou que nenhuma culpa poderia ser ligada a ele, quando disse que os fenianos eram assassinos, Declan deu um passo à frente. Raiva passou pelo seu rosto e eu vi uma oportunidade. Em um grupo como os fenianos, há muitos tipos. Talvez alguns gostem da violência e queiram se vingar. Talvez outros desejem o status. Mas outros, como Bill e Declan sem dúvida, pegam em armas porque acreditam que é o único caminho. Cream não entendia. Foi por isso que o provoquei para que falasse mais. Cream os aborreceu ao ter dito que era melhor que eles. Amigos de Bill foram executados pela causa no julgamento do grupo dissidente Irish National Invincibles, os Invencíveis. Ele foi o único que não foi condenado. Acusá-lo de agir sem moral é como colocar uma bomba em seu coração, especialmente por alguém tão baixo como Cream. Eu vi o gatilho. Puxei.

Ele pegou o cachimbo da mesa e tirou a capa.

— Mas por que Cream não percebeu o que estava fazendo? — perguntou Ettie.

— Se você já fez um discurso, sabe o quão fácil é perder sua sensibilidade. A atenção da multidão é como uma bebida forte: você se sente cheio de si. — Ele parou um momento para acender o cachimbo. — E, é claro, homens maus às vezes estão convencidos de que são bons.

— Mas isso significa que você estava tentando fazê-los matar Cream — disse Ettie baixinho.

O chefe não respondeu.

— Oh, William. Você tomou muitas decisões.

— Ettie, foi justiça. Para todas as jovens. Para a srta. Cousture. Para o policial. Mas, mesmo que não concorde, você tem de ver que era nossa única chance. Nós estaríamos mortos. Neddy estaria morto.

Pouco depois disso, veio um golpe na porta. Verifiquei a janela antes de abri-la, temendo que pudesse ser Botas e Piser, mas era apenas Petleigh.

— Acabei de vir do armazém de Issler — disse ele, conforme entrou no saguão. Embora fosse tarde, ele cheirava a perfume, e seu bigode preto havia sido encerado recentemente. — O que diabos aconteceu lá?

— Onde, em nome de Deus, estava você? — gritou o chefe de sua cadeira. — Nós quase fomos mortos!

Petleigh entrou na sala antes de responder:

— Não foi minha culpa, William. No último minuto, quando estávamos nos preparando para sair, o comissário assistente nos ordenou ir com Sherlock Holmes em uma incursão. Eu contei para você que pediram que ele ajudasse no caso de Venning?

— Londres inteira sabe disso — replicou o chefe, furiosamente soprando o cachimbo, uma grande nuvem de fumaça em volta dele.

— O ministro em pessoa exigiu que fornecêssemos assistência para Holmes. Parecia que o Gabinete de Guerra sabia sobre os roubos dos fuzis e Venning era suspeito de estar envolvido. Ele havia sido interrogado sobre o assunto no mesmo dia em que morreu. Todos os esforços devem ser feitos para encontrar essas armas antes de caírem nas mãos erradas.

— Vocês sabiam que estávamos em perigo! — gritou Arrowood. — O garoto! E quanto a ele?

— Onde está o garoto? Vocês o pegaram?

— Ele está a salvo, mas, se ele tivesse sido morto, seria responsabilidade sua.

Petleigh agora tinha ficado com raiva. Ele colocou as mãos nos bolsos.

— Eu tentei sair, William, mas não tive escolha. O comissário assistente colocou a mim e mais vinte policiais na incursão. Era tarde demais para alertá-lo, e eu não tenho autoridade para discordar. É simples assim. Se meus superiores me dizem para fazer algo, devo fazê-lo. Mas, olhe, você está seguro.

O chefe bufou, então derramou um copo inteiro de *brandy* garganta abaixo. Ettie entrou na sala. Petleigh fez uma reverência e beijou a mão dela.

— Encantado em vê-la novamente, Ettie — disse ele. — Você está de pé até tarde. Esperando William, suponho?

— Por que não foi ajudá-los, inspetor? — perguntou ela. — Você disse que estaria lá.

— O comissário assistente ordenou que eu ajudasse Holmes esta noite. Tentei fugir, mas foi impossível.

Ela franziu a testa e sentou-se ao meu lado no sofá.

— Suponho que Holmes resolveu o caso? — perguntou o chefe.

— Ele tem sido bastante brilhante — respondeu Petleigh, inclinando o cotovelo no manto e olhando para o decantador de *brandy* de Lewis. — Para a nossa sorte, ele tem mantido informações sobre o fenianos e seus aliados desde os atentados a bomba. Ele possui um sistema de informação muito abrangente, sabe. Acho que ele disse que existem registros sobre cada crime importante em Londres nos últimos vinte anos. Não entendo como fez isso, o homem é simplesmente um gênio, mas ele rastreou as armas bem enquanto elas passavam por Londres.

— Suponho que estavam empilhadas dentre os livros? — murmurou o chefe.

— O que quer dizer?

— Na livraria.

Petleigh endureceu.

— Mas como você sabe que os fuzis estavam na livraria?

— A livraria de Gaunt, não é, Petleigh?

— Você sabia onde as armas estavam?

— Trabalhamos neste caso por semanas — disse o chefe com desdém.

— Então por que diabos não me contou?

— A menos que você tenha esquecido, estávamos bastante ocupados, inspetor.

— Aquelas armas teriam matados soldados britânicos!

— Nós acabamos de salvar a vida de um garoto — retorquiu o chefe. — E, de todo jeito, nós não usamos os fu…

— Cale-se, William — alertou Ettie. — Você vai acabar na prisão.

Petleigh, não entendendo o que havia passado entre irmão e irmã, esperou algum esclarecimento. Quando não veio, ele falou novamente:

— Bem, ficará feliz em saber que recuperamos todas as sessenta armas e uma dúzia de caixas de balas, bem como uma boa quantidade de nitroglicerina. O ministro está deleitado. Infelizmente, o dono da livraria não estava lá, mas vamos buscá-lo amanhã sem dúvida.

O chefe bufou.

— Por que você bufou? — perguntou Petleigh.

— Seria melhor procurá-lo no rio.

— Conte o que aconteceu no armazém de Issler — exigiu Petleigh. — Há dois corpos.

— Peça a Holmes para resolver o mistério.

— Diga-me, William. Duas pessoas foram mortas.

— Eu irei ao seu escritório amanhã e explicarei — o chefe disse, cansado. — Barnett e eu passamos por muita coisa esta noite. Estamos cansados demais para

pensarmos direito.

Apesar de nervoso, Petleigh viu que era verdade. Ele parou na porta quando estava saindo.

— Será que podemos arrumar um dia para aquele almoço que você mencionou, William?

— Terá que esperar até que voltemos para nossa casa, Petleigh.

— Ah, sim — disse o inspetor, e havia um pouco de tristeza em seus olhos. Nessa hora tardia da noite, ele parecia envelhecido.

Ele desejou boa-noite para Ettie e Lewis, fez uma reverência e se foi.

— Como você sabia que as armas estavam na livraria de Gaunt? — perguntei quando estávamos sentados de novo.

— Bill pegou uma chave do bolso de Gaunt antes de o levarem — respondeu o chefe. — Lembra? Devia ser a chave da livraria.

— Podia ser de um depósito.

— Mas, se tivessem contratado um depósito, não teriam confiado a única chave para um homem de que já suspeitavam. A chave deve ter sido para a própria loja de Gaunt, e o depósito de uma loja é um lugar ideal para bens roubados. Eu suspeitava que poderia ser a localização quando você me contou do lugar. — Com um gemido, ele se afastou da cadeira e atravessou a sala. — Vou ao banheiro e depois para a cama.

— William… — começou Ettie. — Sherlock Holmes é um grande detetive. Ninguém mais encontraria esses fuzis em dois dias. Quando você vai finalmente admitir?

O sr. Arrowood estava na entrada, e parecia que toda a tensão da noite tinha ido embora. Seus ombros caíram, seu rosto relaxou em um sorriso e pensei que finalmente daria a Holmes o que lhe era devido. Ele abriu a boca para falar, mas pareceu pensar melhor sobre o assunto. Então balançou a cabeça, pegou a lâmpada e foi para o quarto.

• • •

Saí logo depois. O chefe me acompanhou até a porta e ali ele estendeu uma nota de cinco libras, ainda molhada e manchada com o sangue de Longmire.

— Aqui está sua parte, Norman.

Eu olhei para ele algum tempo, mordendo meu lábio, parecendo tão em dúvida quanto poderia.

— Oh, nossa Senhora — disse ele por fim, em tom derrotado. Ele puxou outra nota de cinco do bolso e apertou ambas contra a minha mão. — Está muito tarde para discutir.

Capítulo Trinta e Sete

Eu dormi o dia todo. Quando acordei, já era fim de tarde. Havia mais um trabalho a fazer. Tomei um coletivo até o outro lado da cidade, até a Scotland Yard, e esperei no pub do lado de fora, observando a porta à medida que os tiras entravam e saíam. A noite caiu e o frio chegou; meu braço começou a me incomodar de novo. Estava tarde quando Coyle finalmente saiu. Eu o segui por todo o caminho até Victoria Embankment, e ele foi para norte. Eu o segui por outros dez minutos, até que cruzou um parque vazio, e ali vi a minha oportunidade. Ele era o tipo de homem que tinha muita certeza de si mesmo, e não olhou para trás quando ouviu me aproximar. O que tornou tudo fácil. Eu tomei um grande impulso e o acertei, o que foi muito bom. Muito bom mesmo. As pernas dele cederam no momento em que o porrete o acertou, e ele gritou com um som similar ao de um cavalo arrotando. Eu caí sobre ele de uma vez, enfiando meu joelho no seu peito, minhas mãos enroladas com força na sua garganta, enforcando-o. Seus braços arranharam meu casaco, suas pernas se contorceram, mas eu era muito pesado para ele. Ele cuspiu baba conforme apertei com mais força. Os olhos estavam saltados, lágrimas corriam pelos lados da cabeça.

Logo que parei, ele começou a tossir e a engasgar, tentando respirar de novo. Eu me levantei e coloquei uma bota no peito dele e outra no ombro. Então levantei meu porrete bem alto e o fiz descer sobre o braço dele, no mesmo lugar em que ele acertou o meu com o cassetete.

Ele uivou. Eu caí na barriga dele com o meu joelho.

— Doí, não é, Coyle?

Ele estava tossindo de novo, os braços tentando me pegar, ofegante.

— Eu te devia isso. Agora, quero saber uma coisa, do contrário, acerto você de novo. Por que seu agente matou a garota?

— Vá se foder — sibilou ele.

— Certo. — Fiquei de pé de novo e levantei o porrete.

— Não! — gritou — Não. Eu vou contar.

Ele começou a engasgar de novo. Esperei até que ele estivesse pronto para conversar. Ele se levantou até ficar sentado, segurando a garganta com o braço bom.

— Ele pensou que os fenianos estavam desconfiados — disse ele, a voz rouca e áspera. — Ele teve que provar que era leal. Estavam preocupados com o que seu francês tinha descoberto e o que havia contado para a garota. Eles ouviram que vocês dois a tinham visto, feito perguntas, então ele tomou para si matá-la. Ele pensou que isso convenceria de que não era um agente duplo.

— Você o mandou fazer isso — afirmei.

Ele negou com a cabeça.

— Nós não sabíamos até depois de ter acontecido. Eu juro. É assim que funcionam os nossos agentes. Eles tomam decisões. Às vezes tomam boas decisões, às vezes não.

— Mas vocês não o prenderam. Sabiam que ele tinha feito isso e não o prenderam.

Ele olhou para mim, seu rosto feio, fraco e batido.

— Ele é muito valioso. Ele nos deu muitas informações ao longo dos anos. Se houver outros atentados a bomba, será ele quem nos avisará.

— Eu acho que não — disse eu.

— Você não sabe do que está falando.

Peguei uma moeda do bolso e joguei no colo dele.

— Boa noite, Coyle.

• • •

Vaguei de volta para cruzar a cidade, passei pela ponte de Waterloo, onde as barcaças e as balsas estavam amarradas para a noite. Havia um pub ali que ficava aberto até tarde e ninguém me conhecia. Eu não queria voltar para o meu quarto. Seria como foi por todas as noites desde que a sra. Barnett morreu: frio, sombrio e vazio. As duas silhuetas que tínhamos feito quando nos casamos ficaram penduradas na janela como fantasmas, todos os traços e a vida apagados delas. Não pude mais olhar para elas. Sua memória me sufocava naquele quarto vazio.

Eu contaria ao sr. Arrowood quando estivesse pronto. Agora precisava manter-me ocupado, para ficar fora daquele quarto pelo maior tempo possível. O que eu precisava era de outro caso, e logo. O chefe e eu, nós dois precisávamos que um caso viesse logo.

Agradecimentos

Obrigado a Vince por sua bondade pela leitura de mais do que era razoável ao longo dos anos; a Jo, Sally e Lizzie por ajudar a dar vida a este livro; e a meus amigos por todas as conversas que tivemos. Confiei em muitos livros e fontes on-line para o histórico. Isso incluiu (dentre outras) *The Invention of Murder* e *The Victorian City* (de Judith Flanders), *War in the Shadows* (de Shane Kenna), *As Suspeitas do Sr. Whicher* (de Kate Summerscale, ed. Companhia das Letras), *London's Shadows* (Drew D. Gray), *How to be a Victorian* (de Ruth Goodman), os mapas da Biblioteca Nacional da Escócia (maps.nls.uk/geo), o Dicionário da Londres Vitoriana, de Lee Jackson (victorianlondon.org) e os Mapas da Pobreza de Booth (booth.lse.ac.uk/map).

Sobre o autor

MICK FINLAY nasceu em Glasgow e cresceu no Canadá e na Inglaterra. Ele é professor de psicologia e já publicou diversas pesquisas sobre violência política, persuasão, deficiências e comunicação verbal e não-verbal. Antes de virar acadêmico, teve uma barraca em Portobello Road, foi ajudante de palco em um circo itinerante, aprendiz de açougueiro, porteiro de hotel e ocupou diversos cargos relacionados a psicologia na área de saúde e serviços sociais. Hoje ele mora em Brighton com sua família.



PUBLISHER
Omar de Souza

GERENTE EDITORIAL
Mariana Rolier

EDITORA
Alice Mello

TRADUÇÃO
Guilherme Kroll

PREPARAÇÃO, REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO
Balão Editorial

DESIGN DE CAPA
Unimak Designagentur

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Osmane Garcia Filho

CONVERSÃO PARA E-BOOK
Abreu's System